RB167887

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

He de Bento Pinto de Gundar Motta
e Mesq.ta morador em a sua Caza e q.ta
Ali Caza I de Arnoya

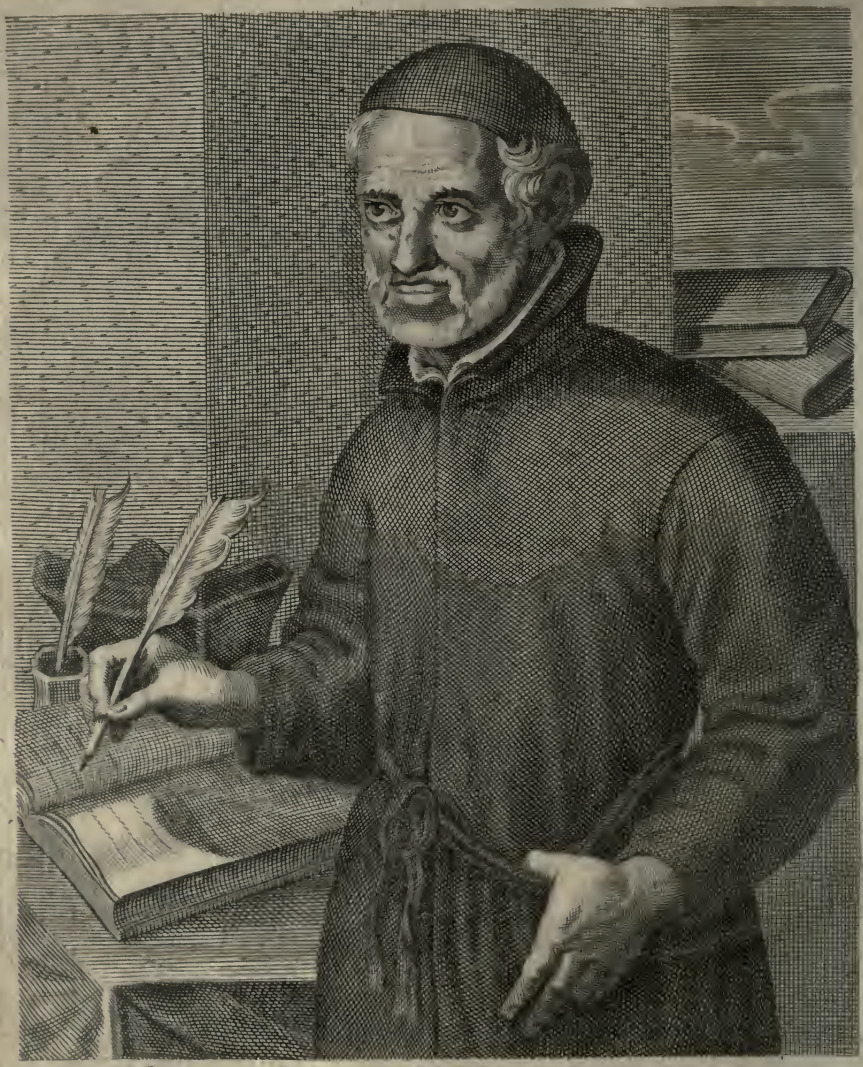
Custou 4$80.

15633

Thomé Pinheiro

ou

Antonio Vieira?



VERA EFFIGIES CELEBERRIMI
P. ANTONII VIEYRA,
è Societ. Jesu, Lusitanicorum Regum Concionatoris, et Concionatorum Principis; quem dedit Lusitania mundo Ulyssipo Lusitania, Societati Brasilia Obijt Bahiæ Prope nonagenarius Die 18 July Ann. 1697 Quieſcit in regio Collegij Bahyensis templo, ubi sepultus frequentiſſimo urbis concurſu, æterno orbis deſiderio.

ARTE DE FURTAR,
ESPELHO DE ENGANOS,
THEATRO DE VERDADES,
MOSTRADOR DE HORAS MINGUADAS,
GAZUA GERAL
Dos Reynos de Portugal.
OFFERECIDA
A ELREY NOSSO SENHOR
D. JOAÕ IV.
PARA QUE A EMENDE.

Composta no anno de 1652.
PELO PADRE
ANTONIO VIEYRA
ZELOZO DA PATRIA.

Correcta, e emendada de muitos erros; e assim tambem a verá o curioso leytor com as palavras, e regras, que por inadvertencia faltaraõ na passada impressaõ.

AMSTERDAM,
NA OFFICINA DE MARTINHO SCHAGEN
M.DCCXLIV.

SENHOR.

HUm Sabio diſse, que naõ havia neſte mundo homem, que ſe conheceſse; porque todos para comſigo ſaõ como os olhos, que vendo tudo, naõ ſe vem a ſi meſmos: e daqui vem naõ darem muita fé em ſi de ſuas perfeiçoens, nem advertirem em ſeus defeitos; e ſer neceſsario, que outrem lhes diga, o que paſsa na verdade. Se V. Mageſtade naõ ſe conhece, nem o mundo, em que vive, e de que he Senhor, eu o direy em breves palavras. He V. Mageſtade o mais nobre, o mais valente, o mais poderoſo, e o mais feliz homem do mundo; e eſte mundo he hum covil de ladroens. Digo que he V. Mageſtade o mais nobre; porque o fez Deos Rey, e lhe deu por Avós

Reys Santos, e poderoſos, que elle meſmo eſcolheo, e ennobreceo, para a mais nobre acçaõ de lhe augmentar, e eſtabelecer ſua Fé. He o mais valente, aſſim nas forças do corpo, como nas do eſpirito: nas do corpo; porque naõ ha trabalho, a que naõ reſiſta, nem outrem, que poſsa medir valentia com V. Mageſtade: e nas do eſpirito; porque naõ ha fortuna, que o quebrante, nem adverſidade, que o perturbe. He o mais poderoſo; porque ſem arrancar a eſpada, ſe fez Senhor do mais dilatado Imperio, tirando-o das garras de Leoens, que o occupavaõ; com tanta preſſa, que naõ poem tanto huma póſta em levar a nova, quanta V. Mageſtade poz em arvorar a vitoria nas mais remotas partes do mundo. He o mais feliz; porque em nenhuma empreza poem ſua Real maõ, que lhe naõ ſucceda a pedir por boca; e ſe alguma ſe malogra, he a que V. Mageſtade naõ approvou; tanto, que temos já por unico remedio, para ſe acertar em tudo, fazerſe ſó o que V. Mageſtade ordena, ainda que a outros juizos pareça deſacerto. E digo, que eſte mundo he hum covil de ladroens; porque ſe bem o conſiderarmos, naõ ha nelle couza viva, que naõ viva de rapinas: os animaes, aves, e peixes comendo-ſe huns aos outros, ſe ſuſtentaõ: e ſe alguns ha, que naõ ſe mantenhaõ de outros viventes, tomaõ ſeu paſto dos frutos alheos, que naõ cultivaraõ; com que vem a ſer tudo huma pura ladroeira; tanto, que até nas arvores ha ladroens; e os Elementos ſe

co-

comem, e gastaõ entre si, diminuindo-se por partes, para accrescentar cada qual as suas. Assim se portaõ as creaturas irracionaes, e insensiveis, e as racionaes ainda peor que todas; porque lhes sobeja a malicia, que nas outras falta, e com ella trata cada qual de se accrescentar a si: e como o homem de si nada tem proprio, claro está, que se os accrescenta, muitos haõ de ser alheyos. E de todo este discurso nada he conforme á ley da natureza; a qual quer, que todas as couzas se conservem sem diminuiçaõ de alguma. Nem a Ley Divina quer outra couza; antes lhe aborrecem tanto ladroens, que do Ceo, do Paraiso, e do Apostolado os desterrou; e a este ultimo desterro se accrescentou forca: e notese que a tomou o réo por sua maõ, sem intervir niso sentença de justiça, para nos advertir o castigo, que merecem ladroens, e como naõ devem ser admittidos, nem tolerados nas Republicas.

Quer Deos, que haja Reys no mundo, e quer que o governem assim como elle, pois lhes deu suas vezes, e os armou de poder contra as violencias; e como a mayor de todas he tomar o seu a seu dono, em emendar esta se devem esmerar. E em V. Magestade corre esta obrigaçaõ mayor; pois fez Deos a V. Magestade o mais nobre, o mais valente, o mais poderoso, e o mais feliz Rey do mundo. E deve pòr cuidado grande nesta empreza, porque a fazenda de V. Magestade he a mais combatida desles inimigos, que por serem mui-

tos só com hum braço taõ alentado, como o de V. Mageſtade, poderáõ ſer reprimidos, e caſtigados. A mayor difficuldade eſtá no conhecimento delles; porque como o officio he infame, e reprovado por Deos, e pela natureza, naõ querem ſer tidos por taes, e poriſſo andaõ todos diſfarçados; mas ſerá facil darlhes alcance, ſe o dermos a ſuas maſcaras, que ſaõ as artes de que uſaõ: deſtas faço aqui praça, e lhas deſcubro todas, moſtrando ſeus enganos como em eſpelho, e minhas verdades como em theatro, para fazer de tudo hum moſtrador certiſſimo das horas, momentos, e pontos, em que a gazúa deſtes piratas faz ſeu officio. Naõ enſina ladroens o meu diſcurſo, ainda que ſe intitula Arte de furtar; *enſina ſó a conhecellos, para os evitar. Todos tem unhas, com que empolgaõ, e nas unhas de todos hey de empolgar, para as deſcobrir por mais que eſcondaõ; e ſerá taõ ſuavemente, que ninguem ſe doa. Vay muito no modo, e no eſtylo: a pirola amargoſa naõ cauſa faſtio, ſe vay dourada; e para que eſte tratado o naõ cauſe, irá prateado com tal tempera, que irrite mais a goſto, que a moleſtia. Sirvaſe V. Mageſtade de o entender aſſim, e de obſervar com ſeu grande entendimento até os minimos apices deſta* Arte; *porque das contraminas della, que tambem deſcubro, depende a conſervaçaõ total de ſeu Imperio, que Deos Noſſo Senhor proſpere até o fim do mundo com as felicidades, que ſeus venturozos principios nos prométtem. &c.*

AO

AO SERENISSIMO SENHOR

DOM THEODOSIO

Principe de Portugal.

DEPRECAC, AM.

SENHOR.

TAmbem a V. A. Real, e Sereniſſima pertence a emenda deſta Arte *por todos os titulos, que a ElRey noſso Senhor pertence, pois naõ aſſim como elle o limito em ſuas grandezas; porque de tal Arvore naõ podia naſcer menor ramo, e em naſcendo moſtrou logo V. A. o que havia de ſer: e hum Mathematico inſigne mo diſse olhando, por lho eu pedir, para os horoſcopos do Ceo, que V. A. havia de ſer Rey da terra, e Sua Mageſtade, que Deos guarde, guardou eſte juizo. E ainda que eſtas razoens naõ militaſsem, que ſaõ certiſſimas, baſtava vermos, que ha em V. A. poder, e ſaber para tudo: e ſaõ duas couzas muito eſſenciaes para emendar latrocinios; o ſaber para os apanhar, e o poder para os emendar. Digo que vemos em V. A.*

poder: porque vemos, que assim como Atlante cançado de sustentar as Esféras do Ceo, as entregou aos hombros de Hercules, para que as governasse; assim ElRey nosso Senhor, Atlante do nosso Imperio, descarregou as Esféras delle nos hombros de V.A. não para descançar, que he infatigavel, mas para se gloriar, que tem em V. A. hombros de Hercules, que ajudaõ os de Atlante, e o igualaõ no poder. A Hercules pintou a Antiguidade ornado com huma Clava, que lhe arma as mãos, e com cadeas, e redes, que lhe sayem da boca, e levaõ preza infinita gente. Com a Clava se significaõ suas armas, e poder; com as redes, e cadeas, sua sabedoria: e com estas duas couzas vencia, e dominava tudo. De armas, e sabedoria vemos ornado, e fortalecido a V. A. assim porque tem todas as de Portugal (que monta tanto, como as do mundo) á sua obediencia; como tambem, porque ninguem as menea com tanto garbo, valor, destreza, e valentia; ou seja a cavallo brandindo a lança, ou seja a pé levando a espada, e fluminando o montante; e assim se demonstra, que ha em V. A. poder para emendar, e castigar. E porque este naõ basta, se naõ ha ciencia para alcançar, quem merece o castigo; digo que vemos em V. A. tanta sabedoria, que parece infusa: porque naõ ha Arte liberal, em que naõ seja eminente; naõ ha Ciencia especulativa, em que naõ esteja consummado; naõ ha habito de virtude moral, que o naõ tenha acquirido, e feito natural com o uso.

E em todo o genero de letras, artes, e virtudes, se consummou com tanta facilidade, e presteza, que nos parecia ter nascido tudo com V. A. naturalmente, e naõ ser achado por arte; e assim se prova, que ha em V. A. saber para dar alcance aos latrocinios, de que aqui tratamos: e em os pescando com a rede da sabedoria, segue-se emendallos com a Clava do poder.

Sugeito por tanto esta Arte de furtar ao poder, e sabedoria de V. A. Ao poder, para que a ampare, e á sabedoria, para que a emende: porque só da sabedoria de V. A. fio que dará alcance ás subtilezas dos professores desta arte. Em duas couzas peço a V. A. que ostente aqui seu poder: em castigar ladroens, e em me defender delles, pois fico arriscado com os descobrir; mas com me encobrir V. A. me dou por seguro. E em outras duas couzas torno a pedir ostente V. A. sua sabedoria, em emendar esta Arte, em quanto pertence aos ladroens; e tambem o estylo della, pelo que tem de meu. Levarey mal, que me argua outrem, porque naõ haverá, quem me naõ seja suspeito, salvo V. A. visto naõ haver outrem, que escape das notas, que aqui emendo. Diraõ que fallo picante, ou lépido: isso he o que pertendo, para adoçar por todas as vias o desagrado da materia. Cuidava eu que fallar nisto muito chumbado, e sério, seria o melhor; mas sendo o objecto de si penozo, porque he de perdas, e damnos, fazello mais penoso com o estylo, seria vestir hum capuz a este tratado, para todos lhe da-

rem

rem o pezame de o naõ poderem ver ás eſcuras. Veſtirey de primavera o mez de Dezembro, para o fazer tratavel, tecendo os caſos, e materias de modo, que naõ façaõ mayor pendor para huma balança, que para outra, para que alivie o curioſo da Arte, e eſtylo, o moleſto da materia ſem tropas de ſentenças Cabaliſticas, nem infanteria de palavras cultas, e penteadas, que me quebraõ a cabeça. Alguns livretes vejo deſſes, que vaõ ſahindo á moderna, e quando os leyo, bem os entendo; mas quando os acabo de ler, naõ ſey o que me diſseraõ; porque toda a ſua habilidade poem em palavras. E já diſse o proverbio, que palavras, e plumas o vento as leva. Outros toda a polvora gaſtaõ em dar conſelhos politicos, a quem lhos naõ pede; e bem apertados, vem a ſer melanconias do Autor, que por arrufos déraõ em deſvellos, ou por ambiçaõ em delirios; e podéramos reſponder aos taes, o que Apelles ao que lhe taxou as roupagens da ſua pintura, ſahindoſe da eſféra do ſeu officio. Seja o que for, o que ſey he, que nada me toca mais, que zelo do bem commum, e augmento da Monarquia, de que he herdeiro, e Senhor V. A. Ladroens retardaõ augmentos, porque diminuem toda a couza boa: diminua-os V. A. a elles, e crecerá ſeu Imperio, que os bons deſejaõ dilatado até o fim do mundo; porque todos amaõ mais que muito a V. A. que Deos guarde &c.

PRO-

PROTESTAÇAM
DO AUTOR
A quem ler este Tratado.

EM Ouguela, lugar de Além-Tejo, entre Elvas, e Campo Mayor, ha huma fonte, cuja agua naõ coze carne, nem peixe, por mais que ferva. E na Villa do Pombal, perto de Leiria, ha hum forno, em que todos os annos se coze huma grande fogaça para a festa do Espirito Santo; e entra hum homem nelle, quando mais quente, para accommodar a fogaça, e se detêm dentro, quanto tempo he necessario, sem padecer lesaõ alguma do fogo, que cozendo o paõ naõ coze o homem. E pelo contrario na Tapada de Villa-Viçosa, retiro agradavel da grande Casa de Bragança, adverti huma cousa notavel, que haverá mais de dous mil veados nella, que todos os annos mudaõ as pontas, bastante numero para em pouco tempo ficar toda a Tapada juncada delles; e no cabo naõ ha quem ache huma. Perguntey a razaõ ao Senhor D. Alexandre, irmaõ delRey nosso Senhor, grande perscrutador de couzas naturaes? E me respondeo, o que he certo, que os mesmos veados em as arrancando logo as comem. Mais me admirou, que haja animais, que comaõ, e possaõ digerir ossos mais duros que pedras! Mas que muito, se ha aves, que comem, e digerem ferro,

ro, quaes saõ as hemas! Conforme a estes exemplos, tambem nos homens ha estamagos, que naõ cozem muitos manjares, como a fonte de Ouguela, o forno do Pombal, nem os admittem, por bons que sejaõ; e abraçaõ outros mais grosseiros, com que se fazem, como veados, e hemas. E se perguntarmos ao Philosofo a razaõ destas desigualdades? Dirá, que saõ effeitos, e monstruosidades da natureza, que obra conforme as compleiçoens, e qualidades dos sugeitos. O mesmo digo, se houver estamagos, que naõ admittaõ, e cozaõ bem os pontos, e materias, que discursa este tratado, que naõ vem o mal da qualidade das couzas, que aqui offereço, senaõ do máo humor, com que as mastigaõ, mais para as morder, que para as digerir: e como o mantimento, que se naõ digere, o estamago o converte em veneno; assim os taes de tudo fazem peçonha, mas que seja triaga cordeal, e antidoto escolhido. Como triaga, e como antidoto proponho tudo para remedio dos males, que padece a nossa Republica: se houver aranhas, que façaõ peçonha mortal das flores aromaticas, de que as abelhas tiraõ mel suave, naõ he a culpa das flores, que todas saõ medicinaes; o mal vem das aranhas, que pervertem, o que he bom. He o juizo humano, assim como os moldes, ou sinetes, que imprimem em cera, e massa suas figuras: se o molde as tem de

serpen-

ſerpentes, toda a maſſa, por ſãa que ſeja, fica cuberta de ſevandijas, como ſe as produzira, e eſtivera corrupta; e pelo contrario, ſe o ſinete he de figuras boas, e perfeitas, tais as imprime, até na cera mais toſca. Quero dizer, amigo leitor, que ſe fordes inimigo da verdade, ſempre vos ha de amargar, e nunca haveis de dizer bem della, com ella ſer de ſeu natural muito doce, e formoſa, porque he filha de Deos. Verdades puras profeſſo dizer, naõ para vos offender com ellas, ſenaõ para vos moſtrar onde, e como vos offendeis vós a vós meſmo, e á voſſa Republica, para que vos melhoreis, ſe vos achardes comprehendido.

E naõ me digais, que naõ convêm tirar a publico affrontas publicas de toda huma Naçaõ; porque a iſſo ſe reſponde, que ſe ſaõ publicas, nenhum diſcredito move, quem as repete, antes vos honra moſtrando-vos diſpoſto para a emenda, e vos melhora abrindo-vos caminho, para conhecerdes o engano, em que viveis. E aſſim proteſto, que naõ he meu intento enſinar-vos os lanços, que neſta *Arte de furtar* ignoraveis, ſenaõ allumiar-vos o conhecimento da deformidade delles, para que os abomineis. Nem cuideis, que vos conheço, quem quer que ſois, nem que ponho o dedo em voſſas couzas em particular: o meu zelo bate ſó no commum, e naõ pertende affrontar a noſſa Naçaõ; antes a honro muito por duas razoens. Primeira;

por-

porque tudo comparado com os defeitos de outras neſta parte, fica a noſſa mais acreditada, pois ſe deixa ver o exceſſo dos latrocinios, com que aſſolaõ o mundo todo por mar, e por terra. Segunda; porque tratamos de emenda, e onde ha eſta, ou dezejo della, he a mayor perfeiçaõ, que os Santos achaõ nas Religioens mais reformadas; e aſſim ficamos nós com o credito de Religioſos reformados, em comparaçaõ de gente diſſoluta. Donde naõ me reſulta daqui eſcrupulo, que me retarde. O que ſinto he, que naõ ſey, ſe conſeguirá ſeu effeito o meu intento, que ſó trata de que vos emendeis, ſe vos achardes comprehendido: e ſe cada hum ſe emendar a ſi, já o diſſe hum Sabio, que teremos logo o mundo todo reformado: e melhorar aſſim o noſſo Reyno, e emendallo, he o que pertendemos.

Dirá o Critico, e tambem o Zoilo [que tudo abocanhaõ, e róem] que iſto naõ he gazûa, com que ſe abrem portas para furtar; mas que he montante, que eſcala de alto abaixo muita gente de bem para a deshonrar. A iſſo tenho reſpondido, que naõ tome ninguem pot ſi o que lhe digo, e ficaremos amigos como dantes; porque na verdade a nenhum conheço, e de nenhum fallo em particular: os caſos, que aqui referir, ſaõ ballas de batalha campal, que tiraõ a montaõ ſem pontaria. Só digo o que vi, o que li, ou ouvi, ſem peſquizar autores, nem formalidades,

lidades, mais que as que as couzas daõ de ſi: e ſe em algumas diſcreparem as circunſtancias da narraçaõ, e naõ ſe ajuſtarem em tudo muito com o ſuccedido, pouco vay niſſo; porque o noſſo intento naõ he deslindar pleitos para os ſentencear, ſenaõ moſtrar deformidades para as eſtranhar, e dar doutrina, e tratar de emenda. E eſtejaõ certos todos, que naõ dizemos nada, que naõ paſſe aſſim na verdade em todo, ou em parte principal. E naõ allegamos Autores para confirmaçaõ do que eſcrevemos; porque os deſta arte nunca imprimiraõ; e de ſua ciencia ſó duas letras ſe achaõ impreſſas nas coſtas de alguns, que ſaõ L. e F. e o que querem dizer, todos o ſabem. E ſe algum me impugnar a mim para defender, o que eſtas letras denotaõ, moſtrará niſſo, que he da meſma confraria, e negarſelhe-ha o credito por apaixonado, como parte, e darſeme-ha a mim, que o naõ ſou; porque ſó pertendo moſtrar neſte *Eſpelho* a verdade, e fazer publicas como em *Theatro* as mentiras, e embuſtes de ladroens paſſados, e preſentes. Apreſtem-ſe todos para ouvir com paciencia; e porque trato de naõ moleſtar, quem iſto lêr, irey tecendo tudo em fórma, que o curioſo dos ſucceſſos adóce o azedo da doutrina: e em tudo teraõ todos muito que aprender, para ſempre ſerem virtuoſos, ſe quizerem tomar as couzas, como as applico. Deos vos guarde de varas delgadas, que andaõ

pelas

pelas ruas, e de tres páos groſſos, que vos eſperaõ, ſe naõ tomardes meus aviſos. Entretanto eſtuday o Credo, e eſpertay a fé para o que ſe ſegue.

IN-

INDEX

DOS CAPITULOS

DESTE TRATADO.

CAP. I.

COmo para furtar ha arte, que he ciencia verdadeira. p. 1.

CAP. II.

Como a arte de furtar he muito nobre. p. 8.

CAP. III.

Da antiguidade, e profeſsores deſta arte. p. 13.

CAP. IV.

Como os mayores ladroens ſaõ, os que tem por officio livrar-nos dos meſmos ladroens. p. 19.

CAP. V.

Dos que ſaõ ladroens, ſem deixarem que outros o ſejaõ. p. 28.

CAP. VI.

Como naõ eſcapa de ladraõ, quem ſe paga por ſua maõ. p. 33.

CAP. VII.

Como tomando pouco ſe rouba mais, que tomando muito. p. 40.

CAP. VIII.

Como ſe furta ás partes fazendolhes merces, e vendeu-

dendolhes miſericordias. p. 45.

CAP. IX.

Como ſe furta, a titulo de beneficio. p. 50.

CAP. X.

Como ſe pódem furtar a ElRey vinte mil cruzados a titulo de o ſervir p. 56.

CAP. XI.

Como ſe pódem furtar a ElRey vinte mil cruzados, e demandalo por outros tantos. p. 63.

CAP. XII.

Dos ladroens, que furtando muito, nada ficaõ a dever na ſua opiniaõ. p. 67.

CAP. XIII.

Dos que furtaõ muito accreſcentando, a quem roubaõ, mais do que lhes furtaõ. p. 70.

CAP. XIV.

Dos que furtaõ com unhas Reaes. p. 75.

CAP. XV.

Em que ſe moſtra, como póde hum Rey ter unhas. p. 82.

CAP. XVI.

Em que ſe moſtraõ as unhas Reaes de Caſtella, e como nunca as houve em Portugal. p. 86.

Manifeſto do Direito, que D. Filippe de Caſtella allega contra os pertendentes de Portugal. p. 89.

Razoens, que ElRey D. Filippe allega contra a Senhora Dona Catharina. p. 95.

Repoſta da Senhora Dona Catharina contra as razoens delRey D. Filippe. p. 104.

Mani-

Manifesto do Direito da Senhora Dona Catharina ao Reyno de Portugal contra D. Filippe. p. 123.
Razoens da Senhora Dona Catharina contra Filippe. p. 126.
Reposta delRey D. Filippe contra as razoens da Senhora Dona Catharina com seu desengano. p. 140.

CAP. XVII.

Em que se resolve, que as unhas de Castella saõ as mais farpantes por injustiças. p. 150.

CAP. XVIII.

Dos ladroens, que furtaõ com unhas pacificas. p. 162.

CAP. XIX.

Prosegue-se a mesma materia, e mostra-se, que tal deve ser a paz, para que unhas pacificas nos naõ damnifiquem. p. 169.

CAP. XX.

Dos ladroens, que furtaõ com unhas Militares. p. 175.

CAP. XXI.

Mostra-se, até onde chegaõ unhas Militares, e quando se deve fazer a guerra. p. 181.

CAP. XXII.

Prosegue-se a mesma materia das unhas Militares, e como se deve fazer a guerra. p. 193.

CAP. XXIII.

Dos que furtaõ com unhas temidas. p. 200.

CAP. XXIV.

Dos que furtaõ com unhas timidas. p. 219.

CAP. XXV.
Dos que furtaõ com unhas disfarçadas. p. 212.
CAP. XXVI.
Dos que furtaõ com unhas malicioſas. p. 217.
CAP. XXVII.
De outras unhas mais malicioſas. p. 222.
CAP. XXVIII.
Dos que furtaõ com unhas deſcuidadas. p. 229.
CAP. XXIX.
Dos que furtaõ com unhas irremediaveis. p. 232.
CAP. XXX.
Que tais devem ſer os conſelheiros, e conſelhos, para que unhas irremediaveis nos naõ damnifiquem. p. 243.
Que tais devem ſer os Conſelheiros. p. 245.
Tribunal, como, e que tal. p. 251.
Voto, e parecer de cada hum. p. 257.
Reſoluçaõ do Conſelho. p. 261.
CAP. XXXI.
Dos que furtaõ com unhas ſabias. p. 265.
CAP. XXXII.
Dos que furtaõ com unhas ignorantes. p. 270.
CAP. XXXIII.
Dos que furtaõ com unhas agudas. p. 276.
CAP. XXXIV.
Dos que furtaõ com unhas ſingelas. p. 282.
CAP. XXXV.
Dos que furtaõ com unhas dobradas. p. 287.

CAP.

CAP. XXXVI.
Como ha ladroens, que tem as unhas na lingua. p. 292.
CAP. XXXVII.
Dos ladroens, que furtaõ com a maõ do gato. p. 296.
CAP. XXXVIII.
Dos que furtaõ com mãos, e unhas posliças, de mais, e accrescentadas. p. 306.
CAP. XXXIX.
Dos que furtaõ com unhas bentas. p. 312.
CAP. XL.
Em que se responde, aos que ao Fisco chamaõ Visco. p. 321.
CAP. XLI.
Dos que furtaõ com unhas de fome. p. 328.
CAP. XLII.
Dos que furtaõ com unhas fartas. p. 339.
CAP. XLIII.
Dos que furtaõ com unhas mimosas. p. 336.
CAP. XLIV.
Dos que furtaõ com unhas desnecessarias. p. 340.
CAP. XLV.
Dos que furtaõ com unhas domesticas. p. 346.
CAP. XLVI.
Dos que furtaõ com unhas mentirosas. p. 352.
CAP. XLVII.
Dos que furtaõ com unhas verdadeiras. p. 358.
CAP. XLVIII.
Dos que furtaõ com unhas vagarosas. p. 364.

CAP.

CAP. XLIX.
Dos que furtaõ com unhas apreſsadas. p. 372.
CAP. L.
Moſtra-ſe, qual he a juriſdiçaõ, que os Reys tem ſobre os Sacerdotes. p. 379.
CAP. LI.
Dos que furtaõ com unhas inſenſiveis. p. 385.
CAP. LII.
Dos que furtaõ com unhas, que naõ ſe ſentem ao perto, e arranhaõ muito ao longe. p. 391.
CAP. LIII.
Dos que furtaõ com unhas viſiveis. p. 396.
CAP. LIV.
Dos que furtaõ com unhas inviſiveis. p. 400.
CAP. LV.
Dos que furtaõ com unhas occultas. p. 407.
CAP. LVI.
Dos que furtaõ com unhas toleradas. p. 412.
CAP. LVII.
Dos que furtaõ com unhas alugadas. p. 420.
CAP. LVIII.
Dos que furtaõ com unhas amoroſas. p. 424.
CAP. LIX.
Dos que furtaõ com unhas cortezes. p. 429.
CAP. LX.
Dos que furtaõ com unhas politicas. p. 433.
CAP. LXI.
Dos que furtaõ com unhas confidentes. p. 438.

CAP.

CAP. LXII.
Dos que furtaõ com unhas confiadas. p. 442.
CAP. LXIII.
Dos que furtaõ com unhas proveitosas. p. 449.
CAP. LXIV.
Dos que furtaõ com unhas de prata. p. 455.
CAP. LXV.
Dos que furtaõ com unhas de naõ sey como lhes chame. p. 463.
CAP. LXVI.
Dos que furtaõ com unhas ridiculas. p. 473.
CAP. LXVII.
Primeira tisoura para cortar unhas, chama-se Vigia. *p.* 480.
CAP. LXVIII.
Segunda tisoura, Milicia. *p.* 484.
CAP. LXIX.
Terceira tisoura, Degredo. *p.* 488.
CAP. LXX.
Desengano geral a todas as unhas. p. 493.
Primeiro desengano. p. 494.
Segundo desengano. p. 496.
Terceiro desengano. p. 501.
Conclusaõ final, e remate do desengano verdadeiro. p. 506.

TRA-

TRATADO UNICO.

CAPITULO I.

Como para furtar ha arte, que he ciencia verdadeira.

AS Artes, dizem seus Autores, que saõ emulaçoens da natureza: e dizem pouco; porque a experiencia mostra, que tambem lhe accrescentaõ perfeiçoens. Deu a natureza ao homem cabello, e barba, para authoridade, e ornato; e se a arte naõ compuzer tudo, em quatro dias se fará hum monstro. Com arte repara huma mulher as ruinas, que lhe causou a idade, restituindo-se de cores, dentes, e cabello, com que a natureza no melhor lhe faltou. Com arte faz o escultor do tronco inutil huma imagem taõ perfeita, que parece viva. Com arte tiraõ os cobiçozos das entranhas da terra, e centro do mar a pedraria, e metais precioſos, que a natureza produzio em tosco, e aperfeiçoando

tudo, lhe daõ outro valor. E naõ ſó ſobre couzas boas tem as Artes juriſdiçaõ, para as melhorar mais que a natureza; mas tambem ſobre as más, e nocivas, para as diminuir em proveito de quem as exercita, ou para as accreſcentar em damno de outrem: como ſe vê nas máquinas da guerra, partos da arte Militar, que todas vaõ dirigidas a aſſolaçoens, e incendios, com que huns ſe defendem, e outros ſaõ deſtruidos. Naõ perde a arte ſeu ſer por fazer mal, quando faz bem, e a propoſito eſſe meſmo mal, que profeſſa, para tirar delle para outrem algum bem, ainda que ſeja illicito. E tal he a arte de furtar, que toda ſe occupa em deſpir huns para veſtir outros. E ſe he famoſa a arte, que do centro da terra deſentranha o ouro, que ſe defende com montes de difficuldades, naõ he menos admiravel a do ladraõ, que das entranhas de hum eſcritorio, que fechado a ſete chaves ſe reſguarda com mil artificios, deſencova com outros mayores o theſouro, com que ſe melhora de fortuna. Nem perde ſeu ſer a arte pelo mal que cauſa, quando obra com cilladas ſegundo ſuas regras, que todas ſe fundaõ em eſtratagemas, e enganos, como as da Milicia: e eſſa he a arte, e he o que dizia hum grande meſtre deſta profiſſaõ: *Con*

arte, y con engaño, vivo la mitad del año: y con engaño, y arte, vivo la otra parte. E ſe os ladroens naõ tiverem arte, buſquem outro officio; por mais que a eſte os leve, e ajude a natureza, ſe naõ alentarem eſta com os documentos da arte, teraõ mais certas perdas, que ganhos; nem ſe poderáõ conſervar contra as invaſoens de infinitas contrariedades, que os perſeguem. E quando os vejo continuar no officio illeſos, naõ poſſo deixar de o attribuir á deſtreza de ſua arte, que os livra até da juſtiça mais vigilante, deslumbrando-a por mil modos, ou obrigando-a, que os largue, e tolére; porque até para iſſo tem os ladroens arte. Aſſim ſe prova, que ha arte de furtar, e que eſta ſeja ciencia verdadeira, he muito mais facil de provar, ainda que naõ tenha eſcóla publica, nem Doutores graduados, que a enſinem em Univerſidade, como tem as outras ciencias.

Todos os Philoſofos, e Doutores Theologos defendem, que merece o nobre titulo de ciencia verdadeira aquella arte ſómente, que tem principios certos, por onde demonſtra, e alcança, o que exercita: exemplo ſejaõ a Sagrada Theologia, a Philoſophia, Mathematica, Muſica, Medicina, e outras, que naſcem deſtas,

as quais saõ verdadeiras ciencias, porque naõ só ensinaõ o que professaõ, mas tambem provaõ por seus principios, e demonstraõ por consequencias evidentes, o que ensinaõ. E admittindo nós esta regra, que todos os sabios admittem, devemos excluir do numero das ciencias só aquellas artes, que páraõ na materia, em que se occupaõ; tomando-a assim como se lhes offerece, sem discursarem as razoens, nem os principios, por onde se aperfeiçoaõ no alcance do seu fim. Exemplo seja a Jurisprudencia, que naõ se detêm em especular, ou demonstrar, o que propoem seus textos: donde nasce naõ haver evidencia publica da razaõ de seus preceitos: e se nos move a seguilos a obediencia, com que todos nos sugeitamos a elles, mais he por temor ás vezes, que por respeito. E ainda que todos sejaõ fundados em razaõ, que os Principes acharaõ, e cõmummente apontaõ em seus decretos, passaõ por ellas os Jurisconsultos ordinariamente tanto em silencio, que por fé lhe damos alcance. E haõ-se nisto alguns Canonistas, e Legistas, como Deos, que obrigando os homens a huma ley de dez preceitos, em nenhum delles apontou a razaõ, porque os punha; deixando-a ao discurso da ley natural, que nenhum homem deve

igno-

ignorar; ainda que ha alguns taõ groſſeiros, que naõ atinaõ com ella. E poriſſo nunca ninguem diſſe, que a doutrina do Decalogo, pelo que pertence á obſervancia pratica, era ciencia, ainda que o ſeja no eſpeculativo, pelo que deſcobre no bem para o abraçarmos, e no mal para o fugirmos. De todo eſte diſcurſo ſe colhe com certeza, que a arte de furtar he ciencia verdadeira, porque tem principios certos, e demonſtraçoens verdadeiras, para conſeguir ſeus effeitos, poſto que por rudeza dos diſcipulos, ou por outros impedimentos extrinſecos naõ chegue ao que pertende. Mas ſe o ladraõ tem bom natural, e he perito na arte, arma ſeus ſyllogiſmos como rede varredoura, a que nada eſcapa. Com huma hiſtoria notavel faço demonſtraçaõ deſta verdade. Em certa Cidade de Eſpanha houve huma viuva fidalga taõ rica como nobre: e como as matronas de qualidade por ſeu natural recolhimento naõ pódem aſſiſtir a trafegos de grandes fazendas; dezejava eſta muito hum feitor fiel, e intelligente, que lhe podeſſe governar tudo. E naõ dezejava menos hum ladraõ cadimo ter entrada em caſa taõ caudaloſa com algum honeſto titulo, para ſe prover de huma vez de remedio para toda a vida. Lançou ſuas linhas, e armou ſuas traças em fórma,

que nenhuma conſequencia fruſtrou, aſſim para entrar com grande credito, como para ſahir com mayor proveito. Achou por ſuas inculcas, que tinha a ſenhora hum Confeſſor Religioſo, a quem dava credito, e obediencia por ſua virtude, e letras. Prégava eſte certa feſta de concurſo, veſtioſe o ladraõ de trage humilde, e roſto penitente, e fez-ſe encontradiço com elle indo para o pulpito: poz-lhe na maõ huma bolça de dobroens, que diſſe achara perdida, e pediolhe com muita ſubmiſſaõ, e modeſtia, que a publicaſſe ao auditorio, e a reſtituiſſe a quem moſtraſſe que era ſeu dono, dando os verdadeiros ſinais della, e do que continha. Ficou o Reverendo Padre Prégador attonito com tal caſo, que houveſſe homem no mundo que reſtituiſſe em vida, e diſſe aos ouvintes milagres do ſugeito; e que podendo melhorar de capa com aquelle achado, o naõ fizera, eſtimando mais a paz de ſua alma, que o commodo de ſeu corpo: e que em hum daquelles eraõ bem empregadas as eſmolas. E aſſim foy, que acabada a prégaçaõ, mandáraõ muitos Cavalheiros ſeus ſubſidios com mais de meya duzia de veſtidos muito bons ao Reverendo Padre, para que déſſe tudo ao pobre ſanto, que lhe naõ pezou com elles: e foy a primeira conſequencia, que colheu do ſeu diſ-

curſo:

curſo: e a ſegunda aſſegurar a bolça para ſi com ſua mãy, que era huma velha taõ ardiloſa como elle, que já eſtava prevenida ao Padre do pulpito, e muito bem adeſtrada pelo filho: e em decendo o Padre agarrou delle gritando: a bolça he minha! Por final, que he de couro pardo, com huns cordoens verdes, e tem dentro ſeis dobroens, quatro patacas, e hum papelinho de alfinetes. Ouvindo o Prégador ſinais taõ evidentes, e vendo que tudo aſſim era, lhe entregou tudo, dando graças a Deos, que nada ſe perdêra: e a mãy fez em caſa a reſtituiçaõ ao filho, que aſſegurou de caminho a terceira conſequencia de eſtafar tambem o Religioſo, que o levou á ſua ſella, onde o regalou, e melhorou de veſtido, e fortuna, informando-ſe delle meſmo de ſeus talentos: e achando que ſabia ler, e eſcrever quanto queria, e contar como hum Girifalte na unha, e que ſobre tudo moſtrava bom juizo: ſeguio-ſe logo a quarta conſequencia de o pôr em caſa de ſua confeſſada com mero, e mixto imperio ſobre toda ſua fazenda havida, e por haver, abonandolho por quinta eſſencia de fidelidade, e intelligencia; com que a ſeu ſalvo colheo a ultima conſequencia, que pertendia das rendas de ſua ſenhora, que enſacou em ouro para voar mais leve: e com

dez, ou doze mil cruzados, que dous annos de ſerviço lhe deparáraõ, ſe paſſou para outro emiſferio, ſem dizer a ninguem: ficaivos embora: Digaõ agora os profeſſores das ciencias, e artes mais liberais, ſe formáraõ nunca ſyllogiſmos mais correntes. Negará a luz ao Sol, quem negar á arte de furtar o diſcurſo, e ſubtileza, com que aqui lhe damos o nome de ciencia verdadeira.

****

CAPITULO II.

Como a arte de furtar he muito nobre.

MAis facil achou hum prudente que ſeria acender dentro do mar huma fogueira, que eſpertar em hum peito vil fervores de nobreza. Com tudo ninguem me eſtranhe chamar nobre á arte, cujos profeſſores por leys Divinas, e humanas ſaõ tidos por infames. Eſſa he a valentia deſta arte, como a dos Alchimiſtas, que ſe gabaõ que ſabem fazer ouro de enxofre: de gente vil faz fidalgos, porque aonde luz o ouro, naõ ha vileza. A'lem de que naõ he implicaçaõ acharem-ſe duas contrariedades em hum ſugeito, quando reſpei-

reſpeitaõ differentes motivos. Que couſa mais vil, e baixa, que huma formiga! Taõ pequena, que naõ ſe enxerga; taõ raſteira, que vive enterrada; taõ pobre, que ſe ſuſtenta de leves rapinas! Que couſa mais illuſtre que o Sol, que a tudo dá luſtre; taõ grande, que he mayor que a terra; taõ alto, que anda no quarto Ceo; taõ rico, que tudo produz! E ſe vê a mayor nobreza com a mayor baixeza em hum ſugeito, em huma formiga. Baixezas ha, que naõ andaõ em uſo, porque ſaõ ſó de nome: e nomes ha, que naõ pôem, nem tiraõ, ainda que ſe encontrem, porque ſe compadecem para differentes effeitos. Fazia Doutrina hum Padre da Companhia no pelourinho de Faro: perguntou a hum menino, como ſe chamava? Reſpondeo, chamome em caſa Abrahaõſinho, e na rua Joannico. Aſſim ſaõ os ladroens: na Caſa da Suplicaçaõ chamaõ-ſe infames, quando os ſentenceaõ, que he poucas vezes: mas nas ruas, por onde andaõ de continuo em alcatêas, tem nomeadas muito nobres: porque huns ſaõ Godos, outros chamaõ-ſe Cabos, e Xarifes outros: mas nas obras todos ſaõ piratas.

Mais claro proponho, e deslindo tudo. A nobreza das ciencias colhe-ſe de tres principios: o primeiro he objecto, ou materia, em que ſe occupa.

occupa. Segundo: as regras, e preceitos, de que conſta. Terceiro: os Meſtres, e ſugeitos, que a profeſſaõ. Pelo primeiro principio he a Theologia mais nobre que todas; porque tem a Deos por objecto. Pelo ſegundo he a Philoſophia; porque ſuas regras, e preceitos ſaõ delicadiſſimos, e admiraveis. Pelo terceiro he a Muſica; porque a profeſſaõ Anjos no Ceo, e na terra Principes. E por todos eſtes tres principios he a arte de furtar muito nobre; porque o ſeu objecto, e materia, em que ſe emprega, he tudo o que tem nome de precioſo: as ſuas regras, e preceitos ſaõ ſubtiliſſimos, e infalliveis: e os ſugeitos, e meſtres, que a profeſſaõ, ainda mal que as mais das vezes ſaõ, os que ſe prezaõ de mais nobres; para que naõ digamos que ſaõ Senhorias, Altezas, e Mageſtades.

Alguns doutos tiveraõ para ſi, que a nobreſa das ciencias mais ſe colhe da ſubtileza das regras, e deſtreza, em que ſe fundaõ, que da grandeza do objecto, ou utilidade da materia, em que ſe occupaõ: como vimos até na machina do que em cortiça obra couzas delicadas, que em ouro, que poriſſo he mais louvado. Aquelle Artifice, que eſcreveo a Iliada de Homero com tanta miudeza, que a recolheo em huma noz, aſſombou mais o mundo, que ſe a eſcre-

veſſe

veſſe com muitas laçarias em grandes laminas de ouro; aquella náo enxarceada com todo genero de vélas, e cordoalhas, taõ pequena, que toda ſe cobria, e eſcondia com as azas de huma moſca, fez a Mermitides mais famoſo, que a outros as grandes eſculturas dos mayores Coloſſos. Na formaçaõ de hum moſquito moſtra Deos mais ſeu grande entendimento, que na fabrica do Univerſo. Quero dizer, que naõ engrandece tanto as ciencias a materia, em que ſe exercitaõ, como o engenho da arte, com que obraõ. E como o engenho, e arte de furtar ande hoje taõ ſubtil, que tranſcende as aguias, bem podemos dizer que he ciencia nobre. E prouvera a Deos, que naõ tivera tanto de nobre, naõ ſó pelo que lhe concedemos de ſuas ſubtilezas, ſenaõ tambem, pelo que lhe negaõ outros da materia, em que ſe occupa, e ſugeitos, em que ſe acha; pois vemos, que a materia he a que mais ſe eſtima, ouro, prata, joyas, diamantes, e tudo o mais que tem preço; e os ſugeitos, em que ſe acha, ſaõ por meus peccados os mais illuſtres, como pelo diſcurſo deſte tratado em muitos capitulos iremos vendo. E para que naõ engaſgue algum eſcrupuloſo neſta propoſiçaõ com a maxima, de que naõ ha ladraõ, que ſeja nobre, pois o tal

officio

officio traz comſigo extinçaõ de todos os fóros da nobreza: declaro logo, que entendo o meu dito ſegundo o vejo exercitado em homens tidos, e havidos pelos melhores do mundo, que no cabo ſaõ ladroens, ſem que o exercicio da arte os deſluſtre, nem abata hum ponto do timbre de ſua grandeza. Naõ he aſſim; o que ſuccedeo em Roma a hum Emperador? Que entrando no Templo a adorar a Apollo, achou, que no meſmo Altar eſtava Eſculapio ſeu filho; eſte com grandes barbas, e aquelle limpinho; porque aſſim os diſtinguia a Gentilidade antigua. Advertio o Emperador, que as barbas de Eſculapio eraõ de ouro, e poſtiças: cobiçou-as, e furtou-as; dizendo que naõ era bem o filho tiveſſe barbas, quando o pay as naõ tinha: e nada perdeo de ſua grandeza o Emperador com furtar as barbas ao ſeu Deos, antes a accreſcentou, pois ficou com mais ouro, do que dantes tinha: e aſſim a accreſcentaõ outros muitos com muitos outros furtos, que cada dia fazem ſem calumnia nas barbas do mundo.

****

Capitulo III.

Da antiguidade, e profeſsores deſta arte.

Isto, que chamaõ antiguidade, he huma droga, que naõ tem preço certo; porque em tal parte vale muito, e em tal em nada ſe eſtima. Cõmunidades ha, em que a antiguidade rende; porque lhes daõ melhor lugar, e melhor vianda. E Juntas ha, em que a antiguidade perde; porque eſcolhem os mais vigoroſos para as emprezas de proveito, e honra. Antiguidade, que conta ſó os annos, em cada feira vale menos: mas a que accumula merecimentos, para cargos tem mayor preço, e valêra mais, ſe fora de dura. Quando ólho para os que me cercaõ, feſtejo ſer o mais antigo, porque me guardaõ reſpeito: mas ſe ólho ſó para mim, tomarame mais moderno. Eſte mal tem a antiguidade, que anda mais perto do fim, que do principio. Muitas couzas acabaõ por antigas, porque ſe corrompem de velhas: e muitas começaõ, aonde as outras acabaõ: iſto he na antiguidade; porque ſó á cuſta della lo-

graõ

graõ alguns *bene eſses*, como as trempens do Japaõ, que as mais velhas ſaõ de mayor eſtima. A nobreza tem eſta prerogativa, que a antiguidade mais apura, e vale mais por mais antiga. Homem novo entre os Romanos era o meſmo, que homem baixo: e o que moſtrava imagens de ſeus antepaſſados mais velhas, carcomidas, e defumadas, era tido por mais nobre. Nas artes, e ciencias corre a meſma moeda, que andaõ mais apuradas as mais antigas; e ſaõ mais eſtimadas, as que tem mais antigos profeſſores. Entre alfayates, e oleiros ſe moveo queſtaõ, quais eraõ mais antigos na ſua arte, para alvidrarem dahi ſua nobreza. Venceraõ os oleiros, porque primeiro ſe amaçou o barro, de que foy formado Adaõ, e depois ſe lhe talharaõ, e cozeraõ os veſtidos. Aqui entraõ os ladroens com a ſua arte, allegando, que muito antes do primeiro homem a exercitaraõ eſpiritos mais nobres. Mas deixando pontos, que nos ficaõ álem do mundo antes de haver homens, de que ſó tratamos; fallemos das têlhas abaixo, que hè o que pertence á noſſa eſféra. E em dando nos primeiros profeſſores, colheremos logo a antiguidade deſta arte; e da nobreza daquelles, e antiguidade deſta, faremos o computo, que buſcamos. Mas como ſe profeſſa ás eſ-

condi-

condidas, ſerá difficultoſo achar os meſtres. Ora naõ ſerá; porque naõ ha, quem eſcape de diſcipulo: e os diſcipulos bem devem conhecer ſeus meſtres. Na matricula deſta eſcóla naõ ha quem ſe naõ aſſente. Já o diſſe a ElRey noſſo Senhor, que he eſte mundo hum covil de ladroens, porque tudo vive nelle de rapinas; animais, aves, e peixes, até nas arvores ha ladroens. E agora digo, que he huma Univerſidade, em cujos geraes curſaõ todos os viventes geralmente. Tem eſta Univerſidade ſó duas claſſes, huma no mar, outra na terra. No mar dizem que lêo de prima Jaſon aos primeiros Argonatas, quando paſſou á Ilha de Colchos, e furtou o velo de ouro taõ defendido, como celebrado: e deſtes aprenderaõ os infinitos piratas, que hoje em dia coalhaõ eſſes mares com a prôa ſempre nas prezas, que buſcaõ. Na terra dizem os antigos, que pôz a primeira Cathedra Mercurio, e que foy o primeiro ladraõ, que houve no mundo; e poriſſo o fizeraõ Deos das ladroîces. Bem ſe vê a ſem-razaõ deſta idolatrîa, pois naõ póde haver mayor cegueira, que conceder divindade ao vicio. Mas por peor tenho, a que vemos hoje em muitos homens obrigados a conhecer eſte erro, que tem a rapina por ſua deidade, pondo nella ſua bem-

aven-

aventurança, porque della vivem. Enganaraõ-se os antigos em darem esta primazia a Mercurio: primeiro que elle foy Adaõ primeiro ladraõ, e primeiro homem do mundo: e porisso pay de todos, que deixou a todos por herança natural, e propriedade legitima serem ladroens. Perguntará aqui o curioso, se haverá algum, que o naõ seja? Respondese que naõ: pelo menos na potencia, ou propensaõ; porque he legitima, que se repartio por todos. He bem verdade, que huns participaõ mais deste legado que outros; bem assim como nos bens castrenses, que se repartem a mais, e a menos pelo arbitrio do testador: posto que cá o arbitrio livre he dos herdeiros; e dahi vem serem alguns mais insignes na arte de furtar. E como naõ ha arte, que se aprenda sem mestres, que vaõ succedendo huns a outros, tem esta alguns muitos sabios, e sempre os teve: e como naõ ha escóla, onde se naõ achem discipulos bons, e máos, tambem nesta ha discipulos, que pódem ser mestres; e ha outros taõ rudes, que nem para máos discipulos prestaõ, porque logo os apanhaõ. De todos determino dizer alguma couza, naõ para os ensinar, mas para advertir, a quem se quizer guardar delles, o como se deve vigiar; e a elles quaõ arriscados andaõ.

Naõ

Naõ me calumniem os que ſe tem por eſcoimados, queixando-ſe, que os ponho neſta reſte ſem prova, nem certeza de delitos, que cõmetteſſem neſta materia, ſendo certo que naõ ha regra ſem excepçaõ. Meta cada hum a maõ em ſua conciencia, e achará a prova do que digo, que eſte mundo he huma ladroeira, ou feira da ladra, em que todos chatinaõ interesſes, creditos, honras, vaidades, e eſtas couzas naõ as póde haver ſem mais, e menos: e em mais, e menos vay o furto, quando cada hum toma mais do que ſe lhe deve, ou quando dá menos do que deve. E procede iſto até em huma cortezia, que excede por ambiçaõ, ou que falta por ſoberba. Ajuſtar obrigaçoens de juſtiça, e caridade, depende de huma balança muito ſubtil, que tem o fiel muito ligeiro: e como ninguem a traz na maõ, tudo vay a eſmo, e a cobiça pende para ſi, mais que para as partes. E daqui vem ſerem todos como o leaõ de Hiſopete, que comia os outros animais com o achaque de ſer mayor. E temos averiguado que os profeſſores deſta arte ſaõ todos os filhos de Adaõ, e que ella he taõ antiga como ſeu pay. Mas de tanta antiguidade, e progenitores, ninguem me infira ſerem nobres os profeſſores deſta arte, nem ſer ella ciencia

verdadeira : porque as ciencias devem praticar algum fim util ao bem commum , e eſta arte ſó em deſtruir toda ſe emprega : contente-ſe com ſer arte , aſſim como o he a Magîa. E em ſeus artifices ninguem creya , que póde haver nobreza , pois o vicio nunca ennobreceo a ninguem , porque por natureza he infame , e ninguem póde dar o que naõ tem. A verdadeira ciencia he a das Leys , e Canones , que lhes dá caça , mete a ſaco todos os ladroens : e baſtava taõ heroico acto para ſe ennobrecer , e fazer eſtimar ſobre todas a pezar dos roins , com quem tem ſua ralé : e ſe eſtes a deſacreditaõ , naõ valem teſtemunha , porque os açouta.

Contra reſoluçaõ taõ alentada me botaõ em roſto , o que diſſe agora ha nada nos dous capitulos antecedentes , que a arte de furtar era ciencia verdadeira , e ſeus profeſſores muito nobres. Reſpondo que nunca tal diſſe de minha opiniaõ : e ſe o diſſe , eſtaria zombando , para moſtrar o engenho dos ſophiſmas , ou a illuſaõ , com que má gente apoya ſeus erros. Infame he a arte de furtar , infames ſaõ ſeus meſtres , e diſcipulos : e ainda que ſaõ mais que muitos , muitos mais ſaõ , os que andaõ ſaõs deſta lepra , principalmente os que ſe lavaõ com o Santo Bautiſmo , que nos livrou de

todos

todos os males, que herdámos de Adaõ. Ouçaõ bons, e máos eſte diſcurſo, lêaõ todos eſte tratado, e verſe-haõ eſcritos, e retratados: os bons teraõ que eſtimar, por ſe verem limpos de taõ infame lepra: e os màos teraõ que aborrecer, conhecendo o mal; que he impoſſivel naõ ſe deteſtar, tanto que for conhecido.

****

CAPITULO IV.

Como os mayores ladroens ſaõ, os que tem por officio livrarnos de outros ladroens.

NAõ póde haver mayor deſgraça no mundo, que converterſe a hum doente em veneno a triaga, que tomou, para vencer a peçonha, que o vay matando. Ferir-ſe, e matar-ſe hum homem com a eſpada, que cingio, ou arrancou para ſe defender de ſeu inimigo; e arrebentar-lhe nas mãos o moſquete, e matallo, quando fazia tiro para ſe livrar da morte, he fortuna muito má de ſofrer: e tal he, que acontece em muitas Republicas do mundo, e até nos Reynos mais bem governados: os quais para ſe livrarem

de ladroens, que he a peor péſte que os abraza, fizeraõ váras, que chamaõ de Juſtiça, iſto he, Meirinhos, Almotaceis, Alcaides: puzeraõ guardas, rendeiros, e jurados: e fortaleceraõ a todos com Proviſoens, Privilegios, e Armas: mas elles virando tudo do carnás para fóra, tomaõ o raſto ás aveſſas, e em vez de nos guardarem as fazendas, ſáõ os que mayor eſtrago nos fazem nellas; de ſorte, que naõ ſe diſtinguem dos ladroens, que lhes mandaõ vigiar, em mais ſenaõ que os ladroens furtaõ nas charnecas, e elles no povoado; aquelles com carapuças de rebuço, e elles com as caras deſcobertas; aquelles com ſeu riſco, e eſtes com Proviſaõ, e cartas de Seguro. Declarome: manda a Ley aos Senhores Almotaceis, que vigiem as padeiras, regateiras, eſtalagens, e tavernas, &c. ſe vendem as couſas por ſeu juſto preço. Anticipaõ-ſe todas as peſſoas ſobreditas, mandaõ a caſa as primicias, e meyas natas de ſeus intereſſes, e ficaõ logo licenciadas, para maquinarem tudo, como quizerem. Tem obrigaçaõ os Meirinhos, e Alcaides, de tomarem as armas defezas, prenderem os que acharem de noite, e darem cumprimento aos mandados de prizoens, e execuçoens, que ſe lhes encarregaõ: diſſimulaõ, e paſſaõ por tudo, pelo dobraõ, e

pela

pela pataca, que lhes mete na bolça; e seguem-se dahi mortes, roubos, e perdas intoleraveis. Corre por conta dos guardas, e rendeiros a defensaõ dos pastos, vinhas, olivais, coutadas, que naõ as destruaõ os gados alheos; quem os tem avença-se com elles por pouco mais de nada, que vem a ser muito; porque concorrem os poucos de muitas partes, ficaõ livres para poderem lograr as fazendas alheas, como se foraõ proprias, sem incorrerem nas coimas. E eisaqui como os que tem por officio livrarnos de ladroens, vem a ser os mayores ladroens, que nos destroem. Naõ fallo de varas grandes, porque as residencias as fazem andar direitas; nem das garnachas, que esperaõ mayores póstos, e naõ querem perder o muito pelo pouco: livrenos Deos a todos de offerecimentos secretos, que correm sua fortuna sem testemunhas, aceitos torcem logo as meadas até quebrar o fiado pelo mais fraco; e a poder de nós cégos o fazem parecer inteiro; até nas residencias, onde se daõ em se fazerem as barbas huns aos outros, fica tudo sem remedio, e com a mayor parte da preza em hum momento, quem nos hia restaurar dos damnos de hum triennio.

Milhares de exemplos ha, que explicaõ bem esta especie de furtos; e melhor que todos o que

poderemos pôr nos Phyſicos: mas manda a Sagrada Eſcritura, que os honremos *propter ſanitatem*; e aſſim he bem que lhes guardemos aqui reſpeitos, ainda que a verdade ſempre tem lugar. Digamolo ao menos dos boticarios. Tem eſtes hum livrinho, naõ he mayor que huma cartilha, e nada tem de ſua doutrina; porque ſe devia de compor no Limbo: certo he que o naõ imprimio Galeno, que houvera de ſer muito bom Chriſtaõ, ſe naõ fora Gentio, porque tinha bom entendimento. A eſte livro chamaõ elles: *Qui pro quo*: quer dizer; *huma couza por outra*: e o titulo baſta, para ſe entender, que contem mais mentiras, que verdades: antes ſó huma verdade contem, e he que em tudo enſina a vender gato por lebre, como agora: ſe lhe faltar na botica a agua de eſcorcioneira, que receita o Medico para o cordeal, que lhe pódem botar agua de cevada cozida; e ſe naõ tiverem pedra de baazar, que pevides de cidra tanto montaõ: ſe naõ houver oleo de amendoas, que lhe ponhaõ o da candêa. E aſſim vay baralhando tudo, de maneira que naõ póde haver boticario, que deixe de ter quanto lhe pedem: e dahi póde ſer que veyo o proverbio, com que declaramos a abundancia de huma caſa rica, que tudo ſe

acha

acha nella como em botica. E já lhe eu perdoára tudo, ſe tudo tiverá os meſmos effeitos; e ſe elles naõ nos levaraõ tanto pelos ingrediente ſuppoſtos, que nada valem, como haviaõ de levar pelos verdadeiros, que valem muito. Donde parece, que naceo a murmuraçaõ, de quem diſſe, que as mãos dos boticarios ſaõ como as de Midas, que quanto tocaõ, convertem em ouro; porque naõ ha arte chimica, que os vença em fazer de maravalhas metais precioſos: nem póde haver mayor deſtreza, que a de hum deſtes meſtres, ou diſcipulos de Eſculapio, que mandando pelo ſeu moſſo buſcar hum molho de malvas ao monturo, com duas fervuras, que lhe daõ no tacho, ou com as pizar no almofariz, as transformaõ de maneira, que naõ lhes ſahem das mãos, ſem lhe deixarem nellas tres, ou quatro cruzados, naõ valendo ellas em ſi hum ceitil: e o meſmo corre em outras mil e trezentas couzas. Tem os Phyſicos móres obrigaçaõ de vigiarem tudo iſto; e aſſim o fazem correndo o Reyno, e viſitando todas as boticas delle algumas vezes: chamaõ a iſto dar varejo: e dizem bem; porque aſſim como nós varejamos huma oliveira, para lhe apanhar a azeitona, aſſim elles varejaõ as boticas, para recolher dinheiro. He muito para ver a diligencia,

com que os boticarios ſe acodem huns aos outros neſtas occaſioens, empreſtando-ſe vidros, e medicamentos, para que os Viſitadores os achem providos de tudo: e poderá ſucceder, por mais que tenhaõ tudo bem apurado, e a ponto, ſe naõ andarem mais diligentes em peitar, que em ſe prover, que lhes quebrem todos os vidros por dá cá aquella palha. Poriſſo outros fazem bem, que viſitaõ, antes de ſerem viſitados, e com iſſo eſcuſaõ o trabalho de ſe proverem, e apurarem; e eſcapaõ os ſeus fraſcos, como vaſo máo, que nunca quebra. Bem ſe vê, como reſponde tudo iſto ao titulo deſte capitulo; ſó huma couſa ha aqui, que a naõ entendo, nem haverá quem a declare; que morra enforcado o homicida, que matou á eſpinguarda, ou ás eſtocadas hum homem; e que matem Boticarios, e Medicos cada dia milhares delles, ſem vermos poriſſo nunca hum na forca: antes ſaõ taõ privilegiados, que depois de vos darem com as cóſtas no adro, e com voſſo pay na cova, demandaõ voſſos herdeiros, que lhes paguem a peçonha, com que vos tiraraõ a vida, e o trabalho, que tiveraõ em vos apreſſarem a morte com ſangrias peores, que eſtocadas, por ſerem ſem neceſſidade, ou fóra de tempo. Hum ferrador vizinho do Cardeal Paloto deſappareceo

de

de Roma; e indo depois o Cardeal a Napoles com certa diligencia do Summo Pontifice, teve hum achaque, sobre que se fez junta de Medicos, e entre elles veyo o ferrador por mais afamado: conheceo-o o Cardeal, tomou-o á parte, e perguntou-lhe, quem o fizera Medico? Respondeo, que só mudara de fortuna, e naõ de officio; porque do mesmo modo, que curava em Roma as bestas, curava em Napoles os homens; e que lhe succedia tudo melhor; porque álem de acertar nas curas taõ bem, e melhor que os demais Medicos, se acertava por erro de dar com algum doente na outra vida, que ninguem o demandava porisso, como Sua Eminencia, que lhe fez pagar huma mulla do seu coche, por lhe morrer nas mãos andando em cura. O que mais succedeo no caso, naõ serve ao intento: mas do dito se colhe, que anda o mundo errado na materia de Medicos, e Boticarios, que haõ mister grandissima reforma; porque tendo por officio assegurar as vidas, naõ só no las tiraõ, mas sobre isso nos pedem as bolças. Naõ fazia outro tanto o Sol Posto aos Castelhanos nas charnecas; e no cabo foy esquartejado porisso. E estes senhores ficaõ-se rindo, e aguçando a ferramenta para hirem por diante na matança, de que fazem officio.

Em

Em França ha Ley, que nenhum Medico do Paço vença salario, em quanto alguma pessoa Real estiver doente; porque assim se apressem em tratar de sua saude: e os Portuguezes somos tais, que quando estamos doentes, fazemos mais mimos, e damos mayores pagas aos Medicos; sem advertirmos, que porisso mesmo nos dilataraõ a saude, e faraõ grave o mal, que he leve; como o outro, que curava de hum espinho certo Cavalheiro, e tinhalhe metido em cabeça que era postêma. Auzentou-se hum dia, e deixou hum seu filho instruîdo, que continuasse com os emplastos do espinho, a que chamavaõ postêma. Mas o filho na primeira cura, para se mostrar mais destro, arrancou o espinho; cessaraõ logo as dores, e sarou o doente em menos de vinte e quatro horas. Veyo o pay; pediolhe o filho alviçaras, que sarara o doente só com lhe tirar o espinho. Respondeolhe o pay: pois dahi comerás para besta. Naõ vias tu salvagem, que em quanto se queixava das dores, continuavaõ as visitas, e se accrescentavaõ as pagas? Secaste o leite á cabra, que ordinhavamos? Bem se acodiria a isto, se se pagassem melhor as curas breves, que as dilatadas. E muito necessario era haver ley, que nenhuma cura se pagasse do doente, que morresse.

reſſe. Podera-ſe pelo menos pôr remedio a tudo, com favorecerem os Reys mais eſta Ciencia, que anda muito arraſtada; porque naõ ſe applica a ella, ſenaõ quem naõ tem cabedal para curſar outros eſtudos. No Eſtado de Milaõ todos os Medicos tem foro de Condes: nos Eſtados de Mantua, Modena, Parma, e em toda a Lombardia, ſaõ tidos, e havidos por fidalgos, e gozaõ ſeus privilegios. ElRey Dom Sebaſtiaõ começou a applicar algum cuidado neſta parte mandando á Univerſidade de Coimbra, que eſcolheſſem de todos os Gerais os eſtudantes mais habeis, e nobres; e que os applicaſſem á Medicina com promeſſas de grandes accreſcentamentos. Por mais facil tivera mandar á China dous pares delles com as meſmas promeſſas para eſtudarem a Medicina, com que todo aquelle vaſtiſſimo Imperio ſe cura; que ſem controverſia he a melhor do mundo, porque ſabe qualquer Medico pelas regras da ſua arte, em tomando o pulſo a hum doente, tudo o que teve, e ha de ter por horas, ſem lhe errar nenhum accidente; e logo levaõ comſigo os medicamentos para a cura, ſe he que o mal tem alguma: e melhor fora hirmos lá buſcar eſſa Ciencia para reparar a vida, que as porçolanas que logo quebraõ.

CA-

****

Capitulo V.

Dos que saõ ladroens, sem deixarem, que outros o sejaõ.

DO Leaõ contaõ os naturais, que de tal maneira faz suas prezas, que juntamente as defende, que lhes naõ toque nenhum outro animal, por féro que seja. Mais fazem os Açores da Noroéga, que conservaõ viva a ultima ave, que empolgaõ nos dias de Inverno, para terem com ella quentes os pés de noite; e como amanhece a largaõ; e observaõ para onde foge, e naõ vaõ caçar para aquella parte, para naõ acabarem a ave, de que receberaõ algum bem; e naõ reparaõ, em que vá dar nas unhas de outros Açores. Ladroens ha peores, que estes animais, e saõ como elles os poderosos. Todos saõ como os Leoens, que naõ deixaõ, que outros animais se cévem na sua preza; e nenhum como os Açores, que largaõ para outras aves a preza, de que tiraraõ proveito. Naõ admittir companhia no trato, de que se póde tirar proveito, he ambiçaõ, e he interesse, a que podemos dar

nome

nome de furto. E he lanço muito contrario ao natural dos ladroens, que goſtaõ de andarem em quadrilhas, e terem companheiros, e ſerem muitos, para ſe ajudarem huns aos outros: mas iſto he em ladroens mecanicos, e villoens de trato baixo: ha ladroens fidalgos taõ graves, que ſe querem ſós, e que ninguem mais ſuſtente o banco: vê-ſe iſto por eſſas Ilhas, e Conquiſtas, e tambem cá no Reyno. Ha em certa parte certa droga buſcada, e eſtimada de eſtrangeiros, que em certo tempo infallivelmente a buſcaõ para fazerem carregaçaõ della. Que faz neſte caſo o poderoſo, abarca toda de antemaõ pelo menor preço, obrigando os lavradores della, que lha levem a caſa, em que lhe pez: e como ſe vê ſenhor de toda, fecha-ſe com ella, e talha-lhe o preço a ſeu pádar, de ſorte que o eſtrangeiro ha de bebella, ou vertella a ſeu pezar. No paſtel das Ilhas vemos iſto muitas vezes, na coirama de Cabo Verde, no páo do Braſil, na canella de Ceilaõ, no anil, nos baaſares, e outras veniagas: e neſte Reyno o vemos cada dia no paõ, na paſſa do Algarve, na amendoa, no atûm, e em quaſi todas as mercadorias, que vem de fóra, como taboado, livros, baetas, ſedas, telas, &c. as quais os atraveçadores tomaõ por junto,

junto, e fazendo de tudo eſtanques, ſe fazem Reys; porque ſó os Reys pódem fazer eſtanques, e porque ſó aos Reys póde ſer licito o engroſſarem tanto. Iſto de eſtanques he ponto, em que ſe deve hir muito attento, eſpecialmente nas couſas neceſſarias para a vida, como ſaõ mantimentos, e roupas. Que haja eſtanque em ſolimaõ, cartas de jugar, tabaco, pimenta, e diamantes, pouco vay niſſo; porque ſem nada diſſo paſſaremos; mas que ſe permitta, que nos atraveſſem o paõ, e que ſe fechem com elle os ricos avarentos, para o venderem em quatro dobros, quando o povo brame por elle, he negocio, que ſe devé atalhar com todo o rigor, mandando por Ley eſtavel com pena capital, que ninguem venda trigo em nenhum tempo ſobre tres toſtoens: nem ſe ſeguirá daqui faltar o paõ no Reyno, antes ſobejará; porque os eſtrangeiros com eſſe preço ſe contentaõ; e os lavradores nunca o vendem por mais, e aſſim nunca deſiſtiráõ de o trazer, nem de o ſemear: e deſiſtindo os atraveçadores de ſua cobiça, todos o teraõ. Da meſma maneira ſe deve pôr taxa em todas as mercadorias; porque na verdade vaõ todas ſobindo muito ſem razaõ, e queixaõ-ſe os póvos ſem remedio. Hum chapéo, que valia hum cruzado,

cuſta

cuſta hoje dous e tres: hum covado de panno, que ſe dava por tres toſtoens, naõ o largaõ por menos de ſete: huns çapatos, que chegavaõ a doze vintens, ſobiraõ já a quinhentos reis. E aſſim ſe procede em tudo o mais. E ſe lhes pergunto a cauſa deſtes exceſſos? Reſpondem, que pagaõ decimas: e he o meſmo que reſponderem, que o fazem ſem razaõ; pois he quererem que lhes paguemos nós as decimas, e naõ elles; álem de que o exceſſo, em que ſe ſatisfazem, he ametade, ou mais, e naõ a decima parte. Fique iſto advertido de paſſagem, ainda que tambem pertence aos ladroens, que naõ deixaõ, que outros o ſejaõ; porque uſurpando cada official no ſeu trato ganhos taõ exceſſivos, naõ deixa lugar, a quem com elles trata, para intereſſarem couſa alguma, nem aos agentes, e medianeiros, para cizarem hum vintem. E tornemos aos eſtanques, ou atraveçadores, que levaõ o mayor preço deſte capitulo, que acabo com dous exemplos, que andaõ correntes com grande detrimento da companhia da bolça ſobre a compra, e venda dos vinhos para o Braſil: mandaõ hum agente diante á Ilha da Madeira, que os compra em moſto pelo menor preço: e quando chegaõ os navios para tomar a carga, entregalhos cozidos por outro

tro tanto mais do que lhe cuſtaraõ, como ſe o mandaraõ negociar ſó para ſi, e naõ para toda a companhia, cujo era o cabedal, com que effeituou o primeiro lanço. Chegaõ ao Braſil, onde tem taxa, que naõ paſſem as pipas de quarenta mil reis, atraveça-as hum todas pelo dito preço: e verifica á bolça que as vendeo pelo que orça o Regimento. E o ſenhor, que as embebeo em ſi, talha-lhes outro preço, que paſſa de cem mil reis; e fica, quem quer que he, com os ganhos em ſalvo, e a fazenda alhea com os riſcos, ſem deixar que logrem taõ grandes lucros, os que puzeraõ o cabedal, e ſe expuzeraõ aos perigos. Nota para as de mais drogas: quem aſſim empolga no liquido, que fará no ſolido? E advirtaõ todos os atraveçadores, como ſaõ peores que as féras; porque os intereſſes, que reſervaõ ſó para ſi, e védaõ aos outros da preza, que empolgaõ; nos Leoens he por generoſidade, e nelles por villeza, para que lhe naõ chamemos aleivozia. Peores ſaõ que os Açores; pois eſtes largaõ a caça para outros, e elles tudo uſurpaõ para ſi, ſem deixarem que os outros medrem. Medrariamos todos, ſe houveſſe ley, que perca tudo, quem abarcar tudo: e ſeria juſta pela regra, que diz: *Que quien todo lo quiere, todo lo pierde.*

****

CAPITULO VI.

Como naõ eſcapa de ladraõ, quem ſe paga por ſua maõ.

A Hum cego, deſſes que pedem por portas, deraõ em certa parte hum cacho de uvas por eſmola: e como ſe guarda mal cevadeira de pobres, o que ſe póde pizar, tratou de o aſſeguzar logo repartindo igualmente com o ſeu moço, que o guiava: e para iſſo concertou com elle, que o comeſſem bago, e bago, alternadamente; e depois de quatro idas, e venidas, o cego para experimentar, ſe o moço lhe guardava fidelidade, picou os bagos a pares: o moço vendo, que ſeu amo falhava no contrato, calou-ſe, e deulhe os cábes a ternos: naõ lhe eſperou muito o cego; e ao terceiro invite deſcarregoulhe com o bordaõ na cabeça. Gritou o rapaz: porque me dáis? Reſpondeo o amo: porque contratando nós, que comeſſemos igualmente eſtas uvas bago, e bago, tu cómes a trez, e a quatro. Perguntoulhe entaõ o moço: e quem vos diſſe a vós, que fiz eu tal aleivozia? Iſſo

eſtá claro, reſpondeo o cego; porque faltandote eu primeiro no contrato comendo a pares, tu te calaſte, ſem me requereres tua juſtiça; e naõ eras tu taõ ſanto, que me levaſſes em conta, nem em ſilencio a minha ſem-razaõ, ſenaõ pagandote em dobro pela calada. Aqui tomára eu agora todos os Reys, e Principes, Grandes, e Senhores do mundo, para dizer a todos em ſegredo, como andaõ cegos no ponto mais eſſencial de ſeu governo, que he o de ſuas rendas, e theſouros, ſem os quais naõ ſe pódem ſuſtentar em ſeu ſer, nem conſervar ſuas Republicas, e familias. Tenhaõ todos por certo, que ſe naõ guardarem com ſeus ſubditos a devida correſpondencia nos pagamentos, e remuneraçoens dos ſerviços, que lhes fazem, que ſe haõ de pagar por ſua maõ. E boa prova diſſo ſeja, que devendo a tantos, nenhum os cita, nem demanda, porque haõ medo do baſtaõ da potencia, em que ſe firmaõ, com que lhes pódem quebar as cabeças; mas para remirem ſua vexaçaõ, uſaõ do direito natural, que os enſina a refazer-ſe pela calada, e pelo mais quieto modo, que lhes he poſſivel: e como a ſatisfaçaõ fica na ſua révera, he ordinariamente em dobro; porque o amor proprio os faz cuidar, que tudo he pouco para

o que

o que merecem. E daqui vem, o que temos visto muitas vezes neſte Reyno em Embaixadas, e emprezas, que Sua Mageſtade manda fazer, dando ſempre mais do neceſſario para os gaſtos, e no cabo naõ ha reſultas, nem ſobejos, que reſtituaõ. Nem ha razaõ que dár a eſte ponto mais, que a de dizermos, que tomaõ tudo para ſi por paga de ſeus ſerviços; ſem admittirem, que vaõ eſtes ſatisfeitos ſobre outras mercês, que receberaõ de antemaõ; e que pódem faltar eſtas, córaõ com eſte pretexto a ſobeja diligencia, com que ſe pagaõ. Duas razoens ha muito evidentes, com que ſe prova o muito, que agaſalhaõ dos cabedais, que paſſaõ por ſuas mãos: primeira, que o fogo, onde eſtá, naõ ſe póde eſconder, logo lança fumo, e luzes: e aſſim ſaõ eſtes, que logo tem fumos de mayores grandezas, e brilhaõ luſtres, que manifeſtaõ o proveito, com que ſahiraõ da empreza, em que apregoaõ, que fizeraõ grandes gaſtos de ſua fazenda, para deslumbrarem o luzimento, que a pezar de ſua mentira deſcobre a verdade. Se gaſtaſte tanto, e te atenuaſte, irmaõ, como engordaſte? A ſegunda razaõ ainda mais efficaz he, que ás vezes manda ElRey noſſo Senhor Religioſos a tais emprezas com menos cabedal, e nenhumas mercês, porque naõ lhes

dá titulos, nem comendas, e com tudo no fim dellas reſtituem grandes ſobejos. Dirá alguem que he, porque gaſtaõ menos, e eu digo que he, porque guardaõ mais: e ambos dizemos o meſmo; mas com eſta declaraçaõ, que todos gaſtaõ da fazenda Real, aquelles guardaõ para ſi, e eſtes para ſeu dono: aquelles pagaõ-ſe por ſua maõ, e eſtes naõ tratáõ de paga, ſenaõ de reſtituiçaõ. Mas deixando eſta materia, que me póde fazer odioſo com gente grande, e poderoſa, e eu quero paz com todos, aſſim como trato de os pôr em paz com ſuas conciencias; ſó nos Reys, e Principes grandes tomára perſuadir bem eſta verdade, que paguem pontualmente o que devem, ſe querem que lhes luzaõ mais ſuas rendas; porque he certo, que naõ ha, quem ſe naõ pague, ſe acha por onde: e quando naõ acha, buſca outro do ſeu lote, que dava ao Rey alguma couſa, e compoemſe com elle: daime duzentos mil reis, e dezobrigovos de mil cruzados, que deveis a ElRey, porque elle me deve a mim outros tantos. Já, ſe ſuccede, que o primeiro deva ao ſegundo alguma couza, ahi fica o contrato mais corrente; porque com pecunia mental ſe ſatisfaz tudo; e ſó o Rey fica defraudado na Real; porque com eſtas, e outras traças nada ſe lhe reſtitue:

e vem a montar no cabo ao todo diſpendios muito grandes; porque ſuccedem ſerem mais que muitos eſtes lanços, e paſſarem de marca as quantias delles. E ſe buſcarmos a raiz deſtas perdas grandes, havemola de achar no deſcuido das pagas pequenas, que occaſionaraõ licença nos acrédores, para ſe pagarem de ſua maõ, ſem repararem na cenſura de ladroens, que incorrem pelo que levaõ de mais: e ſe algum pezar os acompanha, he de naõ acharem mais, para ſe pagarem tambem de dous perigos, a que ſe puzeraõ; primeiro de perderem o ſeu, ſegundo de ganharem a forca.

Eſta ſarna, ou tinha, que pelas mãos ſe pega, he taõ vulgar, que naõ ha peſſoa, por ignorante que ſeja, que naõ ſaiba pagar-ſe deſtriſſimamente por ſua maõ, até em couſas muito leves; porque mais ſabe o ſandeu no ſeu, que o ſabio no alheo: e o meſmo he, quando cuida que o alheo lhe pertence por algum ſerviço; e para que lhe pertença, e para o appropriar a ſi, ſabe dar dous boléos ao que traz entre mãos, melhor que nenhum volatim: qualquer negocio, ou mandado, que vos fazem, hum empreſtimo que ſeja, logo o julgaõ por digno de grande paga: e em lhes cahindo alguma couza voſſa

na maõ, de que poſſaõ cizar, com ambas as mãos empolgaõ nella, para ſe remunerarem álem das medidas: e naõ baſta dizerem, e proteſtarem que vos ſervem por cortezia, nem contratardes com elles em o tanto, que lhes pagais pontualmente: porque a cortezia verdadeira, que profeſſaõ, he julgarem todos, que muito mais merecem, ſem advertirem, que o dado he dado, e o vendido he vendido; e que naõ pódem alterar nas obras, o que aſſentaõ com as palavras. E já lhes eu perdoára tudo, aos que ſe pagaõ por ſua maõ, ſe leváraõ ſómente, o que ſe lhes póde dever a juizo de bom varaõ; mas pagaõ-ſe pela ſua almotaceria, que ſempre he mayor, e occaſionaõ grandiſſimas perdas aos proprietarios; como ſe vê na peſcaria do aljofar, e perolas no Oriente, que rendia mais de hum milhaõ em outros annos á Coroa de Portugal, e para os peſcadores, que eraõ mais de quarenta mil, com quinhentas embarcaçoens grandes; porque havia, quem pagaſſe aos miniſtros fielmente ſem lhes abrir entrada, por onde enſopaſſem a maõ em monto taõ groſſo. Tiveraõ eſtes traças para encorporarem em ſi a adminiſtraçaõ das deſpezas, e recibos, tirando-a de peſſoas Religioſas fideliſſimas, a titulo de mais facil expediente: e ſeguio-ſe logo ſerem

os

os mergulhadores mal pagos, e os miniſtros remunerados em dobro, porque ſe pagavaõ eſtes por ſua maõ, e aquelles pela alhea: fugiraõ os peſcadores; e os que acodem forçados, ſaõ taõ poucos em comparaçaõ do que eraõ, que naõ chegaõ a dez mil, com duzentas embarcaçoens pequenas; e aſſim ficaõ os lucros taõ tenues, que naõ pódem avançar a duzentos mil cruzados; e ſó os miniſtros engordaõ, porque ſe pagaõ por ſua maõ. Na compra do Salitre, e Pimenta, ſuccede quaſi o meſmo lá neſſas partes: vinhanos de Maduré o Salitre trazido por particulares a duas patacas o bar, que ſaõ dezaſeis arrobas; comprava-ſe todo para a Coroa de Portugal com grandiſſimo lucro: naõ achavaõ os miniſtros Reaes polpa em droga taõ barata, para empolgarem as unhas: trataraõ de a haver dos Naiques, que ſaõ os Reys daquelle Imperio, os quais ſabendo a eſtima, que faziamos do que elles arbitravaõ como ſe foſſe arêa, fizeraõ logo eſtanque, de que naõ deixaõ ſahir o Salitre por menos de vinte patacas o bar: e o meſmo ſuccedeo na Pimenta por toda a India, por ſe cevarem mais do devido as unhas dos miniſtros em ſeus pagamentos.

****

CAPITULO VII.

Como tomando pouco ſe rouba mais, que tomando muito.

PArece que ſe contradiz o aſſumpto deſte capitulo, mas eſſa he a excellencia deſta arte, que até de implicaçoens tira conſequencias certas para os fins, que profeſſa. E podera-ſe provar com o que furta a agulha ao alfayate em lugar, e occaſiaõ, que naõ póde comprar, nem haver outra; e poriſſo fica impoſſibilitado para trabalhar aquelle dia, e os que ſe ſeguem; com que perde os ſeus jornais, e ſalarios, que vem a fazer quantia groſſa. E he ponto eſte, que tem dado muito que ſuar aos Doutores Moraliſtas ſobre a reſtituiçaõ dos lucros ceſſantes, e damnos emergentes conſideraveis do official, a que deu cauſa o ladraõ com taõ leve furto, como he o de huma agulha, que val quando muito real e meyo; e querem quaſi todos, que ſeja furto de reſtituiçaõ os damnos graves recebidos por taõ leve cauſa. Do meſmo modo diſcurſaõ no que furtou

tou a cabra, ou a galinha, de que ſeu dono eſperava muitos frutos. E aſſim ſuccede furtarem muito, os que tomaõ pouco. Mas naõ he minha tençaõ occupar a máquina deſte capitulo com ninherias. Vôe a noſſa penna a couzas mais altas. Todos ſabem o dito cõmum: *Que tanta pena merece o conſentidor, como o ladraõ:* e neſta toada ha ladroens, que naõ furtando nada, porque nada lhes fica, furtaõ quaſi infinito; como ſe vê nas Juſtiças, em Guardas, Meirinhos, e outros officiais, aſſim na paz, como na guerra; os quais por diſſimularem, ou naõ vigiarem, daõ cauſa a grandiſſimos furtos, e intoleraveis ladroîces: já ſe vaõ forros, e a partir, com os que metem as mãos na maſſa até os cotovelos empolgando nas fazendas Reaes, nos direitos, nos tributos, nos fardos, que desbalizaõ, e nas drogas, que á força fazem ſer de contrabando; ahi digo eu que vay o furtar de monte a monte, e que tomaõ os tais miniſtros ſobre ſi cargas irremediaveis de reſtituiçaõ, cujos antecedentes naõ logràõ, e ſó com as conſequencias das tiçoadas, que por tudo haõ de levar, ſe ficaõ. Ponhamos exemplos nas materias tocadas, e conhecerá todo o mundo os ladroens, que furtaõ mais, quando tomaõ menos.

Co-

Comecemos pelos mais graves. Sabe hum Meſtre de Campo, que tem quatro Capitaens no ſeu terço, que recolhem os pagamentos de ſeus Soldados a titulo de os repartirem fielmente por elles, e que os jogaõ no meſmo dia, em que lhos entregaõ, ficando aſſim Soldados, e Capitaens ſem bazaruco, e diſſimulaõ com iſſo? Pois ſaiba o Senhor Meſtre de Campo, quem quer que he, que fica ſendo em conciencia taõ grande ladraõ, como os ſeus Capitaens. Reſpondeme negandome a conſequencia; porque nada tomou para ſi. Mas a iſſo lhe digo, o que já tenho dito, que ha ladroens, que naõ furtando nada, furtaõ muito, e elle he o mayor de todos, pois deu occaſiaõ a mayores damnos, naõ ſó na fome, e deſnudez dos Soldados, e nos roubos, que lhes occaſionou fazerem para ſe remediarem; mas tambem na batalha, que ſe perdeo a ſeu Rey, por naõ hirem alentados, e contentes.

Caſo notavel, e que poderia acontecer! Veyo do Nórte a certo homem de negocio hum navio de bacalháo meyo cotrupto, e tal que deſeſperou da venda, e gaſto de tal droga: foy-ſe a hum Conſelheiro, ou Provedor das fronteiras, meteo-lhe dous mil cruzados em ouro na maõ para luvas com ſen borslado, que em mayores

em-

empenhos o deſeja ſervir, ſe lhe der paſſagem a huma partidazinha de bacalháo para os gaſtos da guerra, e o dará barato, por pouco mais do que lhe cuſtou, por fazer ſerviço a Sua Mageſtade. Deixe v. m. eſtar o lanço, lhe reſponde elle com os dous mil nas unhas, que hoje o porey em conſelho, e ſeraõ Sua Mageſtade, e v.m. ſervidos. Eſperalhe pancada, e em vindo a pêlo a fome dos Soldados, propoem muito ſevero, e grave: Senhores meus, bacalháo he muito bom mantimento para campanha, e povoado; tem-ſe de reſerva, e he ſadîo: e eu tenho, porque nada me eſcapa, quem nos dê huma partida groſſa muito barata. Toca a campainha, acode o porteiro: chamay cá eſſe homem de veludo raſo, que ahi eſtá fóra: entra elle vendendo bullas, e fazendo-ſe de rogar, e que tem dous mil quintais para provimento do povo, que ha de ficar bramindo; mas que o ſerviço de Sua Mageſtade ha de hir diante, e que terá o povo paciencia, e que lhe haõ de dar vinte mil cruzados pela dita partida, e que ſe lhe derem hum real menos, fica perdido. Va-ſe v.m. para fóra, temos ouvido, conſultaremos. Sahe-ſe elle para fóra promettendo candeînhas a Santo Antonio, ou ao Mexias, que lhe depare boa ſahida á ſua fazenda perdida.

Dá

Dá hum brádo o promotor do negocio: aqui veraõ VV. SS. como ſirvo a Sua Mageſtade. Famoſo lanço reſpondem todos, naõ ſe perca, embarque-ſe logo todo para Aldea Galega, e contem-ſelhe os vinte mil cruzados; e aſſim ſe effeitua. Vaõ diante ordens apertadas aos Juizes, e Corregedores, que prendaõ almocreves, que embarguem beſtas, tudo ſe executa: e lá vaõ comendo todos do bacalháo por eſſas eſtradas até Elvas, onde o molhaõ, para que naõ falte no pezo; recolhe-ſe nos armazens molhado ſobre corrupto, e ao ſegundo dia já enjoa toda a Cidade com o cheiro; os Soldados naõ o aceitaõ, nem os caens o comem. E ſe alguem naõ tiver iſto por factivel: veja lá naõ lhe provem, que lhe ſuccedeo a elle. Digaõ-me agora os ſenhores Doutores, ſe he iſto furto, ou eſmola, que ſe fez a Sua Mageſtade: no Conſelho o appellidaraõ por ſerviço, em Elvas lhe chamaõ perda, e poucas letras ſaõ neceſſarias para lhe dar o nome proprio, que he furto legitimo. Quem fez eſte furto he a mayor duvida? O mancebinho, que recolheo os dous mil cruzados, cuida que nada fez; e elle por eſtes algariſmos vem a ſer, o que tomando pouco furtou muito; porque deu occaſiaõ a arderem vinte mil cruzados delRey ſem

ne-

nenhum fruto. Na alma lhe naõ quizera eu jazer á hora da morte.

****

CAPITULO VIII.

Como ſe furta ás partes, fazendolhes mercés, e vendendo-lhes miſericordias.

OFfereceo-ſe o milhano á galinha para ſer ſeu enfermeiro em huma doença, e em cada viſita lhe mamava hum pintaõ pela calada, até que deu fé pela diminuiçaõ de ſua familia, e caſa, que a mercê, que lhe fazia o ſeu Medico, tinha mais de furto, que de miſericordia. Saõ os Miniſtros, com que ſe governaõ ás Republicas, como Medicos, que acodem a ſeus trabalhos, que ſaõ as ſuas doenças; e accreſcentarlhe eſtas a titulo de cura, e de miſericordia, he aleivozia, e he ladroîce deſcarada, e acontece de mil maneiras; toco algumas, que todas naõ póde ſer. Manda ElRey noſſo Senhor fazer infanteria pelas comarcas do Reyno para provimento das fronteiras, e do Braſil, ou da India: vaõ os Cabos muito bem providos de dinheiro, que

lhes

lhes dá Sua Mageſtade para os pagamentos; levaõ ſeus officiais em fórma com todos os requeſitos; para que tudo ſe faça authentico com razaõ, e juſtiça. Chegaõ a hum lugar, tomaõ noticias dos que ha mais aptos, e expeditos para as armas: ſaõ logo malſinados, os que tem inimigos, e chovem eſcuſas ſobre os que ſaõ aparentados: paſſa o Cabo cedulas aos meirinhos, que lhos tragaõ alli todos; e ſe os naõ acharem, que lhe tragaõ os pays, ou as mãys por elles: e elles que goſtaõ mais do ninho, em que ſe criaraõ, e levallos á guerra he arrancarlhe os dentes; poem-ſe em cobro, deixando ſeus pays nos piotes, que para remirem ſua vexaçaõ, e a de ſeus filhos, lançaõ mil linhas; e vendo que as de interceſſoens naõ montaõ, appellaõ para as do intereſſe: offerece cada qual os vinte, e os trinta cruzados, que naõ tem, e para os fazer vende até a capa dos hombros; e tanto que os dá por baixo da capa, logo eſcapa, e livra o filho a titulo de manco, ſendo mais eſcorreito que hum veádo: e naõ ſaõ poucos, os que trincaõ a ſedéla deſta maneira em cada terra; com que vem a ſer mais que muito o cabedal dos milhafres, que em vez de fazerem gente para a guerra, fizeraõ theſouro para a paz, e para o jugo. Muitos pays houve, que

livra-

livraraõ ſeus filhos ſeis, e ſete vezes deſte modo, em differentes annos; com que lhes vieraõ a cuſtar tanto, como ſe os reſgataraõ de Turquia.

O meſmo ſuccede nos apreſtos das armadas para a cóſta, e frotas para o Braſil, e India. Faltaõ barbeiros, falta marinhagem? Alto ſus: vaõ os ſargentos por eſſa Ribeira, revolvaõ a Cidade, prendaõ, e tragaõ toda a couza viva, que poſſa preſtar para os tais miniſterios, e cá faremos a eſcolha: e como ſe o decreto ſora rede varredoura para ajuntar dinheiro, vaõ empolgando em quantos achaõ geitozos, para pingarem quatro toſtoens, porque os deixem: vinde por alli, que ſois marinheiro; e vós vinde tambem, que ſois ſangrador. Ha que delRey, grita eſte, que naõ eſtou ainda examinado! Que naõ ſou marinheiro do alto, chora aquelle! Deixem-nos voſſas mercês, eiſaqui duas patacas para beberem: que naõ ha patacas, inſtaõ os agarradores, todas ſaõ falſas, viva Deos, e tudo he falſo, quanto allegais; bem vos conhecemos. Pois poriſſo meſmo, acodem os ſalteados, haõ voſſas mercês de uſar de miſericordia comnoſco, pois nos conhecem; e ſerem ſervidos de nos darem huma palavra aqui á parte de ſegredo, que importa ao ſerviço de Sua Mageſtade. E tanto que lhe untaõ as mãos com

moeda

moeda corrente, logo os deixaõ eſcorregar dellas, aviſando-os, por lhes fazerem mercê á puridade, que naõ apparéçaõ os oito dias ſeguintes até darem á vela, e aos circunſtantes, que acodiraõ a ver a morte da bezerra, daõ ſatisfaçaõ com deixem paſſar ſenhores eſtes fidalgos, que ſaõ familiares. E eiſaqui como eſtes, e outros fazendo mercês, e vendendo miſericordias, furtaõ a trecho: e vem a reſultar de tudo, que fazem os provimentos, dos que naõ tiveraõ ſubſtancia para ſeu reſgate, de quatro máos trapilhos inuteis, e miſeraveis; e poriſſo depois em ſeus póſtos ha as faltas, que choramos: nem ſe devem imputar a elles, que ſaõ huns coitados, ſenaõ a quem tais provimentos faz, eſfolando a noſſa Republica para engordar a ſua pelle, e encher a bolça.

Outro modo ha mais admiravel de furtar fazendo mercês, que entra em mayor cuſto, e toca em ſugeitos mais altos, aſſim nas perdas, como nos ganhos. Apreſtaõ-ſe as náos para a India, naõ ha Pilotos, nem bombardeiros; porque ſaõ officios, cujas artes já ſe naõ profeſſaõ, nem enſinaõ: offerecem-ſe os lacayos dos mayores ſenhores a ſeus amos, para que os façaõ prover neſtes officios, em ſatisfaçaõ de ſeus ſerviços; porque ſabem que tem mayores lucros nelles, que em pen-

ſar

ſar as mulas, e frizoens dos coches: e tal houve, que dizendo-lhe ſeu amo: como pódes tu ſer Piloto de huna náo, ſe nunca entraſte nella, nem ſabes que couſa he Baleſtilha, nem Aſtrolabio? Naõ repare V. S. niſſo, reſpondeo elle, porque as náos da India naõ haõ miſter Pilotos; ſempre ouvi dizer, que Deos as leva, e Deos as traz. E fiados niſto, ou em ſeus intentos, que elles ſaberaõ quais ſaõ, e nós tambem, provêm os officios das náos de maneira, que quando vem á praxe, e exercicio delles, nenhum ſabe, qual he a ſua maõ direita: e poriſſo vaõ dar com as náos por eſſas coſtas, e ſe deixaõ render nas occaſioens de peleja; e vemos perdas taõ grandes, e intoleraveis, que pelo ſerem muito, as attribuîmos aos peccados, que naõ vemos, e ſe poderiaõ muitas vezes queixar de ſe lhe levantarem tantos falſos teſtemunhos; como lá, naõ ſey onde, ſe queixou hum diabo de certo noviço, que deu a ſeu Meſtre por eſcuſa de huns óvos, que frigio em hum papel á candêa, que o tentára o demonio; o qual acodio logo por ſua innocencia deſmentindo-o, que tal fritada naõ ſabia, como ſe podia fazer daquella maneira. Naõ nego, que peccados nos pódem fazer, e fazem muita guerra; mas vejo que ignorancias ſaõ as que nos deſtroem,

e quem favorece eſtas a titulo de miſericordia, dá occaſiaõ a mayor crueldade: e fazendo eſmolas, e mercês a ſeus criados, faz furtos, e dá perdas á Republica, que naõ tem reparo.

****

CAPITULO IX.

Como ſe furta a titulo de beneficio.

BEneficios ha ſem penſaõ, e beneficios ha com ella. Tomara eu os meus deſobrigados, para naõ deſejar a morte ao penſionario. Se o beneficio he tenue, e a penſaõ groſſa, melhor me fora ſer Cura, que Beneficiado. Iſto he, que melhor me eſtava curar de mim com trabalho, que renderme a outrem com tributo. O intereſſe he moeda, que todos os homens cunhaõ, e ſó entre elles corre, e a falſificaõ de maneira, que por cobre querem que lhe deis prata. Deos Noſſo Senhor eſtá continuamente enchendo eſte mundo de beneficios ſem eſperar outra penſaõ, mais que de louvores em agradecimento. He hum milagre continuo a diſpoſiçaõ, e providencia, com que o Ceo governa os tempos do anno, fazendo com ſuas in-

fluencias

fluencias ſahir partos dos Elementos, animais, e plantas, com que os Racionais ſe ſuſtentaõ, e veſtem; ſem poriſſo nos penſionar mais que em louvores, que quer lhe demos; tributo facil, porque depende de affectos, que ſaõ naturais, e poriſſo de nenhuma moleſtia ao agradecido. Os Reys tambem ſaõ como Deos; e como a natureza neſta parte a tudo acode com univerſal providencia, diſpondo as couſas com ſuas Leys de ſorte, que ſe naõ houver quem as quebrante, naõ haverá fome, que afflija os pobres, nem adverſidades, que inquietem os pequenos; todos, altos, e baixos andaráõ ſatisfeitos, ſem as penſoens de tributos, que ſe occaſionaõ de disbarates, que os ambicioſos, e turbulentos movem; e para ſe reprimirem he neceſſario que todos concorraõ, porque as forças de hum Rey ás vezes naõ baſtaõ, para enfrear a violencia dos grandes, que ſempre traz pregoadas guerras com a fraqueza dos pequenos. A opulencia he eſponia, que ſe céva na ſubſtancia da pobreza, e he hydropeſia, que nada a farta: e dahi vem arrebentarem huns de gordos com a abundancia, e entiſicarem outros de magros com a eſterilidade. E no cabo cuidaõ os grandes, que ſaõ como as ſanguixugas, que fazem grande mal ao doente, quando lhe chupaõ o

ſangue; cuidaõ que fazem ſoberano beneficio aos pequenos, quando ſe ſervem delles até os aniquilarem. O beneficio, que vos fazem, he ſervirſe de vós, e a penſaõ tomarvos a fazenda, como ſe a ganharaõ, quando vos admittiraõ ao ſerviço, que lhes fizeſtes. Naõ ſe vio mayor ſem-razaõ! E eu lha perdoara [porque cuidaõ que vos authorizaõ, quando vos chegaõ a ſi, e que naõ ha em vós preço, com que lhe poſſais pagar eſte beneficio] ſenaõ accreſcentaraõ a eſte dilirio outro peor, de vos venderem tambem por beneficio o deixarem de vos affligir, quando os excita a iſſo a vingança injuſta, que conceberaõ contra vós, por naõ vos profeſſardes eſcravos ſeus, até quando naõ ſó a natureza, mas tambem a concurrencia das obrigaçoens, que ſonhaõ, vos fez livre. E para que naõ pareça iſto diſcurſo fantaſtico, a quem o ler, ponho-o na praxe de hum exemplo, e ficará claro, e bem entendido.

Naõ ha Reyno no mundo taõ bem provîdo como eſte noſſo de Portugal; porque álem do que dá de ſi baſtante para ſeu ſuſtento, luſtre, e agrado, tem de ſuas Conquiſtas, com que ſe enriquece, e provêm todas as Naçoens. E como o menêo de tantas couſas he grande, ha miſter grandes homens, que lhe aſſiſtaõ com grande gover-

no

no em todas as partes, aonde chegaõ ſeus commercios. Deſtes houve antigamente, e ainda ha alguns taõ fidalgos, que eſtimando mais a honra, que theſouros, trataraõ ſó de dar o ſeu a ſeu dono; e aſſim tornaraõ para ſuas caſas ricos ſó de bom nome, que he melhor, que muitas riquezas, como diz o Sabio. Outros pelo contrario, antepondo as leys da cobiça aos reſpeitos da nobreza, naõ ſó ſe fazem chatins, mas eſtendendo as redes até pelo alheo, ſe fazem ricos á cuſta dos pobres, com tanta arte, que querem á força lhe fiquem a dever dinheiro, depois de ſe ſervirem delles, e os deſpojarem de quanto tinhaõ. Soube hum Governador deſtes, que certo negociante tinha hum trancelim de diamantes, que ſe avaliava em cinco mil cruzados: creceolhe a agua na boca, e mandoulho pedir ſó para o ver por curioſidade: e depois de viſto, torna outro recado, que eſtimará lho venda: tenho-o para o dar em dote a huma filha, lhe reſpondeo o dono. Seja aſſim, diz o ſenhor Governador; e eiſahi tem v. m. a ſua peſſa: e antes de vinte e quatro horas o manda notificar, que ſe embarque prezo para o Reyno, para dar conta diante de Sua Mageſtade de certos cargos, e crimes *læſæ majeſtatis*, provados com mais de vinte teſtemunhas. Lança o bom Portuguez ſuas con-

tas: eu naõ devo nada a ElRey; mas dizem lá que á cadêa nem por coima de figos, e ſe me deixo hir, hey de gaſtar mais de dez mil cruzados no livramento, e no cabo naõ ficarey bem limado de tudo, ſobre bem affligido. Leve S. Pedto o trancelim, que taõ caro me cuſta. Chama hum Religioſo deſtro, e de ſegredo, entregalho com hum recado para ſua Senhoria, que lhe faça mercê de ſe ſervir daquella peſſa, e de tudo o mais, que ha em ſua caſa, porque eſtava zombando, quando lhe mandou o recado do dote. Aceita o ſenhor Governador o envoltorio, dando a entender, que cuida ſaõ reliquias, que lhe offerece o Reverendo Padre, e ajunta muito criminoſo: Grande couza he ter hum amigo em Arronches. Póde agradecer a V. P. eſſe cavalheiro a mercê, que lhe faço de o abſolver de culpa, e pena: e dê graças a Deos, que eſcapou de boa. Por eſta arte fazendo beneficio da maldade que urdiraõ, chupaõ em ſatisfaçaõ, quanto ha precioſo em ricos, e pobres. Façaõ-me mercê, que lhes reſiſtaõ, e veraõ, onde vaõ parar ſuas vidas, e fazendas.

De outras tretas uſaõ ainda mais ſuaves para ſe fazerem ſenhores do alheo a titulo de beneficios fantaſticos, principalmente quando trataõ de ſe voltarem para o Reyno: fingem-ſe valîdos, e

pode-

poderoſos com os Miniſtros de todos os Conſelhos, e até com as Altezas, e Mageſtades: offerecem-ſe aos que ſentem de mais churume, que faraõ na Corte ſuas partes: e como nenhuma ha, que naõ tenha nella requerimentos, todos ſe diſpendem com donativos, e offertas, que dizem com as peſſoas; e elles vaõ agaſalhando tudo, e pondo em liſtas [que nunca mais haõ de ver] ſeus negocios: e para os apoyar moſtraõ cartas, que fingem dos Valîdos, e Miniſtros, onde vaõ topar os pleitos, e requerimentos, e fazendo dellas eſporas, e garavatos, deſpenhaõ os pertendentes, e os desbalizaõ de quanto tem: e aſſim os roubaõ a titulo de lhes fazerem beneficios, ſem chegarem nunca os acrédores a colher os frutos de ſuas eſperanças; porque ſemearaõ em terra eſtéril, e matto maninho. Deos nos ajude, e nos dê a conhecer coraçoens fingidos; a natureza, e os elementos produzem tudo para os homens, ſem lhes pedirem nada por taõ grandes beneficios: e os homens ſaõ taõ intereſſeiros, que ſem lhe darem nada, lhe querem levar tudo por huma mercê fingida. Naõ ha entre elles beneficio ſem penſaõ, e he ordinariamente taõ pezada, que nada me deixa para alivio. O Reyno eſtá ſempre cheo para elles, e para mim ſó vazio; os Reys trataõ de todos, e elles ſó de ſi, e nenhum

de mim, ſenaõ quando me ſentem com churume, que poſſaõ ſorver. Vêlos-heis viſitarem-ſe huns aos outros com alvitres de grandes ganancias, ſe entrarem ao eſcote nos empenhos, que trazem por mar, e terra; e que vos fazem mercê de vos admittirem ao trato da ſociedade, de que eſperaõ frutos, e lucros, que tirem a todos o pé do lodo: e o ſeu intento he pôr-vos de lodo, deſpojando-vos da ſubſtancia, para a encorporarem em ſi; e com pretexto de vos fazerem beneficiado, vos deixaõ *Zote de requie*: e quando abris os olhos, achais, que o deſcanço ſe vos converteo em demandas, com que acabais de deſpenhar o ruço a traz das canaſtras; eſtas vaõ cheas para elles, e aquelle fica dando-vos couces na alma: *Equo né credite Teucri. Timeo Danaos, & dona ferentes.*

****

CAPITULO X.

Como ſe pódem furtar a ElRey vinte mil cruzados a titulo de o ſervir.

A Era he taõ deſarrezoada, que com ſumma *Habilidade*, digo humildade, ajunta ſoberba ſum-

ſumma, tomando ſatisfaçaõ atroz de hum ſerviço inutil, como ſe o que dá, fora muito, ſendo nada; e o que toma fora nada, ſendo mais que muito. He por natureza taõ humilde, e raſteira, que ſe naõ tiver, quem lhe dê a maõ, nunca ſe levantará do pó da terra: e he por artificio taõ ſoberba, que naõ pára, até naõ ſobrepujar a quem lhe deu o alento; nem deſcança, até naõ deſtruir a ſeus bemfeitores, roubando-lhes a ſubſtancia, e arruinando-lhes o ſer em ſatisfaçaõ do leve ſerviço, que lhes faz do ornato de ſuas folhas. Levanta-ſe por beneficio das mais altas arvores, a que ſe encoſta; dilata-ſe com o favor dos mais fortes muros, a que ſe arrima; pagalhes com ſua freſcura, e paga-ſe deſta ruina, e deſtruiçaõ total de todos ſeus Mecenas. Até aqui ingratidaõ! E tais ſaõ homens humildes por natureza, ſoberbos por artificio, que recebendo de ſeus ſenhores o ſer, e beneficios ſem conto, eſcaſſamente lhe fazem hum leve ſerviço mais de folhagem, que de ſubſtancia, e logo ſe pagaõ delle pondo-os no ultimo, e dando-lhes ſaco ao mais eſſencial, ſem repararem ruinas, que a grandes diſpendios neceſſariamente ſe ſeguem. Naõ tolho que ſe paguem ſerviços: mas eſtranho ſatisfaçoens, que excedem; e que as affectem ambicioſos, até onde naõ ha merecimentos.

tos. Córando eſtes com a meſma acçaõ pernicioſa, eſtaõ roubando a ſeu Rey, e a ſeu Senhor, e querem que poriſſo vá chea de merecimentos a maõ, que enchem de rapinas; e que tudo ſeja pouco para premio de ſua aleivozia disfarçada com maſcara de ſerviço. E ainda que nelles houvera ſerviços dignos de premio, ſaõ os pagamenros, com que ſe ſatisfazem, taõ groſſos, que excedem todo o merecimento. Vinte mil cruzados diſſe no titulo deſte capitulo? Pois diſſe pouco, quando ſey caſos de quarenta, e de oitenta mil cruzados levados de codilho em occaſiões, que a ſabedoria do vulgo ficou cuidando, que recebia ElRey no lanço hum ſerviço heroico de grandiſſimo intereſſe. Succedeo o caſo, naõ direy onde, porque naõ trato de ſindicar invaſoens de inconfidentes, ſenaõ de advertir Miniſtros fieis, para que ſaibaõ, por onde ſe nos vay a agua: baſta ſaber-ſe, que álem-mar recolhem os Reys de Portugal para ſi todos os dizimos, como conquiſtadores; porque os Papas os largaraõ aos Méſtrados, para levarem avante a converſaõ da Gentilidade, e ſuſtentarem o culto Divino naquellas partes com magnificencia da Fé, e augmento da Chriſtandade. Em huma praça pois deſſas mais opulentas ſe pôem em lanço cada tres annos as rendas dos di-

zimos,

zimos, a quem dá mais por ellas, e andaõ orſadas huns annos por outros em cento e quarenta até cento cincoenta mil cruzados. Urdio hum poderoſo os lanços de maneira, que naõ ſobiraõ de ſeſſenta mil cruzados; e nelles ſe rematou o ramo a hum Prióſte ſeu confidente, com quem hia forro, e a partir: e para iſſo intimidou todos os lançadores, e prendeo alguns, que tinha por mais affoutos, para os impoſſibilitar naquelle tempo, por lhe conſtar queriaõ lançar no tal ramo, cento quarenta e tres mil cruzados, como no triennio antecedente tinhaõ lançado, e no ſeguinte lançaraõ, porque ſe lhes removeo o impedimento. Donde ſe colhe, que naõ defraudaraõ a Sua Mageſtade mais que em oitenta e tres mil cruzados, pondo em pés de verdade, que lhe fizeraõ grande ſerviço, para que ſe naõ perdeſſe de todo a arrendaçaõ dos dizimos, viſto naõ haver quem déſſe por elles mais. E deſtas ninherias ha por lá muitas guizadas com tais eſcabeches, que he neceſſario muito ardil para lhes dar na têmpera: e ainda que ha quem a entenda, aſſim como ha quem a goſte, naõ ha quem a declare, por ſe naõ encarregar de deſgoſtos, arriſcando a vida, e a honra á ventura de haver, quem faça prevalecer ſuas mentiras contra minhas verdades.

Outro modo ainda mais corrente, e menos arriſcado que eſte, com que ſe furtaõ a Sua Mageſtade todos os annos os vinte mil cruzados, que propuz no titulo, ſem ſe ſentir a pontada, nem abrir ponto, por onde ſe poſſa emendar a rotura, E he aſſim, que os Reys de Portugal ſaõ Senhores de todos os mattos do Braſil, e conſeguintemente de todas as madeiras, que ſe talhaõ nelles: e he certo que todos os annos ſe fabricaõ mais de cincoenta mil caxas para vir o aſſucar, tabaco, gengivre, malagueta, &c. e que naõ ſe paga a ElRey por tanto taboado, e madeira, nem hum ceitil, achando os intereſſados, que aſſás o ſervem nos direitos, que de tantas drogas pagaõ, como ſe os naõ deveraõ por outra cabeça: e por eſta arte, a titulo de o ſervir, lhe defraudaõ cincoenta mil cruzados, que lhes poderá levar por outras tantas caxas, que bem baratas hiriaõ por eſte preço: e ainda que lhas naõ déſſe mais que a dous toſtoens [que ſeria dallas de graça] faria vinte e cinco mil cruzados, que computados pelos annos, que tem aquelle Eſtado de noſſo commercio, e paſſaõ de cento e cincoenta, fazem ſomma de dous milhões e meyo: e em tanto eſtá defraudada eſta Coroa a titulo de bem ſervida: e no cabo os ſeus Miniſtros, que ſe prèzaõ de belizes, e que peſcaõ

ato-

atomos com linces, naõ tem dado fé desta perda, se quer para fazerem della alvitre: nem eu o vendo por tal.

Ministros vigilantes, e intelligentes, naõ tem preço, com tanto, que naõ despontem de agudos para seu proveito, como hum, que me veyo á noticia ha poucos annos, que de hum sorvo engolio vinte mil cruzados de direitos em Lisboa, para que naõ cuidem que só porhi álem se fazem os bons saltos: fez este cadimo o seu com pretexto de servir bem a Sua Magestade, e ajudaraõ-no sendo dos bisonhos, a quem o faraute da empreza perguntou, quanto queriaõ em bom dinheiro de contado por lhe esperarem quatro palavras tabaliôas com outras tantas trochadas pelas costas com huma bengalla? Conforme ellas forem, responderaõ elles, naõ se desavindo no contrato, seraõ de amigo: *Et citra sanguinis effusionem.* Tanto, mas quanto: com cinco mil cruzados se contentou cada hum, sahindo a cinco tostoens cada bengallada como bofetada em peaõ. Accrescentavaõ elles a fazenda de huma náo em huma baraça [se era para a Alfandega, ou Casa da India, elles o digaõ, que a mim me esquece] e vindo com huma carga de drogas tais, que se estimava sua valia em mais de duzentos mil cruzados, paráraõ

em

em parte certa de penſado, como quem tratava de dár conta de ſi, e deſcarregar ſua conciencia: ſahio-lhes o da bengalla ao encontro por entre outros barcos, que levavaõ fazendas deſpachadas para fóra; e perguntando, e reſolvendo á viſta de Deos, e de todo o mundo, para mais aſſegurar o campo, lhes diſſe; que fazeis aqui villoens muito ruins? Deveis de eſtar bebados! Pois trazeis cá o barco, que ſahio daqui regiſtado: levayo a ſeu dono, e deſempachay o caminho: e porque naõ menearaõ os remos com tanta preſſa, como o ſalto neceſſitava, accreſcentou: eſtes madraços ſó ás pancadas ſe governaõ; e quem tem piedade delles, nenhuma tem da fazenda delRey, nem das partes: e paſſando das palavras ás obras, lhe fez a caridade, como tinhaõ concertado: confeſſando elles, que tinha ſua mercê muita razaõ, e aſſim ficaraõ todos juſtificados, e os circunſtantes perſuadidos, que tudo hia bem governado conforme aos regimentos da cartilha, e o barco ſem ruim preſumpçaõ foy dár comſigo, onde Sua Mageſtade perdeo vinte mil cruzados de direitos, dando-ſe em tudo por muito bem ſervido, em que lhe pez, porque naõ havia outra luz, que manifeſtaſſe a verdade.

****

CAPITULO XI.

Como ſe pódem furtar a ElRey vinte mil cruzados, e demandalo por outros tantos.

TErrivel ponto he, o que neſte capitulo ſe offerece. Furtar, e ficar taõ fóra de reſtituir; que pertenda o ladraõ ſe lhe pague com outro tanto o trabalho, que teve em fabricar, e embolçar o furto! He caſo, que ſó na eſcóla de Caco ſe pratîca, e acha reſoluto: e poderia acontecer [ſe naõ he que já ſuccedeo] de muitas maneiras: ponhamos huma, que explicará todas. Eis la vay hum Coronel mandado por Sua Mageſtade, naõ ſey a que comarca: vinte mil cruzados leva para levantar hum terço perfeito de Infantaria: eſcolhe elle os officiais, todos ſeus criados, creados á maõ como eſtorninhos, que ſó palraõ, e deſcantaõ o que lhe metem no bico. Daõ comſigo de aſſuada em huma granja ſua, que nunca grangeou tanto em ſua vida: e porque era quinta de prazer, regalaraõ nella ſuas almas quinze, ou vinte dias, com perdizes, cabritos, coelhos, gali-

galinhas, capoens, perús, e leitoens, á cuſta da barba longa. Eſcrevem alli os de melhor pena em hum livro branco mil e quinhentos nomes de ſoldados, que nunca viraõ, com os nomes de patrias, e pays, que tais filhos naõ geraraõ; tudo por capitulos com ſinais, e firmas differentes, pondo muitos com diverſas cruzes por ſinais, denotando, que naõ ſabiaõ eſcrever, como acontece. Feito aſſim o livro da matricula, e authentico com todos ſeus requeſitos, ſem lhe faltar huma cifra: annexando-lhe logo cartas, que com a meſma facilidade fizeraõ, e fingiraõ vindas das fronteiras cheas de agradecimentos do recibo de taõ bizarra gente; e que logo a repartiraõ por varias praças, que eſtavaõ muito arriſcadas: mas que já ficaõ ſeguras com mil e quinhentos leoens; e outros tantos annos viva ſua Senhoria para fazer ſemelhantes ſerviços a ElRey, e á patria, que lhos ſaberaõ agradecer, e pagar, como merece. E com eſtas cartas de quitaçaõ, e livro de receita, daõ comſigo na Corte allegando a ſua Mageſtade o grandiſſimo trabalho, que tiveraõ, levando máos d'as, e peores noites, botando o bofe pela boca, e labutando com repugnancias, eſcuzas, e murmuraçoens de pays velhos, mãys viuvas, irmans donzellas. Boto a tal, que ſe naõ póde fazer

eſte

eſte officio por quanto ha no mundo: e que naõ nos paga Sua Mageſtade com as melhores comendas de Chriſto o ſerviço, que lhe fizemos de mil e quinhentos rayos de Marte, tigres dezatados, que lhe puzemos nas fronteiras, em que gaſtámos de noſſas fazendas muitos mil cruzados; porque os vinte mil, que nos mandou dar Sua Mageſtade, claro eſtá que naõ baſtávaõ, nem para as deſpezas dos caminhos, ſerras, e charnécas, que andámos com máos gaſalhados, e peores mantimentos. Recebe-os ElRey noſſo Senhor com entranhas de pay; agradece-lhes liberal o trabalho com ſua coſtumada benevolencia; enche-os de mercês, e deſpachos confiado á outras emprezas. E accreſcentaõ elles depois de ſatisfeitos, e contentes: Senhor he hum milagre ver, que de tantos infantes, nem hum ſó moſtrou má vontade de hir ſervir a V. Mageſtade; tanto monta o bom modo, com que fizemos iſto.

Vedes aqui irmaõ leitor, como podeis furtar a ElRey vinte mil cruzados, e demandallo logo por outros tantos em juizo, allegando, que vos pague, naõ ſó o que trabalhaſtes, ſenaõ tambem o que gaſtaſtes em ſeu ſerviço. Os ſoldados foraõ por letra fantaſticos, e inviſiveis: mas os vinte mil foraõ á viſta, reaes, e naõ encantados. O

ſerviço foy roubo occulto; e por elle pedem, e levaõ ſatisfaçaõ, e paga manifeſta. E ſe lhes tardaõ com ella, queixaõ-ſe, e demandaõ, até que lhes daõ pelo trabalho do furto mais, do que intereſſaraõ na rapina. Deſte, e de outros caſos, que vaõ por eſta eſteira, ſe póde colher repoſta para alguns zelozos, que eſtranhaõ as prolongadas demoras, que cada dia vemos em deſpachos. Admitto que he muito mal feito dilatar os requerentes na Corte fóra de ſuas caſas: mas peor o faz, quem requer, o que lhe naõ he devido: e para ſe averiguar a verdade de todos, e ſeus merecimentos, he neceſſario tempo, porque ha muitos enganos nas juſtificaçoens dos ſerviços, que ſe allegaõ. E acontece muitas vezes virem das Conquiſtas, e das fronteiras carregados de certidoens de grandes ſerviços, os que mais roubáraõ a Sua Mageſtade, e á força querem que lhes pague com comendas, e officios de muitos mil cruzados os latrocinios, que lá fizeraõ, e vem provados atraz delles na retaguarda da ſua fortuna; e ſe eſpera, que cheguem para rebater as baterias de certidoens falſas, que appreſentaõ na vanguarda de ſeus requerimentos.

****

CAPITULO XII.

Dos ladroens, que furtaõ muito, nada ficaõ a dever na ſua opiniaõ.

HA huma figura na Rhetorica, que ſe chama *Gradatio*, porque vay como por degráos atando as palavras, e pendurando-as humas das outras. Declaremos iſto com hum exemplo, que ſervirá para a prova deſte capitulo. Todo o ſoldado Portuguez he briozo, todo o briozo he polido, todo o polido calça juſto, todo, o que calça juſto, naõ admitte çapato de fancaria: e os çapatos, que os Aſſentiſtas mandaõ ás fronteiras para os ſoldados, ſaõ todos de fancaria, e carregaçaõ: logo bem diz, quem affirma, que he fazenda perdida, a que ſe gaſta em tais çapatos. E que ſejaõ de fancaria, prova-ſe com a meſma figura; porque os tais ſaõ de carregaçaõ, e toda a mercadoria de carregaçaõ he pouco polida, toda a couſa pouco polida he deſalinhada, toda a couſa deſalinhada he de fancaria: logo bem dizia eu que he fazenda perdida; porque ſoldados briozos, quaes ſaõ os Portuguezes, naõ uſaõ cou-

zas de fayanca. E prova-se mais ser fazenda perdida pela experiencia; porque sabemos de poucos, que calçassem nunca tais çapatos; e vemos muitos, que recebendo-os a razaõ de tres e quatro tostoens o par, porque lhes naõ daõ outra couza, os tornaõ logo a vender por cinco, ou seis vintens: e tornando-os os Assentistas a recolher por este segundo preço, os tornaõ a encaixar aos soldados pelo primeiro, revendendo-os seis, e sete vezes. O mesmo fazem com as bótas, e meyas, couras, guarinas, carapuças, e outros aprestos, que Sua Magestade lhes permitte levar ás fronteiras, para melhor expediente da milicia: mas a malicia tudo corrompe; e até no provimento do paõ bota terra, na farinha cal, na cevada joyo, na palha sisco; para fazer de esterco prata, e vencer com os ganhos o custo. E a graça de tantas desgraças he, que os authores destas emprezas, depois de roubarem com ellas a ElRey, aos soldados, e a todo o Reyno, porque a todo abrangem tantas perdas, ficaõ-se saboreando da destreza, com que fizeraõ seu officio: e se a conciencia os pica, que venderaõ gato por lebre, alimpaõ o bico á mesma conciencia, que a ninguem puzeraõ o punhal nos peitos, nem venderaõ nada ás escondidas; e o que se faz na bochecha do Sol com aceitaçaõ

taçaõ das partes, vay livre de coimas, e de eſcrupulos. Parece que ainda naõ lêraõ, nem ouviraõ, que ha vontades coactas, e forçadas ſem punhais nos peitos. Se vós lhes naõ dais outra couza, nem ordem, para que a buſquem por ſua via, claro eſtá que ſe haõ de comprar com voſſa ladroîce, para remirem em parte ſua vexaçaõ. Mas iſto naõ vos livra, de que ficais obrigado a ElRey, porque o enganaſtes; e aos ſoldados, porque os defraudaſtes; e ao Reyno, porque o ſaqueaſtes, enſacando em vós o dinheiro das décimas, e paleando tudo com hum quartel, que expuzeſtes de antemaõ, como ſe aſſim os arriſcaſſeis todos; e como ſe nós naõ viſſemos, que quando chegais ao ſegundo, já eſtais pagos do primeiro. E tendes nas unhas cobranças ſeguras para o terceiro, e quarto, havendovos em todos, como ſe os traginareis com voſſa fazenda; e ſendo a negociaçaõ ao todo com fazenda alhea, vos pagais nos intereſſes, como ſe fora voſſa. E lançadas voſſas contas, achais na voſſa opiniaõ, que nada ficais a dever, e que ſe vos deve muito, pelo muito que ganhaſtes. Muito tinha eu aqui que diſcorrer: mas fiquem eſtes torcicollos de reſerva para o capitulo 20. §. *Seria immenſo*, das unhas militares.

****

CAPITULO XIII.

Dos que furtaõ muito accreſcentando, a quem roubaõ, mais do que lhes furtaõ.

EM Braga houve hum Primáz Arcebiſpo, que o foy tambem no Oriente: eſte coſtumava dar todos os provimentos de Abbadias, Igrejas, Beneficios, e officios aos pertendentes, por quem intercediaõ menos padrinhos; e deixava ſem nada aos que tinhaõ muitos interceſſores. E a razaõ, em que ſe fundava, para ſe juſtificar com ſua conciencia, era, que ordinariamente ninguem intercede por zelo, ſenaõ por intereſſe: donde inferia, que quem tinha muitos abonadores, tinha, com que os comprava; e que os buſcava, por ſe ver falto de merecimentos; e pelo contrario, quem pertendia ſem padrinhos, hia pelo caminho da juſtiça, e fiava-ſe na verdade, e em ſeus talentos: e aſſim achava o bom Prelado, que provia melhor, quando furtava a volta ás abonaçoens que excediaõ, tendo-as por ſuſpeitas. Mas teve hum Proviſor, que lhe deu na trilha; e furtavalhe a agua com outra treta, abonandolhe, os

que

que queria excluir, e desfazendo nos que queria prover, allegando, que assim lho dizia muita gente. E era o mesmo, que ficar de fóra, e destituido aquelle, a quem mais accrescentava, e ornava para ser provîdo. Valente desengano he este para Principes, que naõ cuidem, que poderáõ ter roteiro, que se lhes naõ contramine. *Pensata la lege, pensata la malicia*, disse o Italiano; que naõ ha ley, nem traça de governo taõ considerada, a que a consideraçaõ da malicia, e especulaçaõ do discurso interessado naõ dê alcance para a perverter, e torcer a seu intento. Hum caso, que me passou pelas mãos ha pouco tempo, explica isso admiravelmente. Crecerãõ queixas de mais de marca nesta Corte contra os Ministros Ultramarinos: tratou-se de lhes mandar hum sindicante, que as apurasse. Escolheo Sua Magestade hum Bacharel de encomenda: tinhaõ os Ultramarinos prevenido com valentes saguates seus confidentes, para que armassem os paos de maneira, que o sindicante fosse homem venal, e naõ incorrupto. O eleito bem viaõ todos que era Rodamanto. Que remedio para lhe impedir a jornada? Desfazer nelle era impossivel, porque sua opiniaõ vencia, e açamava até á propria inveja. Deraõ em fazerem elogîos, e prégar encomios

delle a Sua Mageſtade, e que o mandaſſe logo, que aſſim convinha. E porque ſabiaõ, que era homem de capricho, e brios, que naõ havia de evitar a empreza ſem os requiſitos para ella; e para ſeu credito, e honra navegar direito, accreſcentaraõ que naõ convinha darlhe Béca, nem Habito de Chriſto antes de hir: porque ſe lhe déſſem logo o premio, naõ lhe ficava cá que eſperar, e naõ ſerviria taõ diligente, nem tornaria taõ cedo, deixando-ſe engodar lá com outros lucros, e que perderiaõ hum ſugeito de grandiſſimo preſtimo. Quadrou a razaõ, por hir veſtida de zelo de bem commum: e vendo o ſindicante, que o mandavaõ deſmaſtreado de authoridade, e dos requiſitos, para fazer bem ſeu officio, renunciou a jornada, que era o que pertendia, quem tanto o abonou, e accreſcentou de cabedal, e talentos para o esbulhar de tudo. Deixo outras conſequencias, que teve a hiſtoria, porque eſtas baſtaõ para moſtra que ha ladroens, que furtaõ accreſcentando, a quem roubaõ, mais do que lhe furtaõ. Por eſte rumo navegaõ, os que, para entabolarem ſeus aliados, quando competem com outros, que lhes vaõ diante nos merecimentos, abonaõ tanto os melhores, que os botaõ fóra da pertençaõ a titulo de ſer pequena, e que he bem

lhes

lhes dêm couzas mayores; que aquillo he baſtante para fulano; e aſſim o plantaõ no poſto, e ſe eſquecem do provimento mayor, que alvidravaõ, e promettiaõ, ao que botavaõ fóra com o applaudirem por melhor.

Tambem ſe eſtende eſta ſubtileza por materias pecuniarias, fazendovos rico para vos fintarem com todo o preço da contribuiçaõ: abonaõ-vos por Creſſo, e Midas, para vos porem ás coſtas as perdas que querem lançar das ſuas. Em Portalegre vi eſte caſo por occaſiaõ de huma alçada, cujos gaſtos naõ achou o Dezembargador quem os pagaſſe depois de feitos, nem quem compraſſe as fazendas dos culpados, porque eraõ poderoſos, e aparentados. Fez o ſindicante ſeu officio rectiſſimamente, chamou os homens de negocio mais ricos da Cidade para os obrigar, a que déſſem a quantia neceſſaria para a alçada, e que tomaſſem as fazendas para ſe pagarem com ellas logo, ou com ſeus frutos nos annos, que baſtaſſem, deſcontando tambem a razaõ de cambio os lucros ceſſantes do ſeu dinheiro. Vendo todos o riſco a que ſe expunhaõ; porque em virando o Dezembargador as coſtas, haviaõ de revirar ſobre elles os culpados com toda ſua parentélla, que era da governança, e lhes haviaõ de fazer amargar os

frutos,

frutos, perder o dinheiro, e arriſcar as vidas, deraõ na traça deſte capitulo de accreſcentarem os bens, a quem tratavaõ de os diminuir: diſſeraõ de hum certo, que tinha de ſeu mais de cem mil cruzados, que elle ſó podia com taõ grande pezo, e era poderoſo a ter as pélas contra tudo, o que ſuccedeſſe: e ſeguio-ſe daqui, que fazendo-o rico, o meteraõ em riſcos de grandiſſimas perdas. Nos lançamentos das décimas ſuccede quaſi o meſmo, que vos fazem rico ſendo pobre, para que pagueis o de que ſe eximem os ricos por poderoſos. O orçamento he juſto, porque ſe me depélla a ſubſtancia do que póde a freguezia, e que conſta até pelos livros dos dizimos: mas quando vay ao repartir da contribuiçaõ, baralhaõ as cartas, os que eſtaõ ſenhores do jogo, e fazem ſahir triunfo de ouros, a quem naõ tem cobre com que pague; e páos, e eſpadas, a quem tem prata, para que a defenda; e naõ faltaõ logo cópas, que apagaõ as duvidas. E a galhardîa he que com zelo do ſerviço delRey noſſo Senhor tapa a boca a todos, para que naõ grunhaõ. He terrivel maõ, a que ſe arma com azeiros Reaes; porque ainda que naõ ſejaõ mais, que apparentes, temem ſuas unhas até os Leopardos, de cujas garras todos tremem. Ninguem me repare na fraze dos azeiros,

ou

ou unhas Reaes; porque he certo que ha unhas Reaes muito perniciosas, como explicará o seguinte capitulo.

****

CAPITULO XIV.

Dos que furtaõ com unhas Reaes.

QUando Alexandre Magno conquistava o mundo, reprehendeo hum Cossario, que houve ás mãos, por andar infestando os mares da India com dez navios: e respondeo-lhe discreto: Eu quando muito dou alcance, e saco a hum, ou dous navios, se os acho desgarrados por esses mares; e V. Alteza com hum exercito de quarenta mil homens vay levando a ferro, e fogo toda a redondeza da terra, que naõ he sua: eu furto, o que me he necessario, V. Alteza o que lhe he superfluo. Digame agora, qual de nós he mayor pirata, e qual merece melhor essa reprehensaõ? Quiz dizer nisto, que tambem ha Reys ladroens, e que ha ladroens, que furtaõ o que lhes he necessario; e que ha ladroens, que furtaõ tambem o superfluo: estes saõ ladroens por natureza,

reza, e aquelles o saõ por desgraça. Deos nos livre de ladroens por natureza, porque nunca tem emenda; os que furtaõ por desgraça, mais sofriveis saõ, porque naõ saõ taõ continuos. Se ha Reys ladroens, he questaõ muito arriscada. Certo he que os ha; e que naõ furtaõ ninherias: quando empolgaõ, saõ como as Aguias Reaes, que só em couzas vivas, e grandes fazem preza. Milhafres ha que se contentaõ com sevandijas; mas a Rainha das aves com couzas mayores tem sua ralé. Quando ElRey Filippe, que chamaõ Prudente, morreo; dizem que só no Reyno de Navarra engasgou, se pertencia ao Francez; como se naõ tivera mais, que duvidar no de Portugal, e outros, cuja posse, se bem se examinára, póde ser que lhes achára mais de rapina transversal, que de linha direita. Os Reys de Portugal tiveraõ sempre esta prerogativa, e bençaõ de Deos, que tudo quanto possuîraõ, e possuem de Reynos, foy herdado com legitima succesaõ, ou conquistado com verdadeira justiça. E assim naõ topaõ aqui entre nós as unhas, que chamamos Reaes: por outra via lograõ este nome, com que se acreditaõ, e armaõ, para empolgarem mais a seu salvo nas prezas que fazem, as quais saõ tantas, e de tal qualidade, que naõ he possivel referillas todas: toco algumas. Sa-

Sahe de Lisboa hum enxame de officiais dos Assentistas, quando naõ tem pelas comarcas Varas mayores, que lhe substituaõ no cuidado de fazer trigo, e cevada para as fronteiras, e todos levaõ nas mãos provisoens Reaes, para tomarem o que for necessario, e lhe amainarem o preço: correm no novo as eiras, e os celeiros de todos os lavradores, e tambem dos Religiosos; e sendo necessarios mil moyos, vg. recolhem tres mil: e vendem depois em Abril, e Mayo os dous mil, dobrandolhe o preço, e tambem quadruplicandolho conforme a caresti̇a, que elles causaraõ. Hum Fidalgo de Bèja me contou, que vira hum destes Doutores fazer huma peça digna de conto. Atraveçou o celeiro de hum lavrador ricaço, e disse-lhe muito serio: Este trigo he muito sujo; naõ o hey de levar senaõ joeirado; porque naõ quero comprar má fazenda para os soldados de Sua Magestade, que he bem andem mimosos, pois nos defendem de nossos inimigos: mandou-o joeirar logo o lavrador, por se ver livre delle; e tirou de dez moyos mais de meyo moyo de alimpaduras; as quaes comprou logo o mesmo ministro dos Assentistas a vintem cada alqueire; e em as tendo por suas, deu com ellas no trigo limpo, e misturando tudo o ensacou. Naõ se

vio

vio mais pouca vergonha, nem mayor ſubtileza! Até no terreiro de Lisboa fazem preza eſtas aguias. Saõ neceſſarios vinte, ou trinta moyos de cevada para as cavalheriças Reaes, e tomaõ mais de duzentos. O meſmo fazem na palha, que mandaõ vir em barcos do Riba-Tejo: naõ ſey ſe ſerá para venderem em Mayo a cruzado o panal, que lhe cuſtou hum toſtaõ; e a doze vintens o alqueire de cevada, que compráraõ a tres, ou a quatro vintens? Taõ Reaes como eſtas ſaõ as unhas de alguns Miniſtros, que retardaõ conſultas de officios, para que occupem ſerventias, os que os peitaõ: e andaõ os pertendentes das propriedades annos, e annos requerendo debalde; porque tudo eſtá empatado com deſpachos ſubrepticios, de que Sua Mageſtade naõ he ſabedor; que ſe o fora, mandára reſtituir lucros ceſſantes, e damnos emergentes, e pagar ás partes, quem lhes foy cauſa contra juſtiça de ſe andarem conſumindo, e lutando com enganos fóra de ſuas caſas tanto tempo. Neſte paſſo me negaõ tudo, quanto tenho dito neſte capitulo, os que ſe ſentem comprehendidos: e para que me deixem, retrato tudo, e ſó o digo, para que naõ aconteça, e paſſo a couzas notorias.

Paſſando eu ha poucos annos por Montemór

mór o Novo, vi huma tropa de pádeiras irem gritando atrás de dous meirinhos, que levavaõ ás costas de quatro negros outros tantos sacos de paõ amassado: perguntey, que briga era aquella? Responderaõ-me, que as encoimaraõ, por fazerem o paõ menos de marca, que mandava Sua Magestade que o fizessem de arratel, e achou-se em hum meya onça menos. Mas sabida a historia mais de raiz, era que naõ queriaõ dár paõ fiado a alguns senhores da governança, porque nunca lhes pagavaõ; e assim as ensinavaõ a serem cortezes. Mais humano se portou hum meirinho nesta Corte de Lisboa, que com hum dobraõ, que lhe servio de negaça, caçou mais de hum anno tudo, o que lhe foy necessario para o sustento de sua casa. Hia o criado por essa Ribeira com a moeda de ouro de trez mil e quinhentos, comprava aqui a perdiz, ácolá o cabrito, e o leitaõ no dia de carne; e no dia de peixe a pescada, o savel, o linguado, e a lagosta; comprava até a couve, o nabo, a alface, o quejo, o figo, e a passa, e todo o genero de fruta, e nunca se desavinha no preço, e sempre offerecia o dobraõ: e como todas as regateiras haviaõ medo do amo, por naõ o aggravarem, faziaõ da necessidade cortezia, e diziaõ, que naõ tinhaõ

troco,

troco, que outro dia fariaõ contas, como o tiveſſem; e eſte dia nunca chegava, porque naõ era do Kalendario. Mas tomaria a bulla da compoſiçaõ na Quareſma, que he de temer lhe naõ valeſſe, viſto ſerem vivos, e conhecidos os acrédores.

Em Portalegre conheci hum mercador da ley cançada, que vendia naõ ſó pannos, mas tambem todo o genero de doces: mandou pedir a eſte hum Vereador quatorze mil reis empreſtados: temeo o trapeiro, que havia de ſer o empreſtimo a cobrar nas tres pagas ordinarias, de tarde, mal, e nunca; e mandou-lhe dizer que naõ tinha dinheiro. Baxou logo hum decreto da Camera com pena de quinhentos cruzados para o Fiſco Real, que naõ vendeſſe couzas de comer, porque era ſuſpeito ao povo em todas ellas. Outras unhas ha mais Reaes que eſtas: o contrato das Almadravas do Algarve paga de dez atuns ſete para a Coroa, que ſe obriga poriſſo a defender a coſta aos armadores com galés, e armada; e todos os annos os desbarataõ os Mouros, levando-lhes as ancoras, rompendo-lhes as redes, queimando-lhes os barcos: mas os ſete atuns ſempre ſe pagaõ. E poriſſo naõ ha eſcrupulo no muito, que ſe furta nos direitos. Que direy das obras pias? Melhor

lhor he naõ dizer nada. Inventou-as ElRey Dom Manoel de glorioſa memoria, tirando hum real, ou dous de cada cento no Conſulado, que vem a fundir cinco mil cruzados cada anno, quando muito, para os eſtropeados de Africa, para viuvas de Portuguezes, que ſerviraõ, para occaſioens de miſericordia fortuitas: e carregaõ ſobre ellas mais de dez mil cruzados de tenças, e donativos, que naõ pertencem á inſtituiçaõ das pias obras: e quando vaõ as partes cobrar, o que ſe lhes conſigna nellas, achaõ-ſe em branco, e quem anda mais diligente, ſe cobra hum quartel, dá graças a Deos, e os mais de barato. Tambem o Eſmoler mór ſe queixa, que ſe lhe remettem petiçoens aos milhares, naõ tendo cabedal, que ſe conte por centos. O certo he que muitas couzas naõ ſe emendaõ, porque ſe naõ ſabem, e naõ ſe ſabem, porque ha unhas, que as eſcondem, porque vivem dellas ſobcapa de ſervirem a Sua Mageſtade, e aſſim ſe fazem Reaes.

****

CAPITULO XV.

Em que ſe moſtra, como póde hum Rey ter unhas.

NAõ cuidem os Reys, que pelo ſerem ſaõ Senhores de tudo, como o Graõ Mogor, e o Graõ Turco, que ſe fazem herdeiros de ſeus vaſſallos com tal dominio em ſeus bens, moveis, e de raiz, que os daõ a quem querem, deixando muitas vezes os filhos ſem nada. Iſto bem ſe vê, que he barbarîa: ainda que dizem o fazem para terem os vaſſallos dependentes: mas tambem os teraõ deſcontentes; e poriſſo ſabemos, que ha entre elles cada dia rebellioens; com que perdem Reynos, e tambem todo o Imperio, que ſó o poſſue, quem mais póde. O Rey, que ſe governa com verdadeiras leys, mas que naõ ſejaõ mais que a da natureza, ha de preſumir, que até o que poſſue, naõ he ſeu, e que lhe he dado para conſervar ſeus vaſſallos; e que ſe o defraudar fóra do bem commum com gaſtos ſuperfluos, que poderá cõmetter niſſo crime, a que ſe dê nome de furto. De tres maneiras póde hum Rey ſer ladraõ. Primeira furtando a ſi meſmo. Segunda a

ſeus

ſeus vaſſallos. Terceira aos eſtranhos. A ſi meſmo furta, quando gaſta da Coroa, e dos rendimentos do Reyno em couzas inuteis; aos vaſſallos, quando lhes pede tributo demaſiados, e que naõ ſaõ neceſſarios: e aos eſtranhos, quando lhes faz guerra ſem cauſa. E eſtá taõ fora de ſe aproveitar com eſtas execuçoens, que executa nellas ſua perda, e de ſeu Reyno total ruina. Exemplo temos de tudo na Monarchia de Caſtella, cujo Rey porque gaſtou quinze, ou vinte milhoens, ſe naõ foraõ mais, nas ſuperfluidades do Retiro, os acha menos agora, quando lhe eraõ neceſſarios para os apertos, em que ſe vê: e porque vexou os póvos com tais tributos, que chegou a quintar as fazendas a ſeus vaſſallos, ſe lhe alevantaraõ Portugal, Catalunha, Napoles, Cecilia, &c. e porque faz guerra a França, e a outros Reynos, e Eſtados, que lhe naõ pertencem, por ſuſtentar caprichos, eſtá em pontos de dar a ultima boqueada á ſua Monarchia.

Os Romanos em quanto tiveraõ erario publico, em que conſervavaõ os rendimentos do ſeu Imperio, conſervaraõ-ſe invenciveis; e tanto que os gaſtaraõ em ſuperfluidades, e ambiçoens, perderaõ-ſe a ſi, e quanto tinhaõ: e porque para ſe terem maõ, apertaraõ demaſiada-

mente com os póvos, que dominavaõ, tirando-lhes a ſubſtancia, rebellaraõ-ſe todos: e porque crueis fizeraõ guerra ſem cauſa, meteraõ em ultima dezeſperaçaõ as Naçoens, que mancommunadas reſiſtiraõ até deſencaixarem de ſeus eixos todo o Imperio, cumprindo-ſe ao pé da letra o proverbio: *Male parta, male dilabuntur.* A agua o deu, a agua o leva. As Republicas conſervaõ-ſe com fazenda, vaſſallos, e leys: e ſe a fazenda ſe desbarata, e os vaſſallos ſe offendem, e as leys ſe quebraõ, lá vay, quanto Martha fiou; e naõ lhe reſta mais, que fiar em huma roca, quem ſe fiou tanto de ſua fortuna, que arrebentando de farto, naõ previo, que depois das vaccas gordas vio Pharaó as vaccas magras; como conſequencia infallivel de proſperidades mal havidas, que ſejaõ mal logradas, como theſouros encantados, que no melhor deſapparecem, deixando carvoens nas mãos do ambicioſo; que naõ contente com ſe ver farto, himpou de gordo, e inchou tanto, que arrebentou como a rãa de Hiſopete. Convêm que o Rey ande ſempre com o prumo na maõ ſondando os baixos, e os altos da fortuna, e da Republica, que tem muitos altibaixos: deve computar o que tem de ſeu, e em que ſe gaſta; os vaſſallos, que governa, e

para

para quanto preſtaõ os amigos, e inimigos, que o cercaõ, e de que valor ſaõ. E conſidere, que Rey ſem fazenda he pobre, ſem vaſſallos he ſó, e com inimigos he perſeguido: e hum Rey pobre, ſó, e perſeguido, facilmente he vencido, e vay perto de naõ ſer Rey. Mas ſe tiver fazenda, e a conſervar, ſerá rico; ſe tiver bons vaſſallos, e naõ os offender, achalos-ha a ſeu tempo: e ſendo rico, e tendo vaſſallos que o ſirvaõ, naõ tem que temer inimigos: e eſtando ſeguro deſtes, florecerá proſpero, reynará poderoſo: e a hum Rey proſpero com riquezas, bem ſervido de vaſſallos, e poderoſo em ſeu Imperio, pouco lhe falta para bemaventurado. E todos eſtes bens lhe vem de naõ ſer ladraõ: e naõ o ſerá, ſe naõ faltar a ſi, nem a ſeus vaſſallos, nem aos eſtranhos, como temos dito. E já que chegámos a eſtes termos de altercar, ſe ha Reys ladroens, convem que naõ paſſemos avante, ſem reſolvermos huma queſtaõ, que actualmente anda na praça do mundo ſobre o noſſo Reyno de Portugal, a quem pertence, ſe a ElRey Filippe IV. de Caſtella, ſe a ElRey D. Joaõ tambem IV. de Portugal? ElRey Filippe diz, que injuſtamente lho tomou ElRey D. Joaõ: e ElRey D. Joaõ affirma, que violentamente lho tinha uſurpado ElRey D.

Filippe: e neſte conflicto de opinioens naõ eſcapa hum delles de ladraõ. Sim; porque tomar o alheo he furtar: e quem furta, he ladraõ; qual o ſeja, dirá o capitulo ſeguinte.

****

CAPITULO XVI.

Em que ſe moſtraõ as unhas Reaes de Caſtella; e como nunca as houve em Portugal.

ENtramos em hum pégo ſem fundo, em que muita gente de valor fez naufragio, e ſe affogou por ignorancia, covardîa, e paixaõ. Huns por ignorancia perderaõ o léme, e tambem o nórte: outros por covardîa meteraõ tanto panno, que quebraraõ os maſtros: outros por paixaõ fizeraõ-ſe tanto ao alto, que deraõ em baixos, e baixos miſeraveis; e todos encantados das Serêas cahiraõ em Sirtes, e Carybdes, que os ſorvêraõ. Até os que navegaraõ eſtes mares, como Dedalo os ventos, ſe perderaõ: pelo meyo irás ſeguro, dizia elle a ſeu filho Icaro: mas como he máo dé achar o meyo entre extremos repugnantes, fizeraõ, como Icaro, naufragio em

ſeu

ſeu vôo por falta de azas, ou de Eſtrella, que os guiaſſe. Naõ eſtou bem com gente neutral; que tira a dous alvos com a meſma frecha. He impoſſivel tomar huma náo no meſmo tempo dous pórtos: o de Caſtella eſtava entaõ aberto, o de Portugal fechado; eſte ſem forças para guarnecer, quem nelle ſe acolhia, aquelle com armas, que a todos metiaõ medo. Picaraõ-ſe os mares, alteraraõ-ſe as ondas; ninguem tomou pé em pégo taõ fundo: e ſó ficaraõ em pé alguns poucos, que tiveraõ boas bexigas para nadar, ou azas melhores que Icaro para ſe acolher. O que mais admira he, que duraſſe o tempo turvo ſeſſenta annos ſem haver Piloto, que governaſſe a carreira. Muitos fizeraõ carta de marear para ambos os pórtos, poucos ſe governaraõ por ellas, e poriſſo todos vacilaraõ na eſteira, que haviaõ de ſeguir; até que os mares ſe ſocegaraõ, e o tempo ſerenou, e ſe viraõ no Ceo Eſtrellas, que abriraõ caminho, com que ſe tomou terra. Sobre eſta tomadia ferve outra vez a tempeſtade repetida, ſe bem menos eſcura, porque já corre vento para ambos os pórtos, que eſpalha as nuvens: e dahi vem que nem todos tomaõ o meſmo, e cada hum ſe recolhe livremente no que lhe fica mais a geito. Qual ſeja mais ſeguro para

eſcapar, elles o digaõ, que o experimentaõ. Qual tenha mais razaõ para dominar, o que vay logrando, iſſo direy eu, porque o ſey de certo. E naõ uſarey de embuços, como alguns, que fallaõ por eſcrito ſem dizerem o mal, e o bem de ambas as partes, havendo-ſe niſto como Advogados, que ſó huma parte abonaõ. Naõ vi em Portugal correr publico nenhum Manifeſto, que por ſi fizeſſe Caſtella: nem ſey, quem viſſe em Caſtella Manifeſto de Portugal. Se he por temer cada hum, que as razoens do outro maſcabem as ſuas? Naõ lhe acho razaõ: porque a verdade he como as quintas ſubſtancias, que nádaõ ſobre todos os licores; e com as mentiras mais ſe apura a guiza dos contrarios, que juntos mais ſe eſpertaõ. Sondarey pois aqui, como em carta de marear, ambos os pórtos; naõ deixarey alto, nem baixo, que naõ deſcubra; porque aſſim acertará cada hum melhor com a carreira direita, e ſegura: e fio da boa induſtria de todos, que vendo ao olho, onde eſtá o perigo, que o ſaibaõ fugir, e que lancem ancora, onde ſe poſſaõ ſalvar mais deſcanſados na vida, mais ſeguros na fazenda, e mais quietos na conciencia. Ancora lançou Caſtella em Portugal, e ferrou a unha taõ rijamente, que o naõ largou por eſpaço de ſeſſenta annos. Sobre eſ-

ta unha botou Portugal harpêo com taõ boa preza, que ſe melhorou no partido; e ainda lutaõ ſobre eſta melhora. Qual deſtas duas unhas eſteja mais ſegura, verá o mundo todo, ſe vir com attençaõ, o que aqui eſcrevo ſem diminuir nas forças de cada hum, nem accreſcentar fraquezas. E porque Caſtella começou a eſtender primeiro as unhas, com que empolgou neſte Reyno, direy primeiro as razoens, que allega para a preza ſer ſua.

****

Manifeſto do direito, que D. Filippe Rey de Caſtella allega contra os pertendentes de Portugal.

HE notorio, que por morte do noſſo Rey Cardeal ficou eſte Reyno como morgado de Clerigo, que naõ tem ſucceſſor, expoſto a herdeiros tranſverſais, que ſendo muitos, baralhaõ as razoens de todos, e armaõ pleitos, e diſcordias inextinguiveis. E para procedermos com clareza, devemos preſuppor, que ElRey D. Manoel de glorioſa memoria cazou tres vezes; a primeira com Dona Iſabel, filha primogenita dos Reys Catholi-

cos.

cos. Segunda com Dona Maria, filha terceira dos meſmos Reys. Terceira com Dona Leonor, filha delRey D. Filippe o I. e irmãa do Emperador Carlos V. Os filhos do primeiro, e terceiro matrimonio morreraõ ſem ſucceſſaõ: do ſegundo teve dez filhos: o primeiro foy o Principe D. Joaõ, que teve nove filhos da Senhora Dona Catharina filha delRey D. Filippe o I. de Caſtella: deſtes morreraõ oito ſem ſucceſſaõ; e o nono, e ultimo, que foy D. Joaõ, houve da Senhora Dona Joanna, filha de Carlos V. ao fatal Rey D. Sebaſtiaõ, em quem ſe acabou eſta linha. A ſegunda prole delRey D. Manoel foy a Infanta Dona Iſabel, que cazou com Carlos V. Emperador; e de ambos naceo ElRey D. Filippe II. e deſte Filippe III. e deſte Filippe IV. de Caſtella, que hoje faz toda a guerra a Portugal. A terceira prole foy a Infanta Dona Brites, que cazou com D. Carlos Duque de Saboya; e de ambos naceo Phelisberto Emmanuel Principe de Piamonte, oppoſitor com ſeus deſcendentes a Portugal. A quarta prole, o Infante D. Luiz, que naõ cazou, e teve de huma Chriſtãa nova hum filho natural, que foy o Senhor D. Antonio, tambem oppoſitor a eſte Reyno. Quinta prole, o Infante D. Fernando, que cazou com Dona Guio-

mar Coutinha, filha dos Condes de Marialva: e extinguioſe eſta linha. Sexta prole, o Infante D. Affonſo Cardeal Arcebiſpo de Braga, e Biſpo de Evora. Setima prole, o Infante D. Henrique, que foy Cardeal, e Rey ſem ſucceſſaõ. Oitava prole, o Infante D. Duarte: cazou com Dona Iſabel filha de D. Jayme Duque de Bragança, e tiveraõ tres filhos: primeiro a Senhora Dona Maria, que cazou com Alexandre Farnes Principe de Parma; ſeguido a Senhora Dona Catharina, que cazou com D. Joaõ Duque de Braganca; terceiro D. Duarte Condeſtável, e Duque de Guimarens: da Senhora Dona Maria naceo o Senhor Raymuncio Principe de Parma tambem oppoſitor: da Senhora Dona Catharina naceo o Senhor D. Theodoſio Duque de Bragança, e delle o Senhor D. Joaõ, que hoje he Rey de Portugal, onde tem jurado por Principe a ſeu filho o Senhor D. Theodoſio, que houve em legitimo, e Santo matrimonio da Senhora Dona Luiza, eſclarecido ramo da Real Caſa dos grandes Duques de Medina, e Sydonia, Propugnaculos invictiſſimos de toda a Chriſtandade contra a Mauritania na Andaluzia, onde por ſuas heroicas obras alcançaraõ o admiravel appellido de *Buenos*; e baſtava para o merecerem deſtinallos o Ceo para darem a Portugal

tal filha para noſſa Rainha, e Senhora.

As mais proles, que foraõ a Infanta Dona Maria, e o Infante D. Antonio, naõ deixaraõ ſucceſſaõ, porque logo morreraõ. E das que temos dito fecundas, ſe levantaraõ cinco oppoſitores a eſte Reyno, que ficaõ notados em ſuas linhas; e pela ordem da antiguidade dellas ſaõ o primeiro ElRey D. Filippe; o ſegundo o Duque de Saboya; terceiro o Senhor D. Antonio; quarto o Principe de Parma; quinto o Duque de Bragança. A Rainha de França Dona Catharina tambem pertendeo oppor-ſe, allegando, que deſcendia por linha direita delRey de Portugal D. Affonſo III. Conde de Bolonha, e de Dona Metilde ſua primeira mulher: mas foy eſcuſa ſua pertençaõ por improvavel, e preſcripta; porque os ſucceſſores do Conde de Bolonha [que naõ conſta os tiveſſe] nunca fallaraõ neſta materia, depois que aquella linha de Bolonha ſe ajuntou a França: e a verdade he, que á Condeſſa Metilde naõ ficaraõ filhos, como conſta do ſeu teſtamento, que eſtá em Portugal na torre do Tombo, ſegundo ſe eſcreve. E o engano eſteve no ſucceſſor de Metilde, que foy Roberto ſeu ſobrinho filho de ſua irmãa Alis. E eſte he o Roberto, de quem França queria tomar a noſſa genealogia, fazendo-o filho

lho de Metilde, e de D. Affonſo III. irmaõ de D. Sancho Capello. Quanto mais que na preſente oppoſiçaõ ſó de deſcendentes delRey D. Manoel ſe tratava, que era o tronco ultimo, e em quanto os houveſſe, naõ tinhaõ lugar outros pertendentes; e poriſſo tambem ſe naõ fez caſo da pertençaõ da Sé Apoſtolica, pois naõ eſtava o Reyno vago de herdeiros.

Dos cinco Oppoſitores deſcendentes delRey D. Manoel, foy havido por incapaz no primeiro lugar o Senhor D. Antonio Prior do Crato, por dous defeitos, ambos por parte da mãy, hum no ſangue, outro no naſcimento; ſaõ notorios, naõ os explico; e nunca houve ſuplemento para elles. O Duque de Saboya cedeo aos parentes mais chegados, e tambem de cá o excluiraõ por Eſtrangeiro. O Principe de Parma ficou atraz na pertençaõ por tres razoens; primeira, por ſer morta ſua mãy, irmãa da Senhora Dona Catharina, que havia de fazer a oppoſiçaõ. Segunda, por falta da repreſentaçaõ, que ſó ſe admitte nos deſcendentes immediatos do primeiro gráo, e elle era já biſneto delRey D. Manoel, em comparaçaõ da Senhora Dona Catharina, que era neta pela meſma linha do Infante D. Duarte. Terceira, por ficarem excluidas as femeas cazadas fóra

do

do Reyno; como se mostra das Cortes de Lamego, celebradas no anno 1141. onde ElRey D. Affonso I. com todos os Estados ordenou, que as femeas, ainda que podessem herdar o Reyno, perderiaõ o direito a elle cazando fóra: e porisso nas Cortes de Coimbra de 1382. excluiraõ a Senhora Dona Brites, filha unica do nosso Rey D. Fernando, por cazar com D. Joaõ I. de Castella: e D. Joaõ I. de Portugal, que lhe succedeo, confirmou esta ley em seu testamento no anno de 1436.

Excluídos assim todos os sobreditos, ficaraõ no campo sós a Senhora Dona Catharina, e ElRey D. Filippe: deraõ-se duas batalhas, a primeira como Anjos, a segunda como homens: a primeira com forças de entendimento, a segunda com violencia de braço: na primeira venceo a Senhora Dona Catharina, porque lhe sobejavaõ razoens: na segunda venceo Filippe, por ter mais armas: desta naõ se trata aqui, porque as armas entre Christãos naõ daõ Reynos, nem os tiraõ justamente, quando ha razoens, que resolvem o direito delles: e porisso pertende ElRey Filippe vencer tambem nesta parte com as razoens seguintes.

****

Razoens, que ElRey D. Filippe allega contra a Senhora Dona Catharina.

I RAzon. Por el casamiento del Rey Don Juan I. de Castilla con Doña Beatrîs, hija del Rey Don Hernando de Portugal, quedò el derecho del dicho Reyno en los Reyes Castellanos, porque ella era la unica heredera legitima. II Razon; porque no pertenecia el tal derecho en aquel tiempo a Don Juan I. de Portugal, por ser iligitimo, sinò a D. Juan I. de Castilla, por ser òctavo nieto del primero Rey de Portugal. III. De todos los nietos del Rey Don Manuel pretendientes de Portugal, que vivian, quando muriò el Rey Cardenal, Phelipo Prudente era el mas viejo, y legitimo; por esso el mas habil a la Corona.

IV. Porque demas de vencer Phelipo a todos en general en la edad, vencia tambien a cada uno en particular: al Señor Don Antonio por legitimo, a la Señora Doña Catalina por varon, a Raynuncio, por ser nieto, y el visnieto del Rey Don Manuel, y por esso mas llegado al ultimo possedor; y al Duque de Saboya con la edad de la Emperatriz su madre, hermana mas vieja de Beatrîs

madre

madre del Saboyano. V. Porque ſiendo los Reynos del Derecho antiguo de las gentes, nò ſe deve regular la ſuceſion dellos por el Derecho Civil lleno de ſutilezas, y ficciones, que tantos años deſpues formaron los Emperadores; y que ſi bien los Reyes ſupremos lo avian introducido en los Reynos por el buen govierno de los vaſallos, no avian por eſſo alterado las ſimples reglas naturales de la ſuceſion Real, las quales afirmaban averſe de ſeguir en eſte caſo, como ſi úviera ſucedido primero que naciera Juſtiniano, que fue el inventor de la Repreſentacion; a que nò obſta aver algunos Doctores querido temerariamente ſugetar la ſuceſion de los Reynos a la Civil Inſtituicion: y aſſi ſiguiendo eſta conſideracion hacia Phelipe ſu derecho indubitable. VI. Dado que valga la repreſentacion en Portugal, eſta nò ſe admite, ſinò quando el nieto del Rey litiga con ſu tio hermano del tal Rey; y nò entre primos hijos de dos hermanos, quales eran Phelipo, y la Señora Catalina; y confirmaſe con exemplo, y ley: con exemplo, porque por muerte de Don Martin Rey de Aragon, que no tuvo hijos legitimos, pretendieron ſu Corona la Infanta Doña Violante ſu ſobrina, hija del Rey Don Jaymes ſu hermano mas viejo, y el Infante Don Hernando

do de Caſtilla ſu ſobrino, hijo de la Reyna Doña Leonor ſu hermana: y dieron ſentencia los Eſtados, y ſus Juezes por el Infante Don Hernando, por ſer varon, nò haciendo caſo de la repreſentacion; que ſi valiera, avia de dar el Reyno a la Infanta, por ſer ſobrina, y hija de hermano mas viejo; el qual ſi fuera vivo, avia de excluir a Doña Leonor ſu hermana, y madre de Hernando. Con ley; porque el Emperador Carlos V. la hizo particular en Alemania, que nò valga la repreſentacion, ſinò concurriendo ſobrinos con tio vivo; y es opinion de Azon, y muchos Doctores, que ſe obſerva en Francia.

VII. Demas de que la repreſentacion ſolo la puede aver, quando el padre, que ſe pretende repreſentar, úviera tenido el primer lugar en la ſuceſion, de que ſe trata. Donde ſupueſto que el Infante Don Duarte en ſu vida nò tuvo tal lugar, nò podia dexar a ſus hijos el derecho, que nunca ſe radicò en ſu perſona. VIII. En Portugal muerto el Rey Don Juan II. le ſucediò ſu primo Don Manuel, excluyendo al Duque de Viſeu Don Alfonſo: y ſi valiera la repreſentacion, avia de ſer preferido, por hijo de Don Diego hermano mas viejo de Don Manuel. IX. El beneficio de la repreſentacion nò ſe admite en la ſuceſion de los

Mayorazgos, y bienes avinculados para andaren en el pariente mas cercano de cierta generacion: y es cierto, que los Reynos tienen naturaleza de Mayorazgos en la manera dicha. Demas que los Reynos se heredan por conceſion de los pueblos, que tranſmitieron el poder Real, que era ſuyo, a los primeros Reyes, y a ſu generacion: y conſta que la repreſentacion nò tiene lugar en la ſuceſion de las coſas, que vienen *ex conceſſione dominica*, como reſuelve Bartholo.

X. La Ordenacion de Portúgal lib. 2. tit. 17. §. 1. dize que por muerte del ultimo poſſeedor entrará en los bienes de la Corona el hijo varon mas viejo, que della quedare; y conſecutivamente echa fuera al nieto, y excluye la repreſentacion. Y confirmaſe con exemplo de heredamiento de Reyno; porque en Caſtilla Don Alonſo el Sabio excluyendo ſu nieto hijo del Principe muerto, hizo jurar ſu ſegundo hijo. Item. Mas. La miſma Ordenacion lib. 4. tit. 62. §. 3. diſpone, y manda, que quedando por muerte del que pagava fueros, hijo, ò hija, nò entre en el prazo nieto, ò nieta, aunque ſean hijos de algun hijo mas viejo ya difunto. XI. El beneficio de la repreſentacion es privilegio concedido contra las reglas ordinarias del Derecho, y es una

ficcion

ficcion de la ley, por la qual contra la verdad se finge, que el hijo está en el lugar de su padre, y es con èl la misma persona; y por ser privilegio, y fingimiento, nò puede aver lugar, sinò quando se hallare expressamente introducido por Derecho: y es cierto que nò està introducido expressamente, sinò en la sucesion de los heredamientos, y feudos, aunque nò sean hereditarios. Donde, no siendo los Reynos de Portugal feudos, ni si defiriendo la sucesion dellos en todo, como heredamiento proprio, y ordinario, por ser cosa de mayor momento, y mas calificada, y de que se devia hacer expressa mencion, nò puede aver lugar en èl la dicha representacion. XII. Para nò parecer que huye Phelipo del Derecho, prueva, que en los Reynos mas propriamente, que en ninguna otra cosa, se sucede por el derecho, que llaman de la Sangre, mirando al primer instituidor; y que en este derecho se consideran las personas por si mismas sin representacion, como si fuessen hijos del ultimo posseedor; y desta manera queda Phelipo en lugar de primogenito de Henrico.

XIII. Dado que la Señora Catalina pudiesse representar el grado de su padre, nò podia representar el sexo: y era duro de admitir, que

la hembra igual solamente en el grado, y inferior en lo demas, fuesse preferida al varon para governar Reynos, quando el proprio defecto della le hacia mas daño que a Phelipo el de su madre. XIV. Conforme al Derecho las hembras nò pueden ser admitidas a oficios publicos, ni tener jurisdicion, ni administracion de la Republica; porque en ellas falta fortaleza, constancia, prudencia, liberalidad, y otros dotes necessarios: y tenemos exemplo en la Reyna de Castilla Doña Beatrîs, que siendo hija unica del Rey Don Hernando de Portugal, nò fue admitida, y se diò el Reyno por vacante, y lo heredò Don Juan I. donde se colige, que son las hembras incapazes de representar en Portugal, pues son incapazes de heredar. XV. Visto nò declarar Henrico sucessor, era devida à Phelipo la sucesion sin sentencia, por ser su persona suprema, izenta, y libre de qualquier juizio coercivo, y solamente obligado a justificar su derecho con Dios, y declararlo al Reyno: ni avia en el mundo, a quien pudiesse pertenecer la judicatura deste caso, por nò tocar al Papa, por ser materia puramente temporal sin circunstancias, que le pudiesse dar derecho: menos pertenecia al Emperador, por nò le ser reconociente del Reyno de Portugal,

tugal, y mucho menos a los Juezes, que avia nombrado Henrico; porque eraõ todos parte material, y integral del Reyno, sobre que se litigava, como Portuguezes: demas de que nò avia Portuguez alguno, que nò fuesse sospechoso, y recusable por el odio publico, que tienen todos a la Nacion Castellana: ni avia lugar de se compromoter en Juezes loados, por la imposibilidad de hallar personas, de quien se pudiesse fiar cosa tan grande, y tan peligrosa; y porque la obligacion de comprometer nò caye sinò en cosa dudosa, y Phelipo ninguna duda tenia.

XVI. Dado que fuesse necessaria sentencia, Phelipo la tuvo por los mismos Juezes, que nombrò Henrico; porque de cinco que eran, tres le jusgaron la Corona. XVII. Sobre todo allega Phelipo, que quando el derecho es dudoso, y corre opinion probable por entrambas partes, que las armas lo resolven todo; y que con ellas tomò la possesion, y los pueblos lo admitieron, y juraron en las Cortes de Tomar por Rey; con que se quitò toda la niebla, y razon de dudas. XVIII. Llevando Dios viente e dos herederos, que precedian al Rey Catholico, dava a entender, que queria unir Portugal a los Reynos de Castilla, para fortificar un braço en su Iglesia,

para reſiſtir a los inſultos de los infieles, y de los hereges; y mejorar deſta manera el miſmo Reyno, haciendolo inexpugnable con tantas fuerças juntas contra ſus enmigos, y en ſus conquiſtas. XIX. Finalmente allega por ſi la poſſeſion preſcripta de ſeſenta años, baſtando treinta, ſin contradicion alguna. Y quien lo quitare de la tal poſſeſion, merecerá titulo de tirano, y de ladron, porque de hecho es tirania, y robo inorme, quitar un Reyno a ſu dueño ſin cauſa, razon, ni juſticia.

Eſtas ſaõ as razoens, que por ſi allega o Rey de Caſtella, para entrar na herança de Portugal. Nenhum Portuguez abafe com ellas, que logo lhas desfarey como ſal na agua: mas primeiro quero reſponder ao candido Leitor, que me pergunta, que razaõ tive para mudar de eſtylo neſte Manifeſto, e fallar por outra linguagem differente da em que himos tirando á luz eſte tratado. A iſſo pudéra reſponder, que o Manifeſto he de Caſtella, e poriſſo o puz na ſua lingua: mas para explicar melhor a razaõ mais principal, que me moveo, contarey huma hiſtoria, que aconteceo em hum Tribunal de tres, que tem o Santo Officio neſte Reyno. Prenderaõ hum bruxo, por ter trato com o diabo, e

conſul-

consultalo em muitas duvidas: Reprehenderaõ-no os Inquisidores, porque sendo Christaõ bautisado dava credito ao diabo, sendo obrigado a ter, e crer, que he pay da mentira. Pay da mentira he, respondeo o bruxo, e por tal o conheço: mas com tudo isso, ainda que muitas vezes me mentia, naõ deixava algumas vezes de me fallar verdade, e eu pelo uso alcançava logo tudo; porque me fallava em duas linguas, que eraõ a Portugueza, e Castelhana: e todas as vezes que me fallava em Portuguez, era certo que dizia verdade, e só quando me fallava em Castelhano, era certissimo que mentia. Naõ sey, se me declaro? Quero dizer, que a lingoa Castelhana he estremada, e unica para pintar mentiras, como escolhida por quem he pay, e mestre dellas; e a Portugueza para fallar verdades: e porisso puz em Castelhano o Manifesto de Castella, e porey em Portuguez a reposta da Senhora Dona Catharina.

****

Repoſta da Senhora Dona Catharina contra as razoens delRey D. Filippe.

I. REpoſta contra a primeira razaõ he, que naõ vem a propoſito a herança da Senhora Dona Brites: porque a noſſa queſtaõ procede ſobre deſcendentes delRey D. Manoel, e naõ ſobre os delRey D. Fernando, cujas duvidas ſe averiguaraõ nos campos de Algibarrota: álem de que a Senhora Dona Brites naõ deixou filhos, e aſſim neceſſariamente havia tornar a Portugal o direito. II Repoſta contra a ſegunda razaõ he, que deveraõ advertir, como na ſucceſſaõ taõ prolongada de D. Joaõ I. de Caſtella, oitavo neto do primeiro Rey de Portugal, havia o meſmo defeito de illigitimidade em ſeu pay D. Henrique, álem de outros avós: e mais perto eſtava do ultimo avô o noſſo D. Joaõ I. e do ultimo poſſuidor no primeiro gráo de irmaõ, que o ſeu no oitavo; e o noſſo houve diſpenſaçaõ da illigitimidade, e naõ ſabemos que o pay, e avós do ſeu a houveſſem. III. Contra a terceira he que diz bem, ſe todos os Oppoſitores foraõ filhos do meſmo pay, aſſim como eraõ netos do

meſmo avô; porque entaõ o mais velho ſeria o Morgado, Principe, e ligitimo herdeiro: mas ſendo filhos de differentes pays, como eraõ, devia-ſe o direito ſó áquelle, cujo pay o tinha á Coroa: e como os pays da Senhora Dona Catharina, e D. Filippe, por onde lhes vinha a ſucceſſaõ, eraõ de huma parte varaõ, e da outra femea, claro eſtá, que o varaõ havia ter o primeiro lugar: e eſte era o Infante D. Duarte, pay da Senhora Dona Catharina legitima herdeira, por ſe achar em melhor linha, que Filippe, filho da Emperatriz Dona Iſabel irmãa do Infante D. Duarte. Quatro couſas ſe conſideraõ aqui, linha, ſexo, idade, e gráo: e no primeiro lugar ſe buſca a melhor linha, e ſó quem nella prevalece, prevalecerá na cauſa, ainda que ſeja inferior ao outro pertendente no ſexo, idade, e gráo: e ſempre a linha, que procede de varaõ, he melhor, que a que procede de femea.

IV Repoſta contra a quarta razaõ. Admittimos o argumento contra os outros Oppoſitores, e negamo-lo contra a Senhora Dona Catharina por razaõ da melhor linha, em que ſe achava, com que vencia á Filippe, como fica explicado na repoſta proxima contra a terceira razaõ. V. Contra a quinta. Quer ElRey Filippe

hum

hum Santo para ſi, e outro para a outra gente, admittindo a repreſentaçaõ para os vaſſallos, e negando-a para os Reys: ſe admitte, que ſe governaõ melhor aquelles com ella, deve admittir, que ſe governaráõ mal os Reys, ſe a naõ admittirem em ſuas ſucceſſoens: e aſſim he, que por fugirem eſta calumnia, a admittem quaſi todos os Reys, e Eſtados de Europa, e até os meſmos Reys: e baſtava terem-na admittido em Portugal ElRey D. Affonſo I. nas Cortes de Lamego anno de 1141. e confirmada por ElRey D. Joaõ I. no ſeu teſtamento anno de 1436. e Affonſo V. no anno de 1476. aprovando-o os tres Eſtados, todos ſem paixaõ, nem occaſiaõ de controverſia, que lhes pudeſſe perturbar a razaõ; e ſendo aſſim ley praticada neſte Reyno, deve admittilla Filippe, em que lhe pêz. E porque eſte ponto da repreſentaçaõ he o Achiles deſta demanda, convêm que o expliquemos, para melhor intelligencia della. Repreſentaçaõ he hum beneficio inventado pela ley, que por elle ordenou nas heranças, que ſe differem *ab inteſtado*, que os filhos entrem no lugar de ſeus pays defuntos, e repreſentem ſuas peſſoas, ſuccedendo em todo o direito, que elles houveraõ de ter, ſe vivos foraõ. Eſta repreſentaçaõ na linha direita de aſcen-

dentes

dentes naõ tem limite: e nas tranſverſais ſómente ſe concede aos filhos, ou filhas dos irmãos, ou irmãas do defunto, de cuja ſucceſſaõ ſe trata: e aſſim ficaõ excluſos os mais parentes collaterais, que ſe acharem fóra deſte ſegundo gráo, porque naõ ſe eſtende a elles a repreſentaçaõ. E conforme a iſto fica claro o direito da Senhora Dona Catharina, que he melhor, que o de Filippe; porque repreſenta varaõ, que houvera de ſer Rey, ſe fora vivo; e elle repreſenta femea, que naõ havia de entrar na Coroa, com ſer mais velha, ainda que vivera. Antes digo mais, que dado que fora viva a Senhora Dona Iſabel, e morto o Infante D. Duarte, ainda a Senhora Dona Catharina tinha mais direito ao Reyno, que ſua tia, por repreſentar a ſeu pay, que a vencia no ſexo, e havia de entrar na herança diante de ſua irmãa: e he a razaõ; porque Fernando Rey de Napoles julgou o Reyno a ſua neta de ſeu filho mais velho defunto, excluindo outros filhos mais moços: e Filippe Rey de Inglaterra deu ſentença pela ſobrinha do Duque de Bretanha, filha de ſeu irmaõ mais velho, excluindo os varoens mais moços irmãos do meſmo Duque. E naõ temos neceſſidade de exemplos foraſteiros, quando temos em caſa o noſſo Rey D. Manoel,

com

com quem ſe oppoz o Emperador Maximiliano, eſtando ambos em igual gráo, e eſte mais velho, mas em linha inferior por femea, e D. Manoel por varaõ, que repreſentava; e julgou-ſe, que poriſſo prevalecia ao Emperador.

VI. Os Doutores Caſtelhanos defendem o contrario admittindo a repreſentaçaõ entre primos: e a razaõ o moſtra; porque o ſobrinho, que excluîa a ſeu tio, ou tia, por repreſentaçaõ de melhor gráo, ou melhor ſexo, muito melhor excluirá a ſeus primos filhos do tal tio, pois ſaõ já mais remotos, e naõ pódem repreſentar couza, que a outro naõ tenha já vencido. Ao exemplo ſe diz, que naõ deixou a Infanta Dona Violante de herdar, por naõ ſe admittir á repreſentaçaõ no caſo, ſenaõ por ſer inhabil por ley particular, que ElRey D. Pedro ſeu avô fez em Aragaõ, com que inhabilitou as femeas, para poderem herdar aquella Coroa. E a ley de Carlos V. procedeo ſómente nas terras ſugeitas ao Imperio, ao qual naõ he ſugeito Portugal; e ainda que em outras partes ſe pratique a opiniaõ de Azam, como em França, que por coſtume antigo naõ admitte repreſentaçaõ nos collaterais em caſo algum; naõ em Portugal, onde ſeguimos o contrario com o direito cõmum,

e opi-

e opinioens de Acurſio, e Bartholo: donde ſe vem a concluir, que o beneficio da repreſentaçaõ ha lugar na ſucceſſaõ deſtes Reynos, quando os ſobrinhos pertendem ſucceder a ElRey ſeu tio irmaõ de ſeus pays, ſem haver outro irmaõ do meſmo Rey, que concorra com elles.

VII. Naõ he neceſſario que o pay poſſuiſſe, o que ſe pertende herdar por via da repreſentaçaõ; porque aqui naõ ſe leva a herança por tranſmiſſaõ, em que naõ póde o pay fazer bom ao filho, o que naõ poſſuîo: e que no noſſo caſo naõ entre a herança do Reyno por tranſmiſſaõ, moſtra-ſe; porque por ella nem o filho do primogenito haveria a herança de ſeu avô, a qual naõ ha duvida, que lhe pertence: e aſſim entra o tal por virtude da repreſentaçaõ, que o poem em lugar do pay ao tempo da ſucceſſaõ.

VIII. O exemplo de D. Affonſo naõ vem a propoſito; porque álem de ſer illigitimo, ſe lhe negou a repreſentaçaõ, naõ porque ella ſe naõ uſe em Portugal, ſenaõ porque eſtava fóra do gráo, a que ſe concede; pois naõ era irmaõ, nem filho de irmaõ delRey D. Joaõ, mas filho de ſeu primo; com que ficava já no terceiro gráo, em que ſe naõ admitte repreſentaçaõ nas linhas tranſverſais; e aſſim lhe foy preferido D.

Ma-

Manoel, por ſe achar hum grão mais chegado. IX. Concedemos, que naõ ha repreſentaçaõ na herança dos Mórgados vinculados, para andarem no parente mais chegado de certa geraçaõ; porque naõ procede *Jure hæreditario*, mas *ex conceſſione dominica*, que os póde dár a quem quizer: e os póvos deraõ aos primeiros Reys o poder Real, e á ſua geraçaõ, para que os poſſuiſſem, e ſe deferiſſem como herança ſua a ſeus deſcendentes: e aſſim o ſente o meſmo Bartholo. E no que diz que na ſucceſſaõ dos Reynos feudais naõ ha lugar á repreſentaçaõ, hé commummente reprovado; além de que o Reyno de Portugal naõ he feudal, nem pódem militar nelle as razoens das *Conceſsoens dominicas*; como em ſeu lugar moſtrarey logo na repoſta da razaõ X.

X. Os documentos, e Ordenaçoens, que allega, naõ ſe entendem aſſim. O primeiro lugar da Ordenaçaõ, que aponta, procede nos bens da Coroa, que ſaõ havidos por *Conceſsaõ dominica* do Rey; e conforme a Ley Mental, porque ſe deu ordem de ſucceder nos bens da Coroa, naõ ſe differem *Jure hæreditario*. Donde El-Rey D. Joaõ I. que foy o Autor da Ley Mental, poriſſo lhe negou a repreſentaçaõ. E tratando depois em ſeu teſtamento da ſucceſſaõ deſtes

Rey-

Reynos, declarou, que havia lugar á repreſentaçaõ; porque procediaõ *Jure hæreditario*, e naõ *ex conceſſione dominica*. Ao exemplo do Rey de Caſtella D. Affonſo o Sabio ſe diz, que foy julgada aquella acçaõ até em Eſpanha por injuſta; tanto, que permittio Deos lhe tiraſſe a Coroa o ſegundo filho, que elle fez jurar em odio do neto. E as Leys de Caſtella diſpoem, que morrendo o filho mayor, antes que herde, deixando filho, ou filha, vá a eſtes a herança, e naõ ao tio irmaõ de ſeu pay, e ha muitos exemplos. A ſegunda Ordenaçaõ prova ſómente naõ haver repreſentaçaõ nos prazos de nomeaçaõ, em que o foreiro *ex conceſſione dominica* os póde deixar a quem quizer ſem reſpeito a herdeiro, que ſuccede *ab inteſtado*, e naõ prova nada no que vay por herança. XI. Concedemos tudo, e negamos ſó a conſequencia, que nada colhe de ſer a herança dos Reynos materia exhorbitante, e calificada: pois com iſſo eſta, que he verdadeira herança, e como tal ſe comprehende ſem extenſaõ alguma nos caſos, em que o Direito concede eſte beneficio da repreſentaçaõ. XII. Naõ admittimos o direito do ſangue, que allega; porque o Direito dos Reynos, e ſuas poſſeſſoens procedeo do antigo Direito das gentes, ſegundo o qual tudo

ſe

se deferia como herança, sem se conhecerem outros modos de succeſſoens, que por Leys mais novas foraõ inventados. Isto he doutrina commua dos Doutores, e praticada em Espanha pelos Reys de Castella D. Fernando, Don Alonso o VI. e D. Alonso VIII. D. Jayme Rey de Aragaõ o Conquistador, que dividio os Reynos entre seus filhos, D. Alonso o Sabio, e D. Henrique III. de Castella; aquelle desherdando seu filho, e este pondolhe gravames: e em Portugal o declaraõ as Bullas dos Summos Pontifices de sua fundaçaõ, assentos de Cortes do Rey D. Joaõ o I. e testamento delRey D. Affonso V. onde tudo se leva por herança verdadeira, que admitte representaçaõ, como temos mostrado.

XIII. O beneficio da representaçaõ está concedido na linha collateral da mesma maneira, que na dos descendentes: na dos descendentes he certo nestes Reynos, que succedem as femeas a seus pays com a prerogativa de varaõ; de modo, que se o pay, por ser varaõ, havia de excluir outras pessoas, exclua a filha as mesmas, como tios, primos, &c. Prova-se esta representaçaõ dos descendentes em Portugal pela Carta patente delRey D. Affonso V. em que ordena lhe succeda o filho, ou filha do Principe seu primogenito, e

naõ

naõ ſeus ſegundos filhos, o que tem força de ley, e direito, por aſſim o declarar o meſmo Rey: e ha exemplos do meſmo em outras partes, que ficaõ apontados no fim da repoſta da terceira razaõ. E que nos collaterais ſeja o meſmo, conſta do texto *in Auth. de hæred.* §. *Si autem.* E da razaõ da equidade, em que as leys ſe fundaõ, para conceder eſte beneficio aos deſcendentes, eſſa meſma tiveraõ para o concederem aos collaterais: e ha exemplos, como o em que o Rey Filippe de Inglaterra, por conſelho de Letrados declarou, que o Ducado de Bretanha pertencia á ſobrinha filha do irmaõ mais velho do Duque defunto, contra outro irmaõ do meſmo Duque: e ha leys, como a ley quarenta do Touro em Eſpanha, que diz: *Siempre el hijo, y ſus deſcendientes ligimos por ſu orden repreſenten las perſonas de ſus padres: & Molina lib. 3. c. 7.* reſolve que a dita ley procede na ſucceſſaõ dos Reynos, como na dos Mórgados. Nem he deformidade, nem impoſſivel, que a femea repreſente ſexo de varaõ; porque mais difficultoſo he fazer, que hum filho tenha a idade de ſeu pay, que huma filha alcançar o ſexo maſculino; porque a natureza faz muitas vezes das femeas machos, e naõ póde fazer, que o filho iguale a ſeu pay na idade, e

com tudo o Direito poem o filho diante do tio mais velho, ſó porque repreſenta a ſeu pay mais velho que o tio; logo muito melhor poderá fazer o que he menos, que a femea repreſente varaõ.

XIV. O que diz o Direito, que femeas naõ entrem em officios, nem juriſdiçoens, entende-ſe, onde ſe naõ ſuccede *Jure hæreditario*. Tambem os Eccleſiaſticos naõ pódem haver dignidades ſeculares, e com tudo poſſuem as herdades, como ſe vio no neto Cardeal Rey. Nem as femeas ſaõ taõ deſtituidas, como as fazem, principalmente as bem criadas: e os bons Conſelheiros ſupprem ſeus defeitos. E os Doutores da Univerſidade de Coimbra reſolveraõ, que a Senhora Dona Catharina devia ſer preferida a Filippe conforme as Leys do Reyno confirmadas por Innocencio IV. que fazem capazes, e habilitaõ as femeas para a ſucceſſaõ deſtes Eſtados, e excluem aquellas, que cazaõ fóra do Reyno; e poriſſo foy excluida a Senhora Dona Brites, e naõ por ſer femea, e tambem illigitima, e ſchiſmatica, e quebrar os contratos jurados, que ao tempo de ſeu cazamento foraõ feitos: ſchiſmatica aqui quer dizer de humor Caſtelhano. XV. Se Filippe por ſer Rey fora izento de Juizes na pertençaõ deſte

Reyno,

Reyno, naõ o mandára notificar o Papa Gregorio XIII. pelo Cardeal Riario Legado, que naõ affrontaſſe o nome Catholico com ſe fazer Juiz, e parte, por parecer dos ſeus, que com ambiçaõ do favor, e temor do deſagrado o enganavaõ; e ſe naõ queria Juizes Portuguezes, por conſiderar nelles alguma paixaõ, que elle lhe daria Juizes deſintereſſados, e incorruptos: e baſtava deixar ElRey D. Henrique devoluta a Juizes a queſtaõ, que elle ſó pudera reſolver, para o Rey de Caſtella ſer obrigado a eſtar pela ſentença; e naõ a declarou o Cardeal Rey, naõ porque tiveſſe alguma duvida na materia, mas por evitar a guerra, que já o Caſtelhano ameaçava: e naõ tinha duvida; porque quando ElRey D. Sebaſtiaõ foy a Africa, deixou feito teſtamento, em que nomeava o Cardeal D. Henrique por ſeu ſucceſſor no primeiro lugar, e no ſegundo a Senhora Dona Catharina; e naõ manifeſtou iſto, por divertir a furia de Caſtella, que eſtava muito poderoſa com vitorias, e Portugal muito debilitado com a perda da Africa, e peſte. Fiado pois o Cardeal por tantos principios na juſtiça da Senhora Dona Catharina, por evitar diſcordias nomeou Juizes, e requereo ao Catholico: o qual tergiverſandolhe a razaõ o conſtrangeo, e intimidou

midou a que ou lhe julgaſſe a cauſa, ou a naõ decidiſſe: naõ conſeguio o primeiro, alcançou o ſegundo, porque eſtava muito poderoſo com riquezas, e armas. Morto o Rey Cardeal, ficou a Senhora Dona Catharina ſó; e o Caſtelhano para ſe córar com o mundo, pôz a cauſa em juizo, aſſegurando a bolada por todas as vias; porque eſcolheo os Juizes que quiz, os quaes em Ayamonte, territorio de Caſtella, com evidente nullidade deraõ a ſentença de manera, que ſendo cinco, ſó tres ſe renderaõ á corrupçaõ: e para deſaſſombrar a conciencia a todos, ſumiraõ o teſtamento delRey D. Sebaſtiaõ; e boa prova he que nunca appareceo; e tambem he certo, que dizem, e ſe eſcreve, que levaraõ para Caſtella o livro do *Porco eſpim*, que ſe guardava no Cartorio da Camera de Lisboa, em que eſtava o direito da ſucceſſaõ deſte Reyno com as Cortes de Lamego, em que ſe decretava, que naõ entraſſem neſta Coroa Reys eſtranhos. Feitas eſtas diligencias, entrou em Portugal com hum exercito a tomar a poſſe como inimigo. Do dito ſe colhe, que naõ repugnou a ſer julgado, nem lhe eraõ ſuſpeitos os Juizes, pois os eſcolheo, e fiou delles tudo: e dizer que nenhuma duvida tinha, he falſo, porque ſe a naõ tivera, naõ mandara viſitar

a Se-

a Senhora Dona Catharina pelo Duque de Oſſuna com recados dobrados, que ſe a achaſſe acclamada, lhe déſſe o parabem; e ſe por acclamar, o pezame da morte de ſeu tio o Cardeal Rey; e a requereſſe para ſer julgada a cauſa da pertençaõ do Reyno, que ambos tinhaõ. Nem pedira a Pedro Barboza, Doutor celebre em aquelles tempos, que eſcreveſſe ſobre o direito, que por varaõ tinha a eſta ſucceſſaõ; o qual lhe reſpondeo, que naõ tinha razoens na pertençaõ da Coroa de Portugal em concurrencia de Dona Catharina; e poriſſo eſcreveo ao Duque de Gandia huma carta, em que por cifra lhe dizia, que lhe dava grande cuidado o direito de ſua prima. E picado deſte eſcrupulo deteve o Duque de Barcellos em Caſtella depois de reſgatado, apoderando-ſe delle, pelo que temia de ſeu direito: dilatou-lhe tambem o reſgate com côr de o fazer de graça a titulo de parente, para que cá naõ o declaraſſem por Principe, vendo que difficultariaõ ſua vinda com os Mouros, que pediriaõ por elle os lugares, que temos em Africa. Confirma-ſe mais o eſcrupulo de Filippe com os partidos, que cómetteo á Senhora Dona Catharina, largando-lhe o Algarve, e as terras, que foraõ do Infantado, e franqueza para mandar todos os annos

huma náo á India por ſua conta. E finalmente porque vio, que naõ tinha bom partido, ſe puzera a queſtaõ nos Juizes, que convinha, ſem ſe lembrar que ninguem he bom Juiz em cauſa propria, ſe fez Juiz, parte, e arbitro, uſando de violencia; com que tudo ficou nullo conforme as leys, de que ſempre fugio.

XVI. He verdade, que tres Juizes deraõ ſentença por Filippe com as nullidades, que ficaõ ditas; e álem deſſas outra muito eſſencial, que naõ acha eſcrita; e devia de eſcapar a todos os Autores, que trataraõ eſta materia com ſerem muito diligentes: e naõ me admiro; porque com mayor diligencia ſumio Caſtella todos os papeis, que podiaõ encontrar ſua pertençaõ; mas dous vieraõ á minha maõ ha poucos dias por hum caſo eſtranho, andando eu com eſte ponto na forja: e tendo o Principe noſſo Senhor noticia, como eſtavaõ na minha maõ, mos mandou pedir pelo Conde Regedor, e me conſta, que os eſtimou, e mandou guardar: hum he o Regimento, com que ElRey D. Henrique de parecer, e aprazimento dos tres Eſtados, mandou ſe fizeſſe a Junta; e declara quando, como, onde, e que haviaõ de ſer onze Juizes, e eſſes letrados nomeados por elle, e eſcolhidos pelos Eſtados. Outro

papel

papel contêm outro Regimento delRey Filippe para fazer este Reyno todo de seu humor por via dos Prelados, Prégadores, Confessores; e porque contêm violencias notaveis, farey mençaõ dellas adiante no seu lugar no fim da decima razaõ do Manifesto da Senhora Dona Catharina. O Regimento do Cardeal Rey he feito pelo Secretario Lopo Soares em Lisboa a 12. de Junho de 1579. todo da sua letra bem conhecida, e firmado por ElRey, e sellado com o sello grande das Armas Reaes. E nelle mandava se fizesse a Junta em Lisboa no Mosteiro de S. Vicente de fóra, por ser mais retirado, e observante na clausura; e que delle naõ sahissem, nem communicassem com pessoa alguma, senaõ depois da causa julgada; e que teriaõ vinte e cinco alabardeiros de guarda: e os obrigava a que antes de entrarem na Junta, se confessassem, e cõmungassem na Sé; e na Capella mór della fizessem juramento de inteireza diante do Cabido, Camera, Procuradores, Prelados, Titulos &c. e nada disto se fez: bem se vê logo que a sentença, que Filippe houve de tres Juizes, foy defectuoza, subreticia, capeada, e de nenhum valor.

XVII. Ainda que Castella tivesse opiniaõ provavel nos seus Doutores, mais provavel era a que

eſtava pela Senhora Dona Catharina; e aſſim tirava toda a duvida, que ſe naõ podia tirar com armas, quando as couzas ſe tinhaõ poſto por conſentimento das partes em juizo contraditorio com Juizes eſcolhidos, e louvados, e eſtavaõ *lite pendente*, e Filippe os perturbou, mudou, intimidou, e corrompeo até os desfazer, e diminuir. E he opiniaõ de innumeraveis Autores Caſtelhanos, como Vaſquez, Molina, Sanches, Suares, Filiuſio, Bonacina, e outros, que allegaõ; que ſe naõ póde tomar por armas o Reyno, em que ha opiniaõ. *Quod ſi unus* [conclue Suares diſp. 13. de Bello, ſect. 6. n. 4.] *tentaret rem totam occupare, aliumque excludere: hoc ipſo injuriam alteri faceret, quam poſſet juſte reptere, & eo titulo juſti belli rem totam occuparè.* E o juramento do Reyno nas Cortes do Caſtelhano foy irrito; porque em damno da Republica, e da Senhora Dona Catharina, e ſeus deſcendentes: e porque faltou o conſentimento do Reyno livre, que foy extorto por medo do exercito, com que cá entrou. Nem obſta o naõ reclamar; porque nunca houve lugar diſſo até o dia da Acclamaçaõ, que foy antes dos cem annos, que ſe requeriaõ para a preſcripçaõ de boa fé ſem contradiçaõ, e elles bem má fé tinhaõ; e bem reclamou o Senhor D. Theodoſio

com

com ſeus filhos, cuja retrataçaõ ſe moſtrou por eſcrito. E ainda que o juramento fora muito voluntario, ficava o Reyno deſobrigado de o guardar, tanto que os Reys de Caſtella naõ guardaraõ os que fizeraõ a Portugal, ajuntando, que queriaõ perder o Reyno, ſe aſſim o naõ cumpriſſem.

XVIII. Ao que diz do braço, que ſe fortificava com Portugal em Caſtella para defender a Igreja, reſpondemos, que ſe for o braço, qual o de ſeu pay, que deu ſaco a Roma, que ficará bem fortificada a Igreja, e que favoreceo tanto Caſtella a de Portugal, que em ſeſſenta annos que o dominou, naõ ſabemos que lhe levantaſſe huma, nem que lhe déſſe ſe quer hum Calix. E ſe alguns politicos cuidavaõ, que melhoraria Portugal de forças contra inimigos, naõ foy aſſim; e a experiencia moſtrou o contrario; porque Portugal conſervava-ſe com a paz, que tinha com todos os Principes; e Caſtella com guerra, que mantêm a todos: donde perdemos os cõmercios, que nos enriqueciaõ, e ganhámos guerras com todas as Naçoens, que nos deſtruîaõ: e para que nem deſta deſtruiçaõ nos podeſſemos livrar, tiravanos Caſtella as forças, levandonos noſſas armas, theſouros, e ſoldados, para ſe ſervir de tu-

do

do em ſuas guerras, e conquiſtas, deſamparando totalmente as noſſas.

XIX. Finalmente ao que diz da preſcripçaõ, e poſſe, reſpondemos, que a naõ póde haver em Reynos; e he de todos os Doutores, que naõ ſe póde dár em nenhuma materia ſem boa fé, titulo, e conſentimento das partes tacito, ou expreſſo. Naõ foy boa fé a de Filippe; pois com ſentença nulla, e armado com exercito tomou a poſſe: nem houve conſentimento da Real Caſa de Bragança, pois conſta, que reclamaraõ os Duques Dom Theodoſio, e ſeu filho ao juramento, em que naõ foraõ perjuros, porque o fizeraõ forçados ſem intençaõ de o cumprirem: álem de que he do Direito, que quem com armas invade a poſſe, a perde com toda a cauſa. Donde dado, e naõ concedido, que Filippe tiveſſe algum direito, todo o perdeo pela violencia. E naõ merece nome de tyranno, quem toma o que he ſeu: *Et habet jus in re:* antes merece titulo de Principe moderado; porque offerecendoſe-lhe muitas occaſioens de ſe reſtituir, diſſimulou, eſperando conjunçaõ de o fazer com ſocego, e ſem damno de ſeus póvos: os quais hoje governa, conſerva, e defende muito melhor que Filippe; porque naſceo, e vive entre ſeus vaſſallos,

los, falla a ſua lingua, conhece-os de nome, baſeja-os como Senhor, defende-os como Rey, caſtiga-os como pay, augmenta-os como poderoſo, ſem lhes tomar as fazendas, como fazem Reys, que daõ em ladroens.

****

MANIFESTO DO DIREITO
DA SENHORA DONA CATHARINA
Ao Reyno de Portugal contra D. Filippe.

AS repoſtas da Senhora Dona Catharina, que démos contra as razoens delRey Filippe, baſtavaõ por Manifeſto de ſua juſtiça: mas he taõ manifeſto o ſeu direito, que por mais razoens, que demos, ſempre ha mais razoens que dár: e para entendermos bem as mais fundamentais, que aqui ſe ſeguem, devemos preſuppor, que a ſucceſſaõ delRey D. Joaõ III. filho primogenito delRey D. Manoel, acabou em ElRey D. Sebaſtiaõ ſeu neto; e tornando aos filhos do meſmo Rey D. Manoel, naõ achou varaõ vivo, mais que o Cardeal D. Henrique, o qual morrendo ſem ſucceſſaõ, e ſem irmaõ, ou irmãa, a quem deixaſſe o Reyno, neceſſariamente havia de hir a hum de muitos ſobrinhos ſeus, e netos de ſeu pay.

Vi-

Viviaõ entaõ quatro, tres delles varoens, e huma femea, filhos de dous Infantes, e de duas Infantas: e pela antiguidade das Proles eraõ Filippe Prudente, filho da Infanta Dona Iſabel, Philiſberto filho da Infanta Dona Brites, D. Antonio filho do Infante D. Luiz, e a Senhora Dona Catharina, filha do Infante D. Duarte. Raynuncio tambem oppoſitor já era biſneto na linha do Infante D. Duarte; mas naõ ſe fez caſo da ſua oppoſiçaõ, por ſer defunta ſua mãy, que a devera fazer, e por naõ conſtituir linha differente da em que ſe achava a Senhora Dona Catharina, em melhor gráo que elle. E ſe neſta materia ſe atentára ſó para a linha maſculina, o Senhor D. Antonio ficava de melhor partido, por ſer varaõ, e filho de Infante; mas foy excuſo por illigitimo, e indiſpenſado; porque a diſpenſaçaõ ſó ſeria licita em defeito de oppoſitor legitimo: e logo ſe ſeguia a Senhora Dona Maria, por ſer filha de varaõ, e mais velha, que a Senhora Dona Catharina ſua irmãa: mas excluiraõ-na, por defunta, e a ſeu filho, que era o Senhor Raynuncio Principe de Parma por eſtrangeiro, e por ficar fóra do gráo, em que ſe admitte repreſentaçaõ; e principalmente por naõ conſtituir linha em oppoſiçaõ com a Senhora D. Catharina, que ficava com a

Senhora

Senhora Dona Maria na meſma linha do Infante D. Duarte pay de ambas. Seguiaſe logo a Senhora Dona Catharina, que era viva, e filha de varaõ: mas esbulhôa do direito com violencia notoria, e naõ a deixou tomar poſſe ElRey D. Filippe, dando por razaõ, que era varaõ, ainda que filho de Infanta, e que eſtava em igual gráo com ella: e accreſcenta eſtas palavras, que tenho eſcritas da ſua letra no papel, de que adiante farey mençaõ: *Que para entrar en eſtos Reynos nó tenia neceſidad de aguardar ſentencia de nadie, por ſer el proximo ſuceſſor en el Reyno, y nó reconociente ſuperior en lo temporal; que ſaneada, y ſatisfecha ſu conciencia de ſu juſticia, pudo ocupar la poſſeſion por ſu ſola autoridad, conforme a Derecho; y que ya es coſa eſta, de que nó ſe ſufre diſputar, ſinó tenerlo por ley, y verdad manifieſta, deſpues que los tres Eſtados del Reyno le tienen jurado en Cortes Generales por ſu Rey, y Señor natural, como lo hicieron en Tomar.* Mas do que temos dito, e diremos, ſe colhe claramente, quaõ pouco fundamento tem, e quaõ ſofiſticas ſaõ eſtas razoens de Filippe, que na verdade ſe ſeguia logo depois da Senhora Dona Catharina, excluindo o Principe de Piamonte, e Duque de Saboya, por ſer filho da Senhora Dona Iſabel, mais velha que a

Senhora

Senhora Dona Brites mãy do Piamonte Saboyano. Posto isto: por muitas razoens tomou o neto da Senhora Dona Catharina o Reyno de Portugal a Filippe com muita justiça: e nem por serem muitas, fazem melhor causa. O ponto está em serem boas: e então huma até duas bastaõ, e tres sobejaõ. As melhores neste caso se reduzem a quatro, que saõ Linha, Patria, Representaçaõ, Acclamaçaõ: e porque destas nascem outras, direy todas por sua ordem, e saõ as seguintes.

RAZOENS
DA SENHORA DONA CATHARINA
Contra Filippe.

I RAzaõ. Porque este Reyno era devido ao neto, ou neta delRey D. Manoel, que se achasse em melhor linha: e então só a Senhora Dona Catharina o estava, como filha legitima do Infante D. Duarte, que houvera de ser Rey, se vivera com a Infanta Dona Isabel mãy de Filippe, e precederlhe por varaõ, ainda que ella fosse mais velha. II Razaõ. Porque as Leys de Portugal prohibiraõ passar a Coroa a estranhos [como já dissemos, ou provámos das Cortes de Lamego] e então só a Senhora Dona Catharina

era

ēra natural deſte Reyno. E que eſta ley ſeja juſta, prova-ſe da ley natural; porque naõ ha couza mais natural, que governarem-ſe as cõmunidades por ſeus naturais, que lhes ſabem os coſtumes, e inclinaçoens. Da ley Divina; porque no Deutoronomio mandava Deos ao ſeu povo, que naõ admittiſſe Rey eſtranho: *Conſtitues Regem, quem Dominus Deus elegerit de medio fratrum tuorum; non poteris alterius gentis hominem Regem facere, qui non ſit frater tuus.* Deut. 17. Das letras humanas: os Garçoens diziaõ, que naõ eſtavaõ obrigados a obedecer a ElRey de Inglaterra, ſenaõ quando aſſiſtia entre elles. Sandoval na Hiſtoria dos Reys de Caſtella diz de Affonſo VI. que elle naõ cazaria ſuas filhas com eſtrangeiros, ſe ſoubera, que naõ havia de ter filhos: e de ſeu neto filho de D. Ramon fazia pouco caſo, por ſer filho de eſtrangeiro: e naõ levava em paciencia, que faltaſſe em Caſtella a ſucceſſaõ Real. O noſſo Rey D. Affonſo Henriques aſſentou com os Eſtados, e póvos, que na Coroa de Portugal naõ ſuccedeſſe eſtrangeiro, nem ſe admittiſſe a ella filho de filha, que cazaſſe fóra do Reyno; e em tempo delRey D. Affonſo V. naõ quizeraõ os tres Eſtados, que foſſe ſua tutora a Rainha Dona Leonor ſua mãy, por ſer Aragoneza:

neza: e ElRey D. Joaõ III. teve feita ley para eſtes Reynos, em que naõ ſó excluîa os eſtrangeiros, mas tambem as femeas filhas dos Reys deſtes Reynos, por tirar as duvidas pertendendo algum Rey eſtrangeiro, ou outro cazado no Reyno, ſucceder nelle; mas a Rainha Dona Catharina a eſtorvou pelo amor que tinha a Caſtella, eſtando para ſe promulgar. A eſte ponto tiraõ as leys deſte Reyno, que prohibem terem officios publicos eſtrangeiros; e poriſſo ElRey Filippe jurou que os naõ daria ſenaõ a Portuguezes: e podiaõ os Reys Portuguezes fazer eſtas leys neſte Reyno, naõ ſó por ſerem conformes á ley natural, e divina, em ſemelhante caſo, ſenaõ tambem, porque as punhaõ em couza propria, que podiaõ diſpôr com as condiçoens, que quizeſſem; porque ganharaõ á força do ſeu braço, e cuſta de ſeu ſangue Portugal aos Mouros, que injuſtamente o poſſuîaõ, e aſſim como em bens proprios lhe puzeraõ as condiçoens, que ſe lêm nas Cortes de Lamego.

III. Porque ſó diſpenſando-ſe com a ley, que prohibia eſtranhos, podia ſer admittido ElRey Filippe, a qual nunca ſe tinha diſpenſado: e havendo-ſe de entrar no Reyno com diſpenſaçaõ, mais direito tinha o Senhor D. Antonio para ſer

diſpen-

diſpenſado; porque álem de ſer natural deſte Reyno, era filho de Infante varaõ, e ſó neceſſitava de diſpenſaçaõ na illigitimidade, que já em ElRey D. Joaõ o I. ſe tinha dado; e a razaõ de ter por ſua mãy ſangue Hebreu, naõ eſtava prohibida, nem iſſo nos Reys avulta: donde de *primo ad ultimum* a Senhora Dona Catharina ſó devia entrar na ſucceſſaõ deſta Coroa, por naõ ter neceſſidade de diſpenſaçoens por neta legitima delRey D. Manoel, e Reyno. IV. Porque o beneficio da repreſentaçaõ ha lugar na ſucceſſaõ deſtes Reynos, aſſim como por Direito commum eſtá concedido nas heranças, que ſe differem *ab inteſtado*: e prova-ſe; porque eſtá geralmente induzido por Direito em todas as ſucceſſoens hereditarias, porque o filho he huma meſma couza com ſeu pay: e eſtes Reynos ſaõ herança do ultimo Rey poſſuidor: logo bem ſe ſegue, que ha nelles lugar á repreſentaçaõ, aſſim como nas heranças, que ſe differem *ab inteſtado*. Confirma-ſe; porque tambem ſe admitte repreſentaçaõ nos Mórgados, e bens vinculados *jure ſanguinis*: logo tambem nos Reynos, poſto que foſſem *jure ſanguinis*; porque foraõ inſtituidos pelos póvos, em quem ſe naõ póde conſiderar, que tiveſſem mais amor ao filho,

ou irmaõ do Rey, por mais chegados, que ao neto, ou ſobrinho, por mais remotos. Donde *Molina lib. 3. cap. 7. q. 1. n. 28.* tendo, que a ſucceſſaõ dos Reynos ſe differe *jure ſanguinis*, admitte o beneficio da repreſentaçaõ. E a ley diſpoem em Eſpanha, que o neto ſerá preferido ao filho ſegundo do Rey; e ha exemplos diſto em Inglaterra, França, Ungria, Bretanha: e em Aragaõ fez ElRey D. Jaymes II. jurar por ſeu ſucceſſor a D. Pedro ſeu neto, filho do Principe D. Affonſo, ſendo vivo o Infante D. Pedro ſeu filho ſegundo; e neſte Reyno D. Joaõ o I. ordenou em ſeu teſtamento, que os filhos, e netos do Senhor D. Duarte ſeu primogenito precedeſſem ao Infante D. Pedro ſeu filho ſegundo; e ElRey D. Affonſo V. ordenou o meſmo por ſua Carta patente, eſcrita aos Eſtados, accreſcentando, que o filho, ou filha do Principe D. Joaõ ſeu primogenito, ſendo legitimos, herdaſſem o Reyno, e naõ filho ſegundo ſeu. Poſto iſto, bem ſe infere, que á Senhora Dona Catharina pertencia a Coroa deſte Reyno, por repreſentar a ſeu pay, que ſe vivêra, havia de ſer Rey diante da Senhora Dona Iſabel, que a perdia, ainda que mais velha, por ſer femea.

V. Dado, que em Portugal naõ houveſſe

ley,

ley, nem Ordenaçaõ expreſſa, que admitta repreſentaçaõ na ſucceſſaõ dos Reynos; ha com tudo ley, que o caſo, que naõ eſtiver nas Ordenaçoens delle decidido, ſeja julgado pelas leys Imperiais; e ſe neſtas naõ eſtiver, pelas Gloſas de Acurſio; e ſe neſtas naõ, por Bartholo, ou pela cõmum opiniaõ dos Doutores. E o caſo preſente da maneira que o reſolvemos, ainda que naõ eſtá na Ordenaçaõ deſte Reyno, colhe ſe do Direito Civil, e eſtá determinado por Acurſio, Bartholo, e os Doutores, e admittido, e praticado em Portugal, e muitos outros Reynos, como moſtrámos. VI. Porque as femeas pódem ſer admittidas á ſucceſſaõ dos Reynos de Portugal; e ſe prova, de que a ſucceſſaõ deſtes Reynos ſe differe *jure hæreditario*, como herança do Rey ultimo poſſuidor: e conſta conforme a Direito, que as femeas por teſtamento, e *ab inteſtado*, ſaõ admittidas ás heranças hereditarias, aſſim pela ley das doze Taboas, como pelo Direito novo dos Emperadores, que ſe hoje guarda: e pois neſte Reyno naõ ha ley, que as prohiba, claro eſtá, que pódem ſer admittidas, aſſim como o ſaõ em todos os Reynos, e Eſtados da Europa, de que ha innumeraveis exemplos, que traz *Tiraquel. tom.* 1. *q.* 10. *á n.* 4. e aſſim eſtá

declarado em Portugal, e se colhe da doaçaõ feita ao Conde D. Henrique, e sua mulher Dona Theresa, que dizia: *Para elle, e seus succesſores.* E conforme a Direito esta palavra (*succesſores*) admitte tambem femeas, como a palavra (*herdeiros*) com a qual ElRey D. Affonso II. em seu testamento admitte a sua filha Dona Leonor, para lhe succeder no Reyno: e no Reyno do Algarve se prova particularmente da doaçaõ delRey D. Affonso o Sabio de Castella a ElRey D. Affonso o III. Conde de Bolonha seu genro, para seus filhos, e filhas para sempre. Destes exemplos ha muitos, o melhor me parece o da Carta, que ElRey D. Affonso V. escreveo aos Estados do Reyno, pela qual, quando entrou em Castella, determinou o modo, que se havia de guardar na succeſſaõ destes Reynos, dizendo assim: *Se em algum tempo acontecer, o que Deos naõ mande, que o Principe, meu ſobre todos muito amado, e prezado filho, faleça antes de meu paſsamento deſte mundo, e delle fiquem filhos, ou filha legitimamente havidos, que aquelles, ou aquella herde os ditos meus Reynos de Portugal, e dos Algarves, e naõ outro algum meu filho, ou filha.* De tudo o dito se colhe, que as femeas em Portugal saõ habeis para herdarem esta Coroa, e que a Senhora Dona Ca-

tharina

tharina naõ a podia perder por femea.

VII. Os Reynos herdaõ-ſe mais pelo direito hereditario, que pelo do ſangue. em Caſtella querem muitos que prevaleça o direito do ſangue, e que fóra della tenha mais força o hereditario. Donde os Caſtelhanos pegaraõ do direito do ſangue, para darem a Filippe o Reyno de Portugal: mas achando, que tambem por eſta via tinha a Senhora Dona Catharina mais direito, pegaraõ do hereditario; e parece que os moveo o verem, que poſſuîa Filippe, Navarra, Leaõ, e Caſtella com direito ſó hereditario, e naõ ficava conſoante occupar hum Reyno com direito contrario ao com que poſſuîa os outros. Donde ſe deve notar, que com o direito, que allegaraõ contra a Senhora Dona Catharina, perdiaõ os Reynos, que poſſuîaõ: e em qualquer dos direitos ficavaõ de peor partido, e a Senhora Dona Catharina de melhor condiçaõ.

VIII. Direito do ſangue he aquelle, que vem por inſtituiçaõ antiga, que diſpoz foſſe correndo a herança pelos parentes mais chegados em ſangue ao inſtituidor, como ſe vê nos Morgados. Direito hereditario he aquelle, que ſem attentar para as tais inſtituiçoens, dá a fa-

zenda do defunto ao parente mais chegado, ou quem o tal defunto nomea. De maneira que no direito do ſangue ſuccede ao primeiro inſtituidor, e no hereditario ao ultimo poſſuidor; e ſe bem attentarmos em ambos eſtes direitos, eſtava a Senhora Dona Catharina diante delRey Filippe: no do ſangue, por vir por linha maſculina, que he preferida á feminina, por onde ella vinha; e no hereditario; porque a inſtituiçaõ do noſſo Reyno era, que ſe déſſe ao natural, como era a Senhora Dona Catharina, e naõ a eſtrangeiro, como era Filippe. E prova-ſe da cauſa; porque elegeo Portugal o ſeu primeiro Rey natural, que foy, por ſe eximir do governo de Leaõ. E que eſte diſcurſo, e opiniaõ eſteja conforme a Direito, e razaõ, confirma Caſtella com ſemelhante caſo, em que tirou a S. Luiz Rey de França a herança de ſua Coroa, que lhe vinha por ſua mãy Dona Branca, filha mais velha do Rey Catholico, e a deo aos filhos de Dona Berenguera mais moça, que aſſiſtiaõ em Caſtella.

IX. O Duque D. Joaõ, marido da Senhora Dona Catharina, era deſcendente por linha maſculina do primeiro Rey de Portugal D. Affonſo Henriques; e he certo, que quando de alguma herança he excluîda a femea a favor de varaõ,

naõ

naõ tem iſto lugar, quando ella he cazada com agnado da meſma familia. Donde tambem por eſta cabeça de ſucceſſaõ hereditaria vinha o Reyno á Senhora Dona Catharina; e ſó podia haver duvida entre o Duque D. Joaõ, e a Senhora Dona Catharina ſua mulher, por terem ambos o direito do ſangue, e ſerem agnados, e precedello ella em ſer mais chegada ao ultimo poſſuidor, e elle a ella, em ſer varaõ: mas toda a duvida ſe ſolta no filho, que de ambos naſceo, o Senhor D. Theodoſio, no qual ſe ajuntaraõ ambas as razoens, que ſe cõmunicaraõ a ſeu neto ElRey D. Joaõ IV. o qual fundado nellas tomou poſſe pacifica do Reyno, que por pays, e avós lhe vinha direitamente. X. Faz muito pelo direito da Senhora Dona Catharina a força, e violencia, com que ElRey Filippe invadio eſte Reyno, e tomou poſſe delle; e já moſtrámos, que a força em cauſas juridicas tira o direito, a quem a faz: e eſta ſe prova em Filippe; porque mandou declarar por rebeldes, e traydores, com privaçaõ de vida, e fazenda a todos, os que com opiniaõ mais que provavel trataraõ da defenſaõ de ſua patria, ſem lhe terem jurado a elle, nem promettido fidelidade: e por eſte principio deo garrote ſecreto a immenſos Religioſos, que man-

dou lançar no mar com pedras aos peſcoços. E que foſſe injuſta, ou tyrannica eſta violencia, moſtrou-o o Ceo negando por muito tempo o peixe aos peſcadores, que foraõ ao Arcebiſpo D. Jorge de Almeida queixar-ſe, que eſtava o mar excõmungado, porque lançando muitas vezes as redes nelle, em lugar de peixes tiravaõ muitos corpos de Frades. E foy aſſim, que mandando o Arcebiſpo abſolver o mar com as ceremonias da Igreja, começou a dar peſcado, e ceſſou a maldiçaõ, que melhor abrangeria a quem tal juſtiça executou. Mais fez para violentar naõ ſó os corpos, ſenaõ tambem as almas, que mandou a todos os Prelados Eccleſiaſticos deſte Reyno, que revogaſſem logo todas as licenças a todos, quantos houveſſe approvados para confeſſar, e prégar; e que as naõ concedeſſem de novo, ſenaõ aos que foſſem conhecidos por de humor Caſtelhano; e que puzeſſem cenſuras reſervadas, de que com nenhuma Bulla ſe pudeſſem abſolver, os que de palavra, ou por eſcrito ſignificaſſem opiniaõ contraria á de Filippe. E diſto tenho na minha maõ hum papel, ou Regimento, que já atraz toquey, digno de ſe imprimir pelas muitas couzas deſproporcionadas, que contém, e por ſer da maõ, e letra delRey

Filippe

Filippe o Prudente, que neſtes pontos moſtrou, que o naõ era muito; pois mandava aos Prelados inferiores ao Papa, que revogaſſem os poderes das Bullas, e as licenças, que ſó os Summos Pontifices pódem tirar: mas como a pertençaõ principal era nulla, naõ ha que eſpantar, de que os meyos para ella foſſem tudo nullidades.

XI. E porque de hum abſurdo ſe ſeguem muitos, como diz o Filoſofo; deſte da força, e violencia, ſe ſeguiraõ tantas injuſtiças, em que logo ſe deſempenhou Caſtella, que menos baſtavaõ para lhe tirar o direito, dado, e naõ concedido, que algum tiveſſe, e para corroborar o da Senhora Dona Catharina, ainda que foſſe fraco. Vinte e quatro Capitulos cheos de promeſſas, que Filippe jurou a eſte Reyno, quaſi todos ſe quebraraõ, tendo no fim delles, que ſendo caſo, o que Deos naõ permittiſſe, nem ſe eſperava, que o Sereniſſimo Rey D. Filippe, ou ſeus Succeſſores, naõ guardaſſem a tal concordia, ou pediſſem relaxaçaõ do juramento, os tres Eſtados deſtes Reynos naõ ſeriaõ obrigados a eſtar pela dita concordia, e lhe poderiaõ negar livremente a ſugeiçaõ, e vaſſallagem, e que lhe naõ obedeceſſem, ſem poriſſo incorrerem em perjuro, crime de *leſæ Majeſtatis*, nem outro máo caſo algum.

algum. XII. Admittindo nós as injuſtiças allegadas em commum, que logo moſtraremos em particular; e dado, e naõ concedido, que a Real Caſa de Bragança naõ tiveſſe a eſte Reyno o direito, que temos moſtrado, eſtava o Sereniſſimo Duque neto da Senhora Dona Catharina obrigado a tratar do bem deſte Reyno, por ſer natural, e o mayor Senhor delle. Do bem da Republica póde tratar qualquer do povo, procurando ſeu augmento, e ſegurança: he ley certa deſte Reyno, por ſer opiniaõ de Bartholo, que naõ tem niſto, quem o contradiga. He tambem certo em Direito, que quando hum Reyno eſtá affogado, e opprimido com injuſtiças, tyrannias, e inſolencias do Rey, que o poſſue, e de ſeus Miniſtros; que o Rey mais viſinho he o ſeu protector, e a quem toca, e compete acudirlhe: e com mais razaõ os Senhores Duques de Bragança Condeſtaveis deſte Reyno, deſcendentes dos noſſo Reys, podiaõ tomar á ſua conta a liberdade da Patria, de ſeus parentes, e criados. Eſta doutrina admittem até os Caſtelhanos, e he de todos.

XIII. Eſtá hoje ElRey D. Joaõ o IV. em poſſe de boa fé; porque dado, que houveſſe duvida no direito, ou violencia interpoſta de

huma

huma das partes, a reſoluçaõ pertencia ao povo, que póde eleger por Acclamaçaõ, como elegeo o neto da Senhora Dona Catharina, uſando de hum quaſi poſtliminio no direito de eleger, que teve radicado do principio, e depois o transferio hereditario nos Reys; aſſim Portugal decidio a ſentença, que o Cardeal Rey naõ deo, e que o Caſtelhano nullamente fulminou. XIV. Sobre eſte fundamento da Acclamaçaõ voluntaria tiveraõ outro os Portuguezes naõ menos forçozo, para renderem obediencia aos Deſcendentes da Senhora Dona Catharina, e ſacudirem o jugo de Caſtella; e foy o das injuſtiças, com que eſta os governava: e prova-ſe ſer bom em toda Europa; em Caſtella com o Rey D. Pedro, em França com Gilperio, em Suecia com Chriſtierno, em Dinamarca com Herico, em Portugal com D. Sancho Capello, que foy excluîdo do governo por ſua froxidaõ, e teve a ſeu irmaõ o Conde de Bolonha por ſeu ſubſtituto: com eſte titulo ſe livraraõ os Hollandezes, e ſe livraõ os Catalans, ſe levantou Napoles, ſe amotinou Secilia; e Portugal declarou por ſeu Rey, a quem por direito o era, para o governar, como natural ſem tyrannias.

RE-

REPOSTA DELREY FILIPPE

Contra as razoens

DA SENHORA DONA CATHARINA

Com seu desengano.

I. REposta contra a primeira razaõ. *Terrible caso* [diz Filippe] *que quiten los Portuguezes un Rey Catholico, y tan buen Christiano como ellos, de su silla, y que se jacten, lo hazen con rason, colgandola de una linea, y que arrastren con ella mi potencia, y mi derecho tan bien fundado en igual grado con mi prima, a quien devia yo preceder por Varon, y mas viejo que ella!* Mas esta reposta se desfaz, como nevoa á vista do Sol, com a ley, e razaõ da representaçaõ, que já descutimos. II. Contra a segunda. *Admito, que podia Portugal hazer ley, que estrangeros nò le heredassen: mas niego, que la hizo, y lo pruevo con exemplo de la Reyna de Castilla Doña Beatrìs, hija unica del Rey de Portugal D. Hernando; la qual por muerte de su padre fue jurada en Portugal por Reyna, y Señora suya; y confirmase con el Rey D. Manuel, quando heredò los Reynos, y Estados de Castilla en nombre de su hijo D. Miguel: y siendo poderosos para defenderse, lo recebieron amorosamente, nò obstante ser estrangero; y quando despues los heredò el Archiduque de Austria, aunque era*

Aleman,

Aleman, hizieron lo miſmo: y que de la miſma manera deve Portugal ſer unido a Caſtilla. Mas eſtas repoſtas, e inſtancias tem facil reſoluçaõ; porque a certeza da ley conſta muito bem a Caſtella, que a ſumio com as Cortes de Lamego, como fica dito: e a nós baſtanos a tradiçaõ por certeza, que ſe prova com muitos documentos. E a Rainha Dona Brites poriſſo a jurou Portugal; porque era natural, e logo a repudiou, porque ſe fez Caſtelhana: e ſe Caſtella admittia eſtrangeiros, era, porque naõ tinha ley em contrario, como Portugal tem: e tambem, porque os fazia naturais com a aſſiſtencia continua; e com eſta faltou a Portugal, naõ pondo nelle pé, mais que para o opprimir, aggravandolhe o jugo como eſtranho, e poriſſo com muita razaõ o ſacudio.

III. *Que nò tenia neceſidad de diſpenſacion en eſta ley, porque era Portuguez, hijo de madre Portugueza, y ſe hizo Portuguez hablando la lengua de Portugal en ſus Proviſiones, y deſpachos, conſervando las coſtumbres, y leyes de los Portuguezes; con Palacio Real en ſu Reyno, y Tribunales, prometiendo aſiſtir en él el tiempo neceſsario para ſer tenido, y avido por natural, y nò por eſtraño.* Mas iſto ſe bem o diſſe, mal o cumprio; porque nunca veyo a Portugal, mais que a tomar poſ-

ſe

ſe armado como inimigo, metendo preſidios Caſtelhanos em todas as forças do Reyno, e Miniſtros Caſtelhanos nos Tribunais, armando a que todos foſſemos Caſtelhanos; porque ſó aſſim tratava de ſer natural noſſo: e para hum homem ſer natural requer a ley deſte Reyno, que ſeja naſcido nelle, e que ſeu pay tenha nelle bens de raiz, e domicilio por dez annos continuos, e nada diſto teve Filippe. IV. *Al punto de la repreſentacion negamos ficciones, y chimeras de Legiſtas, y tomámos poſſeſion por la realidad.* Mas já fica deſenganado na repoſta, que démos á razaõ quinta do ſeu Manifeſto; álem dos exemplos, que na quarta razaõ da Senhora Dona Catharina de novo apontámos, que bem moſtraõ, quam praticada foy ſempre a repreſentaçaõ em todos os Reynos da Europa, e neſte de Portugal muito particularmente, e eſtabelecida por ley.

V. *Que los Reyes, como Señores Soberanos, nò ſon ſugetos a las leyes, que ſe hazen para governar inferiores, y que las pueden derogar, quando reſultaren en daño de la Corona; que es la primera coſa, que ſe pretende conſervar con el derecho.* E diz muito bem em Reys tyrannos, para os quais naõ ha ley, mais que a de ſua vontade, conforme aquelle texto, que ſó elles guardaõ: *Sic volo,*

ſic

ſic Jubeo; ſic pro ratione voluntas. Mas devera advertir, que na oppoſiçaõ preſente naõ fazia figura de Rey, ainda que o era, ſenaõ de filho da Senhora Dona Iſabel, e como tal em figura de particular pertendia eſte Reyno, e naõ como filho do Emperador; por onde, ainda que era Rey, naõ lhe pertencia eſta Coroa. VI. *Lo que toca, a que las hembras pueden ſer admitidas a la ſuceſion de los Reynos de Portugal, lo admite todo en las hembras de la linea recta, y que lo niega en las colaterales, a quien preceden los varones, que ſe oponen en igual grado, y ſe prueva en Portugal de aquel Capitulo de las Cortes de Coimbra.* Mórmente que de tal devido, como o dito D. Joaõ Henriques havia com o dito D. Fernando, he da parte das mulheres; que ſegundo coſtume, e ley de Eſpanha, dos filhos a fóra naõ pódem ſucceder em tal dignidade. Mas eſte argumento bem ſe vê que naõ vem a propoſito; porque ſe tomarmos o texto como ſôa, tambem a filha do ultimo poſſuidor naõ poderia herdar o Reyno, contra o que temos provado, e Filippe admitte. Donde ſó ſe entende dos parentes collaterais, que naõ deſcem do Sangue Real dos noſſos Reys, como naõ deſcia D. Joaõ Henriques Rey de Caſtella, e poriſſo naõ devia ſucceder a ElRey D.

Fer-

Fernando, posto que fosse seu primo com irmaõ; porque este parentesco era por parte das mãys, que naõ desciaõ dos nossos Reys.

VII. *Que todos los Reynos tienen sus leyes, y derechos particulares, que en sus heredamientos observan; y que aviendo variedad en ellos, bien podia llevar unos Reynos por el derecho de la sangre, y otros por el hereditario.* Mas escusando nós agora esta questaõ, que devolve muitas fallencias, satisfazemos com averiguar, que assim em hum direito, como no outro, tinha a Senhora Dona Catharina mais justiça, como mostra a oitava razaõ do seu Manifesto. VIII. *Que ay tiempos de tiempos, y que ay leyes diferentes para diferentes Reynos: que Francia nò podia heredar Castilla, porque tienen estas leyes, y privilegios, que lo vedan: y Castilla podia heredar Portugal, porque nò avia impedimiento de ley, que se lo estorvasse.* Mas a isto já dissemos, que temos leys, que naõ passe este Reyno a estranhos, e atraz na segunda razaõ do Manifesto da Senhora Dona Catharina ficaõ apontadas: e se as nega Filippe, tambem lhe negaremos as que allega contra França; e queremos, que nos valha neste caso, se foy bom o estylo, que entaõ usou contra França.

IX. *Yo lo heredé, yo lo compré, yo lo conquisté,*

quiſté. Yo lo heredé, porque me lo reſolvieron muchos Doctores; yo lo compré, para evitar repugnancias: yo lo conquiſté, para quitar dudas. Y como lo heredado, comprado, y conquiſtado es, de quien lo heredó, compró, y conquiſtó: de la miſma manera Portugal por todas as cabeças es mio, y nò de la Señora Catalina, que nò lo heredó, ni lo compró, ni lo conquiſtó, como yo. Diz bem que o herdou por dito de Doutores, que corrompeo com dadivas, e terrores. Mas naõ rendeo a opiniaõ do melhor de todos, como já tocámos no fim da repoſta quinze ao ſeu Manifeſto; e o meſmo Juriſconſulto referindoſe-lhe huma viſaõ, que tivera huma peſſoa louvada em virtude, que lhe moſtrara Deos a alma de Filippe paſſando do Purgatorio para o Ceo, reſpondeo perguntando: Reſtituîo elle já Portugal á Senhora Dona Catharina? Pois em quanto lho naõ reſtituir, naõ creyo, que eſtá no Ceo. E eſte he o direito, que adquirio pela herança, compra, e conquiſta que allega. Herdou, o que lhe naõ pertencia; comprou, a quem naõ era dono, que pudeſſe vender; conquiſtou contra direito, e aſſim o ficou perdendo a tudo pelas meſmas tres cabeças, por onde jacta, que ſe fez Senhor. X. *Al punto de la fuerça ſe dize, que* vim vi repel-

lere licet. *Que una fuerça grande nõ ſe deshace ſinõ con otra mayor.* E diz bem, que ſentio grande força intrinſeca no direito da Senhora Dona Catharina, porque força extrinſeca naõ a havia nella: antes com paz, e ſocego ſe punha na razaõ, que Filippe naõ quiz admittir, nem ouvir; e poriſſo chamamos violencia á poſſe que tomou; com que na verdade perdeo todo o direito, que affectava.

XI. *Que tal juramento de guardar capitulos, y perder el Reyno, ſi nõ los guardaſſe, reſponde, que nunca lo hizo, ni ſe moſtrará autentico; y que lo prometido en las Cortes ſe cumpria, y quebrantava conforme a las conveniencias del tiempo, y buen govierno de las coſas, que nõ pueden ſiempre mirar a un ſolo fin, que los Reyes pueden alterar para mejor govierno, y mayor provecho de ſus Eſtados.* E falla verdade em dizer, que naõ eſtá authentico o tal juramento, que fez nas Cortes de Thomar em Abril de 1581. porque o naõ deixou imprimir na Carta patente de confirmaçaõ dos vinte e quatro capitulos. Tralla porém impreſſa em Madrid o Autor da Ley Regia de Portugal fol. 129. E o certo he que naõ he mayor o poder nos Reys, para condemnarem por traydores os vaſſallos, que no promettido, e jurado lhes faltarem; que

nos

nos meſmos póvos, para lhes negarem a obediencia, e os excluirem, quando os Reys lhes faltaõ com a palavra dada, e quebrantaõ o juramento de ſua promeſſa. Eſtá nos póvos a eleiçaõ, e creaçaõ de ſeus Reys, e nella contrataõ com elles haverem-nos de adminiſtrar em ſua conſervaçaõ, e utilidade. Donde todas as vezes, que os Reys lhes faltaõ, no que lhes prometteraõ de os defender, e conſervar, os pódem remover, e negarlhes a obediencia, como Portugal fez a ElRey D. Filippe, depois de o admittir intruſo, e violento. XII. Ridicula he a repoſta, que Caſtella dá á XII. razaõ da Senhora D. Catharina; porque conſta de opprobrios: *Llamandonos rebellados, prejuros, traidores, tiranos: y luego vendrá el Leon con ſus garras invencibles a hacer juſticia, y poner el derecho en ſu lugar y puncto, &c.* Mas bem claro fica do que temos diſcurſado, a quem pertencem eſtas nomeadas, que mais ſe confirmaõ com as ameaças das novas violencias, que nos promette: e entre tanto nos conſolemos com o que lá dizem em Caſtella: *Que del dicho al hecho vá gran trecho:* quanto mais, que onde as daõ: e naõ ha pé, que naõ ache forma de ſeu çapato.

XIII. *Niega Phelipo eſtar el pueblo en poſſe-*

 ſion

ſion de eligir Reyes; porque nò tenian mejor privilegio de eligir Rey en Portugal, que en los otros Reynos de Heſpanha, los quales ſon de ſuceſion, en quanto vive deſcendiente legitimo de la familia Real; y en eſta parte tiene Portugal menor libertad, que los otros Reynos; porque procede de donacion de los Reyes de Caſtilla, y de conquiſta de los Reyes de Portugal: y como el pueblo nò diò el Reyno, nò puede aver caſo, em que ſea poſible eligir. Bem eſtá: aſſim he. Mas nas duvidas naõ ha duvida, que tem o povo direito para as decidir, quando naõ ha, quem as reſolva limpamente, e ſe ſente offendido: porque ſe haõ no tal caſo os Reynos, como vagos, e reduzidos ao primeiro principio natural de ſua inſtituiçaõ, antes de terem Reys, em que os póvos pódem eleger quem quizerem: e bem ſe prova, que os de Portugal nunca quizeraõ a ElRey Filippe; pois nunca lhe deraõ hum viva, como notaõ até ſeus Chroniſtas, nem na mayor pojança do horrendo triunfo, com que entrou pela rua Nova de Lisboa. E vimos as acclamaçoens de vivas, com que ElRey D. Joaõ o IV. foy ſublimado ao Throno, para deſengano do mundo todo, que ſabe muito bem, que a concorde, e voluntaria acclamaçaõ dos póvos he o melhor titulo, que ha para reynar;

por-

porque assim se instituîraõ os Reynos, e fizeraõ os primeiros Reys. Donde havendo duvida entre herdeiros, e oppositores a huma Coroa, o melhor direito, que ha para as decidir, he a vontade do povo, que primeiro fez os Reys.

XIV. Finalmente responde Filippe: *Que nò se pueden presumir tiranias de un Rey Catholico, ni injusticias de un Monarcha tan poderoso, que de nada necesita, para ajustarlo todo, dando medio con suavidad a lo violento, y salida facil a lo dudoso.* E diz bem; porque em duvida, de todos os Reys se ha de presumir bem: mas quando as couzas saõ evidentes, naõ ha escusa, que as livre. A evidencia das injustiças, que Castella usou com Portugal sessenta annos, que o teve sugeito, mostrará o capitulo seguinte: e neste damos fim aos Manifestos de huma, e outra parte; em que ficaõ averiguadas, e bem manifestas as unhas de Portugal, e Castella; e bem curto de visto será, e bem cego de paixaõ, quem com a luz destas verdades naõ vir, que Portugal naõ tem unhas, e que Castella sempre as teve, e para este Reyno muito grandes.

****

CAPITULO XVII.

Em que ſe reſolve, que as unhas de Caſtella ſaõ as mais farpantes por injuſtiças.

DO que temos dito fica aſſás claro, que Portugal nunca teve unhas para furtar, e que Caſtella ſempre uſou dellas. E porque póde haver, quem naõ alcance tantas razoens; aſſim porque ſendo muitas confundem, como porque ha corujas, que naõ vêm luz, poremos aqui huma demonſtraçaõ taõ clara, que todos a vejaõ até com os olhos fechados, e a entendaõ, ainda que eſtejaõ dormindo. Ceſteiro, que faz hum ceſto, fará cento, diz o proverbio. E ſe iſto he verdade, como o he; mais o ſerá, ſe diſſermos: Ceſteiro, que faz hum cento de ceſtos, quero dizer de furtos, he mais que certo; e naõ he neceſſario para os provar, trazermos aqui Cetros, nem Coroas, como a de Navarra, de que ſe intitula ainda Rey o Francez; nem Milaõ, que o meſmo appellida por ſeu: nem Napoles, ſobre que fulmina o Papa, que lhe pertence: nem Caſtella, e Leaõ, ſobre que reclamaõ hoje os Lacerdas em Medina

dina Cæli: nem Secilia, que tem Senhor, que a naõ logra por falta de poder: nem Aragaõ, que lá tem no seu Limoneiro o direito, que o certifica da violencia que padece, nem os mais: que se com estes se forem para seus donos, ficará Filippe como a gralha de Hisopete. Naõ nos he necessario discorrermos por Reynos alheos, dentro no nosso daremos pilhagens aos milhares, em que ensanguentou tanto suas unhas Castella, que bastaõ, para provar, que as tem muito grandes; e que naõ repararia em levar este Reyno de hum golpe, sem ser seu; pois naõ reparou em o desbalijar por partes, depois de o possuir com unhas tyrannicas. Das injustiças nasce a tyrannia, naõ para estar ociosa, mas para obrar mais injustiças. E he assim que os Autores a dividem em duas, quando a definem. A primeira se dá, quando se occupa hum Reyno com violencia contra as leys. A segunda, quando o Rey o governa contra as mesmas leys. A primeira manifesta fica nos dous Manifestos, e em suas repostas. A segunda se manifestará nas injustiças seguintes.

Quando Portugal passou para Castella, hia aperfeiçoando suas Conquistas com novos modos de tratos, que se descobriaõ; hia-se ampliando, e propagando nossa santa Fé. Tudo parou logo,

e com o tempo foy tornando para traz. Tinhamos poderoſas armadas, immenſas armas, muita gente deſtra para tudo; quaſi de repente, e ſem o cuidarmos, nos achámos ſem nada. Pôz-nos mal Caſtella com todas as Naçoens; com que ſe diminuîo o trato, as rendas das Alfandegas faltaraõ, as mercadorias encareceraõ; os eſtrangeiros naõ podendo vir a noſſos pórtos buſcar noſſas drogas, hiaõ buſcallas a noſſas Conquiſtas, lançandonos dellas; porque naõ tinhamos forças, para lhe reſiſtir; e ainda que tinhamos os antigos brios, faltavanos a direcçaõ do governo, e o cabedal, que nos devorava Caſtella. Capitulou por vezes pazes com os Hollandezes da Linha para o Nórte, deixando fóra dellas, o que fica para o Sul, onde cahe o principal de noſſas Conquiſtas, como quem ſe naõ dohia dellas. Deu licença a eſtrangeiros para hirem commerciar a noſſas Conquiſtas com grande perda, aſſim de particulares noſſos, como das rendas Reaes: e no anno de 1640. mandou publicar nos Eſtados de Flandes obedientes, que podiaõ livremente navegar a quaeſquer pórtos noſſos: e mandou, que as noſſas bandeiras variaſſem de côr, para ſe differençarem das ſuas. Diminuiraõ-ſe as náos da India; deſpachavaõ-ſe taõ tarde, que arribavaõ; proviaõ-ſe

viaõ-ſe taõ mal, que pereciaõ, e as que vinhaõ, governavaõ-ſe de modo, que davaõ á coſta: até as armadas naõ logravaõ effeitos, por má direcçaõ; e as que nos mandavaõ fazer, e preparar a titulo de acodirem a noſſas Conquiſtas, feitas, as tomavaõ para as de Caſtella, e lá pereciaõ. A gente, que cá ſe aliſtava, mandavaõ, que cá ſe buſcaſſe o dinheiro para a pagarem; e o meſmo para as armadas, com que os hiamos ſervir. As noſſas Fortalezas andavaõ taõ mal providas, que as tomavaõ os inimigos, como ſe vio na Bahia, Pernambuco, Mina, Ormuz, &c. Tomaraõ-nos mais de ſete mil peſſas de artelharia: e huma vez ſe viraõ na Ribeira de Sevilha mais de nove centas peſſas de bronze com as armas de Portugal. Tomaraõ-nos todos os galeoens, galés, e armadas; de que reſultou ficarem noſſos mares ſaqueados, e naõ eſcapar embarcaçaõ noſſa; até os peſcadores nos tomavaõ os Mouros: até os direitos, e fintas particulares, que os homens de negocîo davaõ para fabrica de armadas, que os defendeſſem, incorporaraõ em ſi; e comiaõ-nos os ordenados das galés ſem as haver; e tudo, quanto adquiriamos de armas, tomavaõ para Caſtella. Dizem que nos acodiaõ com ſuas armadas, como ſe vio na reſtauraçaõ da Bahia. Reſponde-

mos

mos que o fizeraõ para aſſegurarem as ſuas Indias, e que ſe pagavaõ muito bem. E pelo contrario, quando nós os ajudavamos, que era mais vezes, ſempre foy á noſſa cuſta, como ſe vio na noſſa armada, que foy a Cadiz no anno 1637. Os ſerviços da noſſa Coroa feitos á de Caſtella, pagavaõ-ſe com premios de Portugal, e os ſerviços feitos á noſſa Coroa nunca tinhaõ premio. Com iſto, e com as continuas levas de gente de mar e guerra, para as emprezas de Caſtella, ficavaõ as noſſas deſamparadas, e ſe perdiaõ. Mandavaõ obedecer noſſas armadas ás ſuas Capitanîas, e Almeirantas contra noſſos fóros; com que nenhum homem de bem queria ſervir, por naõ perder honra.

Tinha Portugal privilegio antigo, que ſe lhe naõ poria tributo, ſenaõ admittido em Cortes; e jurando Caſtella de nos guardar todos, nos pôz a titulo de regalîa ſem Cortes o real dágua, accreſcentou a quarta parte das cizas, no ſal novos, e intoleraveis tributos em Caſtelhano, e ſobre as caixas de açucar. Incorporouſe na fazenda Real o rendimento das terças dos bens dos Concelhos, que os póvos concederaõ para fortificar muros, e Caſtellos. Faziaõ eſtanques de muitas mercadorias, com que obrigavaõ o Rey-

no a comprar o peor, mandando para fóra o melhor. Andava iſto de tributos taõ deſaforado, que ſe atreviaõ os Miniſtros a lançalos ſem ordens Reaes; como o das barcas peſcadoras, que obrigaraõ em Lisboa a hir regiſtar ás torres, para pagarem novas impoſiçoens, álem das muitas, que já tinhaõ. Quizeraõ introduzir neſte Reyno a moeda de Belhaõ, os deſpachos em Caſtelhano, o papel ſellado, e nos Concelhos de Madrid naõ nos queriaõ deſpachar ſenaõ nelle. Meteraõ os roubos de contrabando, e levavaõ para Caſtella o procedido delle; naõ ſe deſpendendo o ſeu em couza alguma de Portugal. O tributo do bagaço da azeitona, quem ha que o naõ julgaſſe por tyrannico, álem de ridiculo: e ainda mais ridiculo o das maçarocas, cujos executores apedrejaraõ as mulheres no Porto. A violencia das meyas annatas, que ſe pagavaõ até de titulos vaõs, e fantaſticos, e inuteis, e do que era devido por juſtiça. Fizeraõ praticar neſte Reyno couza nunca viſta entre Portuguezes, venderem-ſe a quem mais dava os officios, que antigamente ſe davaõ de graça, ſem olharem ſe as peſſoas eraõ dignas. E porque as indignas ſaõ, as que por dinheiro ſobem aos officios, ficava a Republica mal ſervida, e perturbada: o ſobir ſem meritos, e o naõ cahir por

erros

erros igualmente ſe vendia. Faziaõ jurar na Chancellaria, os que compravaõ os officios, que nada davaõ por elles, nem os que pertendiaõ pot interpoſta peſſoa: prohibiaõ ás partes virem com embargos a tais provimentos, e ſe alguem dava mais pelo officio já comprado, lho largavaõ ſem reſtituirem o dinheiro ao primeiro comprador, a quem ſatisfaziaõ com que apontaſſe, e pediſſe outra couza. Vendiaõ Habitos até gente indigna delles, e pertenderaõ inventar novas honras, para as vender, e habilitar com ellas gente infame ás mayores. Dos Nobres tomaraõ grandes pedidos; e dos que poſſuîaõ bens da Coroa a quarta parte: negaraõ os quarteis das tenças, e dos juros era muitó ordinario. Obrigavaõ os Nobres, Communidade, e Prelados, que déſſem ſoldados veſtidos, armados, e pagos á ſua cuſta, para fóra do Reyno. Ultimamente pertendiaõ tirar de Portugal toda a nobreza, todas as armas, e forças para a guerra de Cataluna; para o obrigar aſſim exhauſto, deſarmado, e ſugeito ao que quizeſſem. Avaliaraõ as fazendas de todos os Portuguezes, para as quintarem: mas amotinouſe Evora, reſiſtiraõ os póvos de Alem-Tejo, e logo todo o Reyno; com que ceſſaraõ outros muitos tributos, de que eſtavaõ já proviſoens pelas Comarcas.

marcas. Crescião as rendas Reaes com tributos por huma parte, e por outra multiplicavão-se as perdas: destruîa-se a Monarquia, e tudo se gastava em appetites: faltavão as armadas, e nos tanques do Retiro navegavão baixeis. Triunfando os Hollandezes de Espanha pelas companhias, que contra ella levantavão; a da nossa India se consumio, e desappareceo; sem os póvos receberem ganho; nem se lhes restituir se quer, o que lhes tinhão feito contribuir, nem se tomar conta aos Ministros, que o devoravão. As necessidades, em que nos punhão com este modo de governo, tomavão por achaque de novas impoſiçoens para as remediarem; do castigo faziaõ remedio, para que até o remedio fosse castigo.

Os Juizes Castelhanos julgavão, e sentenceavão os Portuguezes, que se achavão em Castella; e elles tinhão em Portugal Juizes Castelhanos. Chamavão a Madrid as demandas dos Portuguezes; cõmettiaõ-nas a Juizes Castelhanos; e se alguem resistia a isto, era punido. Quando se lhes devaçava de algum caso commettido neste Reyno por Portuguezes, e Castelhanos; pagavão tudo os Portuguezes, se sahiaõ culpados, e os Castelhanos eraõ remettidos a seus Juizes, que sempre os absolviaõ livres de culpa, e pena. In-

venta-

ventaraõ huma companhia de S. Diogo, onde ſe matriculavaõ com quantos delles deſcendiaõ; para que gozando dos privilegios de izento, ſe naõ extinguiſſe o nome Caſtelhano, antes ſe augmentaſſe entre nós, e foſſe mais eſtimado, e appetecido. Punhaõ olheiros Caſtelhanos nas noſſas Alfandegas, naõ os havendo Portuguezes nas de Caſtella em noſſo favor, ſendo hum Miniſtro Caſtelhano tido por menos limpo de mãos, que cem Portugnezes: e applicava-ſe a hum ſó delles mais ordenado, que a todos os Miniſtros noſſos do Tribunal, em que ſe punhaõ, e ſe lhes pagava deſta Coroa. Faltaraõ-nos com as promeſſas de nos libertar nos direitos dos Pórtos ſecos; e com outras mil de huns, e outros, que naõ conto. Levaraõ para Caſtella o provimento dos Corregedores, Provedores, e Juizes do primeiro banco, para os fazerem dependentes, e os divertirem para lá: tudo contra o promettido, e jurado. Faltou-ſe á Real Caſa de Bragança com algumas preeminencias, e cortezias devidas á ſua grandeza, e concedidas por Reys paſſados. Entregaraõ o menêo deſte Reyno, e ſeu total governo a dous Miniſtros, cunhado, e genro, que correſpondendo-ſe hum em Madrid, e outro em Lisboa, com intelligencias diabolicas, nos tyranizavaõ. Puze raõ

zeraõ por Vice-Rey a Duqueza de Mantua eſtrangeira, e que naõ era parenta do Rey no gráo, que ſe requeria para tal governo: puzeraõ-lhe Collaterais, e Conſelheiros Caſtelhanos, que ſe naõ doeſſem de nós dependentes, para que ſugeitaſſem ſeus votos. Fizeraõ que todos eſtes votos foſſem fechados, e ſecretos, para que ſe pudeſſe attribuir aos tais votos tudo, o que tyrannicamente ordenaſſem. Aſſim ſe fizeraõ os dous ſobreditos, cunhado, e genro, como o valîdo, ſenhores abſolutos. Diſſe o Rey Filippe hum dia ao Conde Duque a ſolas: *Que haremos con eſtos Portuguezes? Nò acabaremos con ellos de una vez?* O valîdo, que fabricava fazernos Caſtelhanos, e Provincia, para aſſim nos extinguir, reſpondeo: *Dexe V. Mageſtad eſto a mi cuenta, que yo ſe le daré buena dellos.* Manifeſtou iſto hum Grande, de quem entaõ ſe naõ acautelaraõ pela deſeſtimaçaõ da idade.

Aſſim ſe portava Caſtella com Portugal no governo temporal, e menêo da Politica de ſeus Eſtados. E que direy do que obrou contra o governo eſpiritual, e Eccleſiaſtico? Nas duvidas, que ſe moviaõ com os Colleitores, ſe davamos ſentença em favor da Igreja, eramos privados por Caſtella dos cargos; ſe contra ella, deixavanos eſtar

excõmun-

excómungados, e com interditos, ſem remediar nada, para que naõ ſó os corpos, ſenaõ tambem noſſas almas padeceſſem. Tiravaõ dinheiro das peſſoas Eccleſiaſticas com eſperanças, que lhes davaõ dignidades: nem tiveraõ pejo de provocar os Biſpos com cartas, que ao que mais déſſe, levantariaõ com mayores honras, e dignidades. Naõ ſe tinha por illicito, nem indecente, o que trazia comſigo algum lucro: e daqui vinha darem-ſe os premios da virtude á maldade, porque tinha eſta dinheiro, com que as comprava. Os depoſitos das Ordens militares, que reſultavaõ das comendas vagas, conſumiaõ-ſe em uſos profanos contra os Breves Apoſtolicos. Promettiaõ-ſe as comendas, antes de vagarem. Os rendimentos das Capellas, os legados pios, e até das Miſſas das Almas ſe tomavaõ a titulo de empreſtimo; e a reſtituiçaõ eraõ em tres pagas, de tarde, mal, e nunca. As Capellas eraõ premio, de quem as accuſava, e ficavaõ as Religioens perecendo, e as Almas do Purgatorio ſem ſuffragios penando. E porque o colleitor Caſtra Cani reſiſtio a iſto, como Miniſtro fiel da Igreja, foy prezo, arraſtado, e deſterrado com grande affronta de todo o Eſtado Eccleſiaſtico, e eſcandalo da gente Catholica. Da reſidencia dos Prelados nenhum caſo

ſe fazia, gaſtando-os em miniſterios temporais com grande damno eſpiritual de ſuas ovelhas. A Bulla da Cruzada ſe applicava a outros uſos fóra da defenſaõ de Africa, para que foy concedida: até das rendas da Igreja tomavaõ ſubſidios, e mezadas: para alguns pediraõ Breve, allegando que os póvos queriaõ, ſendo aſſim, que reclamaraõ ſempre. Multiplicavaõ as proviſoens das Mitras, com que hia muito mais dinheiro para Roma, e elles multiplicavaõ as ſimonias.

E eu tenho dado conta das injuſtiças, e roubos, que Caſtella executou em Portugal; e porque eſtou já rouco de repetir tantos, deixo muitos mais, e concluo com a minha conſequencia, de que, quem tal fez, que naõ faria? Quem teve unhas taõ farpantes para deſtruir hum Reyno, que appellidava ſeu, peores as teria para o agarrar, ainda que lhe conſtaſſe, que era alheo. E em concluſaõ: Caſtella ſe tem havido em tudo com Portugal taõ deſarrezoada, e cruel, que lhe pudera dizer Portugal, o que na Ilha de Cuba diſſe hum Indio Regulo Cacich chamado Hatuey, atormentando-o Caſtelhanos, queimando-o vivo com fogo lento, para que lhes déſſe ouro: cathequizava-o hum Religioſo de S. Franciſco neſte eſtado, e tendo-o já reduzido a receber

o bautiſmo; para hir ao Ceo: perguntou, ſe hiaõ lá Caſtelhanos? E reſpondeo-lhe o Religioſo, que ſim; diſſe, que naõ queria receber o bautiſmo, nem hir ao Ceo, por naõ ver lá taõ má gente. Fr. Bartholomeu das Cazas Autor Caſtelhano, e da Ordem dos Prégadores, refere eſte exemplo com outros muitos das crueldades, que uſaraõ em Indias: e nós dizemos, naõ tanto como eſte Regulo, mas pelo menos, que naõ queremos neſte mundo trato, nem commercio com tal gente; e aſſim me deſpido della, e de ſuas unhas, para continuar na emenda das que nos tocaõ.

****

CAPITULO XVIII.

Dos ladroens, que furtaõ com unhas pacificas.

NAs Republicas, que logràõ muitos annos paz, naõ ha duvida, que com a ocioſidade ſe fomentaõ, e criaõ vicios; porque ſaõ como as charnecas, onde porque nunca entra nellas a fouce roçadoura, tudo ſaõ malezas. Mal grande he a guerra, mas traz hum bem comſigo,

que

que traz a gente exercitada, e divertida de alguns males mais perniciosos, e hum delles he o de furtos domesticos. E daqui vem naõ haver no tempo da guerra tantos ladroens formigueiros, nem de estradas, como no da paz; porque os que tem inclinaçaõ a furtar, applicaõ os damnos ao inimigo, onde naõ temem castigo, e deixaõ a sua Republica illesa. Mas como naõ ha estado, nem tempo, que escape desta praga mais, ou menos, todos os tempos tem unhas, que os infestaõ, assim na paz, como na guerra; desta diremos logo: da paz digo agora, que naõ estou bem com ladroens, que furtaõ metendo espinguardas no rosto, desparando pistólas, esfolando caras, como o ladraõ Gayaõ, e o Sol Posto, que sahiaõ ás estradas mais para matar, que para roubar. Mais humanos saõ, os que com boa paz saudando a gente lhe pedem a bolça por bem para seu mal. Tal foy aquelle, que na charneca de Aldêa Galega pondo chapéos pelas moutas com páos, que pareciaõ espingardas de longe, pedia ao perto aos passageiros com cortezia da parte daquelles senhores, que lhes fizessem mercê de os soccorrer com o que podessem: e assim davaõ quanto traziaõ, para que os deixassem passar em paz: e tais eraõ, os que em tempo de Castella pediaõ do-

nativos pelas portas a titulo de ſoccorros, e empreſtimos, ſem nos porem os punhais nos peitos: mas quem naõ dava até a camiza, quando outra couza naõ tiveſſe, ſempre ficava temendo o tiro, que fere ao longe. Pedir eſmola com potencia, he pedir ſoccorro nas eſtradas publicas com carapuça de rebuço; e armas á deſtra, he querella levar por força, e com unhas pacificas. Outro houve taõ pacifico, que fazia exhibir aos paſſageiros o dinheiro, que levavaõ: e logo lhes perguntava, para onde hiaõ? E lançando as contas ao que lhes baſtava para a jornada, iſſo lhes reſtituîa, com nunca Deos queira que voſſas mercês lhes falte o neceſſario para ſeu caminho, e com o mais ficava. Tres furtaraõ em huma feira de maõ cõmum outras tantas peſſas de panno de linho, duas com trinta varas cada huma, e a terceira de trinta e ſeis. Ficou-ſe hum com eſta, por ſer o capatáz, e deu aos companheiros as outras, a cada hum ſua: acharaõ-ſe defraudados nas ſeis varas, que levava de mais, e arguiraõ-no, que naõ guardava igualdade, nem juſtiça, com taõ fieis companheiros. Reſpondeo que tinhaõ razaõ, e que naõ era elle homem, que ſe levantaſſe ás mayores com o alheo; e partindo as ſeis varas deu a cada hum duas dizendo: Ajude Deos

a cada

a cada qual com o que he ſeu *pro rata*. Taõ pacificas como iſto tinha eſte ladraõ as unhas. Por mais pacificas tenho as unhas dos que paſſeando em Lisboa vencem praças nas fronteiras; podemo-los comparar com as rameiras, que cheirando a almiſcar, e fazendo praça de lizonjas, e afagos, eſtafaõ as mais inexpugnaveis bolças, e eſcorchaõ os mais privilegiados depoſitos.

Naõ ſey, ſe pertencem a eſte Capitulo as piratagens, que ſe uſaõ por eſſes Almoxarifados, e Alfandegas de todo o Reyno nos pagamentos dos juros, tenças, e mercês, que ſobre as rendas Reaes ſe carregaõ. Vaõ os acrédores pedir os quarteis a ſeu tempo, e a repoſta ordinaria, que achaõ, he: Naõ ha dinheiro; e com eſte cabe poem de ré até aos mais poderoſos requerentes: mas ſe apertados da neceſſidade, que naõ tem ley, promettem a ametade do quartel, ou a terça parte, logo lhes ſobeja, e vos deſpachaõ, paſſando-lhes vós provimento, ou eſcrito, de como recebeſtes tudo; e aſſim o carregaõ na deſpeza, tirando para ſi do recibo as reſultas, com que ſe guarnecem em bella paz livres de demandas, e contendas. Bem conhecido foy neſta Corte hum homem honrado, que ſe fez dos mais ricos della pela maneira ſeguinte. Lançava nas rendas Reaes

ſempre mais que os outros, e poriſſo ſempre as levava: mas punha no contrato huma clauſula, de que naõ ſe fazia caſo, porque pagava adiantado, e era de muita importancia para elle, que lhe haviaõ de aceitar nos pagamentos a terça parte em papeis correntes. Divulgava logo, que quem tiveſſe dividas para cobrar delRey, que vieſſem ter com elle, e que á viſta lhas pagaria, ſe foſſem de receber os creditos dellas. Choviaõ-lhe em caſa os acrédores; que ſempre os ha deſeſperados de nunca cobrarem, porque a fazenda Real he parte rija: via-lhes os papeis, marchava em todos: concertava-ſe por fim de contas, que lhes daria a ametade; e tais havia, que por cem mil reis lhe largavaõ papeis liquidos de mil cruzados, e por mil cruzados lhe largavaõ facilmente dous contos; e por eſta arte taõ quieta, e pacifica, ſem ſe abalar de ſua caſa, veyo a medrar mais, que os que levaõ groſſos cabedais ao Braſil, e navegaõ com grandes riſcos á India.

Venha aqui o Duque de Lerma, que com grande valimento, e mayor paz governou a Monarquia de Eſpanha por muitos annos, livrando todos ſeus Eſtados de muitas guerras. A traça, que tomou para taõ louvavel empreza, foy de furtar hum milhaõ á Coroa com approvaçaõ

de

do Rey todos os annos, e este despendia em peitas, com que comprava o segredo de todos os Reys, Principes, e Potentados da Europa: tinha em todas as Cortes da sua mão hum Conselheiro, que lhe correspondia com os avisos de tudo, o que se tratava; e a cada hum dava por isso cincoenta mil cruzados, que era muito boa propina. Corriaõ estes cannos muito occultos; e tanto que tinha assopro, que se maquinavaõ guerras, logo lhes divertia a agua com cartas, e embaixadas a outro proposito taõ bem armadas, que desarmavaõ tudo, apagando temores, extinguindo suspeitas, e grangeando de novo amizades: tanto monta a destreza, e ardil de hum bom Ministro, sagaz, e prudente! E assim dizia este ao seu Principe: Senhor as couzas levadas por mal, arrebentaõ em guerras, e levadas por bem, florecem com paz. Hum anno de guerra gasta muitos milhoens de dinheiro, abraza muitas fazendas de particulares, extingue muitas vidas dos vassallos: e a paz sustenta tudo em pé, saõ, e illeso: e com hum milhaõ, que se gasta cada anno em peitas, compramos este bem taõ grande, e nos livramos dos gastos de muitos milhoens, e das inquietaçoens, que traz comsigo a guerra. Neste passo me pergunta o

curioſo Leitor: aonde eſtaõ aqui as unhas pacificas? Perguntaſtes bem: mas reſponderey melhor: que eſtaõ nos Senhores Conſelheiros, que gualdriparaõ o milhaõ a cincoenta mil cruzados cada hum, vendendo por elles o ſegredo dos ſeus Principes, que he huma joya, que naõ tem preço; porque depende delle o augmento dos ſeus Eſtados, que muitas vezes ſe apoya na execuçaõ prompta de huma guerra juſta. Mas podemos-lhe dar eſcuza nas conſequencias da paz, que ſempre he mais proveitoſa para os póvos; cujo bem, e conſervaçaõ deve ter ſempre o primeiro lugar nos diſcurſos de todo o bom governo, ſe naõ trouxer comſigo mayor perda, como a com que nos enganou Caſtella. Alguns Eſtadiſtas tiveraõ para ſi, que fora grande ventura paſſar a Coroa de Portugal a Caſtella pela paz, com que nos conſervava ſua potencia dentro no Reyno. He verdade, que naõ entraraõ cá inimigos com exercitos, que nos inquietaſſem o ſomno: mas lá lavrava ao longe a concordia inimiga, e como lima ſurda nos hia gaſtando, e conſumindo, ſem darmos fé do damno, ſenaõ quando já quaſi que naõ tinha remedio. Deos nos livre de tal paz: paz fingida he peor, que guerra verdadeira, e eſta he melhor; porque a boa guerra faz a boa paz.

A boa

A boa paz he a melhor droga, que nos trouxe o cõmercio do Ceo á terra, e como tal a applaudiraõ os Anjos em Belém depois da gloria de Deos: e poriſſo he bem que digamos os frutos della, e os documentos, com que ſe grangea.

****

CAPITULO XIX.

Proſegue-ſe a meſma materia, e moſtra-ſe, que tal deve ſer a paz, para que unhas pacificas nos naõ damnifiquem.

O Officio do Principe he procurar, que ſeus vaſſallos vivaõ em paz: e poriſſo quando o juraõ, leva na maõ direita o Cetro, com que ha de governar o povo em paz. Os Romanos traziaõ o anel Militar na maõ eſquerda, que he a do eſcudo, para denotar, que as Republicas bem governadas tem mais neceſſidade de ſe defenderem, para conſervarem a paz, que de offenderem a outros para acenderem guerras. O alvo de todo o governo politico deve ſer ſempre a paz; porque a guerra he caſtigo de peccados: e

aſſim

assim se devem considerar sempre as causas, que houve para se romper a paz; e tratem de as reparar. Para ser firme a paz haõ de procurar, os que a fazem, de terem a Deos propicio: e tellohaõ, se lhe pedirem, que lhes dê juizo, e entendimento para administrar justiça. Será a paz de dura, se as condiçoens della forem honestas, e se se assentar com vontade verdadeira sem enganos. Melhor he a paz com condiçoens honestas, que guerra perigosa com interesses incertos. Os Lacedemonios, e Athenienses diziaõ: Prouvesse a Deos que nossas armas estivessem sempre cheas de têas de aranhas. Quem trata de paz, se a naõ puder concluir, faça pelo menos treguas; porque por meyo das treguas se alcança muitas vezes a paz; porque daõ tempo a se considerarem, e alcançarem de ambas as partes os inconvenientes da guerra: e deve-se advertir, se quem pede a paz, he gente de sua palavra: e quem está vitorioso deve concedella, porque se lhe admittem mais facilmente as condiçoens que quer. A guerra faz-se para ter paz, e porisso he melhor sempre admittir esta, que fazer aquella. As condiçoens da paz saõ de grande momento para ser de dura. Os Romanos na paz, que fizeraõ com os Carthaginezes, puzeraõ-lhes por condiçaõ,

que

que lhes entregaſſem a armada, que tinhaõ: puzeraõ-lhe o fogo, e ficaraõ todos quietos. Ninguem ſe deve fiar muito na paz feita com inimigo porfiado; porque a malicia, e a ambiçaõ com pretexto de paz ſe valem de enganos, e cautelas, peores que a guerra: e poriſſo o Principe prudente no tempo da paz naõ deve deixar os enſayos da guerra, e exercicios militares; nem que os ſeus vaſſallos ſe dêm ao ocio, e regalos; porque, como diz Tito Livio, naõ fazem tanto dâmno á Republica os inimigos, quanto fazem os regalos, e deleites. Na mayor paz ter as armas, e armadas preſtes enfrêa os inimigos. Paz deſarmada he mais arriſcada, que a meſma guerra. Naõ eſtaõ ocioſos os galeoens no eſtaleiro, nem as armas com bolor nos armazens: dalli ſem ſe moverem, eſtaõ reprimindo os impetos do inimigo, que ſe acanha ſó com cheirar, que ha de achar reſiſtencia. O Emperador Juſtiniano tem, que os Principes haõ de eſtar ornados com as armas da guerra, e armados com as leys da paz, para governarem bem os póvos, que tem a ſeu cargo. Começa a ruina de huma Republica com o deſprezo das leys, onde acaba o exercicio das armas. Quando Xerxes rendeo Babylonia, naõ matou, nem cativou, os que lhes reſiſtiraõ: mas

ſó mandou para ſe vingar delles, que naõ exercitaſſem mais as armas, e que ſe occupaſſem em tanger, cantar, e dançar, e em ſerem jograis, e taverneiros; e com iſto conſeguio, que a gente daquella Cidade taõ inſigne no mundo foſſe vil, e fraca. Tal foy a paz, que o governo de Filippe trouxe a Portugal com o perdaõ geral, que deu a todos os que lhe reſiſtiraõ: e houve Eſtadiſtas taõ ſabios, que tiveraõ iſto por felicidade.

Da maneira que os corpos, e ſubſtancias terreſtres naſcem, creſcem, e morrem; e quando naõ tem de fóra, quem os gaſte, dentro em ſi criaõ, quem as conſome: aſſim as Republicas quando naõ tem inimigos de fóra, dentro em ſi criaõ, quem as deſtroe. Dizia o Emperador Carlos V. que da maneira, que no ferro naſce a ferrugem, que o gaſta, ſe o naõ uſaõ; e no páo o gurgulho, que o come, ſe o naõ movem, e até o mar ſe corrompe em ſi meſmo, onde lhe faltaõ as marés que o abalem; aſſim nas Republicas naſcem bandos, e diſſençoens, que as inquietaõ, e conſomem, ſe com a paz deixaõ entrar nellas a ociosidade. O Principe dos Filoſofos no cap. 7. lib. 5. da ſua Politica adverte tres couſas partos da ociosidade, que aſſolaõ as Republicas. Primeira: admit-

tirem-ſe

tirem-se poucos ao governo, havendo muitos dignos. Segunda: excluîrem os ricos viciosos aos pobres virtuosos. Terceira: levantar-se hum valîdo com o menêo de tudo. De tudo resulta, que com tyrannia se izentaõ, com ambiçaõ roubaõ, e com soberba atropelaõ os inferiores; e fazendo-se odiosos movem revoluçoens, como em nuvem prenhe de exhalaçoens, que naõ socega, até que naõ arrebenta com trovoens, e rayos, assolaçoens, e ruinas. Platão diz que a Republica ociosa cria muitos pobres, que logo daõ em ladroens, e sacrilegos, mestres de maldades. Convêm que assim como as abelhas naõ consentem zangaõs na sua Republica; assim os que governaõ a nossa, naõ devem consentir gente ociosa exposta a vicios, novidades, e inquietaçoens. Aristoteles, que sempre contradiz a seu Mestre Platão, affirma que mais mal fazem á Republica os ricos no tempo da paz, que os pobres; porque com o poder se eximem da obediencia das leys, e com a ociosidade estaõ prestes para motins, e com as riquezas aptos para os sustentar: impedem a reformaçaõ dos costumes, relaxaõ a modestia do povo com gastos superfluos no comer, e vestir, incitando o vulgo a desobedecer. E se o Principe os naõ vigiar para os trazer

a todos

a todos em regra com temor, e amor, darlhe-haõ com a Republica, e com a Monarquia atravéz, e vem a ſer conſequencia infallivel, que peccados publicos tolerados aſſolaõ as Republicas como fogo: naõ ſaõ os dos Reys, os que fazem o mayor damno, ſenaõ o deſcuido, com que toléraõ as demazias dos póvos, que Deos caſtiga com Pharaóes, Caligulas, e Neroens, que lhe ſervem de algozes: e quando o Principe he bom, permitte, que tenha Miniſtros tais, como eſtes Emperadores, e que os naõ poſſa atalhar, porque o enganaõ com a hypocreſia maſcarada com côr de virtude, e zelo. Livrarſe-ha deſtes enganos, farſe-ha admiravel, e florecerá invencivel o Rey [diſſe hum Sabio] que guardar inviolavel quatro leys. Primeira, que naõ conſinta que os grandes opprimaõ aos pequenos, e ſerá tido por juſto. Segunda, que naõ diſſimule nenhuma deſobediencia, por leve que ſeja, ſem caſtigo pezado: e farſe-ha temido. Terceira, que naõ deixe paſſar nenhum ſerviço ſem premio: e ſerá bem ſervido. Quarta, que ninguem de ſua preſença ſe aparte deſconſolado: e ſerá de todos muito amado. E hum Rey juſto, temido, bem ſervido, e amado, conſervará ſua peſſoa ſegura, ſeu Imperio inexpugnavel, ſua fazenda com augmentos, e

ſeus

ſeus vaſſallos ſem faltas. E em chegando a eſte auge, lograrâ proſpero ſeu Cetro em paz, livre dos damnos, e unhas, que chamamos pacificas.

****

CAPITULO XX.

Dos ladroens, que furtaõ com unhas Militares.

SAnto Agoſtinho lib. 1. *de Civitate Dei* cap. 3. diz, que aſſim como os Medicos curaõ aos doentes com diétas, evacuaçoens, ſangrias, e fogo; aſſim Deos cura os peccados do mundo com fomes, que ſaõ as diétas; com peſtes, que ſaõ as evacuaçoens, e com guerras, que ſaõ as ſangrias, e o fogo. E vem a ſer os tres açoutes, que Deos moſtrou a David, com os quais coſtuma caſtigar os homens: e por mayor ſe póde ter o da guerra; porque a nada perdôa, tudo leva, ſagrado, e profano, fazendas, honras, e vidas. E como na agua envolta achaõ mayor ganancia os peſcadores; aſſim nas revoltas da guerra achaõ mais, em que ſe empolgar ſuas unhas, que chamamos Militares. Na reſtauraçaõ da Bahia entre-

entregou o Monarca dous, ou tres milhoens a D. Fadrique de Toledo para as despezas da guerra. Houve depois desgostos entre elle, e o Conde de Olivares, que governava tudo: e ajudando-se este do valimento para se vingar do Fadrique, mandou-lhe tomar contas; e alcançando-o em meyo milhaõ apertou com elle, que o pagasse, ou désse descarga: deu elle esta em huma palavra, que gastára o resto em Missas ás Almas, em esmolas, e obras pias, para que Deos lhe désse a vitoria, que alcançou, que muito mais valia. E pudera dizer tambem, que grande parte se foy por entre os dedos das unhas militares, que a sorveraõ; porque o dinheiro, que corre por muitas mãos, he como o pêz, e breu, que logo se pega aos dedos, e mete por entre as uhas.

Seraõ estas por ventura sua, ou desgraça nossa as unhas dos pagadores; os quais se se mancomunaõ, ou descuidaõ huns dos outros, na volta de duas planas fazem tal revolta no dinheiro delRey, que o deixaõ em passamento, e os soldados em jejum, fazendo-lhes de todo o anno quaresma? Se naõ saõ estas, póde ser que ajudem; porque escrevendo despezas, onde naõ houve recibos dos soldados, recebem para si todos os restos,

tos, que com ſerem groſſos, naõ ſe enxergaõ no fim das contas, que capêaõ ſua malicia com titulo de milicia: e ficando eſta taõ defraudada no cabedal, e poriſſo nos ſoldados, vale-ſe tambem das unhas, que mais propriamente ſaõ Militares, para que naõ falte aos ſoldados o neceſſario, e tambem o ſuperfluo; e daqui vem, que o meſmo he ſer ſoldado, que naõ vos fiardes delle. Tem a guerra grandes licenças, naõ lho nego, mas nunca he licito fazer preza no alheo ſem titulo, que cohoneſte a pilhagem; e naõ póde haver eſte, onde ſe naõ falta com o neceſſario. Os póvos concorrem com o tributo das décimas para a ſuſtentaçaõ dos ſoldados, que he baſtante, e de ſobejo; e poriſſo os ſoldados ſaõ obrigados a defender os póvos, que naõ padeçaõ injurias, damnos, nem perdas. E ſobre eſta obrigaçaõ, ſahirem da meſma milicia unhas, que deſtruaõ os póvos, he grande injuſtiça, a qual vem a cahir, ſobre os que occaſionaõ nos ſoldados com defeito das pagas tais neceſſidades, que os obrigaõ a buſcar remedio para naõ perecerem; e o que ſe lhes offerece logo mais á maõ, he meter a maõ até o cotovello pelo alheo, quando ſe lhes falta com o proprio. Metaõ todos os Miniſtros, Cabos, e Officiais as mãos em ſuas conciencias;

e acharáõ, que tanta pena como o ladraõ merece, quem lhe dá occaſiaõ ſemelhante para o ſer. E ſe achar que fallo eſcuro, naõ mo tache; porque o tempo anda carregado; acenda huma candêa no entendimento, e verá logo, que he obrigado a reſtituir, naõ ſó o que embolçou, mas tambem o que o ſoldado furtou, por elle lhe naõ pagar.

Naõ ſaõ os pagadores, nem os ſoldados ſós, os que jogaõ unhas militares: tambem os ſenhores Capitaens, e Cabos mayores tem ſuas unhas, tanto mayores, quanto o ſaõ os cargos. Offerece-ſe hum deſtes a Sua Mageſtade, que lhe dê huma gineta, e que elle levantará a Bandeira de infantes á ſua cuſta. Contenta o alvitre no Concelho, porque fórra de gaſtos a fazenda Real: ſobe a conſulta; deſce a proviſaõ: parte o ſupplicante com ella; aguarda duzentos, ou trezentos mancebos ſolteiros, filhos de pays ricos, e pouco poderoſos: chovem interceſſoens, e logo as peitas, para que os largue: vay largando os que daõ mais, naõ por eſſe titulo, mas porque diz lhe provaõ que tem o pay aleijado, a mãy cega, ou irmãas donzellas: e o menos, que tira de duzentos, que liberta, ſaõ quinze, ou vinte mil reis por cabeça; e ajunta aſſim quatro,

tro, ou cinco mil cruzados: gaſta delles mil e quinhentos, quando muito nas pagas, e comboy de cem infantes, que naõ ſe puderaõ livrar da violencia por miſeraveis, e fica-ſe com tres mil cruzados de ganancia ao menos, com que vay luzindo na marcha, e poem em pés de verdade, que tudo he á ſua cuſta: e deſte ſerviço, e outros ſemelhantes faz outra unha, com que alcança huma comenda. E como eſtas pilhagens tem propriedade de creſcerem ao galarim, vem a engroſſar tanto, que por meyo dellas dá caça a officios, e beneficios, com que enche, e ennobrece toda a ſua geraçaõ: e vem a ſer tudo deſtreza ſua; que aonde outros achaõ a forca, por furtarem ſem arte, elle acha thronos com eſperanças de mayores accreſcentamentos. Nos Vice-Reys da India vimos em tempos paſſados exemplos deſta fortuna proſperos, e tragicos; porque os que lá naõ furtavaõ, para cá remirem ſua vexaçaõ, morriaõ no Caſtello com ruim nomeada; e os que traziaõ milhoens furtados, de tudo ſe eſcoimavaõ galhardamente com nome de muito inteiros. Emfim o que reza eſte paragrafo já naõ corre. Seria immenſo, ſe quizeſſe eſgotar aqui todas as unhas militares, aſſim em naõ pagarem o que devem, como em cobrarem o que naõ he ſeu,

ajudando-se para isso da jurisdiçaõ das armas. Acabo este capitulo com huma habilidade dos Assentistas, e contratadores, a que poucos daõ alcance, e nenhum o remedio. He certo em todas as economias humanas, [e tambem nas divinas] que quem mayor cabedal mete, mayor premio merece: e porisso ninguem repara nos grandissimos lucros, que os Assentistas colhem da obrigaçaõ que tomaõ de prover as fronteiras; porque se suppoem que empregaõ nisso ao menos hum milhaõ de dinheiro; e a hum milhaõ de emprego claro está que deve corresponder hum grandioso lucro; e tal lho deixaõ recolher, sem se advertir, que he mayor o arruido que as nozes; porque cem mil cruzados, que tenhaõ de cabedal, bastaõ, e sobejaõ para todo o menêo de dous milhoens. E he assim, que Sua Magestade lhos vay pagando *pro rata* aos quarteis dentro no mesmo anno; de sorte, que quando os acabaõ de gastar, os acabaõ tambem de cobrar: e a difficuldade está só no principio, e no primeiro quartel das pagas, que se fazem antes de cobrarem da fazenda Real alguma cousa; e para darem principio ás primeiras pagas da milicia, bastaõ os cem mil cruzados, que temos dito, com que entraõ de cabedal: e quando naõ cheguem ao

fiado,

fiado, e ao puxado, remedeaõ o primeiro quartel; e quando vem o ſegundo, já tem cobrado das conſignaçoens delRey, o que baſta para navegar por diante, e ſupprir atrazados; e aſſim fazem os gaſtos com a fazenda Real, e cuida o mundo, que os fazem com a ſua, e que ſaõ poriſſo merecedores do que ganhaõ, que he mais que muito. Alvidrem agora lá os Eſtadiſtas, ſe he mayor guerra, a que nos faz o inimigo nas fronteiras com ferro, e fogo, ſe a que nos fazem eſtes amigos com o dinheiro.

****

CAPITULO XXI.

Moſtra-ſe, até onde chegaõ unhas militares, e como ſe deve fazer a guerra.

HE a guerra hum de tres açoutes, com que Deos caſtiga peccados neſte mundo, já o diſſe: e poriſſo traz comſigo grandes trabalhos, aſſim para quem a faz, como para quem a padece; e hum dos mayores he o dos latrocinios, e pilhagens, que de parte á parte, e ainda entre

ſi as partes exercitaõ. E porque nem tudo o que ſe toma he furto, e na guerra muito menos, declararey tudo, o que permittem as leys da guerra, e logo ficará claro, até onde pódem chegar as unhas militares. Já que o Reyno de Portugal he taõ guerreiro, que naſceo com a eſpada na maõ; armas lhe deraõ o primeiro berço, com as armas creſceo, dellas vive, e veſtido dellas como bom Cavalleiro ha de hir para a cova no dia do Juizo; bem he, que ſaiba tudo, o que permittem, e tambem o que prohibem as leys verdadeiras da guerra, que ordinariamente tiraõ a conſervar o proprio, e deſtruir o alheo, para que com a potencia naõ deſtrua o contrario.

He erro cuidar, que ha prohibiçaõ de guerra entre Chriſtãos; e he hereſia dizer que he intrinſecamente máo, ou contra a caridade fazer guerra: porque ainda que ſe ſigaõ della muitos males, ſaõ menores, que o mal, que com ella ſe pertende evitar. A guerra, ou he aggreſſiva, ou defenſiva. A defenſiva naõ ſó he licita, mas hé obrigaçaõ fazella: he licita pelo preceito natural: *Vim vi repellere licet.* E he obrigaçaõ fazella, quem tem a ſeu cargo defender a Republica. A aggreſſiva naõ he máo fazer-ſe; antes póde ſer bom, e neceſſario · naõ he

máo,

máo, porque temos muitas na Sagrada Eſcriptura mandadas fazer por Deos; e hé neceſſario fazer-ſe, porque a razaõ a dicta para evitar injurias. Para qualquer dellas ſer juſta, ſaõ neceſſarias tres circunſtancias. Primeira, que ſe faça com poder legitimo; ſegunda, com cauſa; terceira, que ſe guarde a moderaçaõ devida. Só o Rey, ou Principe, que naõ tem Superior, e ſeus Miniſtros com vontade expreſſa, ou preſumpta de ſua cabeça, pódem fazer guerra; porque lhes pertence a defenſaõ.

O meſmo dizemos dos Eccleſiaſticos, que tem poder ſupremo no temporal; porque militaõ nelles as meſmas razoens, e naõ ha direito, que lho prohiba: e como pódem pôr Juizes nos Tribunais, que ſentenceem cauſas criminais, pódem pôr exercitos em campo, que conſervem illeſa a ſua Republica; porque naõ intentaõ com iſſo direitamente homicidios, ſenaõ actos de fortaleza, que he virtude. Mayor duvida he, ſe pódem os Eccleſiaſticos tomar armas, e pelejar? Na guerra defenſiva naõ ha duvida, que pódem; porque o direito Natural permitte, e o Poſitivo naõ prohibe aos Eccleſiaſticos defenderem ſuas vidas, e fazendas. A guerra aggreſſiva hé prohibida pela Igreja aos de Ordens Sacras,

por ſer indecente ao eſtado : mas dado, que quebrantem eſte preceito, naõ ſeraõ obrigados a reſtituir o que pilharem, ſe a guerra for juſta ; porque ainda que peccaõ contra Religiaõ, naõ peccaõ contra juſtiça : e pela meſma razaõ naõ ficaõ irregulares, ſe naõ matarem peſſoalmente ; como nem os que exhortaõ á peleja, ou aconſelhaõ aos ſeculares, que vaõ á guerra. Se a guerra for injuſta, todos ficaõ irregulares, até os ſeculares, e os que naõ cõmetterem homicidio, porque baſta, que o corpo do exercito o cõmetteſſe. O Papa póde dar licença aos Eccleſiaſticos para militarem, porque póde diſpenſar nos preceitos da Igreja : e em tal caſo naõ incorrem irregularidade, porque diſpenſados no principal, ficaõ livres no acceſſorio.

O Papa ainda que naõ tem juriſdiçaõ temporal fóra do ſeu dominio, tem direito para avocar a ſi as cauſas da guerra dos Principes Chriſtãos, e julgalas, e ſaõ obrigados a eſtar pela ſua ſentença, ſe naõ for injuſta : e daqui vem que raramente ſuccede ſer juſta a guerra entre Principes Chriſtãos, porque tem o Papa, que póde determinar ſuas cauſas : mas muitas vezes naõ convêm interpor o Summo Pontifice ſua authoridade, para que naõ ſe ſigaõ outros inconvenientes ma-

yores,

yores, qual seria rebellar contra a Igreja a parte desfavorecida: e em tal caso naõ saõ obrigados os Principes a esperar definiçoens do Papa, nem pedillas, e pódem levar a couza por força de armas; e fica de melhor partido para a conciencia o Principe, que naõ deu occasiaõ ao Papa, para se abster no juizo da tal demanda.

A guerra, que se faz sem legitima authoridade, he contra a justiça, ainda que seja com causa legitima; porque o acto feito sem jurisdiçaõ naõ he valioso: e será obrigado a restituir os damnos da guerra, quem a faz, se naõ recompensou com elles alguma perda, que o inimigo lhe tivesse dado. Se o Papa prohibir ao Principe a guerra, como contraria ao bem commum da Igreja, peccará contra justiça o Principe fazendo-a, e será obrigado a restituir os damnos; porque no tal caso já naõ tem titulo para levar a couza por força, pois está dada sentença.

A Gentilidade antiga teve para si, que bastava para fazer guerra o titulo de adquirir nome, e riquezas; mas isto bem se vê, que he contra o lume natural; pois nunca he licito tomar o alheo sem causa, que o possuidor désse. A tres cabeças se reduzem todas as causas justas. Primeira: se hum Principe toma a outro, o que naõ he

seu.

ſeu. Segunda: ſe cauſou leſaõ grave na fama, ou na honra. Terceira: ſe nega o direito das gentes, como ſaõ paſſagens, e cõmercios; porque o Principe tem obrigaçaõ de conſervar os ſeus illeſos neſtas couzas. Da meſma maneira póde ſoccorrer o Principe ao que ſe meteo debaixo de ſua tutéla, ſe tiver alguma deſtas cauſas por ſi. Quem fizer guerra ſem alguma deſtas cauſas, pecca contra juſtiça, fica obrigado a reſtituir os damnos: e tendo cauſa juſta, ſe ſe ſeguirem da guerra mayores damnos á ſua Republica, que lucros á ſua vitoria, naõ póde fazer em conciencia a tal guerra, porque he obrigado a olhar pelo mayor bem da ſua Republica: e naõ ſe ſegue daqui ſer neceſſaria certeza da vitoria, porque eſta he contingente, e menor poder a alcança muitas vezes.

Os Principes Chriſtãos pódem fazer guerra aos Principes infieis, que impedem ás ſuas Republicas receber a Ley de Chriſto; porque neſta parte defendem innocentes, que tem direito para a tal guerra pela injuria, que ſe lhes faz. E por eſta via conquiſtou Portugal os Reynos, e Eſtados, que tem Ultramarinos. O exame das cauſas da guerra pertence ao Principe, que a faz, e naõ aos Vaſſallos: os Conſelheiros ſaõ obrigados a tomar plenario conhecimento de

todos

todos os fundamentos; porque a Republica he como o corpo humano, onde á cabeça pertence o governo, e aos mais membros obedecer-lhe. Se a materia, de que se trata, for duvidosa igualmente por ambas as partes, prevalecerá a que estiver de posse; porque assim se julgaõ as demais causas civeis em todos os Tribunais; e se nenhuma das partes estiver de posse, partirse-ha a contenda, se for de cousa partivel; e se o naõ for, lançar-se-haõ sortes, ou pagará a ametade á outra parte, que quizer ficar com tudo. Assim o dicta a razaõ natural, e o direito cõmum.

Os soldados, e vassallos naõ saõ obrigados a examinar as causas da guerra: e pódem hir a ella, se lhes naõ constar, que he injusta; porque os subditos saõ obrigados a obedecer a seu Superior; e devem presuppor, que elle terá averiguado tudo em razaõ, e direito, como he obrigado. E o mesmo se ha de dizer dos soldados estipendiarios, que naõ saõ subditos, que se pódem deixar hir, por onde vaõ os outros; álem de que pelo estipendio ficaõ subditos. O modo, que se deve guardar na execuçaõ da guerra, depende de tres gráos de gente, que saõ: o Principe, os Capitaens, e os Soldados, em tres tempos distintos, que saõ: antes da batalha, no actual con-

flicto,

flicto, e depois da vitoria. E em tudo isto se devem considerar tres couzas; o que se póde fazer ao inimigo, o como se deve haver o Principe com os Soldados, e como se devem haver os Soldados com o Principe. O Principe he obrigado a sustentar os Soldados, e estes apelejar por elle sem fugir, nem largar os seus póstos: e daqui se segue, que naõ pódem fazer pilhagens ao inimigo sem licença do Principe, e que seráõ obrigados a restituillas: mas depois da vitoria pódem partir os despojos segundo o costume. Antes de se começar a guerra, he obrigado o Principe a propor as causas della á Republica contraria; e pedir-lhe por bem a satisfaçaõ, que pertende: e se lha der, he obrigado a desistir; mas poderá demandar os gastos feitos: e se a naõ der, procede a guerra justamente, e com direito á mayor satisfaçaõ pela nova injuria de naõ aceitar o contrato pacifico; e poderá pedir, e tomar o que parecer necessario, para ter o inimigo enfreado no futuro.

Depois de começada a guerra até se alcançar a vitoria, he licito, e justo fazer ao inimigo todos os damnos, que se julgarem necessarios para a satisfaçaõ, ou para a vitoria, sem offensa de innocentes. Depois de alcançada a vitoria,

tambem

tambem he licito dar aos vencidos todos os damnos, que baſtem, para vingança, e ſatisfaçaõ dos damnos que deraõ: e naõ ſe devem computar aqui as pilhagens dos ſoldados, porque aſſim o tem o uſo, e ſe lhes deve, por exporem ſuas vidas: mas deve ſer permittindo-lho o Principe, que póde ainda depois da vitoria matar aos inimigos rendidos, ſe naõ ſe der por ſatisfeito; e cativallos, e tomar-lhes ſeus bens. E daqui vem o direito, que faz aos vencedores ſenhores de todos os bens dos vencidos: e tudo ſe deve regular pela offenſa preterita, e paz futura. Se entre os bens dos inimigos ſe acharem alguns de amigos, devemſe-lhes reſtituir. Se os damnos feitos aos inimigos baſtarem para a ſatisfaçaõ, naõ ſe pódem extender aos innocentes. Innocentes ſaõ os meninos, e as mulheres, e os que naõ pódem tomar armas, e todas as peſſoas Religioſas, e Eccleſiaſticas. Os peregrinos, e hoſpedes, naõ ſe contaõ por membros da Republiea; mas ſe os tais damnos naõ baſtarem, bem ſe pódem extender aos bens, e liberdade dos innocentes, porque ſaõ partes da Republica. Entre Chriſtãos já o uſo tem, que os cativos naõ ſejaõ eſcravos; mas pódem ſer retidos para caſtigo, para reſgate, ou troco. E porque eſte privilegio ſe introduzio

em

em favor dos fieis, pódem ſer eſcravos, os que apoſtataraõ para o paganiſmo, naõ para a hereſia; porque de alguma maneira ainda retêm o nome Chriſtaõ. Naõ ſó as peſſoas Eccleſiaſticas, mas tambem os bens das Igrejas ſaõ izentos da juriſdiçaõ da guerra pela reverencia, que ſe lhes deve; e porque a Igreja he outra Republica eſpiritual diſtinta, e izenta da temporal. E accreſcenta-ſe, que tambem os bens, e peſſoas ſeculares, que ſe recolhem nas Igrejas, ficaõ livres pela immunidade: mas ſe fizerem da Igreja fortaleza, para ſe defenderem, pódem ſer arrazados, deſpojados, e mórtos; porque naõ uſaraõ bem do favor.

Será juſta a guerra, em que ſe guardarem todas as cautélas, que temos dito: e por remate ſe perguntaõ quatro couzas: Primeira, ſe he licito uſar de cilladas na guerra? Reſponde-ſe que he licito occultar os conſelhos, e eſconder as traças, mas naõ mentir. Segunda, ſe he licito quebrar a palavra dada ao inimigo? Naõ he licito, ſalvo faltando elle em algum concerto. Terceira, ſe ſe póde dar batalha em dia Santo? Sim, ſe for neceſſario, e a obrigaçaõ da Miſſa ſegue a meſma regra. Quarta, ſe póde o Principe Chriſtaõ chamar infieis, ou dar-lhes ſoccorro para guerra juſta?

juſta? Bem póde ambas as couzas, ſe naõ houver perigo nos fieis ſe perverterem; porque quem póde ajudar-ſe de féras, tambem poderá de animais racionaes.

Guerra Civil entre duas partes da meſma Republica nunca he licita da parte aggreſſiva; e muito menos contra o Principe, ſe naõ for tyranno: porque falta em ambos os caſos a poteſtade da juriſdiçaõ; e daqui ſe ſegue, que póde o Principe fazer guerra contra a ſua Republica com as condiçoens requeſitas, que temos dito. Deſafios entre particulares nunca ſaõ licitos; aſſim porque ſaõ prohibidos, como porque ninguem he ſenhor da vida alhea, nem da ſua, para a pôr em taõ evidente perigo. Nem val o argumento de defender ſua honra, para naõ ſer tido por covarde, ſe naõ ſahir ao deſafio; porque iſſo ſaõ leys do vulgo imperito, que naõ devem prevalecer contra as do direito: e mayor honra he ficar hum valente tido por Chriſtaõ entre prudentes, que por deſalmado deferindo a ignorantes. Será licito o deſafio com authoridade publica, como quando a batalha, e vitoria de dous exercitos ſe poem em dous ſoldados eſcolhidos por conſentimento de todos, como em David, e o Gigante: porque a cauſa he juſta,

e o po-

e o poder legitimo: e ſendo licito pelejar todo o exercito, tambem o ſerá a parte delle; com tanto, que naõ ſeja evidente a vitoria no todo, e a ruina na parte.

O primeiro homem, que meneou arma offenſiva para matar, foy Caim contra ſeu irmaõ Abel. Os Aſſirios foraõ os primeiros, que capitaneados por ElRey Nino fizeraõ guerras a Naçoens eſtranhas. Paõ, hum dos Capitaens de Bacho, inventou as alas nos exercitos, e enſinou o uſo dos eſtratagemas, e o vigiar com ſentinelas. Sinon foy o primeiro, que uſou fachos. Lycaon introduzio as treguas; Theſeo os concertos; Minos deo principio ás batalhas navaes; e os Theſſalos ao uſo da cavallaria. Os Africanos inventaraõ as lanças; os Martinenſes as eſpadas: e eſgremir eſtas armas enſinou Demeo. E ſobre todos campeáraõ Conſtantino Anclitzen Friburgenſe, e Bartholo Suarz Monacho, que deſcobriraõ o invento da polvora, e máquinas de artilharia, e fogo, para deſtruiçaõ do genero humano. E todos quantos na guerra empregaraõ ſuas forças, e induſtrias, bem examinados, nenhuma outra couza pertenderaõ mais, que accreſcentar-ſe a ſi á cuſta alhea: e vem a ſer as unhas militares, a que dediquey eſte capitulo,

para

para que ſe ſaiba até onde ſe pódem extender, e aonde he bem, que ſe encolhaõ.

****

CAPITULO XXII.

Proſegue-ſe a meſma materia do capitulo antecedente.

ESponja de dinheiro chamou hum prudente á guerra, e iſſo he o menos, que ella ſorve; vidas, fazendas, e honras ſaõ o ſeu paſto, em que como fogo ſe céva: e tudo ſe toléra pelo bem da paz, que com ella ſe pertende, e alcança; quando naõ a pica a tyrannia do intereſſe. A boa guerra faz a boa paz: e poriſſo he mal neceſſario o da guerra. Como ſe póde fazer, já o diſſe no capitulo precedente: como ſe deve executar direy agora, para que as unhas militares naõ desbaratem, e malogrem milhões de ouro, q̃ nella ſe empregaõ.

Traz a guerra comſigo muitos perigos, trabalhos, e gaſtos; e poriſſo nenhum Principe a deve fazer, ſalvo quando as condiçoens da paz ſaõ mais prejudiciais a ſeu Eſtado, e reputaçaõ. Sendo neceſſario fazer-ſe, ſe conſiderar os damnos, que della reſultaõ, nunca ſe reſolverá em a fazer; e naõ ſe reſolvendo, accreſcentará as forças ao inimigo, e debilitará as ſuas. E aſſim convêm, que

reſolvendo-ſe em tomar armas, ſe reſolvaõ todos a vencer, ou morrer com ellas. Meça primeiro em conſelho ſuas forças com as do inimigo: e conhecellas-ha em ſabendo, qual tem mais dinheiro, porque eſte he o nervo da guerra, que a começa, e a acaba. Tres couzas lhe ſaõ muito neceſſarias para a vitoria, e ſem ellas naõ trate da batalha, porque ſerá vencido: a primeira he dinheiro; a ſegunda dinheiro; a terceira mais dinheiro: com a primeira terá quanta gente quizer de peleja; e tendo mais gente que o inimigo, vencerá mais facilmente. Com a ſegunda terá armas de ſobejo: e quem as tem melhores, aſſegura a vitoria. Com a terceira terá mantimentos; e exercito bem provido, tarde, e nunca he vencido. Veja logo qne Capitaens tem, porque ſe naõ forem esforçados, prudentes, e venturoſos, perderá tudo: e naõ baſta iſto; porque he neceſſario tambem que os ſoldados ſejaõ alentados, eſcolhidos, e bem diſciplinados. Quando Julio Ceſar deu batalha a Petreyo em Eſpanha, diſſe que pelejava com hum exercito ſem Capitaõ: e quando pelejou com Pompêo, diſſe que dava batalha a hum Capitaõ ſem exercito. Tanto monta ſer tudo eſcolhido, e naõ introduzido a caſo, e de tumulto! Faça rezenha das armas, que tem, e

ſaiba

ſaiba as do inimigo, porque a vitoria ſegue ordinariamente, a quem tem melhores armas. Os ſoldados bem armados, e veſtidos cobraõ brios, e concebem esforço: çapato, e camiza nunca lhes falte: he concelho de hum grande Capitaõ Portuguez. Tres eſperanças deve ter o ſoldado ſempre certas, para pelejar com esforço, e ſer leal a ſeu Principe: primeira do ſoldo ordinario. Segunda da remuneraçaõ extraordinaria. Terceira da liberdade, quando lhe for neceſſaria. A primeira alenta; porque pela boca ſe aquenta o forno: e naõ devemos querer, que ſejaõ os ſoldados como os fornos da Arruda, que ſó huma vez na ſemana os aquentaõ, e iſto lhes baſta para cozerem o paõ de domingo a domingo: tem-ſe iſto por prodigio grande, e por mayor ſe deve ter, que aturem os ſoldados mezes, e mezes, ſem receberem hum real de ſoldo, para ſe veſtirem, e manterem. A ſegunda os faz conſtantes; porque o dezejo de montar, e creſcer he natural; e com a certeza, de que haõ de melhorar de poſto, e alcançar bons deſpachos, fazem pelos merecer, e naõ temem arriſcar as vidas; porque o eſtimulo da honra he o melhor alicate que ha para avançar a grandes emprezas; e tambem o do intereſſe. A terceira os faz leais; porque ſe ſe imaginaõ ca-

tivos, e que nunca poderáõ renunciar o trabalho da milicia, veſtem-ſe da condiçaõ de eſcravos, e he o meſmo que de odio a ſeus Senhores, e ham-ſe como forçados da galé. E naõ ſó he conveniente eſta razaõ, mas tambem he juſto que os ſoldados ſejaõ voluntarios, e que tenhaõ caminho para ſe libertarem, quando lhes for neceſſario, porque naõ ſaõ eſcravos comprados: nem o preço de quatro mil reis na primeira praça iguala o da liberdade, em que naſceraõ, e de que eſtaõ de poſſe: nem a obrigaçaõ de ſervirem á patria prepondéra, quando de ſerem livres reſulta acodirem mais, e ſervirem melhor. Haja correſpondencia igual de ambas as partes: iſto he, que o Principe pague, como o ſoldado ſerve, e acodiráõ logo innumeraveis a ſervilo, ſem ſer neceſſario buſcallos: porque niſto ſaõ como as pombas, que acodem todas ao pombal, onde achaõ bom provimento, e fogem da caſa, onde as depennaõ.

Se examinarmos as cauſas, porque os ſoldados fogem das fronteiras para ſuas caſas, e tambem para o inimigo, acharemos, que pela mayor parte ſaõ duas deſeſperaçoens; huma da liberdade, e outra do provimento, e que para ambas as couzas tem juſtiça: para o provimento, porque quem ſerve, o merece; e para a liberdade,

de, porque nenhuma Naçaõ do mundo os obriga mais, que a tempo limitado: França em ſe acabando a facçaõ, mas que naõ ſeja mais que de tres mezes, logo os deſobriga, e liberta, por mais ſoldo, e pagas, que tenhaõ recebido: e tambem Portugal uſa o meſmo eſtylo com os ſoldados das ſuas armadas, que em ſe recolhendo, os deixa ir para ſuas caſas: e naõ ha mayor razaõ para naõ ſe praticar o meſmo eſtylo, com os que ſervem na campanha pondo-lhe ſeus limites. Caſtella naõ faz exemplo; porque ſe obriga ſeus ſoldados para ſempre, tambem lhes dá privilegios equipolentes: e ſe os leva amarrados com cordas, e algemas, naõ ſaõ eſſes os que melhor pelejaõ; e de tais extorſoens lhe vem perder tantas facçoens. Quanto mais, que ſe lá trataõ os vaſſalos como eſcravos, Portugal ſempre ſe prezou de os tratar como filhos. Nem ſe achará Doutor Theologo, que approve o uſo de Caſtella, e que naõ diga que he injuſtiça, indigna até de Turcos, naõ dar liberdade aos ſoldados depois de algum tempo; quando até aos forçados das galés ſe concede depois de dez annos, mas que ſejaõ condemnados a ellas por enormes delictos por toda a vida.

Ter o Principe amigos, e eſpias na terra

do inimigo, e conhecimento dos lugares, por onde marcha, e ha de ter encontros, he muito neceſſario. Faça muito por ſuſtentar a reputaçaõ, e credito de ſua peſſoa, porque terá quem o ſirva, e todos ſe lhe ſugeitaráõ. Alexandre Magno divulgou, que era filho de Jupiter, para ſer reſpeitado, e obedecido; juſtifique a cauſa que tem para fazer guerra, e divulgue-a com Manifeſtos; porque dá animo aos ſoldados, que o ſervem, e acovarda os contrarios. As cauſas da guerra ao todo em geral ordinariamente ſaõ quatro. A primeira para cobrar, o que o inimigo tomou. Segunda para vingar alguma afronta. Terceira para alcançar gloria, e fama. Quarta por ambiçaõ. A primeira, e a ſegunda ſaõ juſtas: a terceira he injuſta: a quarta he tyrannia. Quem for vencido, deve examinar a cauſa de ſua ruina, ſe foy por falta dos Capitaens, ſe dos ſoldados, para emendar o erro: e ſe o naõ houve, nem no inimigo mayor poder, deve aplacar a Deos, tendo por certo, que o irritou contra ſi com as cauſas da guerra. E ſe com tudo foy por eſtar o inimigo mais poderoſo, deve diſſimular até ſe melhorar de forças: porque melhor he ſofrer dez annos de guerra furtandolhe o corpo, que hum dia de batalha, em que ſe perde tudo. Conſervarſe-ha em

pé

pé neſtas demoras conſervando o amor dos ſoldados, e a benevolencia dos póvos; eſta ganha-ſe adminiſtrando juſtiça, e aquelle uſando liberalidade.

Queſtaõ ha, qual ſerá melhor, ſe fazer a guerra na terra do inimigo, ſe na propria. Fabio Maximo affirmava, que melhor era defender a patria dentro nella. Scipiaõ dizia, que mais util era fazer-ſe a guerra fóra de Italia. As conjunçoens das emprezas, e urgencias dos tempos enſinaõ, o que ſerá mais conveniente. Ajudar hum Principe a outro na guerra, quando he amigo, ou confederado, he muito ordinario. Dom Fernando Quinto Rey de Caſtella favorecia ſempre ao que menos podia, para naõ deixar creſcer o contrario: nem entrava em ligas, de que naõ eſperava proveito. Os Romanos, diz Appiano, que naõ quizeraõ aceitar por vaſſallos muitos póvos, porque eraõ pobres, e de nenhum proveito. No proveito do intereſſe, e credito da honra, devem levar ſempre a mira os que fazem guerra. E executados bem os documentos, que temos dado, teraõ menos em que empolgar unhas militares: iſto he, que naõ haverá tantas perdas, quantas a guerra mal governada traz comſigo.

****

CAPITULO XXIII.

Dos que furtaõ com unhas temidas.

EXcellencia he de todas as unhas o ſerem temidas; e tanto mais, quanto mais féro he o animal que as menêa. Quem ha, que naõ tema as unhas de hum tigre aſſanhado, e as garras de hum leaõ rompente? Até as de hum gato teme qualquer homem de bem, por valente que ſeja, quanto mais as de hum ladraõ, que eſcala o que mais ſe guarda, e o que muito mais ſe eſtima. Temidas ſaõ todas as unhas militares, de que até agora tratámos, porque as acompanha a potencia, e violencia das armas fulminando favor. Com tudo armas offenſivas nas mãos de hum Pigmeu naõ as temo; e ha ſoldados Pigmeus, que naõ paſſaõ de formigueiros: livrenos Deos das, que movem Gigantes: deſtes fallo: Gigantes ha ladroens, e ladroens Gigantes: e aſſim ſaõ as unhas ſuas taõ agigantadas, que nada lhes pára diante; e poriſſo com razaõ todos as temem, e tremem. Eſtes ſaõ os poderoſos por nobreza, por officio, por titulo, e outras calidades, que

os

os fazem affoutos, intrepidos, e izentos: e quando daõ em furtar, naõ ha outro remedio, que o de pôr em cobro com temor, e pavor, ou apreſtar paciencia, e render á ſua reveria as armas, e as fazendas; e comprar com a perda dellas o ganho da vida propria. Sabeis o que faz hum deſtes, irmaõ leitor? Vê-ſe falto de veſtido, e libréſ para ſeus criados: chama a ſua caſa o alfayate mais caudaloſo, e diz-lhe: Bem vedes como andamos, aſſim eu, como toda a minha familia: bem me ſabeis o humor: compray lá pannos, e ſedas ao coſtume, fazeime tudo á moderna, e o preço de tudo corra por voſſa conta, até que me venha dinheiro da minha comenda: tomay logo as medidas, e fazeime prazer, que dentro de oito dias venha tudo feito: quando naõ entendey, que o ſentirey muito, já me entendeis. Vay-ſe o official, ſem levar por principio de paga mais que as medidas, e ameaças, de que lhe haõ de medir o corpo como hum polvo, ſe deſcrepar hum ponto de tanta coſtura. Vem a obra feita no dia aſſinalado; veſtem-ſe todos como palmitos; e ſó o alfayate fica deſpido, e empenhado até á morte, e ſe fallar mais no cuſto, cuſta-lhe a vida. Outros milhafres deſtes de unha preta, e mais alentados poderá haver, que empinem mais o vôo,

e para

e para que os naõ tenhaõ por lagarteiros empolguem no mais bem parado. Vaõ-ſe a caſa do mercador mais groſſo, eſcolhem as peſſas que querem de téllas, ſedas, e pannos, tudo ao fiado, e que ponha tudo em receita para os quarteis dos juros, que ha de cobrar dia de S. Serejo: leva para ſua caſa, corta largo á cuſta da barba longa, e raſga bizarro brilhando na Corte: chega o tempo de cobrar o mercador, o que o poderoſo já rompeo, para correſponder a Milaõ, Flandes, e Inglaterra: reſpondelhe, que naõ ſeja importuno, ſe naõ quer que lhe ſeja moleſto, e que lhe cuſte mais cara a venda, que a elle a compra; e aſſim ſe vay deixando eſquecer com a fazenda alhea; e ſe o acrédor boqueja, lançalhe huma mordaça, de que lhe ha de mandar cortar as orelhas, e tirar a lingua pelo cachaço.

Outros fazem a ſua ainda melhor, com cortezia, e mais pela manſa. Já ſabem os homens de negocio, que tem dinheiro, fazem-lhe huma viſita a titulo de amizade, com que os deixaõ delvanecidos: ainda que alguns ha taõ advertidos, que logo dizem: de donde vem a Pedro fallar galego? E ſegundaõ lògo com outra, a titulo de neceſſidade, que repreſentaõ, e para a remediar pedem empreſtado, e tambem a razaõ de juro,

que

que para elles tanto monta cinco, ou seis mil cruzados, de que lhe passaõ escrito, porque se obrigaõ a pagar tudo dentro em hum anno, e daõ á fiança, quantos moinhos de vento ha em Lagos, e que lá tem huns figueirais no Algarve, &c. E como no tempo dos figos naõ ha amigos, assim no tempo da paga; porque álem de que nunca mais lhe cruzou a porta, mandalhe dizer na primeira citaçaõ, que lhe ha de cruzar a cara, se fallar na divida, ou se queixar á justiça. E o pobre do homem, porque lhe naõ paguem com cruzes os seus cruzados, dará outros seis mil, e que o deixem lograr suas queixadas sans, e levar suas brancas limpas ao outro mundo, ainda que vá com a bolça limpa, e sem branca. Outros, e saõ estes já mais que muitos, para se forrarem de tantos custos, e riscos, recopilaõ os lanços; esperaõ em paragens escusas, ou a deshoras as pessoas, que sabem tem moeda copiosa, poemlhe duas pistolas, ou dous estoques nos peitos, e que faça alli logo hum escrito: e eisaqui papel, e tinta, e lanterna de furta fogo, se he de noite; com todo o encarecimento a sua mulher, ou ao seu caxeiro, que entregue logo logo á vista ao portador dous mil cruzados em ouro: e assim se estaõ a pé quedo, até que volta

hum

hum delles com a repoſta em effeito. E andaõ taõ affoutos, que em ſuas proprias caſas enveſtem aos que ſentem capazes deſtes aſſaltos. Teſtemunha ſeja o Abbade de Pentens em Traz dos Montes, a quem levaraõ por eſta arte huma mula carregada de dinheiro, deixando-o a elle amarrado em huma tulha. Que direy dos que lançaõ em rematações de fazendas, que fazem pôr em leilaõ por mil tranquilhas? Ha neſte Reyno Ley, que prohibe aos Miniſtros da Juſtiça, que naõ lancem nas fazendas, que ſe executaõ [e guarda-ſe exactiſſimamente nos officiais da Santa Inquiſiçaõ] porque com o reſpeito, que ſe lhes deve, e temor, que outros lançadores tem delles, defraudaõ muito nos preços, e ficaõ as partes enormemente leſas: mas como as leys ſaõ téas de aranha, que caçaõ moſcas, e naõ peſcaõ tritoens: logo eſtes buſcaõ traças: *De penſata la lege, penſata la malicia*; e fazem os lanços por terceiras peſſoas, manifeſtando pela boca pequena, que o lanço he de hum poderoſo, com que todos ſe acanhaõ: e aſſim lançando cincoenta, no que val duzentos, levaõ as couzas por menos da ametade do juſto preço; defraudaõ, e roubaõ as partes, naõ ſó no ſubſtancial dos bens moveis, e de raiz, que ſe vendem, ſenaõ tambem os direitos

Reaes,

Reaes, e as cizas, que ſe diminuem muito com taõ grande diminuiçaõ nos preços. Tambem as unhas temidas, que empolgaõ affoutas nos tributos Reaes: tais ſaõ, as que ſe levantaõ com as décimas, porque naõ ha juſtiça, que ſe atreva a executalas; e porque ſaõ mais que muitas, fundem as décimas muito pouco: ſaõ muitos os que as cobraõ, e poucos os que executaõ a ſi meſmos: ſaõ muitos os poderoſos, que ſe eximem, e pouco o cabedal dos pequenos, que as pagaõ. Entre peſſoa Real neſta empreza, a quem todos reſpeitem, e temaõ, e logo creſceráõ as décimas em dobro: nem ha outro remedio para unhas temidas, que opporſe-lhe quem ellas temaõ. Eſcrito eſtá eſte remedio no que fez hum Rey de Portugal a certo fidalgo, que tomou huma pipa a hum lavrador, e lhe entornou o vinho, que tinha nella para recolher o ſeu, que tinha por mais privilegiado. Era o lavrador de boa têmpera, que naõ ſe acanhava a medos, nem ameaças; deu comſigo na Corte, lançou-ſe aos pés delRey, contoulhe o caſo: mandou-o ElRey agaſalhar com hum toſtaõ por dia, e hum cruzado para ſua mulher, e filhos á cuſta do fidalgo, que mandou logo chamar á Beira: veyo muito contente eſperando grandes mercês, que todos cuidaõ as merecem.

recem. Seis mezes andou requerendo entrada, ſem achar audiencia; e no cabo o fez ElRey apparecer para ante ſi com o lavrador: e perguntandolhe, ſe o conhecia? Lhe mandou pagar a pipa, e o vinho em dobro; e todos os cuſtos; e que naõ lhe dava mayor caſtigo por outros reſpeitos; mas que advertiſſe, que em ſua cabeça levava a vida, e ſaude daquelle homem, e que lha havia de tirar dos hombros, ſe alguma deſgraça lhe ſuccedia; e que rogaſſe a Deos, que nem adoeceſſe; porque tudo havia de reſultar em mayor deſgraça ſua. E reſultou daqui, que as unhas temidas ficaraõ tîmidas: e eſte he o remedio que as açama, nem ha outro.

Eſte meſmo remedio de aſpereza me diſſe hum prudente, que ſe devera applicar ás unhas de Hollanda, e Inglaterra. Ao ladraõ moſtraõ-ſe os dentes, e naõ o coraçaõ. E bem ſe vê, que quanto mais buſcamos eſtas Naçoens com embaixadas, e concertos, tanto mais inſolentes, e deſarrazoadas ſe moſtraõ, pagando com deſcortezias, e ladroîces noſſos primores; porque lhes cheiraõ eſtes a covardia, e conſideraõ-ſe temidos, e blaſonaõ. Se elles naõ nos mandaõ a nós Embaixadores, ſendo piratas, e canalha do Inferno, porque lhos havemos nós de mandar a elles, que

ſomos

ſomos Reyno de Deos, e Senhores do mundo? Eſta razaõ naõ tem repoſta; e a que daõ alguns Politicos do tempo, he de cobardes biſonhos, que ainda naõ ſabem, que caens ſó ás pancadas ſe amanſaõ. Mas diraõ que naõ temos páos para eſpancar tantos caens. A iſſo ſe reſponde, que antigamente hum ſó galeaõ noſſo baſtava para enveſtir huma armada groſſa, e botando fogo, e deſpedindo rayos, a rendia, e desbaratava toda. Sete gurumetes noſſos em huma bateira baſtavaõ para enveſtir duas galés; e renderaõ huma, e puzeraõ outra em fugida. Poucos Portuguezes mal armados comendo couros de arcas, e ſolas de çapatos ſuſtentavaõ cercos a muitos mil inimigos, que venciaõ: e ſempre foy noſſo timbre com poucos vencer muitos. Hoje ſomos os meſmos, e aſſim fica reſpondido, que temos páos, com que eſpancar a todos. Ainda me inſtaõ que eſtaõ mudadas as couzas, porque ainda que ſomos os meſmos, ſaõ os inimigos muito differentes: aquelles eraõ cobras, e eſtes ſaõ leoens, e mais déſtro que nós na artelharia, de que tem mayor copia; e de galeoens, e náos, com que inçaõ eſſes mares, pejaõ noſſas barras, e tudo nos tomaõ ſem termos cabedal, com que reſiſtamos. Reſpondo, que poriſſo o naõ temos, por-

que

que lho deixamos tomar: o certo he que com noſſa ſubſtancia engroſſaõ: haja entre nós piratas para elles, aſſim como elles o ſaõ todos para nós: dê-ſe licença aos Portuguezes poderoſos para armarem navios, que andem ao corſo, como ſe deu antigamente aos de Viana, que em quatro dias alimparaõ os mares. A meſma Viana arma hoje como entaõ, ſe quer tres navios, o Porto quatro, Lisboa ſeis, Setuval tres, o Algarve outros tres, e ElRey ajuntelhe dous galeoens por Capitanîas: e eiſahi huma armada de vinte velas com duas eſquadras; e arme-ſe huma bolça ſó para iſto de gente voluntaria, e livre, e veremos logo as noſſas barbas ſem vituperios. Mas diraõ ainda os zeloſos Criticos, que iſto de bolças he pernicioſo invento, que hereges introduziraõ, e que na do Braſil ha muito que emendar. Negolhe todas as conſequencias. A do Braſil he muito boa, e ſó poderia ter de mal, ſe entraſſe nella alguma gente, que trataſſe ſó de ſeu intereſſe, ou nos pudeſſe ſer ſuſpeita: mas ſeriaõ inconvenientes faceis de emendar, e o tempo os curaria. Ser o cabedal della tirado daqui, ou dalli, he ponto que me naõ pertence: Doutores tem a Santa Madre Igreja, que eſtá em Roma, e poderá ſupprir, e tirar os eſcrupulos. Quanto mais

que

que o que aponto de novo, nada leva deſſes eſcabeches, porque ha de ſer de gente eſcoimada. E prouvéra a Deos que tiveraõ os fidalgos Portuguezes eſtomago, para fazerem outra bolça ſó para a India, pois he empreza ſua: e ſerlhes-ha facil, ſe puzeraõ nella ſó, o que gaſtaõ em vaidades, e o que perdem na taboa do jogo, e daõ a rameiras, e conſomem na cura de males, com que eſtas lhes pagaõ: e ficariaõ elles de ganho, e o noſſo Reyno ſem tantas perdas temido, e venerado. Deos ſobre tudo.

****

CAPITULO XXIV.

Dos que furtaõ com unhas tìmidas.

TEnho por mais crueis, e damninhas eſtas unhas, que as paſſadas; porque os tîmidos, e covardes, para ſe aſſegurarem fazem mayor eſtrago, que os temidos, e valentes, que levaõ carta de ſeguro em ſeu braço. Hum leaõ contenta-ſe com a preza, que lhe baſta para aquelle dia, ainda que tenha diante das unhas muito mais, em que as poſſa empregar. A rapoza, quando

do dá em hum galinheiro, tudo degola, e eſpedaça até o ſuperfluo. Nem ha outra cauſa deſta diſparidade, ſenaõ que a rapoza he covarde, e o leaõ he generoſo, e valente. Taes ſaõ as unhas tîmidas, mayores damnos cauſaõ com ſeu temor, que as temidas com ſua potencia. E daqui vem as mortes que daõ, e as caras que eſfolaõ ladroens formigueiros por eſſas eſtradas: temem o ſer deſcobertos, que lhes dêm na trilha, e para ſe aſſegurarem, nada deixaõ com vida: a meſma arte, que os enſina a furtar, para ſuſtentarem a vida, lhes deu eſta regra, para a aſſegurarem, que arredem teſtemunhas com as meſmas garras. Nem páraõ aqui os damnos, que adiante paſſaõ; porque nas meſmas rapinas executaõ crueldades: como aquelles de Arrayolos; que furtando hum relogio de ouro, que hia de Lisboa para hum Rey de Caſtella, por naõ ſerem conhecidos pela qualidade do furto, que era notorio, o fizeraõ em pedaços, e o lançaraõ de huma ponte abaixo em hum rio. E os que furtaraõ a prata de S. Mamede na Cidade de Evora, pela meſma cauſa a enterraraõ amaçada na eſtrada de Villa Viçoſa, junto ao poço de entre as vinhas, ſem ſe aproveitarem della para nada.

Dá hum ladraõ deſtes tîmidos em huma Alfandega

fandega, tira o miolo a duas caxas de açucar, e naõ repara em derreter huma duzia dellas com agua que lhes botou por cima, para que ſe cuide, que o meſmo caminho levaraõ as duas, cuja ſubſtancia elle encaminhou para ſua caſa, e que as humidades do mar, e do ſitio obraraõ aquelle máo recado. Tira hum marinheiro dous almudes de vinho de huma pipa, e para que naõ ſe ſinta a falta, bota-lhe outro tanto de agua ſalgada, e faz iſto meſmo a vinte, ou a trinta, porque aſſim ſe foy brindando, e a ſeus companheiros toda a viagem; e naõ repara no damno, que deu de mais de quatro mil cruzados, por poucos almudes, de que ſe aproveitou, porque no fim tudo ſe achou corrupto. Da meſma covardia naſce naõ reparar hum ladraõ deſtes tîmidos, em fazer rachas hum eſcritorio de madre pérola, que val mais que o recheyo, quando naõ póde levar tudo debaixo do braço; nem em pôr fogo a huma caſa, para que ſe cuide, que ſe foy no incendio a peſſa rica, com que elle ſe foy para ſua caſa, &c.

O remedio ſingular, que ha para todos eſtes, he a forca, porque como ſaõ tîmidos, ſó o medo della os póde enfrear: e ſe a nenhum ſe perdoar, todos andaraõ compóſtos, como lá diſſe

hum Poeta: *Oderunt peccare mali formidine pœnæ.* E huma Rainha de Portugal dizia, que taõ bem parecia o ladraõ na forca, como o Sacerdote no Altar. Ainda que eu naõ ſou de opiniaõ, que ſe enforquem homens valentes, quando ha outros caſtigos taõ rigoroſos como a forca, quaes ſaõ os degredos para as conquiſtas, onde pódem ſer de preſtimo: e em ſeu lugar diſcutiremos melhor eſte ponto, quando tratarmos das teſouras, com que ſe cortaõ todas as unhas. Agora ſó digo, que havendo-ſe de enforcar alguns, ſejaõ os tîmidos, covardes, gente inutil, que baſtaráõ para documento, e freyo, que ſuſtente em regra os mais.

****

CAPITULO XXV.

Dos que furtaõ com unhas disfarçadas.

OS Padres da Companhia de Jeſus crearaõ no ſeu Convento de Coimbra hum gato taõ déſtro no ſeu officio de caçar, que até as aves do ar ſugeitava á juriſdiçaõ das ſuas unhas. Eſte como ſe tivera o diſcurſo, que os Filoſofos negaõ

gaõ a animais, que carecem de entendimento; revolvia-se em lama, e com ella fresca dava comsigo no guarnel do paõ, e espojando-se nelle levava pegado na lama, e entre as unhas quanto podia, e deitava-se ao Sol como morto, até que os pardais acodiaõ aos graõs de trigo, que lhes offerecia por esta arte: e como os sentia de geito, tirava o disfarce ás unhas de repente, e agarrava hum, ou dous, com que se fazia prato todos os dias regalando a vida, como corpo de Rey com aves de penna. Tres disfarces se notaõ aqui; hum da lama, com que se vendia pelo que naõ era; outro da dissimulaçaõ de morto, com que armava a tirar vidas; e outro da iguaria, que offerecia ás aves, para fazer dellas vianda. Traça he esta muito ordinaria em caçadores, e pescadores, que disfarçaõ o anzol, e o laço para assegurarem a preza á sua vontade. E os ladroens por estes modos disfarçaõ tambem as unhas para o mesmo intento, e para se assegurarem a si, que isso tem de tîmidas: e até as mais temidas, e affoutas buscaõ disfarces, para evitarem pejos, e escandalos. E vimos a concluir, que naõ ha ladraõ, que se naõ disfarce para furtar; porque até os mais descarados, que salteaõ nas charnecas, cobrem o rosto com mascaras, e rebuços: e os de capa preta, que no povoado

nos ſalteaõ, ſe naõ cobrem a cara com carapuças de rebuço, ao menos o disfarçaõ com mil máſcaras, de que uſaõ, cores, e capas, que tomaõ para encobrirem ſua maldade, e fazerem a ſua boa.

Chega o pertendente ao Miniſtro, por cujas mãos ſabe, que correm os deſpachos de certo officio, ou beneficio, que pertende, e fazem hum concerto entre ſi, que perderá o Miniſtro duzentos mil reis, ſe naõ lhe houver o officio; e que lhe dará o pertendente cem mil reis, ſe lho alcançar: aſſeguraõ-ſe com eſcritos, que ſe paſſaõ de parte á parte, cuja letra, ou ſolfa, nem eu a ſey deſcantar, nem o diabo lhe entende o compaſſo: e com eſte disfarce acreditaõ ſeus primores, e encobrem os barrancos, que ſe ſeguem; e o que he ſimonîa, uſura, ou furto mero, taes enfeites lhe poem, que parece virtude. E com dizerem, que ſe arriſcaõ a perder mais nos duzentos, gualdripaõ os cento, a que chamamos menos, e ficaõ muito ſerenos na conciencia, pela regra dos contratos oneroſos; como ſe no ſeu houvera algum riſco, quando elles tem todo o jogo na ſua maõ, e baralhaõ as cartas, e fazem o que querem *a dextris*, *e a ſiniſtris*.

Senhor, diz o outro, eu darey a v. m. huma

huma Quinta, que tenho muito boa, e dizima a Deos, ou a Voſſa Senhoria [que tambem entraõ Senhorias niſto] já que he omnipotente na Corte, ſe me livrar de huma tormenta de accuſaçoens, que actualmente chovem ſobre mim, em que me arriſco a ſahir confiſcado, ou com a cabeça menos. Sou contente, reſponde o Miniſtro; mas ha me Voſſa Mercê de fazer huma eſcritura de venda, em que confeſſe, que lhe comprey a tal Quinta com dinheiro de contado. Feita a eſcritura, toma com ella poſſe da propriedade; e mete velas, e remos, para livrar o donatario; e naõ deſcança, até o pôr em gemeas eſcoimado, e limpo, como huma prata. E porque naõ ha couza occulta, que tarde, ou cedo, ſe naõ revéle, e os murmuradores tudo deslindaõ, veyo-ſe a deſcobrir o feito, e o por fazer na materia: chegaraõ accuſaçoens, a quem puxou pelo ponto: deraõ-lhe logo com a eſcritura nas barbas: fizeraõ mentiroſos os zeladores, e ficaraõ-ſe rindo; ſe naõ he que ficou chorando, o que perdeo a Quinta, por ver quaõ caro lhe cuſtou o disfarce da eſcritura, com que o ſeu valîdo capeou o conluyo. Outros com hum ſaguate de nonada, com hum açafate de figos disfarçaõ fidelidade, para confiardes delles cem

dobroens empreſtados, que vos pagaõ com mil figas. Do zelo, e ſerviço delRey fazem luvas, que encobrem unhas, que agarraõ emolumentos groſiſſimos dos bens da Coroa. Eſtou-me rindo, quando os vejo fervoroſos, e diligentes no manêo da fazenda Real: naõ dormem, nem comem, antes ſe comem com o cuidado, e diligencia, que moſtraõ em tudo, naõ perdoando a trabalho; e eu eſtou cá comigo dizendo: aſſim tu barbes, como tu tens mais amor ao proveito delRey, que a ti meſmo: que tens tu amor á fazenda delRey, eu o creyo, e que lhe armas algum bom lanço para ti capeado com eſſes merecimentos. Quem introduzio cambios no mundo, disfarce inventou para palear uſuras, quando paſſaõ dos limites: e pratica de remir vexaçoens com peitas nas pertençoens de beneficios, capa he, com que ſe disfarçaõ ſimonîas. Mudaõ os nomes ás couzas, para enganarem remorços. Deſmentem humas maquinas com outras: arquitectaõ caſtellos de vento, para renderem á força da conciencia, e zombarem do preceito: *Sed Dominus non irridetur.*

****

CAPITULO XXVI.

Dos que furtaõ com unhas malicioſas.

AS unhas disfarçadas muito cheiraõ a malicioſas, mas tem eſtas de mais, que aquellas hum grande palmo, ſe naõ he covado: e poriſſo lhe damos particular capitulo. Naõ ha furto ſem malicia, nem peccado ſem malicia; donde ſe colhe, que ſe o furto he peccaminoſo, tambem ha de ſer malicioſo: e porque em tudo ha mais, e menos, poremos aqui os de mayor malicia. Por taes tenho os que eſcondem, e reprezaõ o paõ, para que naõ ſe veja abundancia, e appareça a careſtîa, e ſuba o preço. O meſmo fazem os mercadores com ſedas, e pannos: moſtraõ-vos ſó huma peſſa da côr, ou lote, que buſcais, e juraõ-vos por eſta alma, ponde a maõ na dos botoens da roupeta, que naõ ha em toda a rua Nova mais que eſte retalho, e aſſim vo lo talhaõ pelo preço, que querem; e em gaſtando aquelle, apparece logo outro, e outro cento delles: como o ramo da Sibylla de Eneas, que quanto mais nelle cortavaõ, tanto mais renaſ-

cia

cia cada vez mais formoſo. Mas que muito que façaõ iſto na rua Nova, quando até os que naõ profeſſaõ a ley velha, fazem o meſmo nas carnes, vinhos, e azeites, que vem vender a Lisboa: vem trazendo tudo aos poucos, porque ſe o trazem junto, ha abundancia, e em a havendo abatem os preços: e para que ſubaõ, e enchaõ bem as bolças com aſſolaçaõ do povo, ajudaõ-ſe da malicia, que eſtá deſcoberta, e ſerá remediada, ſe ſe der por perdida toda a fazenda, que andar retida, e atraveçada com ſemelhantes eſtanques.

Arrendaſtes huma vinha por hum anno, puxaſtes por ella na póda, e fizeſtes-lhe dar para vós, o que havia de dar no anno ſeguinte, e furtaſtes com unhas malicioſas ao proprietario a ſubſtancia de hum anno, e póde ſer que de muitos. Em Béja vi huma eſtalajadeira comprar por dez reis duas côves murcianas; lançou-as em huma tigela com dous pimentoens bem pizados, e outros dez reis de azeite, deu-lhe duas fervuras, e ſem ſe erguer de hum tanho, fez trinta pratos, a vintem cada hum, com que banqueteou hoſpedes, e almocreves, que ſe deraõ por bem ſervidos: mas mais bem ſervida ficou a malicia da hoſpeda, que com hum vintem, que diſpendeo,

inte-

intereſſou ſeis toſtoens, que embolçou. Naõ ſey ſe diga, que ſe eſtende tambem a malicia deſtas unhas a crime *læſæ majeſtatis*, quando chegaõ a tanto atrevimento, que fazem, e vendem cartas, e proviſoens falſas, com firmas, e ſellos Reaes? Hum freguez deſtes conheci no Limoeiro por fazer moeda falſa, e cercear a verdadeira: pedio-me lhe houveſſe hum pequeno de chumbo em ſegredo; e ſabida a couza, tratava de livrar-ſe appellando para outro foro: dizia que era Religioſo de certa Ordem de Italia; e já tinha armada a Patente, e ſó lhe faltava o ſello, e queria o chumbo para fazer delle o ſinete.

Em materia de contratos ha tambem unhas muito malicioſas. Pedio em Evora Cidade hum lavrador do termo a certo ricaço hum moyo de trigo fiado, para ſemear: ſou contente, mas haveis-mo de pagar para o novo pelo mayor preço, que correr na praça todo eſte anno, e niſſo ficaraõ com aſſento feito. Succedeo, que nunca ſobio o trigo de trezentos e vinte: mas o Cidadaõ mandou pôr na praça meyo moyo ſeu eſcolhido com ordem á vendedeira, que o naõ déſſe por menos de cinco toſtoens: e para que naõ eſtiveſſe ás moſcas, mandou logo ſeus confidentes com dinheiro, que para iſſo lhes deu, que

com

compraſſem todo aquelle trigo, como para ſi pelo preço, que a medideira pediſſe: e aſſim recolheo outra vez para ſua caſa o ſeu paõ, e o ſeu dinheiro, e tomou teſtemunhas de como ſe vendera toda aquella ſemana a quinhentos reis na praça. Veyo o lavrador a ſeu tempo pagar pontualmente a razaõ de trezentos e vinte, que era o preço verdadeiro: ſahio-lhe o ſeu acrédor deſoslayo com a tramoya; convenceo-o em Juizo com as teſtemunhas, e fez-lho pagar a quinhentos, em que lhe pêz. E ainda fez mais, que naõ tendo o lavrador dinheiro, lhe tomou o preço da divida em trigo, que entaõ valia a dous toſtoens: e tudo bem ſomado veyo a fazer a quantia de dous moyos e meyo, que recolheo em boa ſatisfaçaõ do moyo, que tinha empreſtado havia poucos mezes.

Quaſi ſemelhante a eſte he outro contrato, que vi fazer muitas vezes no Reyno do Algarve: Vem os lavradores da Serra ás Cidades prover-ſe do que lhes he neceſſario dos mercadores, que lhes daõ tudo fiado até ás colheitas do figo, e paça, mas com tres encargos muito oneroſos. Primeiro, que lhes encaxaõ, o que levaõ da loge, pelo mais alto preço a titulo de fiado. Segundo, que haõ de pagar em paça, e figo avaliando-o

pelo

pelo mais baixo a titulo do beneficio, que receberaõ, quando lhes gaſtaraõ as mercadorias, que lhes apodreciaõ em caſa. Terceiro, que lhes haõ de pôr tudo na Cidade á ſua cuſta. Mais maliciosa eſtá outra onzena, que vi exercitar na Ilha da Madeira. Embarcaõ-ſe alli muitos paſſageiros para o Braſil, e os que naõ tem cabedal para ſe aviarem de matalotagem, e outros apreſtos, pedem aos mercadores dinheiro empreſtado a correſponder com açucar: Reſpondeo hum: vendo pannos, naõ empreſto o dinheiro, com que trato: ſe v.m. quer panno fiado darlho-hey, buſcará quem lho compre, e fará ſeu negocio com o dinheiro, de que neceſſita. Seja como v.m. quizer: ouro he, o que ouro val, e por ſer fiado, talhoulhe o preço por cima das gavias: e feita a compra, de que havia de fazer os cincoenta mil reis revendendo-a, ajuntou o mercador: para que v.m. ſe naõ canſe com hir mais longe, eu lhe comprarey eſſe panno pelo preço, que o coſtumo comprar em Londres, e contarlhe-hey logo o dinheiro, que he outro beneficio eſtimavel, e abateolhe em cada covado mais, do que lhe tinha levantado na venda; e pagou-ſe logo do cambio, que havia de vencer naquelle anno o ſeu empreſtimo, para ficar livre daquelle cuidado, e aſſegurou

rou o capital com boa fiança; e ficaraõ cuſtando ao paſſageiro os cincoenta mil reis mais de cento: e o mercador intereſſando na correſpondencia, e revenda do açucar, com que do Braſil lhe pagou mais de duzentos; e a iſto chamo eu malicia refinada mais que açucar em ponto.

****

CAPITULO XXVII.

De outras unhas mais malicioſas.

GRande malicia he a das unhas, que agora tocámos; mas ainda ha outras mais malicioſas. Se houveſſe contratador, que tiveſſe pezos grandes para comprar, e pequenos para vender, e todos marcados pela Camera, naõ ha duvida, que o poderiamos marcar por ladraõ de unhas mais que malicioſas; e para que naõ ſe tenha iſto por impoſſivel entre gente de vergonha, conheci hum naõ longe de Thomar, que tomava muita fazenda ás partes com dous alqueires que tinha; hum grande, com que comprava, e outro pequeno, com que vendia. Em varas, e covados ha muito que vigiar neſta parte, e niſto de medir, e pezar, ſaõ alguns taõ déſtros, que arreme-

remeçando na balança o que pezaõ de pancada, e dando hum ſolavanco na medida, ou apertando mais, e menos a razoura, e eſtirando a peſſa com o covado, e vara, defraudaõ as partes em boa quantidade, com bem má conciencia.

Peço licença ao noſſo Reyno de Portugal para eſcrever aqui a mais deteſtavel malicia, que ha, nem póde haver entre Turcos, quanto mais entre Catholicos, e Portuguezes; a qual por ſer publica, e notoria, a ninguem fará eſcandalo referilla. Nem eu a crêra, ſe me naõ conſtara já por muitas vias: e a primeira foy em Barcellos, aonde fuy de Braga ha muitos annos ver as Cruzes, que milagroſamente apparecem em hum campo nos dias da Santa Cruz, aſſim de Mayo, como de Setembro, e ſeſta feira de Endoenças. A ver eſta maravilha veyo tambem de Viana Joaõ Daranton Inglez Catholico, do qual me contaraõ, que enfadado da fortuna, que o perſeguia com grandes perdas, ſe embarcara para o Braſil com ſua mulher, e quatro filhos, e todo o cabedal, que tinha, que ſempre chegaria a dez mil cruzados. O Piloto do navio com ſeus adjuntos, Meſtre, e marinheiros confidentes deraõ com as fazendas das partes em ſuas caſas deſembarcando-as de noite ſecretamente.

Deraõ

Deraõ á vela, e deixaraõ-se andar mais de oito dias pela cósta com naõ sey que achaques, sem acabarem de se fazerem ao alto, até que os passageiros entraraõ em suspeitas, que buscavaõ piratas para se entregarem; e os requereraõ apertadamente que fizessem sua viagem. Deraõ entaõ com o navio á cósta á meya noite, que he o segundo remedio, que tem para se escoimarem dos furtos, quando naõ achaõ ladroens que os roubem. O navio se fez em dous com a primeira pancada: a gente do mar se afogou quasi toda com o Piloto; e só Joaõ Daranton se salvou com toda sua familia por justo juizo de Deos, para dar nas casas dos mareantes, onde achou sua fazenda. E tenho-vos descoberta a maranha, irmaõ Leitor, e assim passa na verdade; e assim costumaõ fazer este salto homens do mar neste Reyno, no Brasil, na India, e em todas nossas Conquistas, com afronta grandissima da nossa Naçaõ, encargo irremediavel de suas conciencias, e escandalo atroz de estrangeiros; que com serem ladroens por natureza, profissaõ, e arte, naõ sabemos, que usem de taõ horrenda, e detestavel malicia, e modo de furtar.

Estando eu na Ilha da Madeira, chegou á vista huma Urcaça de S. Thomé, a qual se dei-

xou

xou andar tres, ou quatro dias barlaventeando, ſem tomar o porto, até que o Governador, que entaõ era o Biſpo D. Jeronymo Fernando, a mandou reconhecer, e notificar que entraſſe, como entrou em que lhe pez; e ſabida a cauſa pelo aranzel da carga, conſtou que lhe faltavaõ as mais das drogas, que tinha deixado, onde lhe ſerviaõ mais que na Urca; e poriſſo buſcava mais os piratas, que o porto, para ſe entregar, e ter deſcarga, que dar aos correſpondentes, ſe lhe pediſſem a carga: porque ſatisfaz hum deſtes a todos com dizer, e moſtrar que foy roubado: o ſeu ganho mayor conſiſte na mayor perda; roubaõ mais, quando ſaõ roubados: e quando daõ á coſta, e fazem naufragio, trazem mais fazenda para ſi a ſalvamento. O que mais me aſſombra, e deixa eſtupidos todos os meus ſentidos, e potencias, he ver que naõ repara hum deſtes lobizomes em dar com huma náo da India a travéz, e affogar dous, ou tres milhoens delRey, e das partes, pelo intereſſe de quinze, ou vinte mil cruzados, que poz em polvoroſa.

He a maldade deſtas unhas malicioſas mais deteſtavel, quando toca no bem cõmum, e da Coroa, que nos conſerva, e ſuſtenta a todos. Naõ ſey ſe o ſonhey, ou ſe mo contou peſſoa

fidedigna: caſo he que me aſſombra! Valha o que valer: ſe naõ ſuccedeo, ſervirá de documento, para que naõ aconteça. Poderia ſer aſſim: Que hum Miniſtro, que tinha por officio pagar quarteis de juros, e tenças a todo o mundo, foy ſonegando muito a titulo de naõ haver dinheiro; e em poucos annos com eſta, e outras induſtrias taõ malicioſas, como eſta, ajuntou mais de cem mil cruzados, de que deu oitenta mil a ElRey noſſo Senhor, gabando-ſe que os poupara aos poucos, e que eraõ frutos [melhor diſſera furtos] da pontualidade, e primor, que guardava em ſeu Real ſerviço. Eſtimou Sua Mageſtade o lanço, tendo-o por legitimo; tanto, que lhe deu por elle huma cõmenda de cem mil reis. No cabo de ſua velhice apertou com elle o eſcrupulo, e tratando de ſua ſalvaçaõ, ſe foy á Meſa da Fazenda, e diſſe que devia mais á ſua alma, que a ſeu corpo; e que para deſcargo de ſua conciencia declarava alli, que toda, quanta fazenda tinha, era furtada dos bens da Coroa, e das tenças, e juros de todo o Reyno; que mandaſſem logo tomar poſſe de tudo em nome de Sua Mageſtade. Tinha eſte hum filho, que já ſervia o meſmo officio do pay, e lograva a fazenda, que era muita. Sabendo o que paſſava, pôem em pés de

verdade

verdade, que ſeu pay eſtava doudo: prendeo-o em caſa, amarrou-o com huma cadeya, ſem o deixar fallar com gente, e tal trato lhe deo, que era baſtante, para lhe dar volta o miolo; e com eſta arte evitou a reſtituiçaõ, que o pay queria fazer a ElRey, e ás partes, do que malicioſamente tinha furtado. Digaõ-me agora os zeloſos ſabios, que iſto tiveraõ por doudice, precindindo della: quaes foraõ mais malicioſas, as unhas do pay, que ajuntou tanta fazenda para o filho, ou as unhas do filho, que impediraõ a reſtituiçaõ do pay? Venha o démo á eſcolha, taes me parecem humas, como as outras; e por taes tivera as de quem ſabendo iſto, ſe o diſſimulaſſe por reſpeitos, que naõ cabem aqui.

Tres generos de gente abominavaõ os Romanos, aſſim no governo da paz, como no da guerra; ignorantes, malicioſos, e deſgraçados. Ser hum Capitaõ, hum Piloto, e hum Miniſtro ſabios, e venturoſos, he grande couza, para conſeguirem bom effeito ſuas emprezas: mas ſe com iſſo forem malicioſos, deſdouraõ tudo; e dos que ſaõ tocados deſta ſarna, ſe devem vigiar os Principes, Reys, e Monarcas, mais que de peſte; porque nunca ſe vio peſte, que levaſſe de coalho todo hum Reyno, ou Republica: e

huma traiçaõ forjada com malicia degola de hum golpe todo hum Reyno, ou Imperio: e por ſerem taõ arriſcadas unhas malicioſas, ſe devem vigiar mais, que nenhumas outras; porque torcem todo o governo para ſeus intentos, deslumbrando os diſcurſos do Principe com razoens palliadas, e empatando as execuçoens rectas com côres de mayor bem da Coroa: e bem examinado, he mayor damno; e ſe algum bem reſulta, he para os particulares, que mechem a treta. Mil caſos pudera tocar, que deixo, por naõ ferir a quem ſe poderá vingar raſgando eſta folha, que no mais nada lhe temo; mas direy hum por todos, e ſeja o ſomenos. Correo hum pleito mais de vinte annos neſte Reyno, e na Curia de Roma entre a Mitra de Evora, e o Convento de Aviz, ſobre os beneficios de Coruche, que ſaõ muito pingues, qual os havia de prover. Chegou Aviz a tomar poſſe: veyo Evora com força esbulhalo della: interpoz ſeu braço ElRey, como Graõ-Meſtre, favorecendo Aviz, que lhe pertencia: acodio o zelo por parte de Evora: Senhor, veja Voſſa Mageſtade o que faz; porque á manhãa quererá Voſſa Mageſtade prover hum Infante neſte Arcebiſpado, e ſerá bom que ache nelle eſtes beneficios, para ter Sua Alteza que dar a ſeus

criados,

criados. E melhor differa: Senhor ficando eſtes beneficios em Aviz, ſaõ todos de Voſſa Mageſtade, que os poderá prover em quem quizer, como Graõ-Meſtre; e ficando em Evora, ſaõ as vacancias de Roma oito mezes do anno pelas alternadas, e ſó quatro ſaõ de Evora; e em Sé vacante he tudo de Roma, e de Evora nada: e aſſim ſempre lhe fica melhor a Voſſa Mageſtade ſerem os beneficios de Aviz. E eſta he a verdade; mas a malicia calla tudo iſto, e ſó repreſenta o que lhe arma para ſeu intento, palliando tudo com razoens affectadas, e ſophiſticas, até dar caça ao que pertende em favor da parte, que lhe toca, ou que o peita.

****

CAPITULO XXVIII.

Dos que furtaõ com unhas deſcuidadas.

ATé agora reprehendemos a malicia, e vigilancia de todas as unhas; porque naõ ha furtar ſem malicia, nem malicia ſem cautéla. Donde ſe ſegue, que o ladraõ deſcuidado, ou naõ he ladraõ fino, ou anda arriſcado a pagar a

cado paſſo o capital, e as cuſtas: com tudo torno a dizer, que ha unhas deſcuidadas, e que ſaõ peores, que as malicioſas, e muito vigilantes, nos damnos que cauſaõ. Tem obrigaçaõ, os que apréſtaõ náos, e armadas, de as proverem muito bem de tudo em abundancia; e elles deſcuidando-ſe das quantidades neceſſarias, cizaõ de tudo hum terço, ſe naõ for a ametade: dizem elles, que para ElRey; mas Deos ſabe para quem, e nós tambem. Deſcuidaõ-ſe na eleiçaõ da qualidade das couzas; e até dos lugares, onde as devem arrumar, ſe deſcuidaõ. E reſulta de tudo faltar o biſcouto, e agua no meyo da viagem; porque acertaõ os tempos de a fazerem mais comprida; faltar polvora, bala, e corda na occaſiaõ da melhor peleja; naõ ſe acharem as couzas, quando ſaõ neceſſarias, e ſerem ás vezes tais, que melhor fora naõ as haver, porque ſaõ corruptas, e de tal ſorte, que cauſaõ mayores males, e doenças com ſeu uſo. O meſmo ſuccede nos medicamentos, de que naõ ha provimento por deſcuido, que mal ſe póde livrar de malicia craſſa, e maldade ſupina: porque naõ ha Miniſtro taõ ignorante, que naõ ſaiba, que no mar ſe adoece; e que ſe morre, onde naõ ha remedio conveniente para atalhar o mal.

Outros

Outros deſcuidos, e eſquecimentos ha muito geraes, e damninhos, que correm nas poſſes de fazendas, Mórgados, e Capellas, as quais ſe tomaõ muitas vezes ſem titulo legitimo, por eſtarem auzentes as partes, a quem pertenciaõ; ou porque puderaõ mais os que as tomaraõ: e remordendo-lhes a conciencia no principio, ſe deixaõ hir ao deſcuido, até que eſquece o eſcrupulo; e aſſim paſſa o eſquecimento de filhos a netos. Muitas fazendas Reaes, e bens da Coroa andaõ deſta maneira ſonegados; tanto, que ſe ſe fizer hum exame geral de titulos, poucos haõ de apparecer cabaes; ſalvo ſe ſe acolherem á poſſe immemoravel, a qual naõ val contra Reys, porque tem privilegio de menores, e força de mayores; mas naõ uſaõ della ás vezes, por naõ inquietar ſeus Eſtados. Rendellos, e esbulhalos hum, e hum, facil couza ſeria; mas naõ ſe acabaria em cem annos a empreza: inveſtillos todos juntos he perigoſo; porque muitos unidos faraõ guerra a eſte mundo, e mais ao outro: e para ſe defenderem, naturalmente ſe ajuntaõ, ainda que ſejaõ entre ſi contrarios. Peleja hum elefante com hum rinoceronte: acõmette-os hum leaõ na mayor força da batalha, e logo poem ambos de parte o odio, e ſe amigaõ em hum corpo, pa-

ra reſiſtirem ao mayor contrario; e tanto ſe eſforçaõ, que o vencem com as forças unidas. Hum Rey de Caſtella mandou pedir a todos os Fidalgos, e Grandes dos ſeus Reynos todos os titulos, eſcrituras, e proviſoens do que poſſuîaõ, porque por deſcuido dos tempos andavaõ muitas couzas deſtraîdas, e deſanexadas da Coroa. Fizeraõ ſeu conſelho, e louvaraõ-ſe todos no Duque do Infantado, que eſtavaõ pelo que elle reſpondeſſe: e reſpondeo, que moſtraſſe ElRey os titulos, com que poſſuîa, quanto tinha de ſeu nos Reynos, e Eſtados, que governava: e que elles ſe obrigavaõ a moſtrar outros titulos muito melhores do que poſſuîaõ. Ficou entendido o motim, e recolheo-ſe o decreto do Rey com boa ordenança por duas razões, que ſe deixaõ ver. Primeira, porque de dous males ſe deve eſcolher o menor: e menor mal achou, que era poſſuîrem alguns, o que ſe lhes tolerava por deſcuido, ainda que naõ foſſe ſeu, que dar occaſiaõ a todos ſe perderem, e naõ ganhar a Coroa, nem o Reyno nada com iſſo. Segunda, porque ſe ſe examinarem bem os bens, que poſſuem os Reys, ninguem ha taõ arriſcado a poſſuir o alheo; porque a potencia os faz izentos, e a cobiça he cega, e amiga de embolçar, e tudo parece devido á mayor

ſupe-

ſuperioridade. Perigoſo foy ſempre bolir com o caõ que dorme: e poriſſo muitas vezes as couzas paſſaõ por alto até as ſepultar o eſquecimento: mas iſſo naõ tira ſer furto, o que por eſta via ſe arraſta. E eſtas ſaõ as unhas, que chamamos deſcuidadas; porque até quando mais lembradas, a avareza por huma parte, e o medo por outra, as poem em eſtado de deſcuidadas, e eſquecidas: e aſſim fica tudo ſem remedio.

****

CAPITULO XXIX.

Dos que furtaõ com unhas irremediaveis.

DIgo que ha unhas irremediaveis, naõ porque admitta neſte mundo demazia, que naõ tenha remedio para ſe emendar; mas porque muitas vezes naõ ha quem lho applique: e quando as unhas creſcem em mãos poderoſas, ſaõ muito más de cortar. Declararme-hey com huma parabola, que ainda que he ténue, tem muita ſubſtancia, para todos me entenderem. E he, que a Republica dos ratos entrou em conſelho, e fez huma junta, ſobre que remedio teriaõ para ſe ve-

rem

rem livres das unhas do gato? Presidio hum arganáz de bom talento: assentaraõ-se por suas antiguidades os adjuntos: votou o mais velho: Mudemos de estancia; vamo-nos para os Armazens delRey, onde naõ ha gatos, e sobejaõ bastimento, biscouto arrodo, queijos a fartar, chacinas de toda a sorte: e onde muitos homens de bem achaõ seu remedio, sem lhes custar mais que tomallo; tambem nós o acharemos, que nos contentamos com menos. Enganais-vos, disse o Presidente, comer á custa delRey nunca he barato, nem seguro; porque quem a galinha delRey come magra, gorda a paga; e nos seus Armazens ha unhas peores, que as dos gatos, que nada lhes escapa. Votou o outro; devia de ser alentado: Sou de parecer, que cortemos as unhas ao gato. Acodio o Presidente: Calay-vos lá murganho: cortarlhas-heis vós? Naõ dizeis nada; porque logo lhes haõ de nascer outras mayores, e mais peçonhentas. Isto de unhas saõ como enxertos de mato bravo; saõ como ortigas, e tojos, que nascem sem que os semeem: por mais unhas que corteis, nunca vos haveis de ver livre de unhas. Vote outro. Levantou-se entaõ hum de cauda larga muito reverendo, e disse: O meu voto he, que lancemos hum cas-

cavel

cavel ao peſcoço do gato; e aſſim ſentiremos, quando vem, e pornos-hemos em cobro; como fazem os Tapuyas no Braſil, quando ouvem as cobras, que chamaõ de caſcavel. Bellamente dizeis, acodio o Preſidente; mas quem ha de lançar o caſcavel ao gato? Lançarlho-heis vós? Eu naõ, reſpondeo elle: nem eu, nem eu: Pois malhadeiros, ſe nenhum de vós ha de fazer, o que diz, para que me votais aqui couzas impoſſiveis? Naõ vedes, que nos deſtruiremos a nós, e á noſſa Republica, ſe intentarmos couzas, que naõ pódem ſer, porque nos haõ de dar na cabeça todos eſſes remedios? E acabou-ſe a junta; e vêm a ſer, que a mayor, e mais irremediavel ruina de huma Republica ſuccede, quando os medicamentos, que applica para a vida, ſe lhe convertem em veneno para a morte; e iſto he, quando os conſelhos, que toma para ſe defender, diſparaõ em maquinas para ſe deſtruir: e naõ cahe no erro, ſenaõ quando vê os effeitos deſpropoſitados nas forças gaſtadas com paradoxos, e no cabedal conſumido em deſvarios. E eſtas ſaõ as verdadeiras unhas irremediaveis; porque trazem a peçonha no remedio: e entaõ mais irremediaveis, quando ſaõ incontraſtaveis os Juizes, que menêaõ as perdas com applauſo de ganancias.

Para

Para eu me declarar ainda mais, e todo o mundo me entender melhor, vinha-me vontade de armar aqui hum Concelho de Eſtado, ou de Guerra, ou do que vós quizerdes, para verdes o mal, que nos reſulta das unhas, que chamo irremediaveis; e quem me tolhe a mim agora fazer aqui hum concelho? Faça-ſe, e ſeja logo. Arrojem-ſe cadeiras para todos. Eya Senhores Conſelheiros, aſſentem-ſe Voſſas Senhorias por ſuas dignidades. Quantos ſaõ por todos? Dez, ou doze; melhor fora duzentos, ou trezentos? He iſto aqui parlamento de Inglaterra? Onde ſe daõ tantas cabeçadas, por ſerem muitas as cabeças, que mereciaõ cortadas, por cortarem huma, que baſtava. Naõ havemos miſter tantos Conſelheiros: baſtaõ quatro, ou cinco: vaõ-ſe os mais para as ſuas Quintas, onde naõ lhes faltará que fazer em ſuas ganancias: e quem nos ha de preſidir neſte concelho? Iſto eſtá claro: ha de preſidir a ley: qual ley; a do Reyno, ou a de Machavelo? Ainda ha memorias deſſe caõ! Vá-ſe preſidir no Inferno. Sabeis vós quem he eſte perro? He o mais máo Herege, que vomitaraõ neſte mundo as Furias de Babylonia: e com ſer eſte, he de temer, que o trazem na algibeira mais de quatro, e mais de vinte e quatro.

Naõ

Naõ queremos, que nos preſida a ley de taõ máo homem, que tem aſſolado, quantas Republicas o admittiraõ. A noſſa ley, e Ordenaçaõ do Reyno he a melhor, que ſe ſabe no mundo; ella he a que ha de preſidir, e aſſim propoem para tratar tres couzas. Primeira, a fortificaçaõ deſta Cidade de Lisboa. Segunda, o preſidio das fronteiras. Terceira, o cõmercio de álem-mar. E quanto á primeira, diz o primeiro Conſelheiro, que naõ havemos miſter fortificaçaõ, onde eſtaõ noſſos peitos. Se o ſenhor Conſelheiro, que tal vota, tivera o peito de bronze, tamanho como o campo de Alvalade, dizia muito bem, e duzentos peitos tais baſtavaõ para fortificar, e defender Lisboa, e o Reyno todo: mas he de temer, que naõ tomou nunca a medida a peitos mais que de perdizes, e galinhas, e que na occaſiaõ ſe retire, ou vá calçar as eſporas, para atar as cardas. Diga o ſegundo, como nos havemos de fortificar? Parece-me, diz elle, que tomemos todas as bocas das ruas com ceſtas. Tende maõ, naõ vades por diante: ceſtos? Cheyos, ou vazios? Cheyos de terra. Melhor fora de uvas, teriaõ os ſoldados que comer. Só hum bem acho neſſes voſſos ceſtos, que naõ deixaráõ curſar os guarda infantes pelas ruas taõ livremente, como andaõ. Diga o

terceiro,

terceiro: Sou de parecer, que nos cerquemos com trincheiras de faxina. Eſperay: fortificamo-nos nós para dous dias, ou para muitos annos? Naõ vedes vós, que a primeira invernada ha de levar tudo iſſo de enxurrada, e que haveis de ficar á porta inferi. Diga o quarto: Digo que melhor he nada; e eu digo que boca, que ſahe com nada, que a houveraõ de condemnar a que nunca entraſſe por ella nada; e entaõ veria como lhe hia com nada. Ouçamos a quem preſide, o que lhe parece, e iſſo faremos. Parece-me, diz a ley, que a fortificaçaõ ſe faça de pedra, e cal, com muitos, e bons baluartes, e artelharia nelles, porque tudo o mais he impoſſivel defendernos. Oh como diz bem! Mas ha de ſer á cuſta do publico, e naõ do particular, para ſer poſſivel; e todos os mais votos ſaõ juizos occultos, que vaõ dar em roubos manifeſtos, e irremediaveis. Irremediaveis digo, porque os apoya o Conſelho, de donde ſó podia ſahir o remedio. E naõ obſtante eſta opiniaõ, que he a mais ſegura, accreſcento, que fortificaçoens grandes, que demandaõ quinze, ou vinte mil homens de guarniçaõ, que mais barato he naõ ſe tratar dellas; porque poſta eſſa gente em campo, faz hum exercito capaz de dar batalha, e alcançar vitoria, e Portugal aſſim ſe defende mpre.

Va-

Vamos á ſegunda couza. Que preſidio poremos nas fronteiras? Vinte mil Portuguezes, diz o primeiro voto, e he o de todos. E de donde havemos nós de tirar vinte mil Portuguezes? Vem cá máo homem, naõ vês que ſe fizermos iſſo duas, ou tres vezes, que ficará o Reyno deſpovoado, e ermo? Quem ha de cultivar os campos? Quem ha de guardar os gados? Quem ha de trabalhar nas officinas de toda a Republica? E faltando iſto, que has de comer, que has de veſtir, e calçar? Que Naçaõ viſte tu nunca, que fizeſſe guerra ſó com os ſeus naturais? Os mais guerreiros Reys do mundo ſe ajudáraõ de eſtranhos, que ſempre ſaõ mais comparados commoſco; porque lá naõ ha Frades, nem Freiras, e poriſſo ſaõ tantos como moſquitos, e acodem muito bem ao cheiro dos noſſos ramos; e ſe morrem, naõ pomos capuzes por elles, nem deixaõ filhos, que peçaõ mercês. Trata-ſe aqui da conſervaçaõ dos naturais; e poriſſo elles fazem os gaſtos. De maneira, que quereis, que façaõ os gaſtos, e dem os filhos para ficarem ſem fazendas, e ſem herdeiros, e o Reyno extincto de tudo. Eſſe voſſo voto eſtá muito bom para darmos atravéz com toda a Republica, mas para a conſervarmos, e defendermos, he impoſſivel. Mui-

tas Republicas depois de ſeus Capitaens, e Soldados ſerem vencidos, venceraõ com eſtrangeiros; como os Chalcidonenſes com Braſidas, os Sicilianos com Gelippo, os Aſianos com Liſandro, Callicrate, e Agathocles, Capitaens Lacedemonios. E ſe alguns Capitaens eſtrangeiros tyrannizavaõ as Republicas, que ajudaraõ, como os da caſa Othomana, foy, porque naõ tiveraõ forças, os que os chamaraõ, para ſe defenderem delles: para evitar eſte inconveniente, naõ conſentiaõ os Romanos, que os que os vinhaõ ajudar, foſſem mais que elles; e para evitar hum mal irremediavel, ha-ſe de devorar algum inconveniente, quando he menor, que o mal que ſe padece.

Vamos á terceira couza. Que me dizeis do cõmercio de álem-mar? O primeiro Conſelheiro diz, que naõ podemos com tantas conquiſtas, que larguemos algumas; como agora Pernambuco, porque: Atalhou o Preſidente a razaõ, que hia dando: e perguntou-lhe muito ſério: Almoçaſtes vós já? Pois havia de vir em jejum ao Conſelho? Aſſim parece, e mais que naõ bebeſtes agua de neve. Hum conſelho vos déra eu mais ſaudavel para vós, do que eſſe voſſo he para nós: que vos guardeis dos rapazes, naõ vos apedregem, ſe ſouberem que foſtes de parecer

cer que larguemos aos inimigos, o que noſſos avós nos ganharaõ com tanta perda de ſeu ſangue. Senhor, tenho que dizer a iſſo, replicou o Conſelheiro. Calay-vos, naõ me inſteis; que vos mandarey lançar hum grilhaõ neſſa lingua: bem ſey o que quereis dizer: naõ tendes que me vir aqui com conveniencias de cortar hum braço, para naõ perdermos a cabeça: ſaõ iſſo diſcurſos velhos, e caducos. A maxima das conveniencias he ter maõ cada hum no que he ſeu até morrer, e naõ largar a mãos lavadas, o que outrem nos ganhou com ellas enſanguentadas. Sois muito bacharel: naõ me ſejais *Petrus in cunctis*; olhay que vos farey *Joannes in vinculis*. Ide-vos logo por aquella porta fóra. Oh de fóra! Eſtá ahi algum porteiro? Chamai-me cá quatro archeiros, que me dêm com eſte zelote no Limoeiro, e vote o ſegundo. O ſegundo diz, que ſe trate do que haõ de trazer as náos, e frotas do Braſil, e India. Porque aqui naõ ſe trata [acodio o Preſidente] do que haõ de levar, ſenaõ do que haó de trazer; vem a trazer pouco mais de nada, e faltaõ lá as forças para conſervar o conquiſtado. Levem, diſſe o terceiro, muito bacalháo, muito vinho, azeite, e vinagre. Eſperay: ides vós lá fazer alguma celada, ou merenda? Ainda naõ

disſemos tudo, acodio o quarto. Levem muitos ſoldados, farinhas, traparias, e muniçoens, e iſto baſta. Aqui acodio a ley Preſidente, dando hum grito: Juſtiça de Deos ſobre tais Conſelheiros! Porque naõ dizeis todos, que levem Prégadores Evangelicos, que conquiſtem o Gentio para Deos, e Deos vos dará logo todos os bens temporais deſſas conquiſtas, que venhaõ para vós: *Quærite primùm regnum Dei, & hæc omnia adjicientur vobis.* Matth. 6. Sentença he de eterna verdade, que eſtabaleçamos primeiro o Reyno de Chriſto, e logo ficará eſtabelecido o noſſo Reyno, e tudo nos ſobejará. He Portugal patrimonio de Chriſto, que fundou eſte Reyno, para lhe propagar ſua fé. E cança-ſe debalde, quem trata de ſuas conquiſtas por outro caminho: furta a Deos, e ao Reyno o cabedal, que emprega em outros intentos, que nunca haõ de ſer bem ſuccedidos, porque vaõ fóra dos eixos proprios, e do centro verdadeiro. Todos os remedios, que applicar, para indereitar as rodas da fortuna, haõ de ſervir de mayor deſpenhadeiro; e acabemos de cahir niſto, pois ſomos Chriſtãos Catholicos: naõ deſmintamos noſſa propria profiſſaõ; e acabemos de entender, que de nós naſce o mal, e poriſſo naõ tem remedio; porque o eſtorva,

quem

quem lho houvera de dar. E já que as perdas saõ irremediaveis; porque nascem de Conselheiros, que tem por officio dar-lhes o remedio, e naõ ha outros, que emendem estes, e os melhorem; ponhamos aqui hum Capitulo, que nos descubra o segredo da abelha, e jarrete todas estas unhas.

****

CAPITULO XXX.

Que taes devem ser os Conselheiros, e conselhos, para que unhas irremediaveis nos naõ damnifiquem.

HUm Alvitrista, ou Estadista foy a Madrid, haverá vinte annos, e disse, que tinha achado hum remedio singular, para se dar fim brevemente ás guerras de Flandes com grande gloria de Castella. Estimou-se o alvitre, como merecia: fez-se huma junta de todos os Grandes, e Conselheiros, para ouvirem o discurso do novo Apollo, que o recopilou em breves razoens; e disse a todos sem nenhum empacho: Senhores, todos vemos muito bem, que naõ prevalece Espanha contra Hollanda huma hora, mais que a

outra, ha tantos annos; e ſabemos, que o noſſo poder he mayor, que o ſeu: donde ſe colhe que todas as ventagens, que nos fazem, procedem, de que ſe ſabem governar melhor que nós: pelo que eu era de parecer, que a Mageſtade delRey Filippe mande ſeus Conſelheiros para Flandes, e que venhaõ os Conſelheiros de Flandes para Eſpanha; e logo tudo nos hirá vento em popa, e Hollanda de cabeça abaixo, e teraõ melhora as perdas irremediaveis, que nos aſſolaõ; porque as obraõ os Conſelhos, por cuja conta corre applicar-lhes o remedio. Aſſim paſſa, que o que aſſola as Republicas ſem remedio, ſaõ os conſelhos quando erraõ.

Eſta palavra *Conſelho* tem dous ſentidos, hum material, e outro formal: no ſentido material ſignifica os Conſelheiros juntos, e o Tribunal, em que ſe aſſentaõ: no formal he o voto de cada hum, e a reſoluçaõ, que de todos ſe colhe: e vem a ſer quatro couzas diſtinctas. Primeira, Conſelheiros; ſegunda, Tribunal; terceira, o parecer de cada hum; quarta, a reſoluçaõ de todos. Digo logo de cada huma, o que releva.

Que tais devem ser os Conselheiros.

QUestaõ he, se ha de ter o Principe muitos Conselheiros, se hum só? Hum só he arriscado a errar, mas que seja hum Architofel. Ter hum valîdo, de quem se fie, para o ajudar, he prudencia, e he necessario. Os Papas tem seus *Nepotes*, e os Principes devem ter seus confidentes para cada materia; como hum para a paz, outro para a guerra; hum para a fazenda, outro para o trato de sua pessoa, &c. E naõ seja hum só para tudo, porque naõ póde assistir a tantas couzas, nem comprehendelas: e sendo varios, estimulaõ-se com a emulaçaõ a fazer cada qual sua obrigaçaõ por excellencia. Os Conselheiros devem ser muitos sobre cada materia, porque huns alcançaõ, e supprem o a que naõ chegaõ os outros; mas naõ sejaõ tantos, que se confundaõ, e perturbem as resoluçoens; quatro até cinco bastaõ. Outra questaõ he, se devem ser os Conselheiros letrados, se idiotas; isto he, de capa, e espada? Huns dizem, que os letrados, com o muito, que sabem, duvidaõ em tudo, e nada resolvem; e que os idiotas com a experiencia sem especulaçoens daõ logo no que convêm. Outros tem para si, que as letras daõ luz a tudo,

e que a ignorancia eſtá ſugeita a erros: e eu digo, que naõ ſeja tudo letrados, nem tudo idiotas: haja letrados Theologos, e Juriſtas, para que naõ ſe cõmettaõ erros: e haja idiotas, que com a ſua aſtucia, ſagacidade, e experiencia deſcubraõ as couzas, e dêm expediente a tudo. Poucas vezes acontece, que concorraõ na meſma peſſoa engenho para diſcorrer ſobre o que ſe conſulta, e juizo para obrar, o que na conſulta ſe determina: muitos ſaõ de fraco juizo conſultados, mas para executar, o que ſe reſolve, ſaõ deſtriſſimos. Muitos excedem na agudeza dos pareceres que daõ, mas na execuçaõ delles ſaõ taõ ineficazes, que os perdem. E poriſſo digo, que he melhor terem todos lugar no Conſelho, para ſe ajudarem, e ſupprirem huns aos outros, e ficar tudo bom.

Outra queſtaõ ſe ſegue a eſta [dado que naõ póde neſte mundo tudo ſer perfeito, e cabal, porque naõ ha, quem naõ tenha ſeu pé de pavaõ] ſe he melhor para a Republica ſer o Principe bom, e os Conſelheiros máos; ou ſerem os Conſelheiros bons, e o Principe máo? Se o Principe ſe governar por ſeus Conſelheiros, diz Elio Lampridio, que pouco vay em que o Principe ſeja máo, ſe os Conſelheiros forem bons; porque mais depreſſa ſe faz bom hum máo com o exemplo de

muitos

muitos bons, que muitos máos bons com o exemplo, e conselho de hum bom: e como a resoluçaõ, que se segue, he dos bons, tudo fica bom. Mas se o Principe governar sem respeito aos Conselheiros, melhor he ser o Principe bom, ainda que os Conselheiros sejaõ máos; porque o exemplo do Principe tem mais força para reduzir á sua imitaçaõ, os que o servem; e como diz Plataõ, e refere Tullio, quaes saõ os Principes, tais saõ os vassallos: se o Principe he virtuoso, todos trabalhaõ por serem virtuosos; e se he vicioso, todos se daõ ao vicio. Quando o Principe he Poeta, todos fazem trovas: quando he guerreiro, todos trataõ de armas: por monstro se tem em huma Corte haver, quem faça, ou diga couza, de que o Principe naõ goste. E dado que os Conselheiros naõ se reformem com o exemplo do Principe, nem sejaõ quaes pede a razaõ, para isso tem o Principe o poder na escolha dos sugeitos, naõ se limitando aos que o cercaõ, senaõ estendendo o conhecimento até os mais remotos, e lançando maõ dos mais aptos. E para isso devem os Principes considerar, que da bondade de seus Conselheiros depende a sua fama, honra, e proveito de seus póvos. Se o Principe errar na escolha dos Conselheiros, perde a sua reputaçaõ, e

podemos presumir, que errará em tudo. De ter bons Conselheiros, se segue bom succesſo em suas emprezas, bom nome em suas obras, e grande reputaçaõ com os estrangeiros; dos quaes será venerado, e temido, assim como amado, e obedecido dos seus. E para que o Principe possa acertar na escolha dos Conselheiros, digo em duas palavras as suas qualidades, de que os Autores, e Estadistas fazem grandes volumes.

O Conselheiro ha de ser prudente, e secreto, sabio, e velho, amigo, e sem vicios: naõ cabeçudo, nem temerario, nem furioso. Quatro inimigas tem a prudencia. Primeira, Precipitaçaõ, segunda Paixaõ, terceira, Obstinaçaõ, quarta, Vaidade: a primeira arrisca, a segunda cega, a terceira fecha a porta á razaõ, a quarta tudo tisna. Tres inimigos tem o segredo; Bacho, Venus, e o Interesse. O primeiro o descobre, o segundo o rende, o terceiro o arrasta. E perdido o segredo do governo, perde-se a Republica. A sabedoria, e velhice se ajudaõ muito, esta com a experiencia, e aquella com o estudo; com tanto, que a velhice naõ seja caduca, e a sabedoria inutil. Se for amigo do Principe, e da Republica, tratará do bem cõmum, e naõ do particular, em que consiste a maxima da mayor virtude,

que

que deve professar hum Conselheiro, com que extinguirá todos os vicios, que o pódem desluſtrar. E para assegurar este ponto, devem os Principes acautelar-se de pessoas, que tenhaõ aggravado; por mais talentos que tenhaõ, naõ fiem delles os póstos, em que pódem ter occasiaõ de se vingarem: Platão diz, que os Conselheiros haõ de estar livres de odio, e amor. Virgilio canta, que o amor, e a ira derrubaõ o entendimento. Saluſtio escreve, que devem estar apartados de amizade, ira, e misericordia; porque aonde a vontade se inclina, alli se applica o engenho, e a razaõ nada póde. Cornelio Tacito tem, que o medo desbarata todo bom governo, e conselho. Carlos V. queria, que deixassem á porta do Conselho a dissimulaçaõ, e o respeito. Thucidides, que entendaõ a materia, em que votaõ; que naõ se deixem corromper com peitas, e que saibaõ propor os negocios com graça, e destreza. Innocencio III. quer que saibaõ tres couzas. Primeira, se o que se consulta, he licito segundo justiça. Segunda, se he decente segundo honestidade. Terceira, se cumpre segundo Direito. E assim votaráõ sem temor de respeitos, que os possaõ encontrar: porque, como diz Santo Agostinho, melhor he padecer por dizer verdade, que rece-

ber

ber mercês por liſongear: e he conſelho de Chriſto, que temamos a perda da alma, e naõ a do corpo.

Devem ter os Conſelheiros todos ſeus bens nas terras do Principe, a quem ſervem, e todas ſuas eſpetanças póſtas nelle; e o Principe naõ deve manifeſtar ſua opiniaõ, para votarem livres. E póſtos neſta liberdade, naõ ſejaõ faceis de variar no parecer, nem afferrados ao que deraõ: movaõ-ſe por razaõ: porque naõ muda, nem varîa o conſelho, diz Tullio, quem o varîa, e muda para eſcolher o melhor. Covardes ha, para que naõ lhes chamemos traydores, que capeaõ ſua má tençaõ no conſelho com aſtucias, que nunca lhes faltaõ, encobrindo ſua natural fraqueza, que nelles póde ſempre mais, que a razaõ, e que a experiencia; que muitas vezes lhes moſtra, que naõ tiveraõ cauſas para temer, e que lhes ſobejou má vontade para enganar, e poriſſo varîaõ. Livrarſe-ha deſtes o Principe, ſe os vigiar, naõ lhes admittindo o conſelho para effeituar couzas illicitas; nem meyos illicitos, para conſeguir couzas licitas: e aſſim he, que neſta pedra de toque vaõ ſempre esbarrar ſeus quilates. Alguns Autores querem que os Conſelheiros ſaibaõ muitas linguas, ou pelo menos as dos

póvos

póvos, que o ſeu Principe governa, ou tem por aliados, e amigos; porque corre perigo deſcobrirem os interpretes o ſegredo, ou declararem mal as Embaixadas. Pedro Galatino diz que eraõ obrigados os Juizes de Iſrael a ſaberem ſetenta linguas, para naõ fallarem por interprete aos que diante delles litigavaõ. Devem ter liçaõ das hiſtorias, e corrido muitas terras, e Naçoens; ſaber as forças do ſeu Principe, de ſeus viſinhos, amigos, e inimigos. Sejaõ liberais; porque o povo paga-ſe muito deſta virtude, e a ama, e a adora: o avarento ſempre he aborrecido, e por acodir á ſua cobiça tudo faz venal. Favoreçaõ os que o merecem, ſem que lho peçaõ: tenhaõ a porta aberta para ouvir a todos, ſem eſcandalizar com palavras, nem dar occaſiaõ de deſeſperarem as partes. E finalmente ſeja o Conſelheiro bom Chriſtaõ, e terá todos os requiſitos; porque a pureza da Religiaõ Chriſtãa Catholica naõ permitte vicio, que naõ emende.

Tribunal como, e que tal.

ARiſtoteles no lib. 1. da ſua Rhetorica diz, que toda a Republica para ſer bem governada deve ter cinco Tribunais. Primeiro da Fazen-

da

da publica, e particular. Segundo da Paz. Terceiro da Guerra. Quarto do Provimento. Quinto da Juſtiça. E neſta parte eſtamos melhor que a Republica de Ariſtoteles; porq̃ temos doze Tribunais, que bem examinados, ſe reduzem aos cinco apontados. Para o primeiro da Fazenda publica, e particular, temos dous; hum ſe chama tambem da Fazenda, e outro he o Juizo do Civel com ſua Relaçaõ, para onde ſe appella, e aggrava. Para o ſegundo da Paz temos cinco, tres delles para o ſagrado, e ſaõ o Santo Officio, o do Ordinario, e o da Conciencia; e dous para o profano, que ſaõ a Meſa do Paço, e a Caſa da Supplicaçaõ. Para o terceiro da Guerra temos dous; hum que ſe chama tambem da Guerra, e outro Ultramarino. Para o quarto do Provimento temos outros dous; hum he o da Camera, e outro o dos tres Eſtados. E para o quinto da Juſtiça temos outros dous, que já ficaõ tocados, e ſaõ a Meſa do Paço, e a Relaçaõ. E para melhor dizer, todos os Tribunais tiraõ a hum ponto de ſe adminiſtrar juſtiça ás partes. E finalmente ſobre todos hum, que os comprehende todos, e he o do Eſtado.

Os Romanos tinhaõ hum Templo dedicado á Deidade do Conſelho, e era eſcuro, para deno-

denotar, que os conſelhos devem ſer ſecretos, e que ninguem deve ver, nem entender de fóra, o que ſe trata nelles. Licurgo naõ permittia em Lacedemonia, que foſſem magnificas, nem ſumptuoſas as caſas, em que ſe faziaõ os conſelhos, e punhaõ os Tribunais, para que naõ ſe divertiſſem, nem enſoberbeceſſem os Conſelheiros. E até neſta parte ſe acõmoda Portugal muito aos antigos: e por credito ſeu naõ digo, o que me parecem os apoſentos, em que arma os ſeus Tribunais. Em outras couzas tomaramos que imitára os antigos, como no magnifico, e grandioſo de obras publicas, fontes, pontes, torres, pyramides, columnas, obeliſcos, e outras maquinas, com que ſe ennobrecem as terras, e ſe affamaraõ Gregos, e Romanos. E em Lisboa, Promontorio mayor, e melhor do mundo, naõ haver huma obra publica, que leve os olhos! Se em minha maõ eſtivera, já tivera levantadas columnas mais mageſtoſas, que as de Trajano, e Agulhas mais grandioſas, que a de Xiſto; humas de marmores, e outras de jaſpes, que nos ſobejaõ; taõ altas, que vençaõ os montes, e cheguem ás nuvens, e ſe vejaõ até dos mares; e ſobre ellas as Eſtatuas del-Rey noſſo Senhor D. Joaõ o IV. e da Senhora Rainha, e do Sereniſſimo Principe ſeu filho, que

encheſ-

encheſſem, e authorizaſſem com ſuas Reaes Mageſtades os terreiros, Rocîos, e praças, para eterna memoria, e gloria da felicidade, com que dominaraõ eſte Reyno, e nos livraraõ do jugo de Caſtella ſem arrancar eſpada, nem dar moſtras de acçaõ violenta, como rayos, que obraõ ſeu effeito, antes que ſe ouça o trovaõ. Nem ſeriaõ iſto gaſtos ſuperfluos, quando o credito, e admiraçaõ, que delles reſulta, cauſaõ nas Naçoens eſtranhas aſſombro, e reſpeito, com que ſe enfreaõ; conſiderando, que quem tem poſſes, e magnanimidade para couzas taõ grandioſas na paz, tambem as terá, para as que ſaõ mais neceſſarias na guerra. Mas elles vêm, que naõ temos hum Cais, que preſte; que naõ ha hum Mole em noſſos pórtos, nem fortificaçaõ acabada em noſſas fronteiras; perdem o conceito, que deveraõ ter de nós, e tomaõ orgulhos, e audacias, para nos fazerem das ſuas, confiados mais em noſſo deſcuido, e deſalinho, que em ſeu poder. De donde vem iſto? He que naõ ha quem cure do publico: e poriſſo já naõ me eſpanto do pouco apparato, e luſtre dos noſſos Tribunaes, que correm neſta parte a fortuna das obras publicas. E ſó hum bem tem, que he eſtarem quaſi todos juntos dentro de hum pateo;

com

com que ficaõ menos trabalhoſos os requerimentos das partes, para forrarem de tempo, e paſſadas na buſca dos Miniſtros; que tambem fora bom viverem arruados todos, e naõ taõ eſpalhados, e remotos huns dos outros, que fará muito hum requerente muito ligeiro, ſe der caça a dous, ou tres no meſmo dia, para lhes lembrar o ſeu negocio. Ao bem de eſtarem juntos os noſſos Tribunaes, ſe devera ajuntar outro de ſerem cõmunicaveis por dentro com o Paço Real; de ſorte, que pudeſſe ElRey noſſo Senhor ſem ſer viſto, nem ſentido, ver, e ouvir o que nos Tribunaes ſe obra. O Emperador dos Turcos tem huma geloſia coberta com hum ſendal verde, por onde vê, e ouve tudo, quanto os Baxás fazem, e dizem, quando ſe ajuntaõ em conſelho; os quaes ſó com cuidarem, que os eſtará eſpreitando o ſeu Rey, adminiſtraõ juſtiça, e naõ gaſtaõ o tempo em praticas, que naõ pertencem ao ſerviço de ſeu Senhor, ou ao bem publico.

Em concluſaõ: as Republicas ricas devem moſtrar ſua grandeza na mageſtade de ſeus Tribunaes com caſas amplas de frontiſpicios magnificos, e bem guarnecidos por dentro, claras, e ſumptuozas; porque a excellencia dos apparatos exteriores eſperta no interior dos animos eſpiritos grandiozos

diozos, e reſoluçoens alentadas: alojamentos humildes acanhaõ os brios, embotaõ os diſcurſos, e até nos intentos generoſos lançaõ grilhoens, e algêmas. Tamara lib. 1. cap. 7. dos coſtumes das gentes diz, que havia em França antigamente hum coſtume, que eu naõ poſſo crer, que o Conſelheiro, que acodia muito tarde ao conſelho, tinha pena de morte, a qual logo ſe executava. E que ſe algum ſe deſentoava, ou fazia arroîdos no Tribunal, lhe cortavaõ o topéte. Deviaõ de tomar iſto dos Grous, que quando ſe ajuntaõ na Aſia, para ſe mudarem de huma regiaõ para outra, depennaõ, e mataõ o que vem ultimo de todos. Juntos os Conſelheiros no Tribunal, a primeira acçaõ, que devem fazer, antes de tratarem nenhum negocio, he oraçaõ ao Eſpirito Santo, offerecendolhe hum Padre noſſo, ou huma Ave Maria pedindolhe, que os allumîe a todos illuſtrando-lhes o entendimento, para que ſaibaõ eſcolher, o que for mais conveniente ao Divino ſerviço, e mais proveitozo para o augmento da Republica, e bem de ſeu Principe. Dar principio a couzas grandes ſem implorar auxilio do Ceo, he acçaõ de Satyros, ou de A'theos.

Voto,

Voto, e parecer de cada hum.

O Conſelho, voto, e parecer dos Conſelheiros he hum bom aviſo, que ſe toma ſobre couzas duvidoſas, para naõ errar nellas: toma-ſe ſobre couzas, que naõ eſtaõ na noſſa maõ; naõ ſe toma ſobre couzas infalliveis, porque eſtas pedem execuçaõ, e naõ conſelho; deve ſer de couzas poſſiveis, e futuras; porque as impoſſiveis preſentes, e paſſadas já naõ tem remedio. Naõ deixa o conſelho de ſer bom, por ſahir o ſucceſſo máo; nem o máo conſelho deixa de o ſer, por ter bom ſucceſſo; porque os ſucceſſos ſaõ da fortuna, e dependem das execuçoens; que muitas vezes por ſerem más, damnaõ a bondade dos conſelhos; e tambem por ſerem boas, emendaõ ás vezes o erro do conſelho. Os Carthaginenſes enforcavaõ os Capitaens, que venciaõ ſem conſelho, e naõ caſtigavaõ aos vencidos, ſe conſultavaõ primeiro, o que depois obravaõ. Na guerra, que os Gregos fizeraõ a Troya, mais montaraõ os conſelhos de Neſtor, e Ulyſſes, que as forças de Achilles, e Ayas. Henrique III. de Caſtella dizia, que mais aproveitavaõ aos Principes os conſelhos dos ſabios, que as armas dos valentes; porque mais illuſtres couzas ſe obraõ com o en-

tendimento da cabeça, que com as forças dos braços: e allegava o que diz Tullio, que mais aproveitaraõ a Athenas os conselhos de Solon, que as vitorias de Themistocles. He muito prejudicial saberem os Conselheiros, o que o Principe quer; porque logo buscaõ razoens, com que o justifiquem. O Conselheiro naõ ha de approvar tudo, o que o Principe disser; porque isso será ser lisongeiro, e naõ Conselheiro. Muitos naõ tem nos conselhos respeito ao que se diz, senaõ a quem o diz; se he amigo, vaõ-se com elle: senaõ he do seu humor, ou parcialidade, reprovaõ-no: e he muito prejudicial modo de governar este. Pequenos erros, que no principio naõ se sentem, saõ mais perigosos, que os grandes, que se vêm; porque o perigo, que se entende, obriga a buscar o remedio; mas os erros, que se naõ sentem, ou dissimulaõ, crescem tanto pouco a pouco, que quando se advertem, já naõ tem remedio; como a febre thisica, que no principio naõ se conhece, e quando se descobre, naõ tem cura.

Conselhos bons saõ muito bons de dar, mas muito máos de tomar: muitos os daõ, e pouco os tomaõ. Conselhos máos tem duas raizes: ou naseem de odio, ou de ignorancia: por peores tenho os primeiros; porque a ignorancia procede

da

da fraqueza, e o odio reſulta da malicia; e a malicia he peor inimigo que a fraqueza. E até nos bons conſelhos pódem reinar o odio, e a malicia, quando muitos os daõ, e poucos os tomaõ; ou ſeja no termo *á quo*, quando ſe dá conſelhio, pois todos o lançaõ de ſi; ou ſeja no termo *ad quem*, quando ſe recebe, pois poucos o admittem. Que ſejaõ tomados com aborrecimento, he couza muito ordinaria: que ſejaõ dados com odio, naõ hè taõ commum; mas he grande mal; porque nunca póde ſer boa a planta, que naſce de má raiz, ou ſe enxerta em roim arvore. E com ſer máo o conſelho deslindado neſta fórma, era muito bom para ſer dinheiro pela propriedade que tem; e já diſſemos, que muitos o daõ, e poucos o tomaõ. Em huma couza ſe parece muito o conſelho com o dinheiro, e he, que ambos ſaõ muito milagroſos. Tres milagres muito grandes achou hum diſcreto no dinheiro; naõ ha quem os naõ experimente, e por ſerem muito ordinarios, ninguem faz memoria delles. Primeiro, que nunca ninguem ſe queixou do dinheiro, que lhe pegaſſe doença. Segundo, que nunca ninguem teve nojo delle. Terceiro, que nunca cheirou mal. Digo que nunca ninguem ſe queixou delle, que lhe pegaſſe doença; porque an-

dando por mãos de quantos leprosos, sarnosos, morbogallicos, e empéstados ha no mundo, e passando dellas para as mãos do mais mimoso fidalgo, e da mais delicada donzella, nenhuma doença sabemos, que lhes pegasse, mais que fome de lhe darem mais. Donde colho que naõ he bom o dinheiro para paõ; que se fora paõ, nunca houvera de matar a fome. Digo mais, que nunca ninguem teve nojo do dinheiro; porque o recolhem em bolças de ambar, e seda, o guardaõ no seyo, e até na boca o metem, sem terem asco delle, nem se lembrarem, que tem andado por mãos de regateiras, ramelozas, e de lacayos rabugentos, e de negros raposinhos. E digo finalmente, que nunca cheirou mal a ninguem; porque bem póde elle sahir da mais immunda cloaca, respira nelle bemjoim de boninas; ainda que venha entre enxofre, ha-lhes de cheirar a ambar, algalia, e almiscar. Tal he o conselho: se he bom, nenhum mal faz: se he máo, ninguem tem nojo delle, nem lhe cheira mal; ainda que venha envolto em fumaças do Inferno, parecem-lhe perfumes aromaticos do Paraiso: e entaõ mais, quando vem deslumbrando com tais nevoas, que tolhem a vista de seu conhecimento. De tudo o dito se colhe, que se divide o conselho em bom,

e máo:

e máo: ſe he bom, recebe-ſe com aborrecimento, ſe he máo, dá-ſe por odio. Quando ſe recebe com aborrecimento, nada obra, por bom que ſeja; quando ſe dá por odio, pertende arruinar tudo, e alcança o intento, tanto que ſe aceita. Deos nos livre de ſer odioſo o conſelho, tanto me dá por reſpeito de quem o dá, como por parte de quem o recebe: em manquejando por algum deſtes dous pólos, ou naõ temos fé nelle, ou executa a peçonha que traz; e de qualquer modo cauſa ruinas, e grandes perdiçoens. Para ſe livrar o Principe de todas eſtas Scylas, e Charybdes, deve conhecer bem de raiz os talentos, e animos de ſeus Conſelheiros: e faça poriſſo, porque niſſo eſtá a perda, ou ganho total de ſeu Imperio.

Reſoluçaõ do Conſelho.

A Reſoluçaõ he conſequencia dos votos, e della naſce a execuçaõ, e deſta o bom effeito, que he o fim, que ſe pertende nos Conſelhos. Nas emprezas devem-ſe executar as reſoluçoens, que tem menos inconvenientes; porque he impoſſivel naõ os haver: e quem ſe naõ aventurou, nem perdeo, nem ganhou: e hum perigo com outro ſe vence; e atraz do perigo vem o provei-

to. Naõ devem os que conſultaõ deixar de executar, o que ſe determina, porque haja perigo na execuçaõ; ſe he mayor o proveito, que de executar-ſe ſe ſegue, que o perigo, que de naõ executar ſe, encorre. Prudencia he conſultar com madureza, e executar com diligencia: *O Conſelho na almofada*, diz o Proverbio, *e a execuçaõ na eſtrada*; e poriſſo ſe dizia dos Romanos, que aſſentados venciaõ. Principes ha, que para que naõ lhes vaõ á maõ no que determinaõ, naõ admittem a Conſelho, os que ſabem lho naõ haõ de approvar, para que naõ lhes debilitem os animos, dos que eſperaõ os ajudem no ſeu parecer: prejudicial modo he eſte de governar. Tanto que ſe começa a executar o que ſe reſolveo, naõ ſe devem lembrar do conſelho, que deixaraõ de ſeguir; para que naõ lhes eſfrie o goſto, que dá alma á execuçaõ: e eſta naõ ſe deve cõmetter nunca a quem foy de contrario parecer; porque por fazer a ſua opiniaõ boa, dá a travéz com toda a empreza por modos illigitimos, que ſeu capricho lhe inculca, e capêa já com a preſſa, já com o vagar, que prova ſofiſticamente ſerem meyos neceſſarios. Negocios ha, que he melhor deixalos hum pouco, que executalos logo; porque executados ſe malograõ, ou concluem tarde; e diſ-

ſimu-

ſimulados ſe esfriaõ mais cedo: muitas doenças ſara o tempo ſem mézinhas, e naõ o Medico com ellas: muitos negocios ſe perdem; porque naõ ſe executaõ em ſeus lugares, e conjunçoens: deve eſtar a empreza ſazoada para ſe effeituar, como a horta diſpoſta para ſe ſemear.

Quando o governo começa a deſcahir, porque ſaõ mais os que reſolvem mal, que os que reſolvem bem, pouco impedimento baſta, para que naõ ſe execute, o que na conſulta ſe examina; e ainda que alguns aconſelhem bem, naõ baſtaõ a ordenar, o que os mais deſordenaõ: nem ſerve de mais o eſtar no Conſelho, que participar da culpa, que tem os que governaõ mal: e ſó lhe fica por remedio ao Principe retratar tudo, conhecido o erro: e he hum remedio muito prejudicial; porque diminue muito na authoridade do Principe, e augmenta impetos de deſobediencia nos Miniſtros para as execuçoens, que mais importaõ. O Principe conſulte, e cuide bem o que decreta; porque naõ parece bem retratado, ſalvo for em quadro com bom pincel; mas com penna nem de palavra, naõ fica gentil-homem. Se o erro for pequeno, melhor he ſuſtentallo, ſe naõ ſe ſeguir delle grande damno, ou alguma offenſa de Deos; porque prepondéra mais o credito do

Principe: e se for de qualidade, que peça emenda, haja algum Ministro fiel, que o tome sobre si, e tambem a pena, que o Principe moderará, ou perdoará a titulo de descuido; e assim se dará satisfaçaõ a todas as partes, ficando illesa a authoridade mayor. Se houvesse Principe, que facilmente se retratasse, allegando que naõ he rio, que naõ haja de tornar a traz? Respondera-lhe que ha tres R.R.R. que naõ tornaõ atraz, por mais montes de difficuldades, que se lhe ponhaõ diante: e saõ: Rey, Rio, e Rayo, e o Rey muito mais; porque se dér em dobrar-se, em dous dias perderá o credito, que consiste em sustentar sua palavra; que como dizem palavra de Rey deve ser inviolavel: e se o naõ for, faltarlhe-haõ os subditos com a inteireza da obediencia, em que se apoya a Magestade, e naõ o conheceraõ por Rey, nem por Roque. E seguirse-haõ damnos irremediaveis, os quaes pertendemos atalhar em todo o discurso deste Capitulo; que bem considerado vem a ser, que do bom conselho se segue o bom governo, que sustenta as Republicas illesas; e do máo resultaõ asolaçoens de Reynos, e ruinas de Imperios; e o mundo todo he pequena pelóta para o bote, ou rechaço de hum lanço de máo governo.

****

CAPITULO XXXI.

Dos que furtaõ com unhas sabias.

HA no Brasil, e Cabo Verde tantos bugîos, que sáõ praga; e porque os estimaõ em Portugal, e em muitas partes por seus tregeitos, usáõ lá hum modo de os caçar sem os ferir muito facil, e recreativo. Lançaõ-lhes cocos abertos, e provîdos de mantimento nas paragens, onde andaõ mais frequentes; mas abertos com tal proporçaõ, que caiba a maõ do bugîo aberta, e naõ fechada; e com este animal ser taõ ardiloso, que cuidaõ os Tapuyas, que tem entendimento, tanto que empolga no miolo do coco, nunca o larga, nem sabe abrir a maõ para a tirar fóra. Daõ sobre elles os caçadores de repente, tanto que os sentem enfrascados no sevo; e porque tem seu valhacouto nas arvores, fogem para ellas, e faltando-lhes as mãos para treparem, deixaõ-se apanhar, por naõ largarem a preza do mantimento. Mais ardilozas sáõ as cobras, que para escaparem de animaes inimigos, que as perseguem, fazem minas, em que se guarecem, largas no principio, e

estrei-

eſtreitas no cabo com ſua ſahida apertada, por onde eſcapaõ, deixando entalado ſeu inimigo; e logo voltando-lhe nas coſtas pela primeira via, lhe tiraõ a vida a ſeu ſalvo, e lograõ o deſpojo do cadaver. Fazer huma facçaõ de grande porte he valentia, carregar nella de grande preza he felicidade; deixar-ſe render com a preza nas mãos, e perdella com o credito, e vida, he deſgraça, e he ignorancia de bogîo. Levarem-me a preza, e illa tirar das garras do inimigo, mas que ſeja com emboſcada, e eſtratagema, he prudencia de ſerpente: e eſtas ſaõ as unhas de que trato, que ſabem peſcar com ſabedoria, ſem deixar raſto de que lhe peguem, nem porta aberta, por onde o cacem.

Ha outras unhas, que poem ſua ſabedoria em fazerem bem o ſalto, e darem logo outro, com que ſe ponhaõ em cobro; como os que andaõ de terra em terra vendendo unguentos para todas as enfermidades: em Caſtella os vi applaudindo ſeus medicamentos pelas praças; e para prova de ſua efficacia paſſavaõ com eſtocadas ſuas proprias tripas [ſe naõ eraõ as de algum carneiro] e untando a ferida ſe davaõ logo por ſaõs: e a gente immenſa, que iſto via, comprava ſem reparo as unturas, que vinhaõ a ſer azeite com

cera,

cera, e alecrim pizado; e os vendedores passavaõ avante a outra terra, deixando os compradores com as bolças vazias de dinheiro, e cheyas de unguentos, que naõ prestavaõ para nada. Melhor succedeo a hum, que vi em Evora [Castelhano era] fez hum theatro na praça, poz nelle dous caixoens de canudos do unguento milagroso, que servia para todos os males: bailou sua mulher, e huma filha, que volteava por cima de huma mesa; fizeraõ entremezes, a que acodio toda a Cidade: disse elle no cabo tais gabos da mézinha, que naõ ficou pessoa, que a naõ comprasse a tostaõ cada canudo, até vazar de todo os caixoens, que encheo de prata: e ao outro dia deu comsigo em Castella, levando de caminho outros lugares: e sey que cegou huma pessoa com a mézinha, porque a poz nos olhos; e outro acabou de entrévar de huma perna, potque a untou com elle.

Outras unhas ha taõ sabias como estas, para pilharem dinheiro vendendo sabedorias. Nesta Corte andou hum brixote vestido de vermelho na era de 642. promettendo huma receita, se lhe déssem tantos, e quantos, com que se conservaria carne fresca mais de hum anno, frutas, e hortaliças: excellente invento para as náos da India, mas nada vimos, que conseguisse effeito. Eu o vi

em

em Evora fixar carteis impreſſos pelos cantos, que tinha hum medicamento para conſervar os vinhos, e melhoralos: e hum curioſo lhe deu algum dinheiro para fazer a experiencia em hum tonel; e fora melhor fazella em hum quarto, para naõ perder duas pipas de vinho, que ſe lhe danou com a buxinifrada de arêa, e outros materiaes, que lhe mexeo. Outro mais ſabichaõ que todos veyo vendendo, que ſabia fazer bombardas de parafuzos, que pudeſſem levar cincoenta ſoldados cada huma em roſcas, e armalla, e diſparar aonde quizeſſem: poem-ſe a eſpeculaçaõ em praxe; arrebenta o fogo pelas juntas, e criſma a quaſi todos. Outro taõ ſabio em pilhar dinheiro como eſte prometteo fazer peſſas de artelharia taõ leves, que pudeſſe levar duas huma azémola, como coſtaes em carga á campanha; e que as havia de fazer de couros crús, e coſidos, taõ fortes, que diſparaſſem quatro tiros ſem riſco algum de arrebentarem: poz-ſe a máquina em effeito; e eu a vî em Elvas lançada em hum monturo, porque arrebentando com meya carga de prova nos deſcarregou a todos deſte cuidado.

Outro gabando-ſe de engenheiro conſumado, prometteo humas barcaças, que ſahindo do Rio de Lisboa abrazariaõ todos eſſes mares, e

quan-

quantas armadas inimigas nelles houveſſem: encheo os de palhas, e chamiços, que eſtavaõ promettendo quando muito huma boa fogueira de S. Joaõ, e day cá por cada invento deſtes tantos mil cruzados. Tal como eſte foy outro em Campo mayor, que ſe gabou ſabia fazer huma arca de foguetes em fórma de gîrandola; e que haviaõ de ſahir della de ſoslayo todos juntos, como rayos, a ferir as barbas do inimigo com ferroens de ſettas. Por mais louco tive outro, que trouxe a eſte Reyno hum ſegredo de armas de papel, que diſſe ſabia fazer, untadas com certo oleo, que as fazia impenetraveis a prova de moſquete, e taõ leves como a camiſa. Que haja no mundo embuſteiros, naõ he para mim couza nova; mas que haja em Portugal quem os ouça, e admitta, he o que choro; ſem acabarem de cahir, que tudo ſaõ ſonhos de Scipiaõ, enredos de Palmeirim, gigantes de palha, com que nos armaõ, mais a levar o ouro do Reyno, que a defender a Coroa delle; e niſto he que poem toda a ſua ſabedoria, que trazem eſcrita na unha.

Outras unhas andaõ entre nós taõ ſabias, que deſpontaõ de agudas: e podemos dizer dellas, o que diſſe Feſto a S. Paulo: *Multæ te literæ ad inſaniam convertunt.* Actor. 26. Que os fazem

doudos

doudos as muitas letras que alrotaõ. Eſtes ſaõ os Eſtadiſtas, Alvitriſtas, Criticos, e Zoilos, que tem por ley ſeu capricho, e por idolo ſua opiniaõ; e para a ſuſtentarem, naõ reparaõ em darem atravéz com huma Monarquia: e ha gente taõ cega, que levada ſó do ſequito, que os tais por outra via ganharaõ, até a ſeus erros chamaõ ſabedoria, ſem advertirem nos grandes damnos, que de ſeus conſelhos nos reſultaõ.

****

CAPITULO XXXII.

Dos que furtaõ com unhas ignorantes.

DItoſas unhas ſaõ eſtas, porque depois de fazerem immenſos damnos no que desfazem, e desbarataõ com ſeus aſſaltos, ficaõ ſem obrigaçaõ de reſtituir, ſe a ignorancia he invencivel; que ſe he craſſa, ou ſupina, corre parelhas com as dos ladroens mais cadimos. Ha humas ignorancias, que ſomos obrigados a vencellas pelas regras de noſſo officio, que nos eſtaõ advertindo tudo: e quem he ignorante na arte, ou officio, que profeſſa, todos os damnos, que dahi reſultaõ ás partes,

tes, a elle se imputaõ, e a quem conhecendo sua ignorancia, e devendo emendallo, o consente. Como póde ser Medico, quem nunca estudou Medicina? Como póde ser Piloto, quem naõ entende o Astrolabio? Como póde ser Advogado, quem nunca leo a Ordenaçaõ; e o mesmo digo de todos, quantos officios ha na Republica. Até o alfayate se naõ sabe talhar, deita-vos a perder o vosso panno: e hum sarralheiro, se naõ sabe dar a têmpera ao ferro, ou aço, damna-vos a pessa, que lhe mandastes concertar. E na ignorancia de todos se vem a refundir innumeraveis, e insofriveis perdas, que causaõ a todo o Reyno em vidas, honras, e fazendas, que saõ as couzas, que mais se estimaõ. Bem provîdo está tudo com Examinadores para todas as Artes, se naõ houvera peitas, e intercessoens, que corrompem até os mais escoimados Rodamantos. E se isto naõ basta, logo achaõ hum sabio na sua ciencia, que se examina por elles, mudando o nome por menor preço, e lhes alcança carta de examinaçaõ, com que fica graduada a ignorancia do candidato, e elle dado por mestre peritissimo. Como ha de haver no mundo, que se tolére, e permitta provarem cursos em Coimbra mais de hum cento de Estudantes todos os annos, sem pôrem pé

na

na Univerſidade? Andaõ na ſua terra matando caens, e eſcrevem a ſeu tempo ao amigo, que os approvem lá na matricula, repreſentando ſuas figuras, e nomes: e daqui vem as ſentenças laſtimoſas, que cada dia vemos dar a Julgadores, que naõ ſabem, qual he a ſua maõ direita, mais que para embolçarem com ella eſportulas, e ordenados, como ſe foraõ Bartholos, e Covas-Rubias. Daqui matarem Medicos milhares de homens, e pagarem-ſe, como ſe foraõ Avicenas, e Galenos. E a graça, ou mayor deſgraça he, que nem o diabo, que lhes enſinou eſtes enredos, lhes ſaberá dar remedio, ſalvo for levando-os a todos, que he o que pertende.

No ſerviço delRey naõ ſe devem tolerar tais ignorancias, porque ſe ſeguem dellas damnos graviſſimos. Quem perdeo as náos, que vinhaõ da India carregadas até ás gavias de riquezas? Dizem que o tempo: e he engano: naõ as perdeo, ſenaõ a ignorancia dos Pilotos, que foraõ dar com ellas em baixos, e cachópos. Quem desbaratou a frota, que hia para o Braſil? Dizem que os piratas: e he engano: naõ a desbaratou, ſenaõ a ignorancia dos marinheiros, que naõ ſouberaõ velejar a propoſito. Quem perdeo a vitoria na campanha? Dizem que a remiſſaõ da cavallaria:

e he

e he engano: naõ a perdeo, ſenaõ a ignorancia dos Coroneis, que naõ ſouberaõ diſpôr as couzas, como convinha. Gente biſonha, e mal diſciplinada occaſionaraõ com ignorancias intoleraveis perdas; e o que ſe deve ſaber, e advertir, nunca tem boa eſcuza: mas naõ ha morte ſem achaque, todos ſabem dar ſahida a ſeus erros, fazendo homicida á fortuna, que eſtá innocente no delicto. Mas como o mal, e o bem á face vem, logo ſe deixa ver a fonte da culpa: e he grande laſtima, que arrebente eſta ordinariamente da ignorancia.

Ha alguns ladroens taõ ignorantes, que ſempre deixaõ raſto como lêſmas, e a meſma preza os deſcobre; como o que furtou o trigo, ſem advertir, que era o ſaco roto, e pelo raſto delle, que hia deixando, lhe deraõ na trilha, e o apanharaõ. Outros porque ſe carregaõ tanto, que naõ pódem fogir, ſaõ alcançados. Outros porque ſe veſtem do que furtaraõ, ſaõ conhecidos; e todos ſó por ignorantes ſaõ deſcobertos. Antes he propriedade da ignorancia, que por mais, que ſe eſconda, naõ póde muito tempo eſtar occulta. Como ſuccedeo na Alfandega do Porto por deſcuido do Provedor, e incuria de ſeus Miniſtros, que a balança, em que ſe pézaõ

os açucares, e drogas, que pagaõ direitos pelo pezo, ſe falſificou de maneira, que a em que ſe punhaõ os pezos, tinha menos duas arrobas, que a outra, em que ſe punhaõ as caxas, e fardos, ſem ſe dar fé deſte delirio, ſenaõ depois de ElRey perder muitas mil arrobas nos ſeus direitos. Iſto de balanças deve andar ſempre muito vigiado, e naõ excluo daqui a caſa da Moeda: pudera referir aqui muitos modos, que ha de furtar nellas, e deixo, porque naõ pertencem a eſte capitulo, ſeu lugar teraõ.

Naõ farey minha obrigaçaõ, ſe naõ enxirir aqui huma ignorancia fatal, que anda moente, e correnre neſte Reyno, na emenda da qual temos muito que aprender nas outras Naçoens, ainda que ellas obraõ com injuſtiça, o que nós podemos imitar ſem nenhum eſcrupulo. E he, que nenhuma gente ha taõ deſmazelada, que fazendo huma frota, ou armada para alguma empreza, naõ aſſegure os gaſtos della por todas as vias; de tal ſorte, que ſe o primeiro intento naõ ſucceder, ſe recupére no ſegundo, ou no terceiro. Como agora: faz o Hollandez, ou o Inglez huma armada, para hir dar em certa parte de Indias, onde tem a malhada huma grande preza: e ſe eſta lhes eſcapa das unhas, por ventura de huns, ou deſ-

graça

graça de outros, já levaõ deſtinada outra facçaõ, e outra em outras paragens, ſejaõ quaes forem, para onde viraõ logo as prôas, e naõ ſe recolhem para ſeus pórtos, ſem trazerem, com que refaçaõ ao menos os gaſtos, quando naõ enchaõ as bolças. Só Portugal he niſto taõ pródigo, que tem por timbre [chamara-lhe antes inadvertencia, ou ignorancia] entregar todos os gaſtos de ſuas armadas ao vento, ſem mais fruto, que o de dar hum paſſeyo com bizarria por Val das eguas, e tornar-ſe para caſa com as mãos vazias, e as fraſqueiras deſpejadas. Quanto melhor fora levar logo no Roteiro, que ſe naõ acharem piratas, que os buſquem até dentro em ſeus pórtos; que vaõ a Marrocos, que vaõ ás barras de noſſos inimigos, que eſperem, que ſayaõ, e que naõ ſe vẽnhaõ ſem recuperarem por alguma via os gaſtos, pelos menos, os que vaõ fazendo; e a eſtes ſem fruto chamo tambem unhas ignorantes.

****

CAPITULO XXXIII.

Dos que furtaõ com unhas agudas.

TOda a unha, que arranha, he aguda; e toda a unha, que furta, arranha até o vivo: logo todas as unhas, que furtaõ, saõ agudas. Bom está o argumento, e bem conclue o syllogismo. Mas naõ fallo dessa agudeza, senaõ da subtileza com que alguns furtaõ, sem deixarem rasto, nem pépada de que lhes pegue: e aqui bate o subtil, e o agudo desta arte. O estudante, que vendeo a Imagem de S. Miguel da Capella da Universidade de Coimbra, como se fora sua, a hum homem do campo, naõ andou subtil; porque ainda que fez o contrato no páteo, e a entrega na Capella sem testemunhas, e se acolheo com dez mil reis nas unhas, logo se descobrio a maranha, e o apanharaõ pelos sinais, que deu o villaõ, e lhe fizeraõ pagar o capital, e mais as custas. E menos agudo andou o outro, que talhando o preço das galinhas, a quem as vendia na feira, e levando-o a quem dizia lhas havia de pagar, o poz em huma Igreja, onde estava o Padre Cura confessando, e

chegan-

chegando-se a elle, lhe pedio por mercê á puridade, se lhe queria ouvir de confissaõ aquelle homem, e respondendo alto que sim, e que esperasse, que logo o despacharia, se deu o vendedor por satisfeito, cuidando o mandava esperar, para lhe dar o preço da compra, e teve lugar o ladraõ de se acolher com o furto; mas naõ advertio, que o podia conhecer o Confessor, como conheceo, de que resultou sahir o ladraõ da alhada com mais perda, que ganancia.

Mais agudo andou outro, que vendo entrar pela ponte da mesma Cidade de Coimbra hum forasteiro bem vestido, armou a lhe furtar o fato na volta: e armou bem para seu intento; porque o esperou no bocal de hum poço, que está na estrada, por onde havia de passar, chorando sua desgraça, e que lhe cahira naquelle instante huma cadêa de ouro dentro no poço, e que daria hum dobraõ, a quem lha tirasse. Moveo-se a compaixaõ o passageiro, que devia de ser homem de bem, se naõ he que o picou o interesse, e porisso naõ presumio malicia: gabou-se que sabia nadar como hum golfinho, e que lhe tiraria a cadêa de mergulho: despio-se, sem se despedir do vestido, que logo se despedio delle; porque o matalote da cadêa, tanto que o vio debaixo da

agua, tomou as de Villa Diogo com todo o fato, e cabana, deixando a ſeu dono como ſua mãy o pario, ſem lhe deixar raſto, nem pégada, por onde o ſeguiſſe: nem podia, ainda que quiz ſſe, pelo deixar prezo ſem cadêa, nem grilhaõ, como pintaõ as almas do Purgatorio. Menos cruel andou huma Matrona em Madrid, e naõ menos ardiloſa, que mandou fazer duas bocetas com fechaduras, ambas iguaes, e ſemelhantes na guarniçaõ, e pregadura: meteo em huma tres mil cruzados de joyas, e na outra outro tanto pezo de chumbo, e pedras, que achou na rua; e eſcondendo eſta na manga, ſe foy com a outra a hum mercador rico, que lhe déſſe dous mil cruzados a cambio ſobre aquellas joyas: celebraraõ o contrato, ſem reparar ella na quantidade dos redditos, porque naõ determinava de os pagar; nem elle no capital, porque ſe aſſegurava com as joyas. Virou-ſe contra hum eſcritorio para tirar o dinheiro, e com mayor velocidade a ſenhora harpîa trocou as bocetas, pondo na meſa a das pedras chumbadas, e recolhendo na manga a das joyas; e levando a chave comſigo, para que lhe naõ enxovalhaſſem as joyas, ou atiraſſem com as pedras, ſe foy com os dous mil cruzados, onde nunca mais appareceo,

nem

nem apparecerá, ſenaõ no dia do Juizo.

Naõ andou menos aſtuta outra Senhora na meſma Corte, para ſe veſtir de córtes os mais precioſos, que achou na calhé Mayor, á cuſta do mercador, que lhos cortou por ſua boca ſua medida. Alugaõ-ſe em Madrid amas, aſſim como em Lisboa eſcudeiros, para acompanhar: tomou huma, que tocava de mouca, e chamando-lhe madre mia, ſe foy com ella, aonde fez a compra de tudo o melhor que achou, ſedas, télas, e guarniçoens, que paſſaraõ de quinhentos cruzados, ſem reparar em medidas, nem em preços: e quando foy á paga diſſe: *Que nò trahia caudal baſtante, porque nò penſava, que hallaria coſas tan lindas, que alli quedava ſu madre, y que luego bolvia con todo el diñero: quede-ſe aqui madre mia, que yo voy con eſta niña, que lleva la ropa, y buelvo luego en hora buena*, reſponderaõ ambos mercador, e velha, ignorantes da treta; de que a velha ſe livrou em duas audiencias, provando, que era de Alquiler, e mouca, e ſervia a quem lhe pagava: e o mercador pagou as cuſtas ſobre o capital, que lhe acolheo, e naõ alcançou ainda. Em Lisboa certo picaõ tinha huma mulata mais amiga que ſua, porque era forra, e grande conſerveira, trato, com que vivia, e o

ſuſtentava a elle paſſeando ſem nenhum trabalho; e ſe algum tinha, era com os Confeſſores, quando ſe deſobrigava nas Quareſmas. Tratou por huma vez dar de maõ ao trato, e para iſſo fallou com hum Sevilhano, Capitaõ de hum navio, ſe lhe queria comprar huma mulata de grandes partes? E para que tomaſſe conhecimento dellas o convidou a jantar, e que o preço della ſeria, o que ſua mercê julgaſſe em ſua conciencia. Avizou-a que tinha hum hoſpede de importancia, e que ſe eſmeraſſe para o dia ſeguinte no jantar, a que o tinha convidado: meteo a innocente velas, e remos, e fez de peſſoa com todo o empenho hum banquete, que ſe pudéra dar a hum Emperador, e ſervio á meſa, como criada, dando-ſe por autora de todos os guiſados, e acipipes. Ficou o Caſtelhano ſatisfeito, tanto, que talhou a compra em duzentos cruzados, que logo contou em patacas ao picaõ: e ficaraõ de acordo, que lha entregaria no dia de ſua partida levando-lha a bórdo; e aſſim o fez enganando-a ſegunda vez; porque o Sevilhano a queria regalar no ſeu navio em retorno do banquete. Poz-ſe ella de vinte e quatro, como ſe fora a bodas; e ficou nos piozes; voltando-ſe o amigo para terra dizendo comſigo: veremos agora, ſe me negaõ a abſolvi-

çaõ os Padres Curas. O navio deu á vela : gritava a triſte, que era forra! Conſolava-a o Caſtelhano: *Que luego ſe le iria aquella paſion, como ſe vieſſe en Sevilla, que era tan buena tierra como Lisboa, y que iva para ſer ſeñora, más que eſclava, de una caſa muy noble, y rica, &c.*

Eſtas ſaõ as unhas agudas, que fazem a ſua ſem deixarem coimas: e deſtas ha milhares, que na fazenda delRey fazem grandes eſtragos com alvitres, e conſelhos, que deſpontaõ de agudos, e levaõ a mira em encherem as bolças; como ſe vio nos das maçarocas, e bagaços, de que naõ reſultou mais que gaſtos da fazenda Real para Miniſtros. E deſtes ha alguns taõ déſtros, que provêm todos os officios em ſeus criados, para lhes pagarem ſerviços proprios com ſalarios alheos: e ſaõ os peores; porque com as coſtas quentes em ſeus amos, procedem affoutos nas rapinas. Outras unhas ha deſtas, que por naõ encontrarem fazenda Real, em que empolguem, aproveitaõ-ſe da authoridade do Rey, para dar no povo com admiraveis traças, e habilidades, que a arte lhes enſina: e bem de exemplos a eſte propoſito deixámos referidos no cap. 4. em que moſtrámos, como os mayores ladroens ſaõ, os que tem por officio livrarnos de ladroens.

****

CAPITULO XXXIV.

Dos que furtaõ com unhas fingelas.

MElhor diſſera rombas, ou groſſeiras, para as contrapor com as agudas, de que até-gora fallámos: mas tudo vem a ſer o meſmo, e muito mais ainda; e logo contraporemos eſtas com as dobradas, que ſe ſeguiráõ. E para intelligencia de hum, e outro capitulo, devemos preſuppor, que aſſim como ha unhas dobradas, tambem as ha ſingelas. Dobradas ſaõ, as que ſe apreſtaõ de varios modos, e invençoens, com tal arte, que nunca lhes eſcapa a preza. E daqui ſe infere, que as ſingelas eraõ as que naõ tem mais, que hum modo, e caminho, por onde furtaõ; naõ armaõ mais que a hum lanço, e ſe erraõ o tiro, ficaõ ſem nada. E accreſcento mais, porque ſingelo quer dizer ſimples; que furtar ninherias, e de modo, que vos apanhem, tambem he ſer ladraõ de unhas ſingelas. Furtar cinco, ou ſeis mil cruzados abrindo portas com gaſúas, ou arrimando eſcadas, e deſtelhando as cazas para decer por cordas, e dar no theſouro,

modos

modos saõ de furtar, que sabe qualquer ladraõ, antes de ser graduado, ou marcado, que he o mesmo. Mas levar o thesouro sem gasúas, sem escadas, sem cordas, nem sobresaltos, aqui está o subtil da arte, e o naõ ser aprendiz singelo. Furtar esse thesouro, e dar comsigo na forca, porque o apanharaõ com o furto nas mãos, ou com as mãos no furto, isso he furtar de ladroenszinhos novatos, que naõ sabem, qual he a sua maõ direita. Mas furtar esse thesouro, mas que seja de hum milhaõ, e outro em cima, e ficar taõ enxuto como hum inhame; e taõ escoimado, como hum noviço cartuxo, sem deixar indicio, de que lhe peguem, aqui bate a quinta essencia da ladroîce; e o que assim se porta, bem se lhe póde passar carta de examinaçaõ, com foro, e privilegio de mestre graduado nesta ciencia: e destes doutores ha mais de hum milhaõ, que cursaõ as Cathedras, e escólas de Mercurio, e Caco. E quem saõ estes? Perguntastes bem; porque como naõ trazem insignias de seus gráos, nem final manifesto de sua profissaõ, saõ máos de conhecer; e entaõ melhores mestres, quando peores de achar: sendo assim, que em achar o mais escondido, e em arrecadar o achado, saõ insignes.

Seraõ

Seraõ eſtes, os que vos ſayem nas eſtradas com carapuças de rebuço, e eſpingardas no roſto? Tiray lá, que ainda que lhes chamais ſalteadores por antonomaſia, ſaõ formigueiros por profiſſaõ; e taõ ſingelos, que nunca levantaõ caſa de ſobrado, nem tem bens de raiz, nem ajuntaõ moveis, que naõ caibaõ de baixo do braço; ſaõ como o caracol, que traz a caſa comſigo, e como o Philoſopho, que dizia: *Omnia mea mecum porto.* Tudo, quanto tenho de meu, trago comigo. E ainda menos, pois o que trazem, tudo vem a ſer alheo. Seraõ os alfayates, que lançando o giz álem das medidas, e metendo a tezoura por mais duas dobras, do que cortaõ, tiraõ a limpo, ſujando a conciencia, hum gibaõ de córte, e cortaõ hum calçaõ de veludo para ſi, e huma anagoa para ſua mulher? E tambem ſaõ ladroens ſingelos; porque ſaõ caſeiros, criados á maõ, naõ mataõ, nem ferem: quanto tomaõ, cabe em huma arca, que chamaõ rua; e poriſſo juraõ, quando lhes perguntais pelos retalhos, que ſobejaõ, ainda que ſejaõ muitos, e grandes, que os botaraõ na rua: e ficais ſem eſcandalo do que vos levaõ. Seraõ os Tabelliaens, e Eſcrivaens, que ha ſem numero neſta Corte, e em todo o Reyno, que com huma pennada tiraõ, e daõ cem mil cruzados

zados a quem querem? Esses grandes ladroens saõ, mas singelos, principalmente quando se applicaõ a si o que furtaõ, porque logo se lhes enxerga; como aquelle, que fez humas casas em Lisboa, junto a S. Paulo, que ainda hoje se chamaõ da Pennada; porque vendo-as ElRey D. Sebastiaõ, disse: Boa pennada deu alli o Tabelliaõ! De mais de que, como poem por escrito tudo, saõ faceis de apanhar seus erros de officio: e se dobraõ o partido com outro, para se justificarem, ficaõ á revelia de quem fará, que percaõ o feito, e o por fazer: e lá irá quanto Martha fiou, por se fiarem, de quem lhes naõ deu fiança a lhes guardar segredo nò conluyo.

Seraõ os soldados de cavallo, que quando se vêm montados em ginetes, que naõ saõ de seu gosto, lhes daõ tal trato, que em quatro dias daõ com elles no almargem, e no monturo, para que os provejaõ de outros? Tambem saõ ladroens singelos; porque dando com isso grande damno a Sua Magestade, ficaõ com pouco proveito. Outros ha neste genero mais escrupulosos, que por naõ serem homicidas da fazenda Real, lhes ataõ sedas nos artêlhos dos pés, ou das mãos com tal arte, que os fazem manquejar, até que os provêm de outros. E o furto está no damno, que se

dá

dá a ElRey, e á milicia; porque ſe vende o cavallo mánco por dous, ou tres mil reis, para huma atafona, ou nora, tendo cuſtado quinze, ou vinte. E dahi a quatro, ou cinco dias, vay o ſoldado transformado em alveitar, e diz ao comprador: quanto me quereis dar, e darvoshey eſte rocim ſaõ em duas horas? Concertaõ-ſe em dez, ou doze toſtoens; applicaſlhe hum emplaſto de herva moura, para diſſimular a tezoura, que vay por baixo, e córta a ſedella, que lhe peſcou os toſtoenszilhos, e fica o cavallinho ſaõ como hum pero no meſmo inſtante; e quem o mancou, e deſmancou, taõ quieto na conciencia, como maré de roſas. Os infantes coitadinhos, querem alguns Criticos eſpeculativos, que ſejaõ de unhas dobradas, porque ſaõ multiplicados os ſeus furtos: mas naõ tem razaõ, que aſſás fingelos andaõ; e ſe agaſalhaõ huma marrãa, ou hum cabrito, mas que ſeja hum carneiro, ou huma vaca, quando vaõ de marcha por eſſes campos de Jeſu Chriſto, he, porque os achaõ deſgarrados, para que os naõ coma o lobo; e aſſás ténue vay tudo, e aſſás ſingelo. Andem elles fartos, quero dizer pagos, e póde ſer que tenha tudo emenda. A obrigaçaõ, que a todos corre, já o diſſe no capitulo 21. das unhas Militares.

****

CAPITULO XXXV.

Dos que furtaõ com unhas dobradas.

JA' diſſemos, que unhas dobradas ſaõ, as que ſe armaõ de varios modos, e invençoens, para furtar com tal arte, que nunca lhes eſcapa a preza. Ha na Dialectica hum argumento, que chamamos Dilema; porque joga com duas propoſiçoens, como com páo de dous bicos, que neceſſariamente vos haveis de eſpetar em hum delles. Tais ſaõ os ladroens, que chamo de unhas dobradas; porque as aguçaõ de ſorte, que por huma via, ou por outra lhes haveis de cahir nellas: com hum exemplo ficará iſto claro, e corrente. Quando Sua Mageſtade, que Deos guarde, manda fazer cavallaria para as fronteiras, he certo, que ha grandiſſima variedade nos preços, e que nunca ſe ajuſtaõ os avaliadores, humas vezes por alto, outras por baixo; com que fica armado o Dilema, de que naõ póde eſcapar o furto: quando levantaõ o ponto, no eſcudo delRey vay dar o tiro; quando o abatem, na bolça dos vendedores deſcarrega o golpe. E ſuccede ordinariamente a peſca, ſem os Miniſtros delRey ſerem ſabedo-

bedores das redes, com verem abertamente os lanços: ainda que pela experiencia bem puderaõ advertir na deſproporçaõ dos preços: furta-ſe a ElRey, que manda comprar os cavallos, ou furta-ſe aos vendedores: e a reſtituiçaõ de ambos os furtos, ſe bem a averiguarmos, vem a ficar ás coſtas dos avaliadores; que ordinariamente ſaõ os alveitares das terras, onde ſe fazem as reſenhas, e eſcolhas dos potros, cavallos, e dragoens mais aptos para a guerra: e ſuccede aſſim, que ſe o vendedor he poderoſo, intimîda os ferradores, ou os peita, para que ponhaõ em quarenta, o que naõ vale vinte; e fica defraudada a fazenda Real em mais de ametade; e ſe o vendedor naõ tem ardil, nem poder, para agencear, e ſeguir eſta trilha, avaliaõ-lhe o que vale trinta em quinze, e em dez, levados do zelo do bem cõmum, a que ſe encoſtaõ, para engolir o eſcrupulo: e aſſim por huma via, ou por outra ordinariamente ſe afaſtaõ, e poucas vezes ſe ajuſtaõ com o legitimo preço, errando o alvo, ora por alto, ora por baixo. E he certo, que Sua Mageſtade, que Deos guarde, naõ quer nada diſto: naõ quer o primeiro; porque defrauda ſeus theſouros: naõ quer o ſegundo; porque offende ſeus vaſſallos; que tambem naõ ſaõ contentes de ſerem enganados em

mais

mais da ametade do justo preço: com que fica certissimo, que he furto manifesto por huma via, e por outra. Nesta agua envolta escorreraõ ás vezes os executores tambem com os poderes Reaes, tomando para si os melhores potros por preços muito baixos: e talvez succede tomarem hum, e dous, e tambem tres por dez mil reis, e por oito cada hum, a titulo de irem servir com elles ás fronteiras, e dahi a quatorze mezes o vendem bem pensado por sessenta, e por cem mil reis, por ser de boa raça, e melhores manhas. Se nisto ha furto, perguntem-no a seus Confessores, e veraõ o que lhes respondem com Navarro. Mas má hora, que tal perguntem.

Outro modo ha mais seguro de furtar com unhas dobradas, e póde ser, que mais proveitoso: e he, quando dous vaõ forros, e a partir no interesse, e succede na mesma cavallaria, quando della se fazem resenhas para as pagas; e tambem acontece o mesmo na infanteria. Tem hum Capitaõ oitenta cavallos sómente, passa mostra de cento e vinte, porque pedio quarenta emprestados a outro Capitaõ seu amigo, a troco de lhe fazer a barba do mesmo modo, quando fizer a sua resenha: e assim embolçaõ ambos oitenta praças de ausentes, que bem esmadas por mezes, fazem

ſomma de mil e duzentos cruzados cada mez; e ſe durar a tramoya hum anno, chega a pilhagem a pouco menos de quinze mil cruzados: e ſe uſarem della muitos cabos, teremos de pôr de portas adentro pilhagens, e pilhantes peores, que os que nos vem de Caſtella ſaltear os boys, e ovelhas. Mas o General das armas [peço a ſua Excellencia licença para o nomear aqui] o Conde de S. Lourenço contraminou já tudo, e tem as couzas taõ correntes com notas, e contra divizas, que naõ póde haver engano: como tambem nas innumeraveis praças de infante, que ſe gualdripavaõ com achaque de doentes, e vinhaõ a ſer peor que praças mortas; porque tais doentes, e tais ſoldados naõ os havia no mundo: e mandando-os ver á cama, e naõ os achando, deſcobrio a maranha: e ainda deu alcance a outra peor, em que punhaõ de cama ſoldados ſaõs com nomes mudados. Nada eſcapa á ſubtileza deſta arte de furtar: mas o zelo, e deſtreza do Conde General excede, e vence todas as artes no ſerviço delRey noſſo Senhor.

Em Viana de Caminha me enſinou hum Caſtellaõ a furtar com unhas dobradas com mais deſtreza; porque jogando o páo de dous bicos, trancava ambas as pontas infallivelmente. Con-

certa-

certava-se com os navios, que vinhaõ de fóra, a quanto me haveis de dar por cada fardo, ou caxa, e porvos-hey tudo seguro, onde quizerdes? Admittia de noite barcadas de fazendas na fortaleza, que cõmunica com o mar, e com a terra, e davalhes passagem segura para as loges dos mercadores. E feito este primeiro salto, dava ordem ao segundo por via de hum alcaide, com quem hia forro, e a partir nas ganancias das prezas, que lhe inculcava: davalhe ponto, e avizo infallivel das paragens, onde acharia tais, e tais fazendas furtadas aos direitos. E assim era, que ficavaõ no cabo defraudados os mercadores em duas perdas, huma das grossas peitas, que davaõ ao Castellaõ, e outra do muito mais, que eraõ forçados a dar ao meirinho, para que os deixasse: e nesta segunda bolada tornava o Castellaõ a empolgar a segunda unha; e assim furtava com unhas dobradas effectivamente sem errar o tiro de nenhuma.

****

CAPITULO XXXVI.

Como ha ladroens, que tem as unhas na lingua.

MElhor diſſera nos dentes, porque tem duas ordens, com que dobraõ a preza, e afferraõ melhor que a lingua; e tambem porque tudo, quanto ſe furta, vem a parar, ou deſapparecer nos dentes. Eſpada na lingua já eu ouvi dizer, que a havia, e tambem pudéra dizer ſetta; porque fere ao longe como ſetta, e corta ao perto como eſpada; e peor, porque muitas vezes de feridas incuraveis, como eſpada columbrina, e ſetta hervada: mas unhas na lingua he couza nova. Ainda mal, de que he taõ velha, e tantas vezes renovada em gente Aulica. Vêllos-heis andar no Paço fazendo mizuras a cada paſſo, e tirando a gorra á legua, chapéo queria dizer, que já ſe naõ uſaõ gorras: naõ lhes taxo a cortezia, que he virtude muito propria da Corte; mas noto a intenſaõ, e palavrinhas, com que a acompanhaõ; as quaes examinadas na pedra de toque da experiencia, ſaõ unhas de aço, que naõ ſó arranhaõ creditos alheos, mas empolgaõ

para

para ſi, que he o principal intento, em tudo o precioſo, que cuidaõ ſe poderá dar a outros. E para iſſo naõ ha provimento, que naõ deſdenhem, nem deſpacho, que naõ menoſcabem; até o que he nos outros paga de juſtiça, fazem negoceaçaõ de adherencia, para levarem a agua ao ſeu moînho, e fazerem canno das minguas alheas para as enchentes proprias, de que andaõ ſequiozos. Façamos praça de exemplos, e correrá a verdade deſte capitulo clara como agua.

Olhaime para aquelle Capitaõ, que entra na Audiencia com hum braço menos; porque lho levou na guerra huma bala: vede dous ſoldados, que vem com elle, hum com hum olho vaſado de huma eſtocada, e outro com huma perna quebrada de huma mina; porque para os fazer aſſinalados ſua fortuna os marcou com taes deſgraças. E como nos mayores riſcos tem ſua ventura a valentia, allegaõ a ſeu Rey, o que em ſeu ſerviço padeceraõ, para que os remunere com os deſpachos, que merecem: hum péde a Comenda, outro a tença, outro o Habito: todos merecem muito mais. Mas o invejoſo, que eſtá de fóra, e taõ de fóra que nunca entrou em tais baralhas, temendo que lhe vôe por aquella via o paſſaro, a que tem armado a coſtella, e que ſe lhe vá

da rede a preza, que pertende peſcar; puxa da eſpada da lingua; porque nunca arrancou outra para cortar o direito, que vê vaõ adquirindo, e diz do torto: olhay, o com que vem agora cá o tortéles Polifemo! Por hum olhinho que perdeo, Deos ſabe aonde, póde ſer que bebendo em alguma taverna, quer que lhe dêm mais do que val toda a ſua cara: ainda lhe ficou outro olho, iſſo lhe baſta. Pois o outro Briareu, devia de querer cem braços, baſtandolhe huma maõ para empinar, quanto tem furtado com ambas; e por hum bracinho, que lhe cortaraõ, quer que lhe talhem huma Comenda, que naõ ſonharaõ ſeus avós: e o outro que por huma perninha lhe dêm hum habito. Quanto melhor lhes fora a todos tres tomarem o habito de huma Religiaõ, para fazerem penitencia de quantas maldades obraraõ, para acharem eſtas manqueiras, de que vem fazer gadanho para eſtafarem mercês, que ſó nós merecemos a ElRey, como ſe vê ao perto. E por eſta ſolfa ſe deixa eſte, e outros tais como elle, hir deſcantando ſemelhantes letras, até que ſayem com a ſua por eſcrito, eſtorvando, e tirando os deſpachos a quem os merece, para os incorporarem em ſi. E ainda mal, que lhes ſuccede. Teſtemunha ſeja hum Capitaõ, que eu vî deſpedirſe de hum amigo

go neſta Corte, para ſe voltar para as fronteiras com quatro mezes de ſemelhantes requerimentos: e perguntandolhe o amigo, como ſe hia ſem eſperar o ſeu deſpacho? Reſpondeo palavras dignas de ſe imprimirem: Vou-me deſta Babylonia para a campanha; porque me he mais facil, e honroſo eſperar lá as balas do inimigo com o peito, que aqui com os ouvidos as dos ditos, e repoſtas dos Miniſtros, e Aulicos de Sua Mageſtade.

Vedes aqui, amigo leitor, como os que tem as unhas na lingua, naõ deſcançaõ, até que naõ enxotaõ toda a ſorte de requerentes benemeritos, para lhes ficar o campo franco a ſuas pertençoens, que por eſta arte alcançaõ; e aſſim furtaõ, e peſcaõ com os anzóes, e unhas da lingua o que naõ merecem, e de juſtiça ſe deve dar, a quem arriſcou a vida, e naõ a quem a traz empapelada: e eſtes ſaõ os ladroens, que tem na lingua as unhas, com que empolgaõ no que naõ he ſeu, nem lhes he devido. Facil tinha tudo o remedio, e eſcrito eſtá, e marcado com ſellos de chumbo, que os premios da guerra naõ ſe appliquem a ſerviços da paz. Se os Summos Pontifices largaraõ a eſte Reyno os dizimos de innumeraveis Comen-

das, que he ſangue de Chriſto para os Cavalleiros, que á cuſta de ſeu ſangue propagaõ a Fé, e defendem a patria: como ſe póde permittir, que logre eſtes premios, quem nunca defendeo a Fé, nem honrou a patria? Naõ ſey ſe o diga? Que vî já Comendas em peitos inimigos de Deos, e algozes da patria. Calate lingua; naõ te arriſques: olha que temo chamem muitos a iſto murmuraçaõ, tomando-o por ſi: porque tudo o que pica deſagrada: e o que deſagrada, he final que lhe toca. Toquemos a recolher, e vamonos dizer antes ſape a hum gato.

****

CAPITULO XXXVIII.

Dos que furtaõ com a maõ do gato.

LAdroens ha, dos quaes podemos dizer, que tem mais mãos que o gigante Briareu, porque naõ lhes eſcapa conjunçaõ, lugar, nem tempo; e como ſe tiveraõ mil mãos, *á dextris, e á ſiniſtris*, naõ erraõ lanço: e iſto vem a ſer furtar com mãos proprias, que naõ he muito; mas furtar até com as alheas, he deſtreza propria deſ-

ta

ta arte, que vence na malicia a ſubtileza de todas as artes. Diz Lactancio Firmiano, que a mayor maldade, que commette o demonio, he a de tomar córpos fantaſticos para commetter abominaçoens: porque naõ póde haver mayor malicia, que deſpirſe huma criatura de ſeu proprio ſer, e veſtirſe da natureza alhea, ſaindoſe de ſua eſféra, para poder mais offender a Deos. Tais ſaõ os homens ladroens, que ſe ajudaõ de mãos alheas: ſayem-ſe de ſua eſféra, e vaõ mendigar nas alheas módos, e inſtrumentos, com que mais furtem. Naõ ſe contentar hum ladraõ com duas mãos, que lhe deu a natureza, e com cinco dedos que lhe poz em cada huma, armados com muito formoſas unhas, e hir buſcar mãos alheas, e empreſtadas, para mais furtar, e poupar as ſuas para outros lanços, he o ſummo da ladroîce. No como ſe verifica iſto, eſtá ainda a mayor difficuldade, que ſerá facil de entender, a quem olhar para a maõ de Judas, quando no officio das trevas apaga as candêas. Obrigaçaõ he que corre por conta dos Sacriſtaens: mas porque naõ chegaõ ás velas, ou por ſe naõ queimarem, valem-ſe da maõ alhea: e aſſim vem a ſer mãos de Judas todas, as que ajudaõ ladroens em ſeus artificios.

Ainda ſe naõ deixa ver, em que cabeça vay

dar

dar a pedrada deſte diſcurſo. Os ſenhores Aſſentiſtas me perdoem, que elles haõ de ſer aqui o primeiro alvo deſte tiro. Digaõ-me Voſſas Senhorias [e naõ eſtranhem o titulo, que he cortezia, que nos introduziraõ cá os Berlanguches, que logo entraráõ tambem neſta reſte] ſe ElRey noſſo Senhor lhe concede licença para recolherem comprado no novo o paõ, que baſte para o provimento das fronteiras, o que pódem fazer por ſi, e ſeus criados, para que empenhaõ niſſo os Juizes, Ouvidores, Corregedores, e Provedores de todo o Reyno? E porque eſtes ſaõ eſcoimados, e haõ medo de tomar peitas, á força lhas fazem aceitar, alcançando-lhes licenças de Sua Mageſtade para iſſo? Que he iſto? Donde vem tanta liberalidade, em quem trata de ſua ganancia? Intereſſe he tudo proprio: mãos de gato armaõ, e com ſaguates lhes aguçaõ as unhas, para as prezas ſerem mais copioſas paſſando dos limites, de cujas crecenças fazem negoceaçaõ, e venda a ſeu tempo com exceſſo, levando de codilho a ſubſtancia aos póvos famintos, obrando tudo com as mãos da juſtiça, que he, o de que me queixo; que a juſtiça chegue a ſer entre nós maõ do gato, para que naõ lhe chamemos maõ de Judas, que atiça eſte incendio, em quanto os ſobreditos tem

as

as ſuas de reſerva em luvas de ambar para agaſalharem os lucros, que com tantas mãos negocearaõ.

Dêmos huma de maõ aos Berlanguches, já que lha promettemos, e elles naõ querem, que lhes faltemos com o promettido. Ha perto da noſſa barra de Lisbóa huns ilhéos, que chamamos Berlengas; e porque paſſaõ por elles todos os eſtrangeiros, que vem do Nórte, chamamos a todos Berlanguches. Eſtes pois deraõ em nos virem meter na cabeça, que ſó elles ſabem fazer baluartes, attacar petardos, diſparar bombas, artificiar maquinas de fogo, e engenhos de guerra. Sendo aſſim, que de tudo, quanto obraõ, naõ vimos até agora fruto, mais que de immenſas patacas, e dobrões, que recolhem para mandar á ſua terra: até agora naõ vimos bomba, que mataſſe gigante, nem petardo, que arrazaſſe Cidade, nem maquina de fogo, que abrazaſſe armada, nem queimaſſe ſe quer hum navio. Poriſſo diſſe muito bem o Doutor Thomé Pinheiro da Veiga [que em tudo he diſcreto] reſpondendo á petiçaõ de hum deſtes engenheiros, que demandava hum milhaõ de mercês pelas barcas de fogo, que arquitéctou contra os Parlamentarios, que nos pejaraõ a barra do Tejo no anno de 1650. que o

quei-

queimaſſem com ellas, por nos gaſtar a noſſa fazenda com engenhos, que no cabo nada obraraõ. Somos como crianças os Portuguezes neſta parte: admiramo-nos do que nunca vimos, e eſtimamos ſó, o que vem de fóra, e apalpado tudo, he farello; porque no fim das contas ſó o noſſo braço he o que obra tudo, e leva ao cabo as emprezas. Aqui me pergunta hum curioſo pelas unhas do gato? E eu lhe reſpondo, que olhe para os theſouros delRey, e para as noſſas bolças, e verá tudo arranhado com eſtas invençoens dos Berlanguches, peores para nós, que maõ de gato; pois nos furtaõ, e levaõ com ſeus gatimanhos, o que fora melhor dar-ſe aos filhos da terra, que o trabalhaõ, e o merecem: e no cabo andaõ deſpidos, e os Berlanguches raſgando cochonilhas, e brilhando télas. Baſta hum toſtaõ, para qualquer homem de bem paſſar hum dia: hora demoſlhe a elles dous, com que pódem beber vinho, como boys agua; para que he dar-lhes ſetenta e quatro mil reis cada mez de ordenado? Deſordenada couza chamára eu a iſto; pois lhes vem a ſahir a mais de hum toſtaõ para cada hora, e mais de dous mil e quatro centos reis para cada dia, e hum conto para cada anno. Parece iſto conto de velhas, e diſcurſo de gigantes encantados: Gi-

gantes

gantes de ouro saõ isto, que se nos vaõ do Reyno, conquistados por Pigmeus de palha, de que fazem a maõ do gato; que de palha borritada com polvora vem a ser o fogo, com que abrazaõ mais a nós, que a nossos inimigos: e elles o saõ mais verdadeiros, que os Castelhanos; porque estes nunca nos déraõ tal saco, nem entraraõ cá por tais esfolagatos.

E para que naõ pareça que só em estranhos damos com este discurso, viremos a prôa delle para nossas conquistas, e acharemos mãos de gato façanhosas, de que usaõ Portuguezes. Já toquey esta treta succintamente no §. ultimo do capitulo IX. a outro proposito; mas agora a contarey mais diffusa a este intento, em que tem mais artificio. Quer hum Capitaõ, ou Governador tornar para sua casa rico sem escandalos, nem revoltas: mete-se de gorra com os mais opulentos do seu destrito, vendendo bullas a todos de valias, e pedreiras, que tem no Reyno: mostra cartas supposstas, com avizos de despachos, habitos, cõmendas, e officios, que fez dar a seus afilhados: e como todos, os que andaõ fóra da patria, tem pertençoens nella, cresce-lhes a todos a agua na boca ouvindo isto; e vaõ-se para suas casas discursando o caminho, que teraõ para terem entra-

da

da com taõ grande valia, que tantos compadres tem em todos os Conſelheiros, e logo lhes occorre a eſtrada coimbrãa das peitas; porque dadivas quebraõ penedos; e armaõ logo hum preſente para adoçar o ſenhor Capitaõ, ou Governador, e o hir diſpondo ao favor, que pertendem: e já ſe imaginaõ dando alcance á garça, que taõ alto lhes vôou ſempre: creſcem as viſitas, chovem os donativos de huns, e de outros; e quando chega a monçaõ de navios para o Reyno, chegaõ os memoriaes, e achaõ aos ſobreditos ſenhores fazendo liſtas para a Corte, eſcrevendo cartas, arrumando negocios de mil pertendentes, e de tudo fazem rede para peſcar os donativos, com que naturalmente ſe deſpenhaõ. Chega hum, e diz: Senhor, bem ſabe Voſſa Senhoria que ha vinte annos ſirvo a Sua Mageſtade á minha cuſta, e que he já o tempo chegado de lograr alguma mercê poriſſo: e para que eu deva eſta tambem a Voſſa Senhoria, eſpero que me favoreça por meyo de ſeus valîdos, a quem proteſto ſer agradecido. Tenha maõ v. m. acode a Senhoria, para que veja como trago a v. m. na caſa dianteira, e ſuas couzas diante dos olhos. Senhor Secretario, lêa v. m. lá as cartas, que eſcrevi hontem para Sua Mageſtade, e para o Concelho da Fazenda, e Ultramarino. E

o Se-

o Secretario, que está de avizo, puxa pelas primeiras duas folhas de papel, que acha escritas; e com a destreza, que costumaõ, relata logo de cada huma seu capitulo, que de repente vay compondo, talhado para as pertençoens do supplicante, em que o descreve taõ valente, leal, e bizarro, que nem a mãy, que o pario, o conheceria por aquelle retrato. Toma-lhe as petiçoens, e memoriaes Sua Senhoria, e manda ao Secretario, que ás anexe áquelle ponto: e ao sobredito diz, que durma descançado, que em boa maõ jaz o pandeiro: e elle mais solicito, que nunca, vay-se para casa, e manda logo o melhor que acha nella, para naõ ser ingrato; e por esta maneira de mil modos com estas abuises caçaõ os mais gordos tralhoens da terra, e metem nas redes os mayores tubaroens do alto: papos de almiscar em Macáo, bocetas de basares em Maláca, bisalhos de diamantes em Goa, alcatifas de seda em Cóchim, barras de ouro em Moçambique, pinhas de prata em Angóla, caxas de açucar no Brasil; e em cada parte de tudo tanto, que enchem navios, que vem depois dar á costa: *Male parta, male dilabuntur.* A agua o deu, a agua o leva. E ficaõ desfeitas como sal na agua todas as maquinas das pertençoens dos innocentes, e elles no limbo da

suspen-

ſuſpenſaõ, e no Purgatorio do arrependimento; porque deraõ ao gato, o que naõ comeo o rato.

Tambem para ElRey noſſo Senhor ha mãos de gato, que lhe arranhaõ a fazenda, e arraſtaõ a grandeza de ſuas datas, e mercês; e ſaõ os exemplos tantos, que me naõ atrevo a contalos, aſſim por muitos, como por arriſcados. Direy hum imaginado, que poderia acontecer, e ſervirá de molde para muitos. Vaga em Coimbra huma Cadeira: vem conſultada em tres oppoſitores. O primeiro he o melhor, o ultimo o ſumenos: tem eſte por ſi mais amigos na Corte: temem fallar a Sua Mageſtade, porque ſaõ conhecidos, e ſabem, que eſpecúla muito bem os que ſaõ apaixonados, para naõ admittir ſuas informações: buſcaõ huma maõ de gato, e armaõ os páos, que venhaõ a cahir nella: eſpreitaõ a occaſiaõ, em que Sua Mageſtade vê as conſultas: fallaõ-lhe, como a caſo: Senhor, para que ſe cança Voſſa Mageſtade em apurar gente, que naõ conhece; conſultas da Univerſidade ſaõ muito apaixonadas pelos bandos das oppoſiçoens, que muitas vezes poem no primeiro lugar, quem havia de vir no ultimo: aqui anda o Lente Fulano, que tem grande conhecimento de todos os ſugeitos, e he deſintereſſado neſtas materias: informe-ſe Voſſa Mageſtade delle,

delle, e verá logo tudo claro como agua. Tendes razaõ. Toca a campainha: acode o Moço Fidalgo: manday recado a fulano, que me falle á tarde. Aqui eſtá na Sala, reſponde o meſmo: Deos o trouxe ſem duvida, acodem os conjurados, que de propoſito o trouxeraõ, e deixaraõ no poſto bem inſtruîdo. Sayem-ſe todos para fóra, e entra o louvado: cómunica-lhe Sua Mageſtade a duvida: reſolve-a elle fazendo-ſe de novas no ponto, que traz eſtudado: e affirma que os conhece a todos melhor que as ſuas mãos; que nunca Deos queira, que elle diga a ſeu Rey huma couza por outra, que nem por ſeu pay mudará huma cifra contra o que entende: e com eſtes enſalmos apeya os melhores do primeiro lugar, e levanta o ultimo aos cornos da Lua: e como naõ preſume malicia, quem naõ trata enganos, perſuade-ſe El-Rey, que aquella he a verdade; e tomando a penna deſpacha a conſulta, e dá a Cadeira ao que menos a merece: e faça-lhe bom proveito: e eſtes ſaõ os modos, ſuave leitor, com que cada dia ſe tiraõ ſardinhas com a maõ do gato.

****

CAPITULO XXXVIII.

Dos que furtaõ com mãos, e unhas poſtiças de mais, e accreſcentadas.

DE hum ladraõ ſe conta, que tinha huma maõ de páo taõ bem concertada, que parecia verdadeira, e devia de ſer a direita, porque encoſtando-a á eſquerda por entre as dobras da capa, ſe punha de joelhos muito devoto nas Igrejas de concurſo junto aos que lhe parecia, que poderiaõ trazer bem provîdas as algibeiras; e com a outra maõ, que lhe ficava livre, lhes dava ſaco ſubtilmente; e ainda que os roubados ſentiaõ alguma couza, olhando para o viſinho, de quem ſe podiaõ temer, e vendo-o com ambas as mãos levantadas como que louvava a Deos, perſuadiaõ-ſe, que ſeriaõ apertoens da gente, o que ſentiaõ. Aſſim me declaro niſto, que chamo furtar com mãos poſtiças, de mais, e accreſcentadas: e melhor ainda me declararey, com os que occupaõ muitos officios na Republica, comendo, e devorando a dous carrilhos, como monſtros, a ſubſtancia do Reyno: como ſe lhes naõ baſtara a

maõ

maõ, que tomaõ em huma occupaçaõ, metem pés, e mãos no meyo alqueire com ſeu Senhor, e ajuntaõ moyos de rapinas, porque dando-lhe o pé tomaraõ a maõ; e já lhes eu perdoára, ſe ſó huma maõ meteraõ na maſſa; iſto he, ſe ſó com hum officio ſe contentaraõ: mas manejar tres, e quatro com mãos poſtiças, he quererem agarrar eſte mundo, e mais o outro.

A Santa Madre Igreja Catholica Romana, que em tudo acerta, tem mandado com ſua milagroſa providencia, que nenhum Clerigo coma dous beneficios curados, por amor da aſſiſtencia, que naõ ſendo Santelmo, nem S. Pero Gonçalves, que apparece na meſma tempeſtade em dous navios, he impoſſivel têlla em duas partes; e naõ quer, que coma, e beba o ſangue de Chriſto, ſem o merecer peſſoalmente. E como ha de haver no mundo, quem coma, e beba o ſangue dos pobres; e a fazenda delRey, e ſubſtancia da Republica, hum homem ſecular occupando dous póſtos, e dous officios incompativens: e porque ſaõ mais que muitos, chamo tambem a iſto ladroens, que furtaõ, e comem a dous carrilhos; e ainda mal que comem a tres, e a quatro, como monſtros de duas cabeças. Muitas cabeçadas ſe daõ, e toléraõ em Republicas mal governadas: mas que na

noſſa taõ bem regîda, e diſpoſta ſe ſofraõ eſtas, he para dar os bem entendidos com as cabeças por eſſas paredes. Ver que faça dous officios, e tres, e quatro, e ſete occupaçoens hum ſó homem, que eſcaſſamente tem talento para hum cargo, he ponto, que faz fugir o lume dos olhos: e pouca viſta he neceſſaria para ver, que naõ póde eſtar iſto ſem grandes ladroîces: e a primeira he, que come os ordenados, com que ſe pudéraõ ſuſtentar, ſatisfazer, e ter contentes quatro, ou cinco homens de bem, que o merecem. A ſegunda, e mayor de todas, que como he impoſſivel aſſiſtir hum ſó ſugeito a tantas couzas differentes, paſſaõ-lhe pela malha mil obrigaçoens de juſtiça, naõ dando ſatisfaçaõ ás partes, trazendo-as arraſtadas muitos mezes, com gaſtos immenſos fóra de ſuas patrias: e no cabo deſpachaõ mil disbarates por eſcrito, para ſerem mais notorios; porque naõ tem tempo, para verem tantas couzas, nem memoria, para comprehenderem as certezas, que ſe lhe praticaõ: e quando vaõ a alinhavar as reſoluçoens, eſcapaõ-lhe os pontos, e embaraçaõ-ſe as linhas, que tinhaõ lançado huns, e outros; e perde-ſe o fiado, e o comprado, e o vendido; e vem a ſer mais difficultoſo encaminhar hum deſarranjo deſtes, que começar a demanda de novo.

Per-

Perdem-ſe petiçoens, ſomem-ſe proviſoens, faltaõ os Oraculos, reſpondem ſéſta por balhéſta, fazem-vos do Ceo cebola, metem-ſe no eſcuro dos ſegredos, com myſterios, que naõ ha: e Deos nos dê boas noites. Baldaraõ-ſe as peitas, fruſtraraõ-ſe as interceſſoens, perderaõ-ſe os gaſtos, e a paciencia; e appellay para o barqueiro, que de Deos vos póde vir o remedio; porque ſe o buſcardes na fonte limpa, que reprende com ſua clareza tantas aguas turvas, arriſcais-vos a huma enxurrada de Miniſtros, que vos tiraõ o Oleo, e mais a Criſma.

Finalmente digo, que aſſim como ha hereſias verdadeiras, que encontraõ verdades catholicas; aſſim ha hereſias politicas, que encontraõ as verdades, que eſcrevo: e aſſim como ſeria hereſia de Calvino, e Lutéro dizer que he mal feito ordenar a Igreja, que nenhum Clerigo coma dous beneficios curados; aſſim he hereſia na politica do mundo admittir que hum homemſinho de nonnada occupe dous officios, que requerem duas aſſiſtencias. He nota de alguns Eſcriturarios, que nunca Deos provêo dous officios juntos em hum ſó ſugeito: e para ſignificar a importancia diſto mandava, que ninguem ſemeaſſe dous legumes na meſma terra: e quando occupava algum ſervo

ſeu em huma empreza, dava-lhe logo com ella os talentos neceſſarios, e forças convenientes: e iſto naõ pódem fazer os Principes da terra, que ſe bem ſaõ Senhores dos cargos, para os darem a quem quizerem, naõ o ſaõ dos talentos, nem os pódem dar, a quem os naõ tem, como póde Deos; e poriſſo deve hir attento nos provimentos, que fazem, porque até hum ſó, e ſingular requer homem capaz, para ſer bem ſervido. E para que ſe veja, como as couzas vaõ muitas vezes neſta parte, contarey o que ſuccedeo ha poucos annos em huma praça, onde foy provîdo por Capitaõ mór certo Cavalheiro, que preſumia de grande ſoldado: e no primeiro dia, em que tomou poſſe do ſeu feliz governo, lhe foraõ pedir o nome para as rondas daquella noite. Eſtava elle em boa converſaçaõ de amigos, e ſenhores, que o viſitavaõ com o parabem de ſua boa vinda: perguntou ao Cabo, que era o que demandava? Que me dê Voſſa Senhoria o nome para eſta noite, he o que peço, reſpondeo elle: e o ſenhor Capitaõ inſtou muito admirado: ainda me naõ ſabem o nome neſta terra? E muito mais o ficaraõ os circunſtantes do ſeu enleyo. Acodio o Sargento: bem ſabemos o nome de Voſſa Senhoria, o que peço he o nome para a ronda. Aqui areou

mais

mais o Capitaõ. E para naõ ſe arriſcar a reſponder outro deſpropoſito, diſſe-o peor, porque o mandou embora ſem reſoluçaõ, e que no dia ſeguinte trataria õ o ponto com mais deſafogo. E eiſaqui que tais ſuccedem ſer os ſenhores, que occupaõ grandes póſtos: e ſendo tais, que faraõ, ſe os puzerem em muitos.

He engano manifeſto dizer-ſe, e cuidar-ſe, que naõ ha homens para os cargos, e poriſſo os multiplicaõ em hum Miniſtro. He o noſſo Reyno de Portugal muito fertil de talentos muito cabaes para tudo: prova boa ſejaõ todas as ciencias, e artes, que em Portugal acharaõ ſeus Autores. A nobreza, e fidalguia, authoridade, e chriſtandade entre nós andaõ em ſeu ponto. Todas as Naçoens do mundo pódem andar comnoſco á ſoldada neſta parte: mas naõ apparecem os talentos por tres razoens. Primeira, porque naõ ha, quem os buſque. Segunda, porque ha, quem os deſvie. Terceira, porque naõ ſaõ entremetidos; e iſſo tem de bons. Naõ ha quem os buſque, porque naõ ha quem os eſtime. Ha quem os deſvie, por ſe introduzir inutil. Naõ ſe offerecem, por naõ padecerem repulſas. E daqui vem andarem Scipioens valentes pelos pés das moutas comendo terra, e Terſiſtes cobardes pelos thronos cevando

vaidades: andaõ Anibaes prudentes guardando gado, e Nabaes estultos dominando opulencias. Andaõ Heitores leaes arrastados á roda dos muros da patria, que defenderaõ, e Sinões traidores embolçando vivas, e triunfando em carros. Sejaõ ouvidos varoens desinteressados, sabios, e Religiosos, e elles descobriráõ as minas, onde está o ouro dos talentos mais preciosos: elles conhecem as talhas de barro, que conservaõ melhores vinhos, que jarras de ouro.

****

CAPITULO XXXIX.

Dos que furtaõ com unhas bentas.

UNhas bentas, parecerá couza impossivel; porque todas saõ malditas, e peçonhentas, como as dos gatos, que ha pouco discursámos. Mas como naõ ha regra sem excepçaõ, desta se tiraõ algumas: tais saõ as da graõ besta, de quem dizem os naturaes grandes virtudes: e com tudo isso tambem affirmaõ os mesmos, que até essas virtudes saõ furtadas ás conjunçoens da Lua; para que nenhuma unha se possa gabar, que escapou

da

da Eſtrella, que os Aſtrologos chamaõ Mercurio ladraõ famoſo. E entre tantas unhas naõ ha duvida, que ha algumas bentas; naõ porque tirem almas do Purgatorio com perdoens de conta benta; mas porque lançadas as contas, lançando bençãos, e apoyando virtudes, e clamando miſericordias, e amores de Deos, purgaõ as bolças, que encontraõ, melhor que pirolas de eſcamonéa. A mais de quatro Criticos ſe me vay o penſamento neſte paſſo, naõ de paſſagem, mas de propoſito, e reixa velha, a certos ſervos de Deos, a quem murmuradores chamaõ por deſdem da Apanhia, levantando-lhes que mandaõ olhar a gente para o Ceo, em quanto lhe apanhaõ a terra. Mas iſto he praga, que ſó ſe acha, em quem naõ val teſtemunha confórme a ſentença de Luiz Rey de França, que ſó hereges, e amancebados fallaõ mal dos taes ſugeitos: eſtes, porq̃ os reprehendem com ſua modeſtia; e aquelles, porque os convencem com ſua doutrina. E o certo he, que eſſes meſmos Zoilos, que murmuraõ, quando querem a ſua fazenda ſegura, ou o ſeu dinheiro bem guardado, que nas mãos deſtes Anjos da guarda depoſitaõ tudo.

As unhas, que uſurpaõ a titulo de bentas, ſaõ aquellas, que empolgando piedades, fazem

a pre-

a preza em latrocinios. Explico isto com alguns exemplos, que daraõ noticia para outros muitos. Seja o primeiro de dous soldados da fortuna, que vendo-se mal vestidos [desgraça ordinaria em todos] acordaraõ valer-se do Sagrado, para que o profano os remediasse. Houveraõ ás mãos huma Hostia, que pediraõ em certa Sacristia para huma Missa das almas: daõ comsigo, e com ella na rua Nova: pedem a hum mercador, dos que chamaõ de negocio, lhes mostre a melhor pessa de Londres: encaxalhaõ-lhe em huma dobra a Hostia dissimuladamente, mostraõ-se descontentes da côr, e pedem outra: vistas assim algumas, appellaõ para a primeira, e mandaõ medir vinte covados, regateando-lhe primeiro muito bem o preço, como he costume. Mal eraõ medidos quatro, quando apparece a Hostia, a que elles fingindo lagrimas se prostraraõ batendo nos peitos. Fica o mercador sem sangue, temendo lhe imputem de novo, o que em Jerusalem tomaraõ sobre si seus antepassados. Naõ he necessario declarar os extremos, que de parte á parte passaraõ: Resultou por fim de contas, que levaraõ a bom partido a pessa toda, sem outro custo, que o de jurarem, que ninguem saberia o caso succedido. Naõ sey se he isto furtar com unhas bentas? Selo-haõ mil

esmolas

esmolas pelo menos, que cada dia vemos pedir com capa de piedade, e misericordia, para pobres, para Missas, e Irmandades, as quaes vaõ arder na mesa do jogo, ou da gula. Hum mulato conheci, que tinha huma ópa branca, que comprou na roupa velha por dous toſtoens, com a qual, com huma bacia, e duas voltas, que dava por quatro ruas todos os dias pedindo para as Missas de Nossa Senhora, ajuntava, o que lhe bastava, para passar alegremente a vida. Tambem este furtava com unhas bentas.

Que direy de infinitos, que a titulo de pobres se fazem ricos? Abrem chagas nas pernas, e nos braços, com causticos, e hervas: mostraõ suas dores com brados, que moveráõ as pedras: *Mira la plaga, mira la llaga!* Pelas Chagas de Christo nosso Redemptor, que me dêm huma esmola! Dizia hum destes na ponte de Coimbra de outro, que tinha huma perna muito chagada: boto a tal, que tem aquelle ladraõ huma perna, que val mais de mil cruzados! E assim he, que muitos mil ajuntaõ estes piratas: e lá se conta de hum aleijado, que morrendo em Salamanca, fez testamento, em que deixou a ElRey Filippe I. ou II. de Castella a albarda do jumento, em que andava; e acharaõ-se nella cinco, ou seis mil cruzados em ouro.

ouro. Hum Fidalgo piedoſo lançou pregaõ na ſua terra, que tal dia dava hum veſtido novo por amor de Deos a cada pobre: ajuntaraõ-ſe no ſeu pateo infinitos; e a todos deu veſtidos nóvos, mas obrigou-os a que logo os veſtiſſem, e tomou-lhes os velhos, e nelles achou bem coſida, e eſcondida por entre os romendos mayor quantidade de dinheiro vinte vezes, que aque tinha gaſtado nos veſtidos. Eſtes taes naõ ha duvida, que ſaõ adroens, que com unhas bentas eſfolaõ a Republica, tomando mais do que lhes he neceſſario, e fora melhor diſtribuillo por outros, que por naõ pedirem padecem.

Tambem em mulheres ha exemplos de unhas bentas notaveis. Innumeraveis ſaõ, as que profeſſaõ benſedeiras, e tem mais de ſiganas, que del beatas. Entra em voſſa caſa huma deſtas com nome de ſantinha; porque dizem della, que adevinha, faz vir á maõ as couzas perdidas, e depára cazamentos a orfãns, e deſpachos aos mais deſeſperados pertendentes. Pedis-lhes remedio para voſſos dezejos: pedevos huma cadêa de ouro empreſtada para ſeus enſalmos, quatro aneis de diamantes, meya duzia de colheres, e outros tantos garfos de prata, cinco moedas de tres mil e quinhentos, em memoria das cinco Chagas: mete

tudo

tudo em huma panéla nova com certas hervas, que diz colheo á meya noite, veſpora de S. Joaõ, e enterra-a muito bem coberta de traz do voſſo lar, fazendo-vos fechar os olhos, para que naõ lhe deis quebranto: e a hum virar de penſamento, emborca tudo nas mangas do ſayo, e fica vazia a ôlha, ou para melhor dizer chea de preceitos, que ninguem bula nella, ſobpena de ſe converter tudo em carvoens, até paſſarem nove dias em honra dos nove mezes; e nelles ſe paſſa para Caſtella, ou França, com a preza nas unhas, que chamo bentas, pois por tais as tiveſtes, quando a poder de bençaõs vos roubaraõ. Vedes vós iſto piedoſo leitor, pois ſabey de certo, que ſuccede cada dia por muitas maneiras a gente muito de bem, e obrigada a naõ ſe deixar enganar taõ parvoamente.

Mas deixando ninherias, vamos ao que importa. Admittimos todos neſte Reyno as décimas para a defenſa delle, e a todos contentou muito eſta contribuiçaõ; porque naõ ha couza mais racionavel, que aſſegurar tudo com a décima parte dos rendimentos, que vem a ſer pequena parte comparada com o todo. Dizem os Eccleſiaſticos neſte paſſo, que ſaõ izentos de gabellas por Diplomas Pontificios; e eu naõ lho nego; mas

quize-

quizera-lhes perguntar, ſe goſtaõ elles de lograr os lucros, que das décimas reſultaõ, que ſaõ terem as ſuas fazendas ſeguras, e as vidas quietas das invaſoens dos inimigos, que os noſſos Soldados rebatem, alentados com as décimas? Naõ pódem deixar de reſponder todos, que ſim. Pois ſe aſſim he, como na verdade he, lembrem-ſe do ditado, e do Direito que diz: *Qui ſentit commodum, debet ſentire, & onus.* E vem a ſer o que diz o noſſo proverbio, que quem quizer comer, depenne. Que ſe depenne, quem goſta de viver ſem penas; e eſtando iſto taõ poſto em boa razaõ, ſegue-ſe logo a conſequencia verdadeira, que devaõ dar ſeu conſentimento na contribuiçaõ das décimas: e vindo elles niſto, como ſaõ obrigados pela razaõ ſobredita: *Et ſcienti, & conſentienti non fit injuria*; digaõ-me, onde encalha o ſeu eſcrupulo? Encalha nos Diplomas, de que fazem unhas bentas, para ſurripiar do cõmum, o que affectaõ para ſeus cõmodos particulares? E naõ ſe vio mayor ſem-razaõ, que quererem conſervar ſuas queixadas ſans á cuſta da barba longa. E ſe ainda perſiſtem na ſua teima, ou intereſſe, que aſſim lhe chamo, e naõ eſcrupulo; reſpondaõ-me a eſte argumento. Se he licito aos Reys Catholicos tomarem a prata das Igrejas, para as

conſer-

conſervarem, e defenderem em extrema neceſſidade: porque naõ lhes ſerá licito recolherem décimas dos Eccleſiaſticos, para os defenderem no meſmo aperto? Licito he, naõ ha duvida; porque eſta conſequencia naõ tem repoſta: e della ſe colhe outra, que reprehende de muita cobiça, e avareza, o que elles querem, que ſeja eſcrupulo, e excómunhaõ: e vem a ſer rapina verdadeira, a com que ſe levantaõ ás mayores fazendo unha da Religiaõ, para agarrarem o capital, e os redditos, ſem entrarem nos riſcos, que ſempre grandes lucros trazem comſigo. E vedes aqui as verdadeiras unhas bentas: bentas na opiniaõ de ſua cobiça, e malditas na de quem melhor o entende: e para que elles entendaõ, que ſabemos tambem o reſpeito, que ſe lhes deve, e que naõ ha diplomas, que encontrem eſta doutrina, direy claramente, o que enſinaõ os Theologos neſta parte, e he, que ſaõ obrigados os Eccleſiaſticos a concorrerem igualmente para os gaſtos publicos das calçadas, fontes, pontes, e muros: porque todos igualmente ſe ſervem, e aproveitaõ deſtas couzas: e ha de ſer em tres circunſtancias. Primeira quando a contribuiçaõ dos leigos naõ baſta. Segunda, com exame, e ordem dos Prelados. Terceira, ſem força na execuçaõ. Mas logo ſe

accreſcenta, que os Prelados ſaõ obrigados a executalos: e iſſo he, o que queremos na contribuiçaõ das décimas: e melhor fora naõ ſe chegar a iſſo, pois em gente ſagrada ſe devem achar mayores primores.

Naõ poſſo deixar aqui de acodir a huma queixa, que anda mal enfarinhada com reçaibos de unha benta, e topa no Fiſco Real, quando pelo Santo Officio recolhe as fazendas dos comprehendidos em crime de confiſcaçaõ. Poderiaõ alguns zeloſos dizer, que ſe gaſta tudo no Tribunal, que o arrecada, e que he tanto, o que ſe confiſca, que excede ſeus gaſtos: e que dos ſobejos nunca reſulta nada para Sua Mageſtade, que com grande piedade remette tudo nas conciencias de taõ fieis Miniſtros. Materia he eſta muito delicada com ſer pezada: e por credito da inteireza, que taõ Santo Tribunal profeſſa, convêm que lhe demos ſatisfaçaõ adequada em capitulo particular, que ſerá o ſeguinte.

****

CAPITULO XL.

Reſponde-ſe aos que chamaõ Viſco ao Fiſco.

POr fabula tenho, o que ſe conta do Sayvedra, que dizem meteo neſte Reyno, por enganos de breves falſos, o Tribunal, e Fiſco da Santa Inquiſiçaõ; porque naõ ha memoria diſſo nos Archivos do Santo Officio, nem na Torre do Tombo, onde todas as couzas memoraveis ſe lançaõ: nem ha outro teſtemunho, mais que dizello o meſmo Sayvedra, por córar com iſſo outros crimes, que o lançaraõ nas galés. O certo he, que o Rey Catholico D. Fernando lançou de Caſtella os Judeos na era de 1482. porque tinhaõ juramento os Reys de Eſpanha, por preceito do Concilio Toledano, de naõ conſentirem Hereges em ſeus Reynos. Muitos deſtes, ou quaſi todos, deraõ comſigo em Portugal. Admittio-os ElRey D. Joaõ II. por tempo determinado, que ſe iriaõ deſte Reyno, ſobpena de ficarem ſeus eſcravos, os que ſe naõ foſſem. Muitos ſe foraõ: e os que ſe deixaraõ ficar, correraõ a fortuna de eſcravos, e como tais eraõ vendidos: até que ElRey D. Manoel os

tornou a notificar com as meſmas, e mayores penas, que lhe deſpejaſſem todos o Reyno: alguns obedeceraõ, e os mais pediraõ o Santo Bautiſmo, e com iſſo aplacaraõ as penas: e ficaraõ taõ mal inſtruîdos, que ElRey D. Joaõ III. vendo, que naõ ſó profeſſavaõ a Ley de Moyſés publicamente, mas que tambem a enſinavaõ até aos Chriſtãos velhos, alcançou do Papa Clemente VII. o Tribunal do Santo Officio no anno de 1531. e o fez confirmar por Paulo III. no anno de 1536. com Breves Apoſtolicos na conformidade, em que até hoje dura, e durará com o favor Divino por todos os ſeculos; porque a eſte Santo Tribunal ſe deve a inteireza da Fé, e reformaçaõ de coſtumes, com que eſte Reyno florece em tempos taõ calamitoſos, que abrazaõ todo o Orbe Chriſtaõ com corrupçoens, e hereſias.

A mayor pena, que tem os Hereges álem da de morte, he a que lhes executa o Fiſco da confiſcaçaõ, e perda de todos ſeus bens: e he muito juſta; porque as hereſias naſcem, e cévaõ-ſe com a cobiça das riquezas, com as quaes ſe fazem os Hereges mais inſolentes, e pervertem outros, e com lhas tirarem, ficaõ mais enfreados; e ſó o Summo Pontifice póde applicar os bens confiſcados, a quem lhe parecer mais conveniente; porque

he

he cauſa meramente Eccleſiaſtica. Os bens dos que forem Clerigos, applicaõ-ſe por Direito á Igreja, os dos Religioſos á ſua Religiaõ, os dos leigos a ſeus Principes, onde os tais bens exiſtem; e naõ onde ſe condemnaõ. Em Eſpanha, e Portugal pertencem os bens dos leigos aos Reys por particular conceſſaõ; e os dos Clerigos, mas que tenhaõ beneficio, por coſtume geral em toda a parte, pertencem ao Fiſco ſecular. De tudo iſto ſe colhem tres concluſoens certas.

Primeira concluſaõ: que os Principes ſeculares naõ pódem remittir aos Hereges as penas do Direito Canonico, nem do coſtume Eccleſiaſtico; nem ainda das leys, que os meſmos Principes puzeraõ, ſe foraõ approvadas pela Igreja, porque pela approvaçaõ ficaõ Eccleſiaſticas. Segunda: que naõ pódem os Inquiſidores remittir os bens confiſcados ſem conſentimento do Principe, porque lhos concedeo o Papa ao ſeu Fiſco; mas o Papa póde, porque he Senhor Supremo. Terceira: que depois de dada ſentença, de tal maneira ficaõ os bens confiſcados ſendo proprios do Principe pela doaçaõ do Papa, que póde delles diſpôr, e dallos a quem quizer, mas que ſeja aos meſmos Hereges, a quem ſe tomaraõ, depois de reconciliados; mas antes de reconduzidos, naõ pódem pe-

las tres razoens, que ficaõ tocadas, que com as riquezas ſe cévaõ, e creſcem as hereſias, e os Hereges ſe fazem inſolentes, e pervertem outros: e tambem, porque he cauſa Eccleſiaſtica, e naõ tem direito aos bens, que lhes naõ eſtaõ ainda ſentenceados. Deſtas tres concluſoens ſe colhe huma conſequencia certa, que a confiſcaçaõ he pena Eccleſiaſtica, e que como tal naõ póde o Principe ſecular impedir a execuçaõ della ſem licença do Summo Pontifice, que lha póde dar como Senhor Supremo da Ley, que tem dominio alto ſobre tudo.

De tudo o dito fórmo agora hum argumento, com que acudo á queixa, que nos obrigou a fazer eſte capitulo. Os Reys em Portugal ſaõ Senhores dos bens confiſcados, depois de ſentenceados, de tal maneira, que os pódem dar até aos meſmos Hereges reconciliados: *ergo á fortiori*, poderáõ dar a adminiſtraçaõ, e dominio dos tais bens abſolutamente aos Senhores Inquiſidores, para que os gaſtem, como melhor lhes parecer; e que lhes tenhaõ dado eſte poder, he notorio, e ſe prova do facto, e da permiſſaõ continua ſem repugnancia, nem contradiçaõ. E ainda que a maſſa do Fiſco he muito grande, naõ ſaõ menores os gaſtos da ſuſtentaçaõ dos penitentes, das agencias

de

de ſeus pleitos, das fabricas dos edificios, dos ordenados dos Miniſtros, das maquinas dos cadafalſos, e mil outras couzas, que emprezas taõ grandes trazem comſigo, que he facil conhecellas, e difficultoſo julgallas; porque o menos, que aqui ſe pondéra, he o que vemos, e o mais, o que ſe nos occulta com o eterno ſegredo, alma immortal do Santo Officio. Nem ſe póde preſumir que haja eſperdiços, onde ha tanta exacçaõ, e pureza de conciencias, que apuraõ o mais delicado de noſſa Santa Fé: antes ſe póde ter por milagre o que vemos, e experimentamos, que ſó com a confiſcaçaõ dos Réos ſe ſuſtente maquina taõ grande, taõ illuſtre, e taõ poderoſa! E dado, que paſſe alguns annos a receita álem da deſpeza, ſuccedem outros, em que a deſpeza excede os bens confiſcados: e a providencia economica iguala as balanças de hum anno com os contrapezos do outro: e vimos a concluir, que tudo, o que ſe póde metafiſicar de ſobejos, he pequena remuneraçaõ para taõ grandes merecimentos. Nem ha no mundo intereſſe, com que ſe poſſa gratificar, o que eſte Santo Tribunal obra em ſi, e executa em nós. O que obra em ſi, he huma obſervancia de modeſtia, e inteireza, que aſſombra, e confunde aos mais reformados talentos; porque

o meſmo he entrar hum homem Eccleſiaſtico, ou ſecular no ſerviço do Tribunal da Santa Inquiſiçaõ, que veſtir-ſe logo de huma compoſiçaõ de acçoens, palavras, e coſtumes, que fazemos pouco, os que os vemos, quando naõ lhes fallamos de joelhos. O que em nós executaõ, bem ſe deixa ver na reformaçaõ dos vicios; na extinçaõ das hereſias, e no augmento das virtudes. Seria Portugal huma charneca brava de maldades, ſeria huma ſentina de vicios, ſeria huma Babylonia de erros, ſe o Santo Officio naõ vigiara as maldades, naõ caſtigara os vicios, e naõ extinguira os erros. He Portugal hum Promontorio commum de todas as Naçoens: nelle entraõ, e ſayem continuamente todos os hereges do mundo, ſem que os vicios das Naçoens nos damnem, ſem que os erros das hereſias ſe nos peguem. Naõ ha Reyno, nem Provincia na Chriſtandade, que ſe poſſa gabar de intacto neſta parte: ſó Portugal perſevera illeſo. A quem ſe deve taõ glorioſa fortuna? Ao Santo Officio, que tudo atalha vedando livros, açamando Seitas, caſtigando erros, e melhorando tudo. E vendo os Reys Sereniſſimos de Portugal a importancia de taõ grande ſerviço, como a Deos, e á Republica fazem taõ fieis Miniſtros, naõ fizeraõ muito em lhes largarem todo o Fiſco á ſua diſpoſiçaõ.

E ſe

E ſe ainda ſe naõ derem por ſatisfeitos os zeloſos na ſua queixa, ouçaõ, o que reſpondeo El-Rey Filippe o Prudente em Madrid a outra ſemelhante, que involvia notas com titulo de exceſſos no uſo do poder: *Dexadlos, que mas eſtimo yo tener mis Reynos quietos, y Catholicos con treinta Clerigos, que todos eſsos intereſses, y reſpetos.* Fallou cõmo Prudente que era; porque intereſſes, e reſpeitos temporaes, naõ tem comparaçaõ com lucros ſobrenaturaes. Eſte meſmo Rey paſſando pela Praça de Valhadolid com todo ſeu acompanhamento, e pompa Real, encontrou dous Inquiſidores, e em os vendo, ſe ſahio do coche, e com o chapéo na maõ os levou nos braços, dizendo: *Aſſi es bien, que honre yo, a quien tanto me honra a my, y defiende mis Reynos como vòs!* Sabia conhecer, o que nós naõ ignoramos: e poriſſo affoutamente concluo, que cada hum diz da feira, como lhe vay nella. Quero dizer, que ſó gente ſuſpeita poderá grunhir; onde deſapaixonados cantaõ a gala, e o parabem ao Santo Officio com os vivas, que merece. E nós deſcantemos por diante os exceſſos de outras unhas, pois nas do Fiſco naõ achamos o viſco, que ſó gente ſatyrica pela toada de orelha de Midas lhe apoda.

****

CAPITULO XLI.

Dos que furtaõ com unhas de fome.

NAs gazetas de Picardia ſe eſcreve, que houve hum moço taõ inclinado a ſeu accreſcentamento, que aſſentou praça de pagem com hum Fidalgo, que tinha fama de rico: mas ao ſegundo dia achou, que aſſentara praça de galgo; porque nem cama, nem vianda ſe uſava naquella caſa; e poriſſo o ſenhor della era rico, porque adqueria com unhas de fome o que entheſourava. Succedeo hum dia, que indo o novo pagem comprar huma moeda de rabaõs para a cêa de todos, encontrou huma grande prociſſaõ de Religioſos, e Clerigos, que levavaõ a enterrar hum defunto, e de traz da tumba ſe hia carpindo a mulher, e lamentando ſua deſgraça, e ouvio que dizia entre lagrimas, e ſuſpiros: aonde vos levaõ meu mal logrado? A' caſa, onde ſe naõ come, nem bebe, nem tereis cama, mais que a terra fria? Em ouvindo iſto o rapaz, voltou para caſa como hum rayo fogindo, trancou as portas, e diſſe eſpavorido a ſeu amo: Senhor ponhamo-nos em ar-

mas,

mas, que nos trazem cá hum homem morto! Tu deves de vir doudo, diſſe o amo, pois cuidás, que a noſſa caſa he Igreja. Bem ſey, diſſe o moço, que eſta caſa naõ tem Igreja mais que o adro, que he v. m. ao meyo dia; e poriſſo entrey em ſuſpeitas, ſe veriaõ cá enterrar aquelle finado: e confirmey-me de todo, porque a gente, que o traz, vem dizendo, que o levaõ á caſa, onde ſe naõ come, nem bebe, nem ha cama, mais que a terra fria: e como aqui ninguem come, nem bebe, nem tem cama, bem digo eu, que cá o trazem; e que fiz bem de fechar as portas, pois aſſás baſtaõ os defuntos, que cá jazemos mórtos de fome, que he peor que de maleitas.

Com eſta hiſtoria ſe explica bem, que couza ſaõ unhas de fome, que poupando furtaõ á boca, á ſaude, e á vida, o que lhes he devido; e aſſim chamamos unhas de fome a huns, que tudo eſcondem, e que tudo guardaõ, ſem ſabermos para quando, e he certo, que para nunca; porque primeiro lhes apodrece, que ſaya á luz o que reſervaõ: e quando vos daõ alguma couza, he ſempre o peor, e o que naõ preſta, ou de modo, que melhor fora naõ vos darem nada. Saõ eſtes como a rapoza de Hiſopete, que banqueteou a cegonha com papas eſtendidas ſobre huma lagem,

para

para que as naõ pudeſſe tomar com o bico. E ſe me perguntardes, onde eſtá aqui o furto, que parece o naõ ha em guardar cada hum o que he ſeu, e em poupar até o alheo? Reſpondo, que o caro he barato, e o barato he caro. Direis que tôa iſto a deſpropoſito: mas eu naõ vî couza mais certa, ſe a entenderdes, como a entendo; e já me naõ haveis de entender, ſe me naõ declarar com exemplos. Seja o primeiro do que cada dia vemos em provimentos de náos da India, e de galeoens, e navios, que manda ElRey noſſo Senhor ao Braſil, Angóla, e outras partes: provêm-ſe de chacinas podres, bacalháo corrupto, biſcouto maſcavado, vinho azedo, azeite borra; porque achaõ tudo iſto aſſim mais barato na compra; e ſaye-lhes mais caro no effeito, porque adoecem todos os paſſageiros, morre a ametade, malogra-ſe a viagem, perde-ſe tudo; porque foraõ provîdos com unhas de fome: e por poupar em o que ſe furta, fizeraõ com que o barato cuſtaſſe caro a todos.

Segundo exemplo ſeja do que ſuccede nas armadas: manda-as Sua Mageſtade provêr para tres mezes com liberalidade Real: encolhem os Provedores as mãos para encher as unhas, e daõ provimento para tres ſemanas: eiſque na ſegunda

ſemana

ſemana já falta a agua, e na terceira já naõ ha paõ. Tornaõ-ſe a recolher ſem obrarem o a que hiaõ, e por milagre chegaõ cá com vida. Eiſaqui que couza ſaõ unhas de fome, que por matarem a ſua pôem em deſeſperaçaõ a alhea. Os provimentos Reaes, como os de toda a caſa bem governada, devem ſer como os de Deos, que ſempre nos dá remedios ſuperabundantes. Naõ devem hir as couzas taõ guizadas, nem taõ cerceadas, que nada ſobeje: o que ſobeja no prato, he o que ſatisfaz mais, que o que ſe come. Tres açoutes tem Deos, com que caſtiga o mundo, e o primeiro he fome: açoutar quer noſſa Monarquia, quem mete em ſuas forças fome. Nada poupa, quem aguarenta a fartura, porque vos vem a levar o rato, o que naõ quizeſtes dar ao gato. Perdem-ſe immenſos theſouros de gloria, e intereſſe nos cõmercios do mar, e nas vitorias da campanha por falta do provimento liberal, e conveniente. Deos nos livre da ganancia, que nos occaſiona taõ grandes perdas.

Tambem roubaõ com unhas de fome, os que por forrarem de gaſtos, aguarentaõ os ordenados, privilegios, e favores aos Miniſtros, e Officiaes delRey, ou das Republicas. Nos marinheiros das náos da India temos bom exemplo. Concede-

lhes

lhes o Regimento antigo trinta mil reis de praça, hum lugar na náo capaz de ſua peſſoa, e fato, quatro fardos de canéla livres, e ſem taxa, para que engodados com eſtes intereſſes, e liberdades, abracem o trabalho, que he deſmedido. Vem o Regimento moderno, aguarentalhes tudo a titulo de poupar á fazenda Real: e ſegue-ſe dahi naõ haver, quem queira arriſcar ſua vida por taõ pouco, e irem forçados, e poriſſo negligentes em tudo. Nem ha, para que buſcar outra cauſa de ſe perderem tantas náos de poucos annos a eſta parte. As náos no mar ſaõ como os carros, que caminhaõ carregados por terra: ſe tem quem os guie, e governe com cuidado, e ciencia, eſcapaõ de atoleiros, e barrancos, onde ſe fazem em pedaços, ſe os deixaõ meter nelles. Como naõ haõ de dar as náos á coſta, e em baixos, ſe os que as guiaõ, e governaõ, vaõ deſcontentes, e ignorantes? Vaõ deſcontentes, porque vaõ forçados, e vaõ forçados, porque naõ vaõ bem remunerados: e daqui vem ſerem ignorantes; porque ninguem eſtuda, nem toma bem a arte, de que naõ eſpera mayor proveito: e aſſim nos vem a cuſtar o barato muito caro; porque houve unhas de fome, que fabricaraõ ruinas, onde armaraõ intereſſes.

Aqui

Aqui me vem a curioſidade de perguntar, qual he a razaõ, porque nenhuma náo, nem galeaõ noſſo, ou vá de viagem, ou de armada, nunca leva boticas, nem medicamentos communs, para as febres da Linha, nem para as feridas de huma batalha, nem para o mal de Loanda, nem para nada? Huma de duas; ou he ignorancia, ou eſcaceza: ignorancia naõ creyo que ſeja; porque naõ ha, quem naõ ſaiba, que ſe adoece no mar mais, e mais gravemente que em terra: he logo eſcaceza; por naõ gaſtarem dous, ou tres mil cruzados nos apreſtos para a ſaude, e vida dos paſſageiros, e ſoldados, ſem os quaes ſe perde tudo: perde-ſe a gente, que he o mais precioſo, morrendo como moſquitos, e alojando-os ao mar aos feixes; e perde-ſe tudo, porque tudo fica ſem quem o defenda das inundaçoens do mar, e violencias dos inimigos. Muita ventagem nos fazem neſta parte os eſtrangeiros, em cujos navios vemos boticas, e apreſtos muitas vezes, para curar doentes, e feridos, que valem muitos mil cruzados: e nós eſcaſſamente levamos hum barbeiro, nem hum ovo para huma eſtopada.

****

CAPITULO XLII.

Dos que furtaõ com unhas fartas.

A Rapoza, quando ſaltêa hum galinheiro faminta, céva-ſe bem nos primeiros dous pares de galinhas que mata; e como ſe vê farta, degola as demais, e vay-lhe lambendo o ſangue por acipipe. Iſto meſmo ſuccede aos que furtaõ com unhas fartas, que naõ páraõ nos roubos, por ſe verem cheos, antes entaõ fazem mayor carniçaria no ſangue alheo: ſaõ como as ſanguixugas, que chupaõ até que arrebentaõ. Andaõ ſempre doentes de hidropeſia as unhas deſtes: entaõ tem mayor ſede de rapinas, quando mais fartos dellas. E ainda mal, que vemos tantos fartos, e repimpados á cuſta alhea; que naõ contentes, da meſma fortuna fazem razaõ de eſtado, para ſuſtentarem fauſtos ſuperfluos, engolfando-ſe mais para iſſo nas pilhagens, para luzirem deſperdiçando; porque ſó no que deſperdiçaõ achaõ goſto, e honra: chamara-lhe eu deſcredito, e amargura de conciencia, ſe elles a tiveraõ.

Olhem para mim todos os Miniſtros del-

Rey,

Rey, que hontem andavaõ à pé, e hoje à cavallo: eſtejaõ-me attentos a duas perguntas, que lhes faço, e reſpondaõ-me a ellas, ſe ſouberem; e ſe naõ ſouberem, eu reſponderey por elles: Se os officios de voſſas mercês daõ de ſi até poderem andar em hum macho, ou em huma faca, quando muito, e ſuas mulheres em huma cadeira: como andaõ voſſas mercês em liteira, e ellas em coche? Se a ſua meſa ſe ſervia muito bem com pratos, ſaleiro, e jarro de louça pintada de Lisboa, como ſe ſerve agora com baixelas de prata, ſalvas de baſtioens, confeiteiras de relevo? Naõ me diraõ, de donde lhe vieraõ tantas colgaduras de damaſco, e téla, tantos bofetes guarnecidos, eſcritorios marchetados, com pontas de abbada em cima? Deraõ de fartos em fome canina? Já que lhes naõ dá do que dirá a gente, naõ me diraõ, onde acharaõ eſtes theſouros, ſem irem á India; ou que arte tiveraõ, para medrarem tanto em taõ pouco tempo, para que os deſculpemos ao menos com a viſinhança? Já o ſey, ſem que mo digaõ: houveraõ-ſe como a rapoza no galinheiro, em que entraraõ: cevaraõ-ſe naõ ſó no neceſſario, ſenaõ tambem no ſuperfluo. Naõ ſe contentaõ com ſe verem fartos, e cheos, como eſponjas, querem engordar com acipipes: e

por-

poriſſo lançaõ o pé álem da maõ, e eſtendem a maõ até o Ceo, e as unhas até o Inferno, e metem tudo a ſaco, quando o enſacaõ: e ſaõ como o fogo, que a nada diz, baſta. E ſe querem ſaber a cauſa de ſuas demazias, lêaõ com attençaõ o capitulo, que ſe ſegue.

****

CAPITULO XLIII.

Dos que furtaõ com unhas mimoſas.

ASſim como ha unhas fartas, tambem as ha mimoſas, que ſaõ ſuas filhas, e poriſſo peores, por mal diſciplinadas, porque para regalarem a ſeus donos furtaõ mais do neceſſario. Furtar o neceſſario, quando a neceſſidade he extrema, dizem os Theologos, que naõ he peccado; porque entaõ tudo he commum, e naõ ha meu, nem teu, quando ſe trata da conſervaçaõ das vidas, que perecem por falta do que haõ miſter, para ſe ſuſtentarem: mas furtar o ſuperfluo para animar o corpo, e regalar a alma, he caſo digno de reprehenſaõ: e ainda mal, que ſuccede muitas vezes. Como agora: Ponhamos exemplos;

por-

porque exemplos declaraõ muito. He certo, que a qualquer Miniſtro delRey baſta o ordenado, que tem com as gages licitas do officio para paſſar honeſtamente conforme a ſeu eſtado. Pois ſe lhe baſta hum veſtido de baeta, para que o faz de veludo? Se lhe ſobeja hum gibaõ de tafetá, para que o faz de téla, quando ElRey o traz de olandilha? Para que raſga hollanda, onde baſta linho? Para que come galinhas, e perdizes, e tem viveiro de rolas, ſe póde paſſar com vaca, e carneiro? Para que diſpende em doces, e conſervas, o que baſtava para cazar muitas orfans? Baſtando paças, e queijo para aſſentar o eſtomago, ſem lhe cauſar as azîas que padece pelos muitos guizados, que naõ póde digerir. Para que ſaõ tantas moſtras do Reyno, e de Canarias, baſtando huma de Caparica, ou de mais perto? Por verdade affirmo, que vi em caſa de hum neſta Corte mais de quinze fraſqueiras, e naõ era Flamengo; e outro que mandava borrifar o ar com agua de flor para aliviar a cabeça, que melhor ſe aliviaria, naõ lhe dando tanta carga de licores.

Muitos mimos ſaõ eſtes, e que naõ pódem eſtar ſem empolgar as unhas na fazenda, que lhes corre pela maõ, e poriſſo lhes chamo unhas mimoſas. *Quien cabras nò tiene, y cabritos vende,*

donde le vienen? Meu irmaõ Miniſtro, ou official, ou quem quer que ſois, ſe voſſa caſa hontem era de eſgrimidor, como a vemos hoje á guiza de Principe? E até voſſa mulher brilha diamantes, rubîs, e perolas ſobre eſtrados broſlados? Que cadeiras ſaõ eſtas, que vos vemos de brocado, contadores da China, catres de tartaruga, laminas de Roma, quadros de Turpino, brincos de Veneza, &c. Eu naõ ſou bruxo, nem adevinho; mas atrevome ſem lançar peneira affirmar, que voſſas unhas vos grangearaõ todos eſſes regalos para voſſo corpo, ſem vos lembrarem as tiçoadas, com que ſe haõ de recambiar no outro mundo: porque he certo, que vós os naõ lavraſtes, nem os roçaſtes, nem vos naſceraõ em caſa como pepinos na horta; e mais que certo, que ninguem volo deu por voſſos olhos bellos, porque os tendes muito mal encarados. Logo bem ſe ſegue, que os furtaſtes: e vós ſabeis o como, e eu tambem: e para que outros o ſaibaõ, volo direy; porque eſtou certo o naõ haveis de confeſſar, mas que vos dêm tratos.

Entregaraõ-vos o livro das deſpezas, e receitas Reaes, enxiriſtes-lhe huma folha portatil no principio, outra no meyo, outra no cabo: acabou-ſe a lenda; levantaſtes as folhas com quanto

to nellas ſe continha, que eraõ partidas de muitos contos; e ficaſtes livre das contas, e encarregado nos furtos, que ſó no dia do Juizo reſtituireis; porque ainda que vos vendais em vida, naõ ha em vós ſubſtancia, porque a eſperdiçaſtes; nem vontade, porque a naõ tendes, para vos deſcarregar de taõ grande pezo. Por eſta, e outras artes de naõ menor porte, que deixo, fazem ſeu negocio as unhas mimoſas; e tudo lhes he neceſſario, para manterem jogo a ſeus appetites: e naõ houvera melhor Flandes, ſe o bicho da conciencia as naõ roera. Hum licenceado deſtes picado do eſcrupulo correo, quantos Moſteiros ha em Lisboa antigamente buſcando hum Confeſſor, que o abſolveſſe: e a razaõ que dava para ſer abſolto era, que naõ tinha mais que duzentos mil reis de ordenado, e gages, e que havia miſter mais de quinhentos mil para governar ſua caſa; e que naõ havia de ſer contente ElRey, que a ſua familia pereceſſe. Reſpondiaõ-lhe todos [porque todos eſtudavaõ pelos meſmos livros] he verdade que naõ quer Sua Mageſtade que ſeus criados morraõ de fome; mas tambem he verdade, que naõ quer, que o roubem: e ſe eſſe officio naõ vos abrange, moderay os gaſtos, ou largay-o, que naõ faltará, quem o ſirva com o que elle dá de ſi ſem

eſſes furtos: ſois obrigado a reſtituir, quanto tendes furtado: aqui perdia a paciencia o ſupplicante, allegando, que era muito o que eſtava comido, e bebido, e que naõ havia poſſes para tanto: mal mudarey de eſtylo, dizia elle, até agora tomava a ElRey diminuindo nos pezos, e nos preços, e nas cifras, daqui por diante accreſcentarey tudo, e ſahirá das partes cabedal, com que ſatisfaça, já que naõ ha outro remedio: e como as partes ſaõ muitas, e de mim deſconhecidas, tomarey a bulla da Compoſiçaõ daqui a cem annos, e ficará tudo concertado. Mas naõ faltou quem o advertiſſe, que naõ vale a tal bulla, a quem furta com os olhos nella; e que melhor remediaria tudo aguarentando os mimos, e regalos, em que diſſipava tudo.

****

CAPITULO XLIV.

Dos que furtaõ com unhas deſneceſsarias.

EXcuſadas ſaõ no mundo quantas unhas ha, que o arranhaõ com ladroîces, e poriſſo bem deſneceſſarias todas. Mas eſte capitulo naõ as com-

prehen-

prehende todas; porque ſó trata das ſuperfluidades, que deſtroem as Republicas, peor que ladrões as bolças, a que daõ caça. E bem puderamos aqui fazer logo invectiva contra os trajes, invençoens, e coſtumes de veſtidos, que ſe vaõ introduzindo cada dia de novo, eſponjas do noſſo dinheiro, que o chupaõ, e levaõ para as Naçoens eſtranhas, que como a bugios nos enganaõ com as ſuas invençoens: cada dia nos vem com novas cores, e teceduras delãs, e ſeda, que na ſua terra cuſtaõ pouco mais de nada, e cá no las vendem a pezo de ouro: e como o q̃ vem de longe, ſempre nos parece melhor, e o que nos naſce em caſa, naõ agrada; deſprezamos os noſſos pannos, e ſedas, que ſempre ſe fizeraõ no Reyno com melhoria. Inſania marcada, e politica errada foy ſempre, antepor o alheo ao proprio com diſpendio da cõmodidade. Haverá quarenta annos, que Caſtella lançou huma Pragmatica com graves penas, que ninguem veſtiſſe ſeda, ſe naõ foſſe fidalgo de baſtante renda: e attentava niſto, ao que hoje ſe naõ attenta, que naõ gaſtaſſem ſuperfluamente os vaſſallos furtando á boca, e aos filhos, e á Republica, o que punhaõ em luzimentos deſneceſſarios Queixaõ-ſe hoje, que naõ tem para pagar as décimas, com que ElRey lhes de-

fende as vidas; e nós vemos, que lhes sobeja para gastarem, no que lhes naõ he necessario para a vida. Apodaõ este tempo com o antigo: chamaõ ao passado idade de ouro, e ao presente seculo de ferro: e nós sabemos, que quem entaõ tinha hum anel de ouro com hum par de colheres, e garfos de prata, achava que possuîa muito. Entaõ mandava ElRey D. Diniz, o que fez quanto quiz, as arrecadas da Rainha á Cidade de Miranda quando se murava, dizendo: naõ párem as obras por falta de dinheiro, empenhem-se essas arrecadas, que custaraõ cinco mil reis, ou vendaõ-se, e vaõ os muros por diante, que logo irá mais soccorro. Estes eraõ os thesouros antigos! E hoje naõ ha mecanico, que naõ tenha cadêas de ouro, transelins de pedraria, e baixellas de prata. Naõ tornou o tempo para traz; mas a cobiça he, a que vay adiante pondo em couzas superfluas, e particulares, o que houvera de empregar no augmento do bem commum, e defensa da patria.

Esta he a opiniaõ de muitos politicos Estadistas, que naõ sabem adquirir augmentos para o commum sem minguas dos particulares. A minha opiniaõ he, que todos luzaõ, porque a opulencia dos trajes ennobrece as Naçoens, e

causa

cauſa veneraçaõ nos Eſtrangeiros, e terror nos adverſarios: pelos trajes ſe regula a nobreza de cada hum, e naturalmente deſprezamos o mal veſtido, e guardamos reſpeito ao bem ataviado: e quaſi que he iſto de fé: pelo menos aſſim o diz Santiago na ſua Canonica, ainda que reprehende aos que deſprezaõ os pobres; porque ás vezes: *Sub ſordido pallio latet ſapientia.* O luzimento com moderaçaõ he digno de louvor; o ſuperfluo com prodigalidade he o que táxamos. Dou-lhe, que naõ valha nada eſta invectiva: façamos outra, que porventura valerá menos na opiniaõ dos poderoſos, que ella ha de ferir de meyo, a meyo. He certo que ſe gaſta neſte Reyno todos os annos das rendas Reaes quaſi hum milhaõ, ou o que ſe acha na verdade, em ſalarios de officiaes, e Miniſtros, que aſſiſtem ao governo da juſtiça, e menêo das couzas pertencentes á Coroa: e he mais que certo, que com a ametade dos tais Miniſtros, e póde bem ſer que com a terça parte delles, ſe daria melhor expediente a tudo; porque nem ſempre muitos alentaõ mais a empreza, e ſe ella ſe póde effeituar com poucos, a multidaõ ſó ſerve de enleyo. Se baſta hum Provedor em cada Provincia, para que ſaõ cinco ou ſeis? Se baſta hum Corregedor para vin-

te leguas de destrito, para que saõ tantos, quantos vemos? Tantos escrivaens, meirinhos, e alcaides, em cada Cidade, em cada Villa, e Aldea, de que servem; se basta hum para escrevinhar, e meirinhar este mundo, e mais o outro? Este alvitre se deu ao Rey de Castella naõ ha muitos annos, e naõ pegou; póde bem ser, que por ser bom para nós. Se esmarmos bem as rendas Reaes das Provincias, e as descutirmos, acharemos que lá ficaõ todas pelas unhas destes galfarros despendidas em salarios, e pitanças. Entremos nas sete Casas desta Corte, mas que seja na Alfandega, e casa da India, acharemos tantos officiaes, e ministros, que naõ ha quem se possa revolver com elles: e todos tem ordenados: e todos saõ taõ necessarios, que menos póde ser fizessem melhor tudo. A hum Mister de Lisboa ouvi dizer, que bastavaõ na Camera tres Vereadores, e que tinha sete; e que fora melhor poupar quatro mil cruzados para as guerras; e accrescentava: para que saõ na mesa do Paço oito, ou dez Dezembargadores, se bastaõ quatro, ou cinco? Na casa da Supplicaçaõ, para que saõ vinte, ou trinta, bastando meya duzia? E em todos esses Tribunaes, para que saõ tantos Conselheiros, que se estorvaõ huns aos outros. Engordaõ particulares com salarios, e em-

magre-

magrecem as rendas Reaes no commum, e naõ ha poriſſo melhores expedientes: muita couza fantaſtica ſe ſuſtenta mais por uſo, que por urgencia. Eſtive para dizer a eſte Licurgo, o que diſſe Apelles ao çapateiro, que lhe emendava o veſtido, e roupagem de hum retrato: *Ne ſutor ultra crepidam.* Quem te mete Joaõ topete com bicos de canivete? Que muitas vezes nos metemos a emendar, o que naõ entendemos. E em Tribunaes mayores, que conſtaõ de ancianidade, tem muitas licenças, e privilegios a velhice, que ha miſter ajudada, e alentada, e poriſſo ſe permittem mais Miniſtros, e mayores ajudas de cuſto. Deos nos livre de Miniſtros, que antes de lhe chegar o tempo de os apoſentarem, vencem ſalarios ſem os merecerem, e ſem trabalharem.

As guerras de Flandes eſtiveraõ muitos annos de quedo, ſuſtentando exercitos groſiſſimos com immenſos gaſtos, e ſoldados de Cabos, que os comiaõ com huma maõ ſobre outra, pondo em pés de verdade, que tudo era neceſſario, porque dalli viviaõ. Das galés, que o eſtreito de Gibraltar nunca vio, e das de Portugal, que naõ exiſtem, ſe eſtaõ vencendo praças, que pagaõ as rendas Eccleſiaſticas; e ninguem repara niſto; porque ſe reparaõ com eſſes lucros, os que hou-

veraõ de zelar eſtas perdas. Chegaraõ os motins de Flandes hum dia a eſtado, que ſe haviaõ de concluir com huma batalha, em que meteraõ os levantados o reſto. Entraraõ em conſelhos os Caſtelhanos, e ſahio por voto de todos, que pelejaſſem, porque eſtavaõ de melhor, e mayor partido. Advertio-os o Preſidente, que ficavaõ todos ſem rendas, e ſem remedio de vida, ſe as guerras ſe acabavaõ: e retrataraõ-ſe todos, mandando dizer aos adverſarios, que guardaſſem a briga para tempo de menos frio. E praza a Deos naõ ſucceda iſto meſmo cada dia entre nós nas occaſioens, que ſe offerecem opportunas, para concluirmos com guerras: porque huma boa lança o caõ do moinho: e quando vem a occaſiaõ, deixaõ-lhe jurar a calva, para que lhes fique nas unhas a gadelha, que os ſuſtenta.

****

CAPITULO XLV.

Dos que furtaõ com unhas domeſticas.

JOaõ Euſebio Eſcritor inſigne, e Autor eruditiſſimo da Companhia de Jeſus, refere na ſua

ſua Philoſophia natural, que ha no mundo Novo, humas plantas, que poderáõ ſer como cá melões, cujos frutos ſaõ viventes, e imitaõ a eſpecie de borregos, ou cabritos: eſtes em quanto verdes eſtaõ amortecidos, e vaõ creſcendo com o ſuco da planta: como amadurecem, levantaõ-ſe vivos, e comem a herva circumviſinha, até que ſe deſpedem da vide, em que naſceraõ: e ſe os naõ vigiaõ, nada lhes pára em toda a horta, tudo abocanhaõ, e tudo he pouco para a fome, com que ſayem da prizaõ materna, e vem a ſer o que diz o Proverbio: *Criay o corvo, e tirar-vos-ha o olho.* Tais ſaõ as unhas domeſticas, que naõ contentes com o que lhes dais, e baſta, querem dominar tudo, quanto encontraõ na caſa, em que as admittiſtes, e tudo he pouco para ſua cobiça, e voracidade. Criados, e eſcravos a ſeus ſenhores, filhos a ſeus pays, e mulheres a ſeus maridos, e tambem aos que o naõ ſaõ, naõ ha duvida que furtaõ muito, e por mil maneiras; e que ſaõ eſtas verdadeiramente unhas domeſticas; porque de portas a dentro vivem, e fazem ſuas pilhagens muito a ſeu ſalvo; os criados ſobindo o preço no que ſeus amos lhes mandaõ comprar; os filhos desfrutando as propriedades, e os celeiros nas auſencias de ſeus pays; e as mulheres eſcorchando

os

os escritorios com chaves falsas. Dera eu de conselho aos amos, pays, e maridos, que sejaõ mais liberaes, para que de sua escaceza naõ resultem perdas mayores, que as com que a liberalidade costuma reparar tudo. Mas naõ saõ estas as unhas domesticas, que a mim me cançaõ; porque o que estas pescaõ, pela mayor parte na mesma casa fica, e em couzas usuais se gasta. As que me tocaõ no vivo, declararey com huma reposta, que dey a hum velho astuto, que me fez esta pergunta.

Folgara saber, dizia o bom velho mais sagaz que zeloso, que couza he hum Rey dando audiencia publica? Devia de querer, que lhe respondesse, que era hum pay da Patria, que se expunha a todos para os amparar, e remediar como a filhos: e fazerme desta reposta alguma invectiva para seu interesse: mas eu furteylhe a agua ao intento, e respondilhe. Hum Rey dando audiencia a seus vassallos debaixo do seu docel he o Martir S. Vicente nosso Padroeiro posto no Eculeo, cercado de algozes, que o estaõ desfazendo com pêntens de ferro, e unhas de aço; porque todas, quantas petiçoens lhe apresentaõ, saõ garavatos, e ganchos, que armaõ a lhe derriçar a substancia da Coroa: e he couza certa,

que

que nenhum lhe vay levar couza de seu proveito, e que todos lhe vaõ pedir o que haõ mister, allegando serviços como criados, e merecimentos como filhos; e que ElRey he Pelicano, que com o sangue do peito os ha de manter a todos: sem attentarem, que padece o Rey, e o Reyno mayores necessidades que elles, e que se deve acodir primeiro ao commum, que ao particular. E atrevome a chamar a estas pertençoens furtos domesticos neste tempo, em que deveramos vender as capas para comprar espadas, como disse Christo a seus Discipulos, e naõ despir ao Reyno até a camiza. O nosso Reyno he pequeno, e assim tem poucas datas: e he muito fertil de sugeitos, e talentos; e porisso naõ ha nelle para todos: mas tem as Conquistas do mundo todo, aonde os manda ser senhores do melhor dellas, para que venhaõ ricos de merecimentos, e gloria, com que comprem as honras, e melhores póstos da patria: e pertendellos por outra via será furto domestico notorio, e digno de castigo.

Senhores pertendentes, levem daqui este desengano, que o Rey, que Deos nos deu, he de cera, e he de ferro: he de cera para nós, e he de ferro para si, e para nossos inimigos: he de cera para nós pela brandura, e clemencia,

com

com que nos trata; nenhum vaſſallo achou nunca na ſua boca má repoſta, nem nos ſeus olhos máo ſemblante: exercita naturalmente o conſelho, que Trajano guardou por arte, com que ſe conſervou, e fez o melhor Emperador; que nunca nenhum vaſſallo ſe apartou delle deſconſolado, nem deſcontente. He de ferro para ſi; bem vemos como ſe trata. E tambem o he para noſſos inimigos com valor mais invencivel que o aço; e para ſuſtentar o impeto adverſario neceſſita, que o ajudemos com noſſas forças: e ſerá muito eſtolido, quem neſte tempo tratar de lhe diminuir as ſuas. O dinheiro he o nervo da guerra; e onde eſte falta, arriſca-ſe a vitoria, e o prol do bem commum, de que he bem ſe trate primeiro que do particular; que totalmente ſe perde, quando ſe naõ aſſegura o commum: e para que a nós, e a nada ſe naõ falte, he bem que nós naõ faltemos da noſſa parte, contentandonos com o que o tempo dá de ſi, e com a eſperança certa da proſperidade, que he infallivel depois da fortuna aſpera, beatificando com exceſſos, o que malogra na adverſidade.

E para todos os Reys me ſeja licito pôr aqui tambem huma advertencia, que naõ ſejaõ tanto de cera, que ſe deixem imprimir; nem tanto de

ferro,

ferro, que naõ ſe poſſaõ dobrar: naõ ſe deixem imprimir de conſelhos peregrinos: naõ ſe deixem dobrar a exacções rigoroſas; porque eſtas recompenſaõ-ſe com furtos domeſticos, lima ſurda dos bens da Coroa; e aquelles tem por alvo lucros particulares com detrimentos cõmuns O dictame, e acordo de hum Rey vale mais que mil alheos: naõ reprovo conſelhos: anteponho o do Rey a todos, porque he menos arriſcado a erros: eſta reſoluçaõ para mim he evidente, naõ ſó pela experiencia, mas tambem pela certeza, que nos aſſegura o commum dos Santos, e Theologos, que os Reys tem dous Anjos de guarda, hum que os guarda, outro que os enſina; e poriſſo ſaõ mais illuſtrados, que todos ſeus Conſelheiros. Donde quando as opinioens ſe baralhaõ, o mais ſeguro he ſeguir o diſcurſo do Rey, ſe naõ for intimado por outrem, que Rey naõ ſeja. E aſſim pediráõ os Reys, o que lhes he neceſſario, e naõ tomaráõ, o que lhes he ſuperfluo: daraõ a ſeus vaſſallos o que merecem, e naõ o que lhes naõ he devido: e em nenhum haverá occaſiaõ de ſe recompenſar com furtos domeſticos.

****

CAPITULO XLVI.

Dos que furtaõ com unhas mentirosas.

PEssoas ha, que tem unhas marcadas com pintas brancas, a que chamaõ mentiras; mas naõ saõ estas as unhas mentirosas, que mais tem de pretas, que de candidas; e furtaõ de mil e quinhentas maneiras, sempre mentindo. Testemunhas sejaõ, os que com certidoens falsas pedem mercês a Sua Magestade allegando serviços, que nunca fizeraõ, e dando testemunhas, que tal naõ viraõ: e porque ha nisto muitos enganos, naõ me espanto da exacçaõ, com que semelhantes papeis se examinaõ, ainda que seja com molestia das partes. Outros ha, que levaõ as mercês com serviços equivocos, que tem dous rostos, como Jano, com hum olho para Portugal, com outro para Castella. Jogaõ com páo de dous bicos: contemporizaõ com ElRey D. Joaõ, e fazem obras, que lhe pódem servir de desculpa com ElRey D. Filippe: cá tem hum pé, e lá outro; cá o corpo, e lá o coraçaõ. E por vida delRey meu Senhor, que se fora possivel ao Dou-

tor

tor Pedro Fernandes Monteiro dar de repente, em quantos escritorios, e algibeiras ha neste Reyno, que houvera de achar em mais de quatro cartazes Castelhanos, que promettem titulos, e Comendas, a quem der ordem, com que se baralhem as couzas; isto he, que sayaõ as náos tarde, que naõ haja galés, que se malogrem armadas, e frotas, que se desfaça a bolça, que naõ se façaõ cavallos, nem infantes, que naõ se paguem estes, nem dêm cevada a aquelles, que naõ se criem potros, que naõ se peleje nas occasioens de urgencia, que naõ se fortifiquem as praças, que se altérem as décimas, que se gaste o dinheiro em couzas superfluas, e fantasticas; e em conclusaõ, que naõ se paguem serviços. E quando praticaõ, ou votaõ estas couzas, o fazem com tais tintas, e destreza, que fazem crer ésta por balhésta aos mais acordados. E tudo lhe perdoara, porque no cabo naõ me enganaõ, se no fim naõ quizeraõ, que lhes paguemos com beneficios claros os maleficios escuros, que com seus embustes nos causaõ.

Outros ha, que com serem muito leais, furtaõ a trecheo com unhas mentirosas; porque á força fazem parecer serviço trabalhoso, e digno de grande mercê, o que pudéramos reprehender de

grande calaçaria: ſem ſahirem da Corte, nem de ſuas caſas, e Quintas, empolgaõ nos premios de campanha; levaõ ás barretadas, o que ſe deſignou para as lançadas: e naõ ſe correm de tomarem com mãos lavadas, o que ſó parece bem em mãos, que ſe ençoparaõ no ſangue inimigo: cheos como colmêas ao perto, ſe eſtaõ rindo dos que por ſervirem longe eſtaõ vazios. Falta a eſtes ſenhores a generoſidade, que ſobejou ao Sereniſſimo Duque D. Theodoſio, digniſſimo Progenitor do noſſo invictiſſimo Rey D. Joaõ o IV. de glorioſa memoria, o qual convidado por ElRey Filippe III. de Caſtella, quando veyo a Portugal na era de 620. que lhe pediſſe mercês, reſpondeo palavras dignas de cedro, e de laminas de ouro: Voſſos, e noſſos avós encheraõ noſſa caſa de tantas mercês, que naõ me deixaraõ lugar para aceitar outras. Em Portugal ha muitos fidalgos pobres de mercês, e ricos ſó de merecimentos, em quem V. Mageſtade póde empregar ſua Real magnificencia. Eſte grande Heróe apurando aſſim verdades notorias enſinou harpîas domeſticas, que acabem já de ſer ſanguixugas de ouro, eſponjas de honra, cameleoens fingidos, e Protêos falſos.

Outros ha, que ſeguindo outra marcha, empolgaõ effectivamente com mentiras em grandes

montes

montes de dinheiro, que uſurpaõ a ſeu Rey, e á ſua patria: por tais tenho, os que vencem praças mortas ſem aleijoens, nem merecimentos: os que fingem praças fantaſticas, que tem na liſta, e nunca exiſtiraõ no terço: os que embolçaõ os ſalarios de ſoldados, e officiaes defuntos, e auſentes: na Ilha da Madeira vi dous meninos, que nos braços venciaõ praças de Capitaens: os que dizem, que trazem nas fabricas dos galeoens, e das fortificaçoens duzentos obreiros, trazendo ſó cento e cincoenta. Os que vaõ para a India, a quem ElRey paga tres, ou quatro criados, para que oſtentem authoridade em ſeu ſerviço, e vaõ ſem elles ſervindo-ſe dos marinheiros, e ſoldados; e aſſim comem os ordenados dos criados, que naõ levaõ: os que introduzem officios com ordenados ſem ordem delRey; e fintaõ os ſubditos com qualquer achaque para couzas, que naõ ſe obraõ. Todos eſtes, e muitos outros, que naõ relato, ſaõ milhafres de unhas mentiroſas. Mas os mayores de todos a meu ver, ſaõ os que trataõ em eſcravos.

Eſte ponto de eſcravaria he o mais arriſcado, que ha em todas noſſas Conquiſtas: e para que todos o entendaõ, havemos de preſuppor, que o natural dos homens he, que todos ſejaõ livres, e ſó pódem ſer eſcravos por dous principios. Pri-

meiro de delicto. Segundo de naſcimento. Por delicto ſaõ verdadeiros eſcravos noſſos os Mouros, que cativamos; porque elles contra juſtiça fazem ſeus eſcravos os Chriſtãos, que tomaõ. E os negros tem entre ſi leys juſtas, com que ſe governaõ, por virtude das quaes cõmutaõ em cativeiro o caſtigo dos crimes, que mereciaõ morte; e tambem os que tomaõ em ſuas guerras, aos quaes pódem tirar a vida. Por naſcimento ſó pódem ſer cativos deſcendentes de eſcravas, mas naõ de eſcravos, pela regra: *Partus ſequitur ventrem.* Poſta eſta doutrina, que he verdadeira, vaõ Portuguezes a Guiné, Angóla, Cafraria, e Moçambique, enchem navios de negros, ſem examinarem nada diſto. E para eſtas emprezas tem homens ladinos, que chamaõ *pombeiros*, e os negros lhe chamaõ *tangomaos*; eſtes levaõ trapos, ferramentas, e bugiarias, que daõ por elles, e os trazem nûs, e amarrados, ſem mais prova de ſeu cativeiro, que a de lhos vender, e entregar outro negro, que os caçou, por ſer mais valente: e ſuccede muitas vezes fugir hum negro da corrente aos Portuguezes, ir-ſe aos mattos, e apanhar o meſmo, que o vendeo, e levallo a outros mercadores, que lho compraõ a titulo de eſcravo ſeu por naſcimento. Outros os tem em carceres, como em açougues, para

os

os irem comendo: e eſtes, para ſe livrarem da morte injuſta, rogaõ aos Portuguezes, quando lá chegaõ, que os comprem, e que querem ſer ſeus eſcravos, antes que ſerem comidos. E ainda que eſta compra parece menos eſcrupuloſa, por ſer voluntaria no padecente, que he ſenhor de ſua liberdade, com tudo tem ſua raiz na violencia, que faz o voluntario extorto. Portuguezes houve, que para caçarem eſcravos com melhor conciencia, ſe veſtiraõ em habitos de Padres da Companhia, dos quaes naõ fogem os negros pela experiencia, que tem de ſua muita caridade, e enganando-os aſſim com capa de doutrina, e pretexto de Religiaõ os trazem, e metem na rede do cativeiro. E em concluſaõ todo o trato, e compra de negros he materia eſcrupuloſa por mil enganos, de que uſaõ, aſſim os que lá os vendem, como os que os compraõ.

Que direy dos Chins, e Japoens! Ha ley entre nós, que naõ os cativemos; e com tudo vemos em Portugal muitos Chins, e Japoens eſcravos. Tambem para os Braſis ha a meſma ley, e ſabemos, que naõ ſe repara em os cativar. E naõ ſey que diga a eſtes cativeiros tolerados ſem exame? Direy, o que ouvi prégar muitas vezes a Varoens doutos, e de grande virtude, e experiencia,

que a razaõ, porque Portugal eſteve cativo ſeſſenta annos em poder de Caſtella injuſtamente, padecendo extorſoens, e tyrannias, peores, que as que ſe uſaõ com eſcravos, foy, porque injuſtamente Portuguezes cativaõ Naçoens innocentes. Juſto juizo de Deos, que ſejaõ ſaqueados com unhas mentiroſas, os que com as meſmas roubaõ tanto.

****

CAPITULO XLVII.

Dos que furtaõ com unhas verdadeiras.

SE ellas ſaõ unhas, verdadeiras unhas devem ſer; e aſſim naõ haverá unha, que naõ ſeja unha verdadeira, e todas pertenceráõ a eſte capitulo. Nego-vos eſſa conſequencia: porque huma couza he ſer verdadeira unha, e outra couza he ſer unha verdadeira. Verdadeira unha he qualquer unha; mas unha verdadeira he ſó, a que trata verdade; e deſtas ſó trata eſte capitulo: e parece muito, q̃ haja unhas, que fallando verdade furtem; porque onde ha furto, ha engano, que a verdade naõ permitte: mas eſſa he a fineza deſta arte, que até fallando verdade vos engana, e eſtáfa. Vem hum pertendente á Corte com dous, ou tres negocios de ſum-

ſumma importancia; porque quer lhe dêm huma comenda por ſerviços de ſeus avós; e pelos de ſeu pay quer lhe dêm huma tença groſſa para ſua mãy, que eſtá viuva; e quer por contrapezo ſobre tudo iſſo, que lhe dê Sua Mageſtade para duas irmans dous lugares em hum Moſteiro. Toma eſte tal o pulſo ás vias, por onde ha de requerer; informa-ſe das valias dos Miniſtros, corre-os todos com memoriaes. Hum lhe diz, que traz ſua mercê requerimentos para tres annos: e falla verdade; mas que forrará tempo, ſe ſouber contentar os Miniſtros: e falla verdade. Outro lhe diz, que ſe naõ vem armado de paciencia, e provîdo de dinheiro para gaſtar, que ſe póde tornar por onde veyo; porque nada ha de effeituar: e falla verdade; mas que elle ſabe hum canno occulto, por onde ſe alcançaõ as couzas: e falla verdade: e ſe v.m. me peitar, logo lhe abrirey caminho, por onde navegue vento em popa: e falla verdade. Outro lhe diz: Senhor, iſto de memoriaes he tempo perdido, porque ninguem os vê: e falla verdade: trate v. m. de couzas, que leve o gato, e melhor que tudo de gatos, que levem moeda, e fará negocio; porque os ſinos de Santo Antaõ por dar daõ, e aſſim o diz o Evangelho: *Date, & dabitur vobis*: e falla verdade. A mulher de fulano pó-

de muito com ſeu marido, e eſte com tal Miniſtro, e eſte com tal Prelado, e eſte com fulano, e fulano com ſicrano, que tem grandes entradas, e ſahidas: e aſſim tece huma cadêa, que nem com vinte de ouro poderá contentar a tantos o pobre requerente. E paſſa aſſim na verdade, que bate todas eſſas moutas, de caſa em caſa, ſem lhe baſtar, quanto dinheiro ſe bate na caſa da Moeda. Contarey hum caſo, que me veyo ás mãos ha poucos dias, e apoya tudo iſto bellamente. Veyo hum pertendente da Beira requerer hum officio, ſe naõ era beneficio; trouxe duzentos mil reis, que julgou lhe baſtavaõ para ſeus gaſtos: diſpendeo-os em peitas: errou as poldras a todos como biſonho, e achou-ſe em branco, e ſem branca na bolça; mas rico de noticias para armar melhor os páos em outra occaſiaõ. Para achar eſta com bom ſucceſſo, tornou á patria, fallou com duas irmãas, que tinha, deſta maneira: Irmãas, e ſenhoras minhas, haveis de ſaber, que venho da Corte taõ cortado, que lá me fica tudo, e ſó eſperanças trago de alcançar alguma couza: ſe vós quizerdes, que vendamos o meu patrimonio, e as voſſas legitimas, e que façamos de tudo até mil cruzados, tenho por certo haõ de obrar mais que os duzentos mil reis, que ſe me foraõ por entre os dedos.

dos. Aqui naõ ha ſenaõ fechar os olhos, e lançar o reſto, e morrer com capúz, ou jantar com charamelas. Vieraõ as irmãas em tudo: deu comſigo em Lisboa com os mil cruzados á déſtra, e lançou-os em hum canno de agua clara, que lhe tirou a limpo ſua pertençaõ com eſte preſuppoſto: Se v. m. me alcançar hum officio, ou beneficio, que renda duzentos mil reis, darlhe-hey trezentos para humas meyas, ſem que haja outra couza de permeyo. Ajuſtaraõ ſuas promeſſas de parte á parte com as cautélas coſtumadas de aſſinados de dividas, e empreſtimos: tudo foy huma pura verdade: e todos ficaraõ ricos empregando unhas verdadeiras; hum nas datas delRey, e o outro nas do pertendente, que foy brindar o jantar de ſuas irmãas com charamelas.

Nos Advogados, e Julgadores ha tambem excellentes unhas, e todas verdadeiras; porque naõ ſe póde preſumir, que minta gente douta, e que profeſſa juſtiça, e razaõ. O que me admira he, que tomem dous Advogados huma demanda entre mãos, e entre dentes; hum para a defender, e outro para a impugnar; eſte pelo Autor, e aquelle pelo Réo, e que ambos affirmem a ambas as partes, que tem juſtiça. Como póde ſer, ſe ſe contratariaõ, e hum diz que ſim, e outro que

naõ?

naõ? Neceſſariamente hum delles ha de mentir; porque a verdade conſiſte em indiviſivel, como diz o Filoſofo. Com tudo iſſo ambos fallaõ verde; porque cada hum diz á ſua parte, que tem juſtiça; iſto he, que terá ſentença por ſi, ſe quizerem os Julgadores: e falla verdade. Dada a ſentença contra a parte mais fraca, como ordinariamente acontece, queixa-ſe, que lhe roubaraõ a juſtiça: melhor diſſera, que lhe roubaraõ as peitas, pois de nada lhe ſerviraõ. Reſpondem os Juizes, que deraõ a ſentença, aſſim como a julgaraõ: e fallaõ verdade. Diz o Advogado da parte vencida, que naõ andou diligente de pés, nem de mãos o requerente: e falla verdade. E todos fallando verdade ſe encheraõ de alviçaras, donativos, e eſportulas: e eſtas ſaõ as unhas verdadeiras.

Outras ha mais verdadeiras, que todas, e ſaõ as dos que agenceaõ, e defendem cauſas Reaes. Deve ElRey quinze mil cruzados a huma parte por huma via, e deve por outra a meſma parte cinco mil a Sua Mageſtade; citaõ-ſe, e demandaõ-ſe por ſeus procuradores em Juizo competente: e ſaye logo ſentença, que pague a parte os cinco mil cruzados a Sua Mageſtade. Replica, que ſe paguem os cinco mil dos quinze, que lhe

deve

deve a Coroa, e que lhe dêm os dez, que reſtaõ, ou pelo menos ametade. Tornaõ a ſentencear, que pague os cinco, como eſtá mandado, e que demande de novo a Coroa pelos quinze, que diz lhe deve; e ſenaõ, que o executem até lhe venderem a camiza, ſe naõ tiver por onde pague; e que ElRey ha miſter o que ſe lhe deve: e aſſim he na verdade. E tambem he verdade, que quebra a corda pelo mais fraco. E ſegue-ſe deſte lanço, e de outros ſemelhantes, que naõ conto, abrirem-ſe huma, e mil portas francas, por onde entraõ unhas verdadeiras na fazenda Real recompenſando-ſe, para remirem ſua vexaçaõ. E quando naõ encontraõ cabedal da Coroa, em que ſe empreguem, deſcarregaõ-ſe no foro da conciencia com outros acrédores, a quem devem; e dizem-ſe huns aos outros: Senhor, vós deveis a ElRey quinze mil cruzados, de que elle naõ ſabe parte, e poriſſo nunca vos ha de demandar por elles: ElRey deve-me a mim outros quinze, como muito bem ſabeis: eu devo-vos a vós outros tantos: tomay-me por paga, os que me deve Sua Mageſtade, e aſſim ficareis deſobrigado a lhe reſtituir, o que lhe deveis, e todos ficaremos em paz. E aſſim paſſa na verdade, de que ſuccede iſto cada dia com grandiſſimo detrimento da fazenda Real, onde ſeus Miniſtros

negan-

negando ſahidas para pagar, abrem entradas a eſtas unhas para a deſtruir.

****

CAPITULO XLVIII.

Dos que furtaõ com unhas vagaroſas.

A Maxima deſta arte he, que todo ladraõ ſeja diligente, e apreſſado, para que o naõ apanhem com o furto na maõ. Com tudo iſſo ha unhas, que em ſerem vagaroſas tem a maxima de ſeu proveito: ſaõ como o fogo lento, que poriſſo menos ſe ſente, e melhor ſe atêa. Qual he a razaõ, porque arribaõ náos da India tantas vezes? Porque partem tarde. E qual he a razaõ, porque partem tarde? Porque as aviaõ de vagar? Porque em quanto ſe apreſtaõ, tem unhas vagaroſas, em que empolgar. Mas deixando o mar, onde poſſo temer alguma tempeſtade, ſaltemos em terra, e ſeja á véla, e com vigia; porque tambem acharemos pégos ſem fundo neſta materia, em que podemos temer alguma tormenta, porque naõ ſaõ bons de vadear. Deos me guie, e me defenda.

Que

Que couzas saõ as demoras de hum Miniſtro, que naõ deſpacha? Saõ deſpertadores continuos, de que lhe deis alguma couza, e logo vos deſpachará. E porque o tal he peſſoa grave, e que ſe pêja de aceitar á eſcancara donativos, remette-vos ao ſeu official, quando apertais muito com elle; e o official traz-vos arraſtado hum mez, e dous mezes, e ás vezes ſeis com eſcuſa ordinaria, que naõ acha os papeis, porque saõ muitos os de ſeu amo, e que os tem corrido mil vezes com diligencia extraordinaria, que os encomendeis a Santo Antonio: e a verdade he, que os tem na algibeira, e de reſerva, eſperando, que acabeis já de lhe dar alguma couza. Allumiou-vos Santo Antonio com a candeînha, que lhe offereceſtes: dais hum diamante de vinte e quatro quilates ao ſobredito, e dá-vos logo os papeis peſpontados de vinte e quatro alfinetes, como vòs quereis: e o menos, que vos roubou com ſeus vagares, foy o diamante; porque ſendo obrigado a deſpachar-vos no primeiro dia, vos deteve tantos mezes com gaſtos exceſſivos fóra de voſſa caſa, onde tambem perdeſtes muito com taõ dilatada auſencia. Em Italia ha coſtume, e ley, que ſuſtente a Juſtiça os prezos, em quanto eſtiverem na cadêa: e he bom remedio, para que lhes apreſſem as cauſas. Em Portugal

tugal ainda a juſtiça naõ abrio os olhos niſto : prendem milhares de homens por dá cá aquella palha ; ſe acertaõ de ſer miſeraveis , como ordinariamente ſaõ quaſi todos , na prizaõ perecem ſem cama , e ſem mantimento , porque a Miſericordia naõ abrange a tantas obrigaçoens da juſtiça , que as pódem temperar todas ſó com lhe apreſſar as cauſas. Se houvera ley , que pagaſſem os Miniſtros as demoras culpaveis , póde ſer , que elles , e os ſeus officiaes andaſſem mais diligentes.

Miniſtros ha incorruptos , e que fazem ſua obrigaçaõ neſta parte , e até neſtes fazem ſeu officio unhas vagaroſas. Explico eſte ponto com hum caſo notavel. Importava a huma parte , que ſe detiveſſe o ſeu feito hum anno nas mãos de Rodamanto , em cuja caſa nunca nenhum feito dormio duas noites : armou-lhe por conſelho de hum Rabula eſperto com outro feito , que comprou na Confeitaria muito grande , pezava mais de huma arroba , e altou ſobre elle o ſeu , que era pequeno , e deu com elles , como ſe fora hum ſó , em caſa do Julgador ; o qual em vendo a maquina eſmoreceo , e mandou-a pôr de reſerva para as ferias , com hum letreiro em cima , que aſſim o declarava. A outra parte requeria fortemente , que naõ tinha o feito que ver , e que em hum quarto de hora o

podia

podia despachar: agastava-se o Dezembargador com tanta importunação, e ameaçava o requerente, que o mandaria meter no Limoeiro, se mais lhe fallava no feito, que era de qualidade, que havia mister mais de hum mez de estudo, e que porisso o tinha guardado para as ferias: chegarão estas dahi a hum anno, vio o feito, descobrio-se a maranha do parto supposto, e alcançou o grande mal, que tinha feito á parte com as detenças, que pudéra evitar, se desatara o envoltorio. O que neste passo estranho mais que tudo, he sofrerem-se neste Reyno Letrados procuradores, os quaes se gabão, que farão dilatar huma demanda vinte annos, se lhe pagarem. O premio, que tais letras merecião, era o de duas letras: L. e F. impressas nas costas, e não lhe esperarem mais, para o que ellas significão.

De Campo Mayor veyo hum Fidalgo requerer serviços a esta Corte: aconselhou-se com hum Religioso letrado sobre o modo, que havia de seguir, e cõmunicou-lhe tudo: Perguntou-lhe o servo de Deos, que cabedal trazia para os gastos? Respondeo, que hum cavallo, e dous homens de serviço, e oitenta mil reis, que fez de hum olival que vendeo. Traz v. m. provimento para oitenta dias quando muito, lhe disse o Religioso,

visto

viſto trazer tantas bocas comſigo: e ſó para entabolar ſuas pertenções ha miſter mais de trezentos dias: e ſe o naõ ſabe, dirlho-hey: Ha v. m. de fazer huma petiçaõ, que ha de gaſtar mais de oito dias, aconſelhando-ſe com Letrados: ſegue-ſe logo eſperar dia de audiencia geral, e ter entrada, e niſto ha de gaſtar outros oito, ſe naõ forem quinze. Sua Mageſtade no meſmo dia, em que lhe daõ as petiçoens, logo lhes manda dar expediente; mas naõ ſayem na liſta ſenaõ dalli a ſeis, ou ſete dias, que v. m. ha de gaſtar eſpreitando na ſala dos Tudeſcos, para ver aonde o remettem. Acha que ao Conſelho da Fazenda. Corre logo os Secretarios, e ſeus officiaes, e gaſta dez, ou doze dias, perguntando-lhes pelos ſeus papeis; até que apparecem, onde menos o cuidava. Buſca valias para os Conſelheiros, e gaſta outros tantos em alcançar as entradas com elles: e no cabo daõ-lhe por deſpacho, que requeira no Conſelho de Guerra, e he o meſmo, que gaſtar outra quarentena, até haver o primeiro deſpacho, que he: *Juſtifique*: e em juſtificar ſuas certidoens gaſta muitos dias, e naõ poucos reales. Torna o juſtificado, e tornaõ a rebatello com *Viſta ao Procurador da Coroa*, ou da Fazenda, que ordinariamente reſponde contra os pertendentes, porque eſſe he

o ſeu

o ſeu officio: e com eſte deſpacho máo, ou bom, tornaõ os papeis á Meſa dahi a muitos dias: e gaſtaõ-ſe logo mais que muitos na fabrica da Conſulta, porque ſe paſſaõ ás vezes ſemanas, ſem haver Conſelho de Guerra. Feita a Conſulta, *a Dios que te la depare buena*, ſóbe a Sua Mageſtade, ou para melhor dizer a outros Secretarios, os quaes a detêm lá quanto tempo querem, e o ordinario he dous, e tres mezes; e ſe paſſa de ſeis, he neceſſario reformar outra vez tudo; e he o meſmo, que tornar a começar do principio: e iſto ſuccede ſem culpa muitas vezes; porque eſtaõ lá outros papeis diante, que por hirem primeiro, tem direito para o tempo, e por ſerem muitos, o gaſtaõ todo. Deceo por fim de contas a Conſulta deſpachada, com parte do que v. m. pedia, ou com tudo: he viſta no Conſelho de Guerra com os vagares coſtumados, e dahi a tempos remettem a execuçaõ della á Meſa da fazenda, onde ſe movem novas duvidas; e a bem livrar, quando o Alvará ſaye feito dahi a hum mez, para hir a aſſinar por Sua Mageſtade, negoceou v. m. muito bem. Torna aſſinado dahi a dous mezes, lança-ſe nos Regiſtos, e delles vay correr as ſete eſtaçoens de Chancellarias, Mercês, direitos novos, e velhos, ou meyas natas, &c. E tenho dito a v. m. o que

paſſa, ou ha de paſſar, e ainda lhe naõ diſſe tudo: mas ſe o quizer ſaber mais de raiz, falle com peſſoas, que ha neſta Corte de tres, de cinco, e de oito annos de requerimentos, e ellas lhe diraõ o como iſto pica. A repoſta, que o Fidalgo deu ao Religioſo, foy, que ſe ficaſſe embora, que ſe tornava para Campo Mayor.

Alguns requerentes ha taõ pouco conſiderados, que attribuem eſtes vagares á peſſoa do Rey, como ſe os Reys tiveraõ corpo reproduzido, e de bronze, que pudeſſe aſſiſtir a todos os negocios, em todas as partes, e a todas as horas. Os mais penitentes Religioſos tem ſeu dia de ſuéto cada ſemana, e ſuas horas de deſcanſo entre dia, para que ſe naõ rompa o arco, ſe eſtiver ſempre entezado com a corda do rigor: e delRey noſſo Senhor ſabemos, que naõ dorme entre dia, nem joga, nem gaſta o tempo em couzas ſuperfluas; e ſe algum entretenimento tem, he muito licito, e ſó lhe dá as horas, que furta do deſcanço, que lhe era devido; e o mais todo o gaſta no expediente das guerras, e em compôr as tormentas de negocios innumeraveis, ſem admittir regalos, nem oſtentaçoens de feſtas, que o divirtaõ. Cada hum quer, que ſe lhe aſſiſta ao ſeu negocio, como ſe outro naõ houvera; e daqui naſcem as queixas,

que

que poriſſo ſaõ muito deſarrazoadas. Da Villa de Goes veyo a eſta Corte certo homem de bem com huma appellaçaõ em caſo crime; e no primeiro dia, em que lhe deu principio, paſſando pelo terreiro do Paço, vio huma mó de homens; chegou-ſe a elles, e perguntou-lhes, ſe eſtavaõ fallando ſobre o ſeu pleito? Reſponderaõ-lhes, que o naõ conheciaõ, nem ſabiaõ que pleito era o ſeu. Pois em Goes [acodio elle] naõ ſe falla em outra couza. Aſſim paſſa, que cada hum cuida que ſó nelle, e no ſeu negocio ſe deve fallar. Senhores requerentes, levem daqui averiguado eſte ponto, para ſaberem, de quem ſe haõ de queixar: que os negocios ſaõ muitos, e que na maõ de Sua Mageſtade naõ fazem detença: vejaõ lá, onde encalha a carreta, e untem-lhe as rodas, ſe querem que ande; e com iſſo ſeráõ apreſſadas unhas vagaroſas, e ainda com iſſo duvido ſe ſeraõ diligentes; porque póde acontecer, o que Deos naõ queira, ou naõ permitta, que haja Secretario, ou Official, ou Conſelheiro, que naõ deſpache cada dia mais que ſete, ou oito papeis, accteſcendo-lhe cada dia quinze, ou vinte de novo. E ſe iſto aſſim for, já naõ me eſpanto dos montes de papeladas, que vejo por eſſas Officinas, nem das queixas, que ouço por eſſas ruas. Trabalhem

os Officiaes, e Miniſtros, que bons ordenados comem, e naõ dêm com o ſeu deſcanço trabalho a tanta gente. De hum me contáraõ, que tendo ſeis centos mil reis de ordenado, quatro centos para ſi, e duzentos para Officiaes, nunca teve mais que hum, a quem dava cincoenta mil reis, e mamava os cento, e cincoenta para ſi, e poriſſo naõ ſe dava expediente a nada.

****

CAPITULO XLIX.

Dos que furtaõ com unhas apreſsadas.

PAra intelligencia deſte capitulo contarey a hiſtoria, que aconteceo a hum Fidalgo Portuguez com certa Dama do Paço na Corte de Madrid. Foy elle, como hiaõ todos, requerer ſeus deſpachos, e levou para elles, e para ſeu luzimento quatro mil cruzados em boa moeda. Gaſtou hum anno requerendo ſem effeituar nada: olhou para a bolça, e achou que tinha gaſtado mais de mil cruzados. Lançou ſuas contas: ſe iſto aſſim vay, lá hirá quanto Martha fiou, e ficarey ſem o que eſpero, e ſem o que tenho. Bom remedio,

buſque-

buſquemos unhas apreſſadas, já que naõ me ajudaõ unhas vagaroſas. Informou-ſe, que Dama havia no Paço mais bem viſta das Mageſtades; e como as de Caſtella ſaõ de poucas ceremonias, facilmente fallou com ella, e diſſe-lhe claramente que tinha tres mil cruzados de ſeu, e que daria dous a ſua Senhoria, ſe lhe fizeſſe deſpachar logo huma cõmenda por grandes ſerviços, que offerecia. *Dé acá ſus papeles Señor mio*, lhe diſſe a Dama, *y buelvaſe a ver conmigo daqui a quatro dias, y traiga los dos mil en oro; porque el oro me alegra, quando eſtoy triſte.* Contou as horas o bom Fidalgo até o termo peremptorio, e voltou pontualmente com os dous mil em dobroens, e achou a Dama com o deſpacho nas mãos, ſem lhe faltar huma cifra; e pondo-lhe nellas o promettido, recebeo o que naõ houvera de alcançar por outra via. E eſtas ſaõ as unhas apreſſadas, de que fallo, e deſtas ha muitas.

Outro Portuguez Soldado da India na meſma Corte gaſtou annos allegando innumeraveis ſerviços, para o deſpacharem com hum pedaço de paõ honrado para a velhice. Vendo que ſe lhe goravaõ ſuas pertençoens pelas vias ordinarias, tratou de ſe ajudar de unhas apreſſadas, que he o ultimo remedio, ou para melhor dizer, o primeiro

ro, em quem trata de remir ſua vexaçaõ; e achou-as com pouco diſpendio do ſeu cabedal, que era já bem limitado, no pincel do melhor pintor de Madrid: mandou-ſe retratar muito ao vivo quaſi morto, com quantas feridas tinha recebido no ſerviço delRey, que paſſavaõ de vinte, todas penetrantes, e em todas ellas as armas offenſivas, com que os inimigos o feriraõ, que por ſerem diverſas, faziaõ com o ſangue hum eſpectaculo horrendo no retrato. Na cabeça tinha huma alabarda, no roſto dous piques, e nos braços quatro frechas, que lhos atraveſſavaõ; ſobre a maõ eſquerda hum alfange, que lha decepava; e de huma parte, e outra dous bacamartes, e hum moſquete vomitando fogo, e mandando balas aos pares, que lhe rompiaõ o peito: huma perna de todo quebrada com huma roqueira, e dez, ou doze punhaes, e eſpadas pelo corpo todo, que o faziaõ hum crivo. Com eſta pintura, e ſeus papeis ſe appreſentou diante delRey Filippe em audiencia publica, e deſenrolando-a lhe diſſe em alta voz: Senhor, eu ſou o que moſtra eſte retrato: neſtes papeis authenticos trago provas de como recebi todas eſtas feridas no ſerviço da Coroa de Portugal na India; e a melhor prova de tudo trago eſcrita em meu corpo, que Voſſa Mageſtade póde mandar

dar ver, e achará, que em tudo fallo verdade. Seja Voſſa Mageſtade ſervido de me mandar deſpachar, como pedem eſtes ſerviços, e merecimentos. Enterneceo-ſe o Rey, paſmaraõ os circunſtantes, e ſahio logo dalli deſpachado o pertendente com huma cõmenda grande, a que poz embargos a inveja, e lha fez cõmutar em outra pequena; porque naõ era Fidalgo, ou porque naõ encheo as unhas apreſſadas, que tudo alcançaõ, ou tudo eſtorvaõ.

Acabo eſte capitulo com hum exemplo da noſſa Corte de Lisboa, que anda nas hiſtorias de Portugal. Na porta da Caſa da Supplicaçaõ eſtá huma argóla, em que hum Rey noſſo mandou enforcar hum Dezembargador, porque aceitou huma bolça de dobroens, que huma velha lhe offereceo para lhe favorecer, e apreſſar certa cauſa de importancia, que lhe movia huma parte rija. Foy o Rey em peſſoa á Relaçaõ para averiguar a peita, que tirou a limpo por excellente modo, e naõ ſe ſahio dalli ſem o deixar colgado. Louvo a reprehenſaõ: naõ approvo o rigor. Antes ſou de opiniaõ, que naõ devem ſer enforcados homens Portuguezes: e porque naõ tenha alguem eſta concluſaõ por inutil, ſeja-me licito provalla aqui com o apoſtrophe ſeguinte.

Em Roma havia ley, que nenhum Romano foſſe açoutado; porque ſe tinhaõ todos por muito nobres; ou porque a infamia acanha os eſpiritos bellicos, que os Romanos queriaõ nos ſeus ſempre vigoroſos. Portuguezes ſaõ a gente mais nobre do mundo por ſeu valor, e por ſeus illuſtres feitos, e heroicas emprezas; e quando mereçaõ morte por delictos, tem Portugal conquiſtas, aonde os póde mandar por toda a vida, que he hum genero de morte mais penoſo, que o de forca; porque eſta acaba-ſe em huma hora, e aquella dura muitos annos com trabalhos peores de ſofrer, que a meſma morte. Coſtumavaõ os noſſos Reys antigos mandar aos condemnados á morte, que lhe foſſem deſcobrir terras: e ſe morriaõ na empreza, empregavaõ bem a vida, e ſe eſcapavaõ, era com proveito da patria. Quando vejo enforcar mancebos valentes por quaſi nada, tenho grande laſtima, porque me parece que fora melhor mandallos á India, ou a Africa. Cuſta muito hum homem a criar, e he muito facil emendar-ſe de hum erro. Se Deos caſtigara logo, quantos o offendem mortalmente, já naõ houvera gente no mundo, e ha Dezembargadores, que daõ ſentenças de morte, por ſuſtentar capricho. E ſe na ſua maõ eſtivera, deſpovoariaõ o Reyno. Vî

hum

hum Padre da Companhia de Jesus propor huns embargos, para livrar hum pobrete da forca: fallava com hum destes Ministros, que era o Relator, na escada da Relaçaõ; e allegava-lhe, que o réo naõ peccára mortalmente no homicidio, por quanto fora *motus primo primus*, e em sua justa defeza; e que tinha sua mercê naquella razaõ, de que pegar para favorecer a Misericordia. Perguntou-lhe o Dezembargador muito sabio, se era Theologo? Respondeo o Padre muito modesto, que sim. Pois he Theologo [disse o Dezembargador já picado] e allega-me que póde hum homem matar outro sem peccar mortalmente! O Padre lhe instou muito sereno: v. m. vay agora matar hum homem, porque vay sentencear este á morte, e cuida que vay fazer hum acto de virtude: e o algoz, que o ha de enforcar, naõ tem necessidade de se confessar disso: hum bebado, hum doudo, e hum colerico mataõ vinte homens, e naõ peccaõ: logo bem digo eu, que póde hum homem matar outro sem peccar. Naõ soube o senhor Doutor responder a isto com toda a sua garnacha, e deu as costas, e levou ávante a sua opiniaõ, sem querer amainar da sua teima. Eisaqui como morrem muitos ao desamparo, entregues ao cutelo destes sabios, porque naõ tem,

quem

quem acuda por elles, nem cabedal, para lhes modificar a pena, que he a ſua eſpada, e ás vezes unha. Nem me digaõ zeloſos, que convêm caſtigar-ſe tudo com rigor, para que haja emenda; porque lhe direy, que o ſeu zelo, quando mais ſe refina, he como o do outro, de quem diſſe o Poeta: *Dat veniam corvis, vexat cenſura columbas*; e ainda mal que tantos exemplos vemos, em que ſe cumpre ao pé da letra, o que diſſe o outro: *Quidquid delirant Grai, plectuntur Achivi.* E vem a ſer o que nós chamamos, Juſtiça de Guimarens. Naõ nego, que ha crimes, que ſe devem caſtigar com morte a fogo, e ferro, quaes ſaõ os de *Læſæ Majeſtatis Divinæ, & humanæ.* E em taes caſos he bem, que moſtrem os Reys com o ultimo ſupplicio o poder, que Deos lhe deu até ſobre os Sacerdotes. E porque a praxe deſta doutrina pareceo em algum tempo eſcandaloſa, no que toca aos Sacerdotes, he bem que a declaremos: e quem a quizer entender bem, lêa o capitulo que ſe ſegue.

****

CAPITULO L.

Moſtra-ſe, qual he a juriſdiçaõ, que os Reys tem ſobre os Sacerdotes.

HE o Sacerdocio izento da juriſdiçaõ dos leigos, por direito Divino, e humano. E com iſto eſtá, que ha muitos caſos, em que os Eccleſiaſticos ficaõ ſugeitos ás Leys Civîs, como os Seculares: e para melhor intelligencia deſta verdade, havemos de preſuppôr, que eſte mundo he como o corpo humano, que naõ ſe póde governar ſem cabeça: e até os brutos, diz S. Jeronymo Epiſt. 4. *Ductores ſequuntur ſuos: in apibus principes ſunt; grues unum ſequuntur ordine literato.* Os Grous ſeguem hum que os guia; as abelhas tem huma que as governa: e todos os animais reconhecem dominio em outros. Os homens levados deſte dictame da natureza, que he ley muito forçoza, para naõ ſerem mais eſtolidos, que os brutos, fizeraõ Reys, e eſcolheraõ Magiſtrados, a quem ſe ſubmeteraõ, para ſerem regîdos. Deos no principio creou o homem livre, e taõ livre, que a nenhum concedeo dominio ſobre outro: e

até

até Adaõ cabeça de todos, por ser o primeiro, só de animaes, aves, e peixes o fez Senhor. Mas a todos juntos em cõmunidades deu poder, para se governarem com as leys da natureza. E nesta conformidade todos juntos, como senhores cada hum de sua liberdade, bem a podiaõ sugeitar a hum só, que escolhessem, para serem melhor governados com o cuidado de hum, sem se cansarem outros. E a este escolhido pela cõmunidade dá Deos o poder, porque o deu á cõmunidade, e transferindo-o esta em hum, de Deos fica sendo. E neste sentido se verificaõ as Escrituras, que dizem, que Deos faz os Reys, e lhes dá o poder. E se alguem cuidar, que só de Deos, e naõ do povo, recebem os Reys o poder, advirta, que esse he o erro, com que se perdeo Inglaterra, e abrio a porta ás heresias, com que se fez Papa o Rey, admittindo, que recebia os poderes immediatamente de Deos, como os Summos Pontifices. Nem val aqui o argumento de Saul escolhido por Deos para Rey; porque o poder, e a acclamaçaõ do povo o recebeo, e Deos naõ fez mais, que escolhello, e apresentar-lho como digno da Coroa. E advirtaõ tambem os póvos, que por fazerem o Rey, e lhe darem o poder, naõ lhes fica livre o revogar-lho, nem limitar-lho; porque a ley da

verda-

verdadeira juſtiça enſina, que os pactos legitimos ſe devem guardar, e que as doaçoens abſolutas valioſas naõ ſe pódem revogar.

Deſta poteſtade livre, e ligitima dos póvos, para fazerem Rey, naſce poderem ſer muitos os Reys, aſſim como as Naçoens o ſaõ; e naõ ſer neceſſario, que ſeja hum ſó para toda a Chriſtandade, ainda que ſeja huma em ſua cabeça eſpiritual. E tambem ſe colhe, que o Papa naõ he Senhor temporal de tudo; porque Chriſto ſó o poder eſpiritual lhe deu, e o temporal ſó os póvos lho podiaõ dar, e conſta que naõ lho deraõ. Poſtas aſſim eſtas duas poteſtades ſecular, e Eccleſiaſtica, derivadas de ſeus principios, como temos dito: para chegarmos ao noſſo ponto, de qual he o poder, que os Reys tem ſobre os Sacerdotes, he neceſſario averiguarmos as poteſtades, que ha no Sacerdocio, para aſſim conhecermos, por onde póde o Rey entrar na juriſdiçaõ Eccleſiaſtica.

Ha no Sacerdocio duas poteſtades, huma, que ſe chama das Ordens, e outra da Juriſdiçaõ. A das Ordens de Chriſto a recebem, e ſó para o culto Divino, e adminiſtraçaõ dos Sacramentos, e eſta claro eſtá, que naõ tem lugar nella os Reys. A da Juriſdiçaõ ſe diſtingue em duas, hu-

ma

ma para o foro interno, e outra para o externo. A do foro interno tambem he notorio, que naõ póde pertencer aos Reys. A externa tem outras duas, huma he eſpiritual, e outra temporal, e ſaõ diſtinctas, como o Ceo, e a terra; porque huma he terrena, e outra celeſtial. A eſpiritual de Chriſto procede, que a cõmunicou ſó aos Sacerdotes, e nunca houve Rey temporal Catholico, que preſumiſſe tal poteſtade. A temporal ha duvida, de donde, e como procede; ſe de Chriſto, ſe dos homens? E ainda ſe divide em duas; huma, que domîna os bens dos Eccleſiaſticos, e outra, que ſe eſtende ás peſſoas dos meſmos. E ſobre eſtas duas he a noſſa queſtaõ, ſe as tem os Reys de alguma maneira ſobre os Sacerdotes, e Eccleſiaſticos.

Que foſſem os Eccleſiaſticos exemptos do foro ſecular por Chriſto immediatamente, he queſtaõ controverſa: que o Direito Canonico, e os Summos Pontifices os eximaõ, he certo: e daqui bem podemos dizer, que Chriſto os exime, porque os Papas os eximem com o poder, que receberaõ de Chriſto. E daqui ſe colhe concluſaõ certiſſima, que naõ poderáõ nunca ſer privados deſte privilegio ſem conſentimento do Summo Pontifice, que o concedeo; aſſim porque legiti-

mamen-

mamente o podia conceder, como tambem, porque os Emperadores, e Principes Catholicos o admittiraõ. E deſta meſma exempçaõ ſe colhe, que pódem ſer ſugeitos aos Reys, e Magiſtrados ſeculares nos caſos, que permittirem os Summos Pontifices, que os eximiraõ: porque a exempçaõ naõ lhes vem das Ordens, como ſe vê nos Clerigos cazados, que naõ gozaõ o privilegio do foro Eccleſiaſtico, porque os Papas lho tiraraõ. E procedendo neſte ſentido, digo, que ha muitas razoens, e occaſioens, que habilitaõ os Reys, para procederem contra os Eccleſiaſticos: as principaes ſaõ, Coſtume, Concordia, Privilegio, Juſta defenſaõ. Coſtume; porque eſte tolerado pelos Papas tem força de ley. E aſſim vemos os Clerigos ſugeitos ás leys Civîs, que olhaõ pelo bem cõmum; como os que taxaõ os preços das couzas, as que irritaõ contratos, as que prohibem armas, &c. Concordia: porque quando conſentem o Eccleſiaſtico, e o ſecular em huma couza, a nenhum ſe faz injuria: e eſta deve ſer a razaõ, porque em França ſaõ julgados os Eccleſiaſticos, aſſim como os leigos, no juizo ſecular em cauſas civeis, e crimes; e neſte Reyno pódem ſer Autores, ainda que naõ poſſaõ Réos. Privilegio: porque ſe o Papa o conceder nos caſos,

que

que póde, he valioſo; como ſe vê nos feudos, cujas cauſas ſe demandaõ ſempre no Juizo ſecular, e nos bens da Coroa, quando ſe daõ a Clerigo com tal obrigaçaõ; moeda falſa, e crime *Læſæ Majeſtatis* tem em alguns Reynos o meſmo privilegio. Juſta defenſaõ: porque *Vi vim repellere licet.* E para defender hum Rey ſua peſſoa, e a ſeus vaſſallos innocentes, póde proceder contra a violencia dos Eccleſiaſticos. E eſta he a razaõ, porque vimos neſte Reyno muitos Eccleſiaſticos, aſſim Clerigos, como Religioſos, e tambem Biſpos prezos, e confiſcados, por conſpirarem contra a peſſoa Real, e bem cõmum de todo o Reyno: e no tal caſo, por todos os principios de neceſſidade, coſtume, concordata, privilegio, e juſta defenſaõ, foy tudo licito, e bem obrado, ainda que de outro principio naõ conſtaſſe, mais que do da juſta defenſaõ: e aſſás moderado, e modéſto andou ElRey noſſo Senhor em naõ fazer mais, que retellos prezos, para aſſim reprimir ſua audacia, e força.

Tudo, o que tenho dito neſte capitulo, he a doutrina mais verdadeira, que ha neſtas materias: e ſe algum admittir outra contraria a eſta, arriſcarſe-ha a cahir nos precipicios, em que ſe deſpenháraõ muitos Hereges. E baſte iſto para

deſenganarmos a piedade ſuperſticioſa de alguns eſcrupuloſos pouco ſabios, que tomando as couzas á carga ſerrada, appellidaõ em ſuas conciencias zelos fantaſticos, com que ſe inquietaõ ſem fundamento; e vamos por diante com as unhas, de que nos divertimos.

****

CAPITULO LI.

Dos que furtaõ com unhas inſenſiveis.

DO aſpide eſcrevem os Naturaes, que morde, e mata com tanta ſuavidade, que naõ ſe ſente: e poriſſo Cleopatra eſcolheo eſta morte enfadada da vida pelo repudio de Marco Antonio. Taes ſaõ as unhas inſenſiveis: tiraõ a vida aos Reynos mais robuſtos, e eſgotaõ a alma aos theſouros mais opulentos, com tanta ſuavidade, que naõ ſe ſente o damno, ſenaõ quando eſtá tudo morto. Eſtas ſaõ as unhas dos Eſtadiſtas, Alvitriſtas, aſpides do Inferno, que perſuadem aos Reys com razoens ſuaves, e ſofiſticas, que lancem fintas, que ponhaõ tributos, que peçaõ donativos aos póvos ſem mais neceſſidade, que a

de ſua cobiça. Digo que ſaõ ſuaves as razoens que daõ, porque naõ ha couza mais ſuave, que recolher dinheiro; e digo que ſaõ ſofiſticas, porque as veſtem de apparencias do zelo do bem cómum, e na realidade ſaõ cutelos, que degolaõ as Republicas. Declaro iſto com hum diſcurſo, ou conſequencia, que vî fazer ao diabo: caſo he, que me paſſou pela maõ haverá vinte annos: Navegámos de Lisboa para a Ilha da Madeira, quando de repente entrou o demonio no corpo de hum marinheiro natural de Setuval, grande palreiro: dez, ou doze homens muito valentes naõ baſtavaõ ao ter maõ, até que acodio hum Sacerdote Religioſo, que com os Exorciſmos o ſubjugou. Muitas perguntas lhe fizeraõ? A todas deu repoſtas taõ ladino, que bem moſtravaõ ſahirem de entendimento mayor que á ruſticidade de hum marinheiro. E que foſſe eſpirito máo, moſtrou-o bem nas faltas occultas, que deſcobrio a hum ſoldado meyo Caſtelhano, que com demaſiada fanfarrice o atruou chamando-lhe perro, apoſtata, e outros nomes affrontoſos, que até o diabo os naõ ſofre; e poriſſo lhe revidou, pondo-lhe em publico couzas naõ menos affrontoſas, que elle tinha obrado em ſecreto, de q̃ corrido, por naõ ouvir mais, ſe retirou. Hum dos circunſtantes [devia de ſer Sebaſtianiſta] dezejoſo de

ſaber

ſaber ſe era vivo ElRey D.Sebaſtiaõ, tudo era apertar com o Padre Exorciſta, que lho perguntaſſe. Mas o Padre lhe reſpondeo humilde, que ſeu officio era apertar ſeriamente com o eſpirito maligno, que deixaſſe aquelle homem, e naõ fazer perguntas eſcuzadas. O diabo, que nada lhe cahe no chaõ, acodio a tudo, e póde ſer o faria por divertir os Exorciſmos: e diſſe eſtas palavras formaes: Se vós tendes Rey, para que quereis outro Rey? Sabeis, qual he o verdadeiro Rey? He o dinheiro, porque ao dinheiro obedece tudo: porque quem o dá he ſenhor, e quem o toma he ladraõ. O Rey, que faz mercês, corrobora ſeus vaſſallos; o que lhes toma o dinheiro, debilita ſeus Eſtados, e abre caminho para perder tudo. Sabeis como he iſto? He como as fintas, com que agora andaõ, para defender o Reyno; e erraõ o meyo da melhor defenſaõ, que ſeria eſpalhar dinheiro pelos pobres, para terem todos que defender, e vigor, com que ſervir. Mais arengas infiou a eſta: tudo deixo, porque o dito baſta para o intento.

Bem ſey que o diabo he pay da mentira: e tambem ſey que o obriga Deos muitas vezes a fallar verdades, para advertir homens, que naõ merecem melhores menſageiros, como ſe vio na Pitonſia de Saul, e na que jurou S. Paulo; e a expe-

riencia nos tem moſtrado a certeza, com que fallou eſte eſpirito; pois vimos que os tributos, e fintas de Caſtella, de que até o diabo ſe queixava entaõ, vieraõ a ſer a unica cauſa de ſua total ruina. Suave, e inſenſivelmente foy desfrutando tudo o pingue de ſeus Reynos; e poriſſo os acha agora taõ debilitados, que naõ ſe pódem ſuſtentar a ſi, nem reſiſtir a ſeus contrarios. Se tivera de reſerva os vinte, ou trinta milhoens, que gaſtou nas ſuperfluidades do Galinheiro; ou ſe os deixara eſtar nas mãos de ſeus vaſſallos, outro galo lhe cantara, e naõ os achara todos galinhas, quando lhe ſervia ſerem Leoens; titulo, e nomeada, de que ſe prézaõ.

Conforme a iſto, naõ foy pequeno indice de perpetuidade a reſoluçaõ generoſa, com que ElRey D. Joaõ o IV. noſſo Senhor, que Deos guarde, e proſpere, mandou levantar todos os tributos, que Caſtella nos tinha poſto, tanto que tomou poſſe pacifica deſtes ſeus Reynos de Portugal. Nem ſe condemnaõ com iſto as décimas, que poz para a defenſaõ de ſua Monarquia; porque he tributo, que Deos approva, e a Ley Divina pede a todos os fieis, para a conſervaçaõ, e augmento da Igreja Catholica: tais ſaõ os dizimos de todos os frutos temporaes. O que ſe eſtranha,

e deve

e deve reprehender, e caſtigar em exacçaõ taõ juſta, he o rigor, e deſaforo, com que alguns Miniſtros vexaõ as partes, executando-as por pouco mais de nada, até nos giboens, que trazem veſtidos as pobres mulheres, e até nas enxadas, com que ganhaõ ſeu ſuſtento os pobres maridos, e até na pobre manta, com que ſe cobrem, porque naõ achaõ outra couza. E deſtas violencias fazem ſerviço, para ſerem deſpachados com mayores officios devendo ſer caſtigados ſeveramente; porque no meſmo tempo diſſimularaõ com décimas de ricos, e poderoſos, tais, que a unica de qualquer delles faria quantia mayor, que a de todos os pobres, que eſfolaraõ: e porque ſe naõ dá fé diſto, chamo tambem a iſto unhas inſenſiveis: aſſim porque o naõ adverte, quem o devera emendar, como porque o naõ ſente, quem ſe deixa ficar com a contribuiçaõ, que por abranger a todos, o naõ deſobriga na conciencia; porque logra o bem, que da contribuiçaõ dos outros reſulta, ſem ſentir o gravame.

Outro exemplo ha melhor que todos de unhas inſenſiveis nas armadas, que ſe apréſtaõ, e ſayem por eſſa barra fóra: todo o tempo que ſe detêm no rio, que ordinariamente he muito, e he hum perpetuo canno, por onde deſagua, e

deſova todo o provimento á formiga por tantas mãos dobradas, quantos ſaõ os ſoldados, officiaes, e paſſageiros, que continuamente eſtaõ a mandar para terra pelos filhos, parentes, e amigos; que os viſitaõ todos os dias os lenços, e ſacos de biſcouto, que ao pé do Paço delRey ſe eſtá vendendo; as chacinas, e fraſcos de vinho, azeite, vinagre, meadas de murraõ, cartuxos de polvora. E ſe algum nota algum lanço deſtes, reſpondem rindo: Rica he a ordem: iſto naõ he nada. He verdade, que nada he hum lenço de biſcouto, e quaſi nada hum ſaco delle, mas tantos mil vem a ſer muito. Bom fora porem-ſe guardas, quando ſayem, aſſim como ſe poem, quando vem, aos navios de carga; pois mais vay a Sua Mageſtade em aſſegurar ſua fazenda, que a alhea, e naõ ſejaõ como hum, que vendeo por ſeis mil reis huma amarra delRey, que tinha cuſtado ſetenta mil; que aſſim guardaõ elles, o que lhes mandaõ vigiar.

****

CAPITULO LII.

Dos que furtaõ com unhas, que naõ se sentem ao perto, e arranhaõ muito ao longe.

QUem bem considerar a monstruosa fabrica do Galinheiro de Madrid, que no capitulo antecedente picámos, ao qual depois chamaraõ Bom retiro, para lhe emendarem o primeiro nome, que merecia; achará nelle hum espelho claro deste capitulo; porque he certo se gastaraõ nelle mais de vinte milhoens, que com pedidos, fintas, e tributos, foraõ roubando aos poucos, que entaõ o naõ sentiaõ, porque lhes hiaõ dando os xaques aos poucos, e á formiga: até que veyo o tempo a dar volta, convertendo-lhe a bella paz em feróz guerra, para a qual acharaõ menos os milhoens, que tinha devorado o Galinheiro como milho: e se os tiveraõ de reserva, naõ lhes cantaraõ tantos galos contrarios no poleiro. He couza muito ordinaria naõ se sentirem damnos ordinarios, que parecem leves, senaõ quando de pancada chega depois delles a

ruina, como na caſa, que ſe vay calando pouco, e pouco com a goteira.

Na Villa de Montemór o Novo conheci hum Juiz de fóra bom letrado, que deu em hum modo de furtar, qual eſtou certo naõ achou em Bartholo, nem Acurſio. De toda a carne, que ſe comia em ſua caſa, apartava os óſſos; e os tornava ao açougue, mandando de potencia abſoluta, como Juiz que era, que lhe déſſem outra tanta carne por elles, allegando, que naõ comprava óſſos, nem era caõ para os comer. O marchante os foy ajuntando, e no cabo do triennio tinha huma meda delles, que pezava muitas arrobas: deu-lhe com elles na reſidencia allegando a perda, que lhe dera na ſua fazenda, ainda que a naõ ſentira ao perto, por ſer aos poucos, que vinha a ſer muito conſideravel ao longe, tomando-a por junto. Achou-lhe o Sindicante razaõ, e fez-lhe juſtiça, mandando que o Juiz pagaſſe logo o preço de outra tanta carne, como pezavaõ os óſſos: e deu-lhe hum boléo na bolça muito baſtante, e outro no credito que perdeo, em fórma que nunca mais entrou no ſerviço delRey, até que morreo em Evora viuvo. Ambos Juiz, e marchante, ſe arranharaõ no fim das contas aſperamente, ainda que o naõ ſentiraõ no principio: mas foy

com

com differença, que o marchante achou cura para as ſuas arranhaduras, e o Juiz naõ achou remedio, e peorou do mal até morrer.

Nas armadas, e frotas deſta Coroa ſuccedem caſos notaveis de grandiſſimas perdas, por furtarem, ou pouparem ninherias. Parece que naõ vay nada em prover de vaſilhas, para os ſoldados tomarem ſuas raçoens de agua, e mantimentos; e ſegue-ſe dahi, que por naõ terem, em que guardem a agua, quando ſe reparte, haõ de bebella, ou vertella a deshoras: comem depois o toucinho ſalgado, e mal aſſado em eſpeto, que fazem dos arcos das pipas, e ficaõ eſtalando á ſede. No biſcouto ha tambem mil erros, por falta de induſtria, ou ſobeja malicia: a cama he a que achaõ pelas taboas, ou calabres do navio: e como a vida humana depende de todos eſtes abrigos, e elles ſaõ tais, adoecem todos, e morrem aos centos, e ſente-ſe no fim da jornada o mal grande, que ſe urdio no principio com faltas leves, e faceis de remediar na primeira fonte. Sepulta, e ſorve o mar, o que com huma bochecha de agua ſe pudéra ſalvar.

Nos exercitos, e campanhas ſe experimenta o meſmo, que por falta de corda, ou de bala, ou de polvora, ſe perdem vitorias; e por naõ

mete-

meterem mais cevada nas garupas, ou mais mantimento na bagagem, ſe recolhem ſem concluirem a empreza, que era de mais ganho, e proveito, que o que ſe poupa na reſerva. Lá chorou o outro, que por poupar hum cravo de huma ferradura, perdeo huma glorioſa vitoria, e foy aſſim; que por falta do cravo cahio a ferradura, e por falta deſta mancou o cavallo, e faltou o Capitaõ, que hia nelle, em ſeu officio, e faltou logo o governo, e perdeo-ſe tudo. Em huma viagem, que fiz por eſſes mares, foy tal a injuria no provimento, que por naõ comprarem pipas novas fizeraõ aguada em humas, que tinhaõ ſervido de chacinas, e ſalmouras: e a graça he que allegaõ ſer melhor a agua de pipas velhas: e era tal a deſtas, que fora melhor beber a do mar. Seguio-ſe deſta bolada taõ judicioſa, que eſteve toda a gente do navio arriſcada a morrer de ſede, ſe Deos nos naõ levara em breves dias a parte, onde tivemos agua, e refreſcos, com que emendámos erros de unhas, que naõ ſe ſentindo ao perto, arranhaõ muito ao longe.

Tomára aqui todos os Reys, e Principes do mundo, para lhes dar eſte avizo de ſumma importancia, que façaõ muito caſo do que parece pouco, quando he repetido; porque de muitos graõs ſe faz hum grande monte. Parece que naõ

he

he nada hum deſabrimento hoje, e outro á manhãa: parece ninheria negar huma mercê a eſte, que a pede por ſerviços, e huma eſmola áquelle, que a pede por neceſſidade: e vem-ſe a conglobar de muitas repulſas hum motim de deſconſolados, que ſe achaõ menos na occaſiaõ de preſtimo: e o peor de tudo he, que eſtes corrompem outros, e os damnaõ com ſuas queixas, e vay muito em correr linguagem de bom Principe temos: ou dizer-ſe, mas que ſeja por entre os dentes, que falta á ſua obrigaçaõ. A obrigaçaõ do Principe he lutar com eſte gigante, que he o impoſſivel de trazer a todos contentes; e para iſſo ha de ſer Protêo, e Acheloo, que ſe transforme em leaõ, e em cordeiro; que ſe viſta humas vezes das propriedades de fogo, e outras das de agua. Socega-ſe eſte mundo bem com huma politica, a que os prudentes chamaõ ſagacidade, e por eſta toca de vicio, chamara-lhe eu antes advertencia, que tem mais de virtude: advirta nos principios o fim que poderáõ ter; e pouca viſta he neceſſaria para conhecer, que de má ſemente, ainda que ſeja pequena, naõ póde naſcer bom fruto: e que huma pequena faiſca deſpreſada póde cauſar grandes incendios; e aſſim ſuccede, que o que naõ ſe ſente ao perto, damna muito ao longe.

****

CAPITULO LIII.

Dos que furtaõ com unhas viſiveis.

RAra he a unha, ou nenhuma, que naõ procure fazer-ſe inviſivel, para que naõ a apanhem com o furto nas mãos, e a agarrem melhor, do que ella agarrou a preza. Mas ha algumas, que por mais inviſiveis, que ſe façaõ, ſempre ſe manifeſtaõ em ſeus effeitos; tanto, que por mais luvas de ſahidas, e eſcuzas, que lhes calceis, naõ póde o juizo aquietarſe, e eſtá ſempre latindo, e gritando: *Latet anguis in herba.* Aqui ha harpîas. Entrey hoje em caſa de hum homem, que conheci hontem pagem çafado de hum Miniſtro opulento: vejo-lhe colgaduras, e quadros, eſcritorios, e cadeiras, bugios ás janelas, e papagayos em gayolas de marfim, eſpelhos de criſta na ſala, relogios de madre perola, e outras alfayas, que as naõ tem tais o Rey da China: e fico paſmado ſem ſaber, quem me diga a iſto! E digo cá comigo: *Quien cabras no tiene, y cabritos viendo de donde le viene?* Eſte homem naõ foy á India nem achou theſouro; porque ſe o achara, ElRey

havia

havia levar pelo menos a ametade delle. Isto he thesouro encantado: e se quereis, que volo descante, direy o que dizem todos; que este homem he hum grandissimo ladraõ: perdoe-me sua ausencia: e isso está assás provado, e manifesto nestes effeitos: nem ha mister mais devaça.

Em minha casa estou eu trancado, porque quem naõ se tranca no dia de hoje, naõ vive seguro: e estou tirando devaças, que tais as soubera tirar a justiça delRey, que deve de andar dormindo, pois naõ dá fé do que olhos fechados, e trancados vêm. Vejo que anda a cavallo com dous lacayos aquelle Ministro, que naõ tem de ordenado mais que oitenta mil reis: sey que anda em coche o outro, e sua mulher em andas, sem terem de ordenado, nem de renda mais que, quando muito, até duzentos mil reis. Elles naõ trazem navios no mar, nem tem bens patrimoniaes na terra; nem os pavoens de Juno em casa, que lhes ponhaõ ovos de ouro! Pois que he isto? Saõ unhas visiveis, e bem se mostraõ em estes effeitos, e em outros, que calo de tafularias, amisades, &c. Hum molde, de como isto se obra visivelmente, porey aqui, que eu vi ha poucos dias na casa da India: despachava-se a fazenda de hum passageiro: e vieraõ a juizo tres, ou quatro escritorios bem

enfar-

enfardelados com ſeus couros, e lonas, porque o mereciaõ, e debaixo deſtas capas, para virem mais bem acondicionados, traziaõ varios godrins muito bons, que os eſtofavaõ, e eraõ de preço. Ha hum regimento naquelle deſpacho, que fiquem as capas dos fardos, que ſe abrem, para os officiaes, que aſſiſtem a eſtas véſtorias: abriraõ os eſcritorios até a ultima gaveta, e dados por livres, lançaraõ mãos dos godrins chamandolhes capas, e com elles ſe ficaraõ, que bem valiaõ vinte mil reis. Levantando mil falſos teſtemunhos ao regimento, que na verdade ſó as capas de couro, e lona lhes concede, e naõ o mais, que vem regiſtado, como fazenda.

Em Villa Viçoſa conheci hum criado da grande, e Real Caſa de Bragança, que gaſtava os dias, e as noites em continuas queixas de naõ lhe mandar pagar o Sereniſſimo Senhor Duque D. Theodoſio ſeus ordenados: e chegaraõ a tanto as queixas, que ſe foy valer do Confeſſor, para que puzeſſe a Sua Excellencia em eſcrupulo aquelle ponto com todas as razoens de ſua juſtiça. Aſſim o fez o Reverendo Padre Confeſſor: e o Duque prudentiſſimo com o animo Real, e grandioſo, de que Deos o dotou, lhe reſpondeo: Naõ ſey ſe ſabeis vós, que eſſe fidalgo entrou no ſerviço

deſta

deſta Caſa, ſem trazer de ſeu mais que huma capa de baeta, e hoje anda em coche, e ſua mulher, e filhos veſtem galas, e comem taõ bem, como os que ſe ſuſtentaõ da noſſa meſa. Perguntay-lhe vós, ſe lhe faltou depois que nos ſerve, algum dia alguma couza? E dizey-lhe, que aſſás mercê lhe fazemos, em naõ mandar ao noſſo Dezembargo, que lhe tome contas, e examine as ſuperfluidades de ſua caſa, e de ſeu trato; porque ſe puxarmos poriſſo, he de temer, que alcancemos delle queixas mais graves, que as que dá de nós. Admiravel exemplo! Eiſaqui como ſe fazem viſiveis as unhas em ſeus effeitos, por mais que ſe eſcondaõ.

Mais claramente ſe fizeraõ em Evora as unhas inviſiveis de certos ladroens, que ha mais de vinte e cinco annos deraõ de noite no Moſteiro de Santa Clara, em cuja portaria dentro no clauſtro tinha depoſitado hum Maltez dez, ou doze mil cruzados em dinheiro. Abriraõ as portas ſubtilmente, arrancando as fechaduras com trados, para naõ fazerem eſtrondo: tambem levaraõ farellos, para menearem a moeda ſem chocalhada. Deraõ nos caixoens da pecunia, encheraõ alcofas, e ſacos, ſua boca, ſua medida, até mais naõ quererem, ou naõ poderem levar para ſuas caſas: onde começaraõ a lograr os frutos de ſua diligencia, mas taõ

incau-

incautos, que ſendo trabalhadores de enxada, já naõ hiaõ puxar por ella no ſerviço das vinhas, como coſtumavaõ. Nem fora iſto baſtante para os deſcobrir a grande diligencia, com que a juſtiça por todas as partes batia as moutas. Até que em huma ſeſta feira notou hum argueireiro na praça do peixe, que hum deſtes comprava ſolho para jantar a toſtaõ o arratel, coſtumando a paſſar com ſardinhas. Deu aſſopro ao Juiz de fóra, que lhe deu em caſa de repente, e com poucos foroens deſcobrio a caça, e achou a mina, de donde ſahiaõ os gaſtos, que o fizeraõ manifeſto, com prova baſtante para o pôr no potro, onde chorou ſeu peccado, e cantou os cumplices, cujas cabeças vimos ſobre as portas da Cidade fazendo ſuas unhas ainda mais manifeſtas.

****

CAPITULO LIV.

Dos que furtaõ com unhas inviſiveis.

TEla *prævisa minus nocent.* Diz o Proverbio de S. Jeronymo. Ver o mal, antes que chegue, he grande bem para eſcapar delle: mas o

rayo,

rayo, que naõ ſe vê, a bala, que naõ ſe enxerga, ſenaõ quando vos ſentîs ferido, ſaõ males irremediaveis: e tais ſaõ as unhas inviſiveis em ſuas rapinas. E paſſa aſſim na verdade, que naõ damos fé dellas, ſenaõ quando ſentimos ſeus damnos. Raro he o ladraõ, ſe naõ he de eſtradas, que naõ trate de eſconder as unhas, e fazer-ſe inviſivel, quando furta: e por eſta via pódem pertencer a eſte capitulo quaſi todos: mas eu trato aqui dos que vendendo gato por lebre, fazem o aſſalto ainda mais inviſivel, pondo-vos á viſta o harpéo, com que vos eſfolaõ, ſem dardes fé delle.

Abroquelem-ſe os mecanicos, que começa eſta bateria por elles. Vende-vos hum çapateiro hum par de obra por boa, e legitima, e como tal lhe talha o preço, que vós deſembolçais muito contente, e elle agarra pouco eſcrupuloſo: dahi a dous dias arrebentaõ as coſturas, porque o canamo do fio era podre, ou ſingelo, devendo ſer ſaõ, e dobrado: viſtes as entreſolas, que eraõ de pedaços, devendo ſer inteiras, e os contrafortes de badana, que deveraõ ſer de cordovaõ, ou vaqueta. E tudo fez inviſivel a deſtreza do trinchete; e quanto vos deu de perda, tanto vos furtou em Deos, e em ſua conciencia. Vende-vos hum al-

fayate o veſtido feito, ou faz-vos o que lhe mandaſtes talhar: mete lãa por algodaõ nos acolchoados, trapos por hollanda nos entreforros, linhas nos peſpontos, que querieis de retroz, pontos de legua nas coſturas: e paga-ſe, como ſe tudo fora direito como huma linha; e tem para ſi, que nada fica a dever, porque de nada déſtes fé, ſenaõ quando ſe foy gaſtando a obra, e appareceraõ eſtes furtos no voſſo negro, a quem déſtes o veſtido, porque naõ dizia com voſſa peſſoa. Hum Fidalgo da primeira nobreza, que todos conhecemos neſte Reyno, mandou fazer humas calças altas no tempo, que ſe uſavaõ, e deu para os entreforros dous covados de baeta muito fina; e o ſenhor meſtre, que as talhou, e peſponteou, tomando a baeta para ſi, poz-lhe em ſeu lugar hum ſambenito, por ſe forrar dos cuſtos, que lhe tinha feito; feitas as calças, ſem nenhuma ſuſpeita do que levavaõ dentro, achou o Fidalgo, que pezavaõ muito, e que o aquentavaõ mais que muito: mandou-as abrir para ver ſe tinhaõ chumbo, ou fogo dentro, e achou o ſambenito de mais, e a ſua baeta menos: naõ conto o mais que ſuccedeo, porque iſto baſta para ſe ver, que ha nos alfayates unhas inviſiveis.

Os cerieiros, que eſpalmaõ cera preta debai-

xo da branca. Os confeiteiros, que cobrem açucar mascavado, e borras com duas mãos de fino. Os pasteleiros, que picaõ hum gato em meya duzia de covilhetes. Os estalajadeiros, que bautizaõ o vinho, e daõ vianda de cabra por carneiro. O tosador, que sem pôr tesoura na pessa de vinte-dozeno, vos levaõ hum vintem por cada covado. O ferrador, que encrava a besta, e tambem de noite as acutila, para ter que curar, e de que comer. Os boticarios, que mexem azeite da candêa no emplasto, que pede oleo de minhocas na receita: O cordoeiro, que vende por nova do trinque a amarra, que teceo de duas velhas, que desmanchou: O sombreireiro, que trabalhou lãa grossa, e podre, debaixo de huma pasta fina, para vender o chapéo, como se fora de castor: O serralheiro, que amaçou ferro tal, onde havia de forjar aço de prova: O ourives, que descontou a pezo de ouro o azougue, com que ligou o douramento, e a pezo de prata a liga, e cobre, que misturou na pessa. E todos, quantos elles saõ, [que seria muito correllos todos] tem estas trêtas, e outras mil, com que escondem as unhas, que invisivelmente nos roubaõ.

Mas dirá alguem, que tudo isto saõ ninherias, que naõ tiraõ honra, nem desmandaõ ca-

 samentos.

ſamentos. Seja aſſim. Vamos ávante: *Paulo maiora canamus.* Levantemos de ponto, e venha a juizo gente mais granada, e os que provêm as armadas, e frotas delRey noſſo Senhor, ſejaõ os primeiros. Naõ tem conto as pipas de vinhos, e azeites, que nellas arrumaõ, para provimento, e droga: tudo vay fechado cravado o batoque: e ſe no fim da jornada ſe acha o vinho vinagre, e o azeite borra, a Linha tem a culpa nas influencias, com que corrompe tudo, e o ladraõ a deſculpa na maõ, com que gualdripou, o que vay de mais a mais entre vinho, e zurrapa, azeite, e borra: e fica o ſalto, que foy inviſivel em Lisboa, manifeſto álem da Linha; como Santelmo, que ſe faz inviſivel em tempo ſereno, e na tempeſtade apparece.

Os ladroens nocturnos ſaõ ainda mais inviſiveis, como aquelle, que mudou hum tranſelim da cabeça de ſeu dono para outra, a que naõ pertencia; era elle de diamantes, e de muitos mil cruzados de preço, que tinha no ouro, pedras, e feitio: e foy o caſo, que quando ElRey Filippe III. de Caſtella veyo a eſte Reyno, lançou o Duque de Aveiro eſta gala, com que brilhou mais que todos: Encheo os olhos de huma ave de rapina, que ſe fez nocturna, para lhe dar

caça

caça mais segura: esperou que o Duque se recolhesse do Paço Real alta noite; investio-o no coche pela poupa, abrindo com ferro da banda de fóra entrada bastante para ter boa sahida o chapéo, e pessa, que voou pelos ares com seu segundo dono; que ainda naõ se sabe, se o engolio a terra, ou se o levaraõ os ventos; porque se fez logo taõ invisivel, como clandestino.

Pela trilha deste se desempenhaõ muitos, a que chamaõ neste Reyno capeadores: esperaõ que anoiteça: fazem-se invisiveis por esses cantos das ruas de melhor passagem: espada, e broquel com pistóla saõ os seus fiadores: e em passando couza, que lhes arme, desarmaõ de repente com huma tempestade de espaldeiradas, e ameaças de morte: e se lhes resistem, aplaca logo tudo a pistóla pósta nos peitos; e com largar a capa, e a bolça, rime sua vexaçaõ o passageiro, sem conhecer o autor da presente perda, ou do ganho da vida, que diz lhe dá de barato, quando taõ caro lhe custa o tornalla para sua casa illesa. Nas Chronicas de Portugal se conta, que houve hum Rey em Lisboa antigamente taõ solicito de atalhar furtos, que até aos invisiveis dava caça. Deraõ-lhe avizo os seus espias, que se furtava muito na casa da India, e na Alfandega, e que de noite se abriaõ as

portas, e levavaõ fardos de toda a droga com tanta affoiteza, que os mariolas da Ribeira eraõ os portadores alugados. Disfarçou-se o bom Rey á guiza deſtes, e entre elles paſſou huma noite, e outra, até que chegou a infauſta para todos: deixou-ſe hir ao chamado dos officiaes, que os levaraõ todos á Alfandega; e o ſeu mayor cuidado foy dar teſouradas nas capas de todos ſem ſer ſentido. Fez-ſe tudo, como os pilotos da facçaõ mandaraõ, pagaraõ ſeu trabalho aos mariolas, e recolheo-ſe o Rey com boa ordenança. E em amanhecendo mandou vir perante ſi todas as Juſtiças, Miniſtros, e officiaes de ſeu ſerviço com os meſmos veſtidos, com que tinhaõ rondado aquella noite: e al naõ façais, com pena de morte. E como os mandados dos Reys inteiros ſaõ leys inviolaveis, aſſim vieraõ todos: foy-lhe vendo as capas, e poz de reſerva todas, as que achou feridas, para pôr a ſeus donos de dependura. E aſſim paſſou o negocio, que com teſouradas inviſiveis aſſegurou thezouros, que unhas inviſiveis lhe roubaraõ.

Nunca faltaõ aos Reys traças, e modos, para evitar damnos, mas que pareçaõ irreparaveis por inviſiveis. Tais foraõ, os que padeceo a Alfandega de Lisboa muitos annos nos direitos

Reaes

Reaes com hum Miniſtro, que tirava folhas dos livros do recibo taõ ſubtilmente, que ficava inviſivel a falta; mas viraõ-ſe logo as ſobras dos reſtos das contas no largo, que invidava o reſto na caſa do jogo: e ſe ſoubera fazer inviſivel o lucro dos direitos, como fez inviſivel o ſalto, com que os roubáva, ainda eſtariaõ inviſiveis as unhas, que o levaraõ á forca: por ſinal que endoudeceo ſua mulher: e ainda naõ ſe ſabe, ſe foy de prazer por perder o marido, ſe de pezar por lhe confiſcarem a fazenda. Por tudo ſeria.

****

CAPITULO LV.

Dos que furtaõ com unhas occultas.

PArecerá a alguem eſte capitulo ſemelhante ao paſſado das unhas inviſiveis, mas elle he muito differente; porque as unhas o ſaõ tambem muito entre ſi, como logo moſtraráõ os exemplos; e a razaõ tambem o moſtra; porque as inviſiveis ſaõ, as que de nenhuma maneira ſe pódem conhecer no fragante, e as occultas bem ſe pódem alcançar logo, ſe fizermos diligencia. Succedeo o caſo, e eu o vî em huma feira de tres,

que ſe fazem todos os annos em Villa Viçoſa, haverá deſaſete annos. Vinha alli muito açafraõ de Caſtella, e naõ taõ caro como hoje val: no primeiro dia naõ havia achallo por menos de dous mil reis, e iſto em muitas tendas: no ſegundo dia ſó hum vendedor ſe achou delle, e davaõ liberalmente a mil e quinhentos reis. Deu iſto que cuidar, porque naõ havendo mais, que hum mercador de huma droga, a razaõ pedia que lhe levantaſſe o preço, mas a ſemrazaõ, que elle uſava, o enſinou ao abater, para ſe expedir mais depreſſa, e pôr-ſe em cobro com os ganhos. Quaes ganhos? Chamara-lhe eu antes perdas, pois comprou tanta fazenda a dous mil reis, e a vendeo toda a mil e quinhentos. Aſſim paſſa: mas ahi val a unha occulta, que miſturou com o açafraõ puro outro tanto pezo de flor de cardo tinta de amarello, feveras de vaca, arêa miuda, nervos desfeitos: e multiplicando aſſim a maſſa, creſceo a droga outro tanto, ou mais; e ainda que lhe abateo a quarta parte do preço primeiro, dobrando a quantidade, ficou intereſſando no ſegundo outra quarta parte, que vinha a ſer muito em taõ grande quantia. E ainda que as partes ſe acharaõ no primeiro jantar defraudadas, naõ foy com tanta preſſa, que a naõ puzeſſem mayor as

unhas

unhas occultas, em ſe porem em cobro, antes de as fazerem manifeſtas.

Hum ſegredo natural ha neſta materia de unhas occultas, que ſuccede cada dia, de que ſó aos Confeſſores ſe dá parte, e poriſſo os Senhores ficaõ defraudados neſta parte. Logo me declararey: Ninguem cuide que taxo os Confeſſores de deſcuidados em mandarem reſtituir: póde ſer que ſe governem neſte caſo pelos conſelhos de Sanches. He couza certa, que o paõ, quando ſe recolhe das eiras para os celleiros, que vem ſeco, e iſtitico do mayor Sol, que nellas padece: e outroſim he certiſſimo, que os celleiros pela mayor parte ſaõ humidos: e daqui vem, que o paõ penetrado da humidade incha em ſeu tanto de maneira, que eſtá averiguado, que cada dez moyos lançaõ hum de creſcenças. Entrega ElRey por eſſas Lyſirias mil moyos de paõ a ſeus Almoxarifes no Veraõ, e quando lho pede no Inverno, he mais que certo, que fazem a reſtituiçaõ dos mil moyos, e que lhes ficaõ cem nos celleiros pela rega infallivel das creſcenças, que temos dito. O Almoxarife, que he bom Chriſtaõ, acha-ſe enleado: por huma parte o pica a conciencia, vendo em ſua caſa bens, que naõ herdou; e por outra parte tambem ſe lhe ſocega, porque ninguem o demanda

da

da por elles, e vê que ElRey está satisfeito. Vay á confissaõ da Quaresma, e diz: Accuso-me, que comi cincoenta moyos de trigo, que naõ semeey, nem herdey, nem comprey; e tambem declaro, que os naõ furtey; porque me nascerão em casa dentro em huma tulha, assim como me podia nascer hum alqueire de verrugas nestas mãos. E destrinçado o caso, fica a couza occulta, e em opiniaõ; e quem a quizer ver decidida veja o Doutor, que já toquey, que eu naõ professo aqui ensinar casos de conciencia: ainda que sey, que a praxe deste está resoluta nos celleiros do Estado de Bragança, onde se pedem as crescenças aos Almoxarifes.

Mais occultas tem as unhas outro exemplo, que tem feito variar no expediente delle muitos Theologos. Dey a vender huma pipa de vinagre; e a regateira foy taõ ardilosa, que a foy cevando com agua pelo batoque ao compasso, que a hia aquartilhando pela torneira: e aqui está escondido outro segredo natural, que aquella agua botada aos poucos, se vay convertendo em vinagre, e ás vezes mais forte, porque se destempéra; e nesta parte he como o caõ damnado, que irritado se azeda mais: e vem a fazer a senhora vendedeira de huma pipa tres, ou quatro; e fica-se com o

resto,

reſto, que he mais outro tanto em dobro: e alimpa o eſcrupulo com lhe chamar fruto de ſua induſtria.

Aqui pódem entrar os tafues, que jogaõ com dados falſos, e cartas marcadas, cujas unhas occultas com tais disfarces ſe manifeſtaõ, e fazem ſua preza com mãos continuadas em ganhos, para quem vay ſenhor do jogo, e ſabedor da maranha. E niſto naõ ha opiniaõ, que os eſcuſe de furto mais aleivoſo, que a do ladraõ, que ſaltêa nas eſtradas. Tambem he occulta a trêta, de quem poem mal com ElRey a poder de mexericos o Capitaõ, que vem de álem-mar muito rico, para que naõ lhe dê audiencia, e o traga desfavorecido, até que ſolicito buſca caminho, para ſe congraçar com ſeu Senhor: e como o de boas informaçoens he o melhor, trata de buſcar quem lhe desfaça as más, e apoye ſeu credito: e naõ falta logo quem lhe diga: Senhor valey-vos de fulano, que tem boas entradas, e poderá dar melhor ſahida á voſſa pertençaõ; e póde ſer, que vem eſte mandado pelo meſmo, que o poz em deſgraça, para o trazer a eſtes apertos de o buſcar com os donativos coſtumados, que ás vezes paſſaõ de vinte caixas de açucar, porque em mais ſe eſtima a graça de hum Principe. E tanto que ſe

alcan-

alcança eſte intento das caixas, peſſas, ou biſalhos, ſegue-ſe o ſegundo de desfazer a maranha, e abonallo, até o pôr em pés de verdade reſtituîdo á ſeu primeiro ſer, e valimento.

****

CAPITULO LVI.

Dos que furtaõ com unhas toleradas.

TErrivel ponto, e arriſcado he, o que ſe nos offerece para deslindar neſte capitulo, porque parece, que offende a juſtiça, e bom governo dizermos, que ha unhas, que furtaõ, e ſe toléraõ. Males ha neceſſarios, como diz o proverbio, e que ſe toléraõ nas Republicas para evitar mayores males. Tal he a de mulheres publicas, comediantes, e volatins, que ſe ſoffrem para divertir as más inclinaçoens, e evitar outros vicios mayores: mas o furtar ſempre he taõ máo, que naõ ſe póde tolerat para deſmentir vicio mayor, pela regra que diz: *Non ſunt facienda mala, ut veniant bona.* Donde o tolerar ladroens nunca he bom; porque havelos he máo, e conſentilos peor: e outra regra diz, que tanta pena merece o con-

o conſentidor, como o ladraõ. Nem ſe póde dizer, que a juſtiça os conſente, nem que os Reys os diſſimulaõ; porque a razaõ naõ os permitte. Pois que unhas toleradas ſaõ eſtas, que aqui ſe nos entremetem, para ſerem deſcuidadas? Para ſerem emendadas, folgára eu de as propor, e declaralashey com hum par de exemplos, taõ notorios, e correntes, que por ſerem tais, ninguem repara nelles. Seja o primeiro de longe, e o ſegundo de perto; eſte de Portugal, e aquelle de Italia.

Em Italia eſtá Roma, Cabeça do mundo, que pelo ſer, nos deve dar documentos de juſtiça, e ſantidade; e poriſſo naõ eſtranhará taxarmos, o que ſe deſviar deſta regra. Lá ha huns officiaes, que chamaõ Banqueiros: e eſtes tem por todo o mundo, onde ſe acha obediencia Romana, ſeus correſpondentes, que intitulaõ do meſmo nome: e aſſim huns, como outros, agenceaõ diſpenſações, graças, e indulgencias, e expediente de Igrejas, e Beneficios, que vem por Breves, e letras Apoſtolicas dos Summos Pontifices, para partes, que naõ pódem lá hir negoceallas; e por tal arte meneaõ as couzas, que naõ lhas trazem ſenaõ a pezo de dinheiro; e vem a ſer neſte Reyno hum rio de prata, para que naõ lhe chamemos de ouro, que eſtá correndo continuamente para a Curia Sacra,

por

por letras de Biſpados, Igrejas, e Beneficios, e mil outras graças; tudo por taõ exceſſivos preços, que vem a fazer mais de hum milhaõ todos os annos; ſendo aſſim, que nas Bullas de tudo ſe diz, que daõ tudo de graça: *Gratia ſub annulo Piſcatoris.* E aſſim he na verdade, que Saõ Pedro peſcador; e nada logra de taõ copioſa peſca. Os peſcadores, que engordaõ com eſtes lanços, bem ſe ſabe quaes ſaõ: e porque ſaõ, os que naõ convêm, ſe livrou França delles, com dar por cada Bulla dez cruzados para o pergaminho della, e chumbo do ſello, ſem avaliar o muito, ou pouco, que ſe concede, porque iſſo todas as Bullas dizem, que vem de graça. Caſtella ſe ſuſpeita, que tem a culpa do que Portugal padece neſta parte; porque alargou a maõ para ſeus intentos; ou porque a tinha entaõ mais chea, que hoje com as enchentes de ouro, e prata, que lhe vinhaõ do mundo Novo; e como Portugal lhe era ſugeito, e ſempre foy liberal, e grandioſo, foy ſeguindo ſuas pizadas; e vendo-ſe picado, e opprimido com tal carga, e com o pé Italiano ſobre o peſcoço, tudo toléra a titulo de piedade; como ſe naõ fora impiedade defraudar-ſe a ſi, para encher as unhas de milhafres Banqueiros; cuja fé naõ aſſegura a verdade das letras, que apraza a Deos naõ ſejaõ falſas.

faltas. Doutos houve já, que conſiderando o muito ouro, que diſpenſaçoens ſó dos matrimonios levavaõ deſte Reyno, reſolveraõ, que podia ElRey noſſo Senhor fazer Ley, que anullaſſe todo o contrato de matrimonio entre parentes: mas mais facil era mandar com pena de confiſcaçaõ de todos os bens, que ninguem paſſe lá dinheiro para tais graças, pois concedem que vem de graça; e atalharſe-hia aſſim de pancada tudo; pois naõ ha razaõ, que nos tolha fazermos o que faz França, quando mais Chriſtianiſſima.

Que venha hum Colleitor a eſte Reyno por tres annos a governarnos as almas, e que puxe tanto pelos corpos, que ponha em Roma perto de hum milhaõ, quando nada, para ſi, e ſeus officiaes, he couza, que naõ entendo, e poriſſo naõ lhe ſey dar remedio: e ſe o entendo, naõ me atrevo a receitarlhe a mézinha, porque naõ me levantem, que ſinto mal do Eccleſiaſtico. E a verdade he, que ſinto n'alma ver chagas incuraveis, em quem tem por officio curar as noſſas. Chamo-lhe incuraveis, naõ porque naõ tenhaõ remedio, mas porque ſaõ toleradas de tanto tempo, que de velhas naõ tem cura, e poriſſo ninguem ſe cura já dellas. Aqui ſe me poem huma inſtancia: tal qual he, eu a deſtroçarey: dizem os que de nada

da ſe doem: como póde hum ſó Colleitor com tres Monſenhores Varoens de letras, e virtude, recolher tanta pecunia; ſe elles ſó tratáõ do eſpirito? Reſpondo, que há neſte Reyno mais de dez mil Frades, e mais de quinze mil Freiras, e mais de trinta mil Clerigos, e mais de cincoenta mil embaraços de conciencia em leigos; e todos movem demandas de lana caprina; porque o Frade quer comer na meſa traveſſa; a Freira quer janela ſem grade, e grade ſem eſcuta; o Clerigo quer viver á ley do leigo, e o leigo quer ordens ſem cabeça, em que lhas ponhaõ, e deſcaſarſe de duas, ou tres, que o demandaõ; *& ſic de reliquis:* e todos para ſahirem com a ſua entraõ com Monſieur Auditor, e com Monſieur Albornós, e com Monſieur Catrapuz; huns daõ ouro, outros prata, e outros pedras, q̃ ſe naõ achaõ na rua; porque de fraſqueiras, capoeiras, canaſtras, coſtaes, &c. já ſe naõ faz caſo, por ſerem drogas de mais volume que lume: e com eſtas pedradas daõ a batalha, e alcançaõ a vitoria, e alimpaõ o bico, pondo em pés de verdade, que Roma naõ ſe move por peitas, e aſſim he, porque tudo ſaõ graças. Naõ ſey, ſe me tenho declarado! Mas ſey que tudo ſe toléra, porque corre tudo por cannos inexcructaveis, e que fora bom haver hum breve de contramina, que

anullaſſe

anullaſſe tudo, o que por tais minas ſe agenciaſſe.

E tornando ao primeiro ponto dos Banqueiros; remato eſta teima com hum caſo, que me paſſou pelas mãos ha poucos dias. Com tres tratey huma diſpenſaçaõ, ou abſolviçaõ importante: hum pedio duzentos mil reis, outros cem mil, o terceiro foy mais moderado, e diſſe que por menos de oitenta era impoſſivel impetrar-ſe. Naõ havia nos penitenres cabedal para tanto: fallou-ſe a peſſoa, que tinha intelligencia na Curia Romana, e propoſto o negocio, reſpondeo, que era de qualidade, que ſe expedia na Curia ſem gaſtos de hum ceitil, e ſe offereceo para mandar vir o Breve de amor em graça; e aſſim foy, que de graça veyo: contey por graça iſto ao matalote dos duzentos mil reis, reſpondeo marchando os beiços: ſaõ lanços, que naõ tiraõ ſeus direitos aos homens de negocio; e melhor diſſera lançadas de Mouro eſquerdo, que merece gente, que com ſua infernal cobiça infama a ſinceridade da Igreja Catholica, a qual de nenhuma maneira ſofre ſimonias; como actualmente o tem moſtrado a Santidade de Innocencio X. depondo, enforcando, e queimando muitos por falſificarem letras.

Até aqui unhas toleradas neſte Reyno, no qual tambem ha outras ſuas proprias, que toléra, e

todas tomara cortadas. Arma hum fronteiro huma facçaõ por seu capricho; entra por Castella com dous, ou tres mil Portuguezes, gasta na carruagem, muniçoens, e bastimentos da cavallaria, e infanteria, oito, ou dez mil cruzados: succedelhe mal a empreza; e ainda que lhe succeda bem, perde em armas, cavallos, e infantes mais de outro tanto, e recolhe-se dizendo: bella maré levavamos, se naõ se virára o barco. E dado que nada perca, e que traga huma grande preza, está bem esmada, e mal baratada: lança ao quinto delRey ao mais arrebentar duzentas cabeças de toda a sorte, que naõ bastaõ para recuperar mais de duzentos mosquetes, e outras tantas pistólas, que desappareceraõ; piques, que se quebraraõ, e gastaraõ em assar borregos; capacetes, de que fizeraõ panellas, para cozer ovelhas com nabos, e outras mil couzas, que naõ se contaõ; com que lançadas as contas, sempre as perdas excedem os ganhos. Alem de que na giravolta se destroça o fiado, desconta o vendido, e perde o comprado, quando o inimigo torna a tomar vingança, e dá nos nossos lavradores, que o naõ aggravaraõ, deixando-os sem boys, nem gados, para cultivar as terras. Tornaõ lá os nossos a satisfazer esta perda, e he outro engano; porque com o que trazem, naõ

se

ſe recuperaõ os lavradores; tudo he dos ſoldados, que o malograõ, e dos atraveçadores, que o diſſipaõ. E aſſim ſe vaõ encadeando perdas ſobre perdas, que unhas toleradas vaõ cauſando ſem remedio; porque naõ ſe deu ainda no ſegredo deſta eſponja. Olhaõ para o applauſo da valentia, e as medras, dos que ſe empenhaõ nellas, lançaõ hum véo pelos olhos de bizarria a todos, e outro de lizonja ſobre a ruina da fazenda Real, que paga as cuſtas; e os lavradores choraõ, o de que ſe ficaõ rindo os pilhantes, que neſta agua envolta ſaõ os que mais peſcaõ.

E que direy das innumeraveis unhas, que ſe toléraõ na grande Cidade de Lisboa! Envergonhala-hemos com Cidades muito mayores, que ha na China, nas quaes ha taõ grande vigilancia niſto de unhas de gente vadîa, que de nenhuma maneira eſcapa peſſoa viva, de que ſe naõ ſaiba quem he, o que trata, e de que vive, para evitar roubos, e outras deſordens, de q̃ ſaõ autores os ocioſos, e vagamundos em grandes Republicas. E na noſſa ha deſtes tanta tolerancia, que andaõ as ruas cheas, ſem haver quem lhes pergunte, ſe ſe ſabem benzer, nem quem ſe benza delles; porque delles naſcem os roubos nocturnos, raptos clandeſtinos, homicidios quotidianos: nelles achareis teſtemu-

nhas para vencer qualquer pleito, e quem vos faça huma escritura falsa, e huma provisaõ, que até ElRey, que a naõ assinou, a tenha por verdadeira: tudo se toléra, porque naõ ha quem vigie. Sou de parecer, que assim como ha Meirinho mór para resguardo do Paço Real, haja segundo Meirinho mór, para guarda de toda a Corte nesta parte dos vadios, e gente ociosa; e que prenda todo o homem, que naõ conhecer, sem lhe formar outra culpa: se provar no Limoeiro, que he homem de bem, será solto; e se for da vida airada, vá para as Conquistas, onde terá campo largo para esprayar suas habilidades, e ficaremos livres desta praga, que tanto á nossa custa se toléra.

****

CAPITULO LVII.

Dos que furtaõ com unhas alugadas.

TOleradas saõ tambem estas unhas, pois se alugaõ; mas saõ peores nas correrias, que fazem, como mulas de Alquiler. Os Doutores Theologos tem para si, que naõ ha mayor maldade,

que

que a que se ajuda de forças alheas, quando as proprias naõ lhe bastaõ, para executar sua paixaõ. E está em boa razaõ, porque saye da esféra, e limite daquillo que póde: e obrar huma pessoa mais do que póde para o mal, he grandissima maldade; assim como obrar mais do que póde para o bem, he grandissima virtude. Naõ póde hum ladraõ arrombar a porta de hum mercadot á meya noite, que remedio para lhe pescar hum par de pessas sem estrondo, nem difficuldades? Aluga hum trado, e com elle, como com lima surda, faz hum buraco, quanto caiba huma maõ; mete hum gancho agudo taõ comprido, quanto baste para chegar ás pessas; que esmou de olho ao meyo dia; fisgalhe huma ponta, e como camisa de cobra as revira, e escôa todas pela talisca. Mas naõ saõ estas as unhas alugadas, que fazem os mayores damnos na Republica. Outras ha, de que Deos nos livre, mais nocivas: estas saõ as serventias de quantos officiaes de justiça ha no mundo; correlos todos he impossivel: direy sómente de varas, e escrivaninhas, o que vemos, e choramos, e naõ remediamos, porque naõ ferem seus damnos, a quem pudéra dar-lhe o remedio. Que couza he a vara de hum meirinho, ou de hũ alcaide, no dia de hoje? Se Aristoteles fora

vivo com todo o ſeu ſaber naõ a havia de definir ao certo; mas eu me atrevo a declarala com a de Moyſés. A vara de Moyſés na ſua maõ vara era; mas fóra da ſua maõ era ſerpente. Tal he qualquer vara deſtas, de que fallamos: na maõ de ſeu dono vara he, ſe he bom Miniſtro; mas fóra da ſua maõ he ſerpente infernal, e ſe anda alugada, he todos os diabos do inferno; porque hum diabo naõ tem poder, para ſe transformar em tantos monſtros, como huma vara de ſerventia alugada ſe transfórma: e elles meſmos o confeſſaõ, que naõ póde al ſer, para pagarem ao orfaõ, ou á viuva, cuja he, e ficarem com ganho, que os ſuſtente a todos á cuſta das perdas de muitos. Olhay para a vara de hum aguazil damninho, parecevos vaqueta de arcabúz; e ella he eſpingarda de dous cannos; porque vay por eſſes campos de Jeſu Chriſto, a melhor marrãa, que encontra, e o melhor carneiro, aponta nelles, e quando volta para caſa, acha-os eſtirados na ſua loge, ſem gaſtar polvora, nem dar eſtouros. Tambem he canna de peſcar fóra da agua: vay á Ribeira, lança o anzol na melhor peſcada, e no melhor congro, ou ſavel, e ſem cedella, que puxe, dá com elles no ſeu prato. Tambem he béſta de pelouro, que mata galinhas aos pares, e pombas ás duzias; perdi-

zes

zes nenhuma lhe escapa, se as acha nos açougues, porque no ar erra a pontaria. Tambem he cadéla de fila, e quando a açúla a huma vitéla, mas que seja a huma vaca, berrando a leva aonde quer. Tambem he covado, e vara de medir, e quanto mais comprida, tanto melhor: assim como he, entra em casa do mercador, e mede como quer panno, e seda. Tambem he garavato de colher fruta, e sem se abalar por hortas, nem pomares, colhe, e recolhe canastras cheas. E vedes aqui irmaõ leitor a vara de Condaõ, com que nos embalavaõ antigamente, que fazia ouro de pedras, e paõ de palhas, e da agua vinho; e esta ainda faz mais, porque faz, e desfaz, quanto quer, quem a alugou.

O mesmo, e muito mais pudera aqui dizer das escrivaninhas alquiladas; mas naõ quero nada com pennas mal aparadas, naõ acerte de lhes vir a pello este nosso tratado, que no lo depennem, ou jarretem com alguma sentença grega, ou desalmada. Só direy, que saõ alguns, ou quasi todos, taõ fracos officiaes, que he grande valentia saber-lhes ler, o que escrevem. Eu sey hum, que o fizeraõ vir de Evora a esta Corte, para que lesse o que tinha escrito em hum feito, que naõ era pequeno, e naõ se achava em toda Lisboa, quem

em tal eſcritura attinaſſe com boya, como ſe fora a de ElRey Balthaſar. E com eſtes gregotins alimpaõ as bolças ás partes, e ſujaõ quantas demandas ha no Reyno, eſcrevendo ſéſta por balhéſta, e alhos por bugalhos: e já lho eu perdoara, ſenaõ ſuccedera muitas vezes tirarem dos feitos as ſentenças por tal eſtylo, que naõ ſe daõ á execuçaõ, porque naõ ha entendellas. Muito ha que reformar nas officinas, e cartorios deſtes ſenhores, como em todos, quantos officios andaõ no Reyno arrendados.

****

CAPITULO LVIII.

Dos que furtaõ com unhas amorozas.

QUem dizia no capitulo 39. que naõ ha unhas bentas, porque todas ſaõ malditas, e ſugeitas a mil excõmunhoens, quando furtaõ; tambem dirá agora, que naõ ha unhas amoroſas, porque todas arranhaõ; mas ſernos-ha facil deſenganalo com quantas unhas ha de damas, que eſtataõ a ſeus amantes. E tais ſaõ tambem as unhas de todos os valîdos, mimozos, e paniaguados dos gran-

grandes: daõ-lhes francas entradas em seu seyo, sem verem que abrem com isso sahidas enormes a seus thesouros. Ouçame o mundo todo huma Filosofia certa: he certo, que animaes de differentes especies naõ se amançaõ: caens com gatos, aguias com perdizes, espadartes com balêas nunca sustentáraõ bom cõmercio: e se algum dia houve bruto, que se sugeitasse a outro de differente especie, foy, naõ porque a natureza o inclinasse a isso, mas por alguma conveniencia util para a conservaçaõ da vida. Ha entre os homens estados taõ diversos, que se distinguem entre si mais, que as especies dos brutos. Hum Fidalgo cuida, que se distingue de hum escudeiro, mais que hum leaõ de hum bugio: e hum escudeiro presume, que se differença de hum mecanico, mais que hum touro de hum cabrito. E que será hum Duque, ou hum Rey, comparado com qualquer desses? Será o que he hum elefante com hum cordeiro. Donde se infere, que quando ha uniaõ de amor entre tais sugeitos, naõ he, porque a natureza os incline a isso, he a conveniencia do interesse; e como esta vay diante sempre, sempre vay fazendo seu officio, aproveitando-se do amor para suas conveniencias.

Entra aqui outra circunstancia, que dá

grande

grande apoyo a eſte diſcurſo; e he, que o mayor ama ao menor, como couza ſua; e o menor olha para o mayor, como para couza, que o domîna: e iſto de ſer dominado, nunca cauſa bom ſabor; e poriſſo vicîa o amor, que naõ ſofre diſparidades. Donde ſe colhe evidente, e infallivelmente, que póde haver amor verdadeiro do ſuperior para o inferior, e que naõ he certo havello do inferior para o ſuperior; porque leva ſempre a mira no que dahi lhe ha de vir; e eſſa he a pedra de toque, em que aguça as unhas, que chamo amoroſas; porque com achaque de benevolencia, e amor, que ſeu amo lhe moſtra; mete a maõ no que a privança lhe franquêa com tanta ſegurança, como ſe tudo fora ſeu pela regra, que diz: *Amicorum omnia ſunt cõmunia.* O grande nunca ſofre igual, quanto mais ſuperior, e poriſſo naõ ſe humana ſenaõ com o inferior; e eſte porque tem iguaes, com quem faça ſociedade, naõ neceſſita do bafo dos grandes, mais que para engodar; e he quanto lhe permitte o careyo, que lhe daõ, e uſaõ delle os valîdos com inſolencia; porque o acicate, que os move, eſtriva mais em medras proprias, que em ſerviços, que pertendaõ fazer aos ſeus Mecenas. Reciprocaõ-ſe o amor do grande, e o intereſſe do pequeno: o amor abre a porta, o intereſſe eſ-

tende

tende as unhas; e como na arca aberta o justo pecca, empolga sem limite; e como o amor he cego, naõ enxerga a damno; e se acerta dar fé delle, porque ás vezes he taõ grande, que ás apalpadelas se sente, tambem o dissimula; e assim se vem a refundir na affeiçaõ todos os damnos, que padece, e grangeaõ titulo de amadas, e amorosas as unhas, que lhos causaõ.

Naõ se condemna com isto terem seus valîdos os grandes; porque nem os Summos Pontifices se pódem governar bem sem Nepótes, a quem de todo se entregaõ, para descançarem nelle o pezo de seus negocios, e segredos: os Principes seculares necessitaõ muito mais deste auxilio, porque as couzas profanas naõ se domestîcaõ tanto como as sagradas. O que se taxa he a demazia, e desaforo de alguns valîdos: dos máos ha duas castas, huns que escondem as medras, e outros, que as assoalhaõ: estes duraõ pouco, porque a inveja os derruba armando-lhes precipicios, como a D. Alvaro de Luna; e sua propria fortuna, e insolencia os jarreta, como a Belisario: aquelles mais duraõ, e he em quanto se sustêm em seus limites; mas por mais, que se dissimulem com trajos humildes, e alfayas pobres, logo seus augmentos os manifestaõ; porque saõ como o fogo,

que

que se descobre pelo fumo, e abraza mais, quando mais se occulta. Se nós virmos hum destes comprar Quintas como Conde, receitar dotes como Duque, e jogar trinta, e quarenta mil cruzados como Principe; e soubermos, que entrou na privança sem humas luvas, como havemos de crêr que cortou as unhas? Crescerão-lhe sem duvida com o favor como planta, que regada medra. Grande louvor merecem nesta parte todos os Ministros, que assistem a ElRey nosso Senhor, porque vemos, que tudo o que possuem, com naõ ser muito, he mais para o servirem, que para o lograrem. Bem se póde dizer de Sua Magestade, que Deos guarde, que tem valîdos mais que dous, que se chamaõ, Verdade, e Merecimento. Como pódem, e devem os Principes ter valîdos para se servirem, e ajudarem de suas industrias, e talentos, já o dissemos no capitulo 30. ao titulo dos Conselheiros §. 1.

****

CAPITULO LIX.

Dos que furtaõ com unhas cortezes.

NAõ ſey, ſe he certa huma murmuraçaõ, ou praga, que corre em todas as Cortes do mundo, que mais ſe ganha no Paço ás barretadas, que na campanha ás lançadas. Se ella he certa, he grande roubo, que ſe faz á razaõ, e juſtiça, que eſtá pedindo, e mandando, que ſe dêm as couzas, e façaõ as mercês, a quem mais trabalha, e padece. Privilegio he de chocarreiros, que ganhem ſeu paõ com lizonjas; mas a honra guarda outro foro, que ſendo muito cortez, naõ pertende, nem eſpera premio por ſua cortezia, porque lhe he natural; e pelos actos naturaes, dizem os Theologos, que nada ſe merece, nem deſmerece. E daqui vem, que o que ſe leva por eſta via, vem a ſer furto.

Homens ha, e conheço alguns, a quem propriamente podemos chamar eſtafadores. Andaõ no terreiro do Paço, no Rocîo, e por eſſas ruas de Lisboa; e como ſaõ ladinos, e verſados, conhecem já de face á todos; e tanto que vêm al-

gum

gum de novo, ou que parece eſtrangeiro, chegaõ-ſe a elle raſgando cortezias, envoltas com louvores de v. m. me parece hum Principe, a cuja ſombra ſe proſtra hoje minha pobreza: ſou hum homem nobre, e foraſteiro, ſuſtento aqui pleitos para remediar filhas orfans, que trouxe comigo para vigiar ſua limpeza: ſemanas ſe paſſaõ, em que naõ entra paõ em noſſa caſa, e pondo a maõ na cruz da eſpada, jura que naõ traz camiſa: e por eſta toada diz mil couzas, que traz eſtudadas, como oraçaõ de cego; até que remata com a petiçaõ, a que foy armando todas ſuas arengas, com o chapéo na maõ, o pé atraz, e o joelho quaſi no chaõ. O pobre novato, que he ás vezes mais pobre, que elle, movido por huma parte da compaixaõ, e por outra picado das cortezias, abre a bolça, e pedindo perdoens dá-lhe a pataca, ou ao menos o toſtaõ, que o ſupplicante vay brindar logo na primeira taverna: e ſabida a couza, nem filhas, nem demanda teve nunca, e ſempre foy eſtafador cortezaõ, que he o meſmo que ladraõ cortez.

Tem hum official de vara, ou eſcrivaninha no ſeu regimento dous, ou tres vintens, que ſe lhe taxaõ por eſta, ou por aquella diligencia: acha nos aranzeis de ſua cobiça, que he pouco:

teme

teme pedir mais com medo do caſtigo; que naõ falta, quando Sua Mageſtade ſabe as deſordens: pergunta o requerente biſonho o que deve? Reſponde-lhe: de graça dezejara ſervir a v. m. mas vive hum homem alcançado, e ſuſtenta caſa com eſte officio, dê v. m. o que quizer. E ſe o requerente inſta, que lhe diga ao certo o que deve, porque naõ traz ordem para dar mais, nem he bem que dê menos? Torna a reſponder, que em mayores couzas o dezeja ſervir, que ſe naõ quizer dar nada, que o póde fazer; e que taõ ſeu cativo ficará aſſim como de antes. Bem ſe vê, que iſto he eſtafa, pois nunca o vio em ſua vida, ſenaõ aquella vez; e para lhe aguçar a liberalidade, moſtra-lhe hum livro muito grande, e o muito, que nelle ſe rabiſcou, &c. Paſma o ſupplicante, lança-lhe hum par de patacas Mexicanas, onde ſó devia dous vintens; recolhe-as o ſenhor eſcriba, de prata Fariſeo, e deſpacha-o com aqui me tem v. m. a ſeu ſerviço taõ certo, como obrigado. E ſe eſtes mancebinhos puzerem no fim de ſeus deſpachos os preços delles, como ſaõ obrigados, ſaberaõ as partes o que devem, e naõ haverá enganos; mas quando o ſalario he pouco, naõ o eſcrevem, para ter lugar a trêta; e ſe he muito, galhardamente o explicaõ. Seja ſuſpenſo todo o

que

que o callar: e eisahi o remedio.

Isto saõ ninherias em comparaçaõ de outras prezas, que a cortezia agarra sem muitas ceremonias; como na India, em Cóchim, e outras praças semelhantes de mayor cõmercio. Quer hum Capitaõ Mór oitenta, ou cem mil cruzados de boa entrada, pede-os empreſtados a bom pagar na sahida com esta arte, que o desobriga para o futuro, e naõ dá molestia ao presente. Haverá em Cóchim, e seu districto, mais de cincoenta mil mercadores entre Christãos, e Banianes de bom trato: manda-os visitar pelos corretores com mil cortezias, de como he chegado para os servir, e que lhes faz a saber, como vem pobre, e que trata de armar hum empregosinho para a China, e que por naõ ser molesto a suas mercês, quando vem para os ajudar a todos, naõ quer de cada hum mais que dous, ou tres xerafins empreſtados em boa cortezia; e que com a mesma os pagará pontualmente até certo tempo. Nenhum repara em empreſtar taõ pouco, e muito menos em o cobrar a seu tempo, porque haõ mister ao senhor Capitaõ para muito; e assim se fica com tudo, que vem a passar muitas vezes de cem mil cruzados em leve cortezia. E que muito que succeda isto na India, acolá taõ longe; quando vemos

cá

ca mais ao perto dentro em Portugal caſos ſemelhantes! Hum Prelado grave, ou para melhor dizer graviſſimo, conheci neſte Reyno, que com achaque de huma jornada á Corte de Madrid pedio empreſtado por boa cortezia a cada Paroco da ſua Dioceſi dous cruzados, com que veyo a fazer monte de mais de quatro mil: e quando veyo á paga, com a meſma cortezia nenhum lhos aceitou, como os Banianes da India. Por eſta arte anda a Politica do mundo chea de mil trêtas, de ſorte, que por mal, ou por bem, naõ ha eſcapar de roubos.

****

CAPITULO LX.

Dos que furtaõ com unhas Politicas.

ANda o mundo atroado com Politicas, de que fazem applauſo os Eſtadiſtas: a huma chamaõ ſagrada, a outra profana; e ambas querem, que tenhaõ immenſos preceitos, com que inſtruem, ou deſtroem os governos do mundo, ſegundo ſeus Pilotos os applicaõ. E he certo, que toda a maquina dos preceitos, aſſim de huma;

como da outra ſe encerraõ em dous: os da ſagrada ſaõ, amar a Deos ſobre todas as couzas, e ao proximo, como a ti meſmo. Os da profana ſaõ, o bom para mim, e o máo para ti. Mas he engano craſſo, a que repugna Minerva, cuidar que ha politica ſagrada: iſſo chama-ſe Ley de Deos, que com nada contemporiza, nada affecta, nem diſſimula, lavra direito, e ſem torcicolos contra os axiomas da Politica. Pelo que, iſto que chamamos Politica, ſó no profano ſe acha: e eſta ſó he a que tem as unhas, de que falla eſte capitulo; e para ſabermos, que tais ellas ſaõ, he neceſſario averiguarmos bem de raiz, que couza he Politica? E apóſto que ſe o perguntarmos a mais de vinte, dos que ſe prézaõ de politicos, que nenhum a ſaiba definir pelas regras de Ariſtoteles, aſſim como ella merece?

Todos fallaõ na Politica, muitos compoem livros della; e no cabo nenhum a vio, nem ſabe de que côr he. E atrevo-me a affirmar iſto aſſim, porque com eu ter pouco conhecimento della, ſey que he huma má peſſa, e que a eſtimaõ, e applaudem, como ſe fora boa: o que naõ fariaõ bons entendimentos, ſe a conheceraõ de pays, e avós, tais, que quem lhos ſouber, mal poderá ter por bom o fruto, que naſceo de taõ más

plantas:

plantas: e para que naõ nos detenhamos em couza trilhada, he de ſaber, que no anno, em que Herodes matou os Innocentes, deu hum catarro taõ grande no diabo, que o fez vomitar peçonha; e deſta ſe gerou hum monſtro, aſſim como naſcem ratos *ex materia putridi*, ao qual chamaraõ os Criticos Razaõ de Eſtado: e eſta Senhora ſahio taõ preſumida, que tratou de cazar; e ſeu pay a deſpozou com hum mancebo robuſto, e de más manhas, que havia por nome Amor proprio, filho baſtardo da primeira deſobediencia: de ambos naſceo huma filha, a que chamaraõ Dona Politica: dotaraõ-na de ſagacidade hereditaria, e modeſtia poſtiça: Criou-ſe nas Cortes de grandes Principes, embrulhou-os a todos: teve por ayos o Machavello, Pelagio, Calvino, Lutéro, e outros Doutores deſta qualidade, com cuja doutrina ſe fez taõ vicioſa, que della naſceraõ todas as Seitas, e hereſias, que hoje abrazaõ o mundo. E eiſaqui, quem he a Senhora Dona Politica.

E para a termos por tal, baſta vermos a variedade, com que fallaõ della ſeus proprios Chroniſtas; que ſe bem advertirmos, cada qual a pinta de maneira, que eſtamos vendo, que leva toda a agua a ſeu moinho. Se he Letrado, todas as regras da Politica vaõ dar, em que ſe favoreçaõ

as letras, que tudo o mais he aire: Se profeſſa armas o Autor, lá arruma tudo para Marte, e Belona, e deixa tudo o mais á porta inferi. E ſe he Fidalgo, tudo apoya para a nobreza, e que tudo o mais he vulgo inutil, de que ſe naõ deve fazer conta. E he a primeira maxima de toda a Politica do mundo, que todos ſeus preceitos ſe encerraõ em dous, como temos dito, o bom para mim, e o máo para vós. E póſta neſte primeiro principio, entra logo ſua mãy Razaõ de Eſtado, enſinando-lhe, que por tudo córte, ſagrado, e profano, para alcançar eſte fim; e que naõ repare em outras doutrinas, nem em preceitos, mas que ſejaõ do outro mundo, porque ſó do cõmodo deſte deve tratar, e de ſeu augmento, e da ruina alhea; porque naõ ha grandeza, que avulte á viſta de outra grandeza. Minguas de outros ſaõ meus accreſcentamentos; ſou obrigado a me conſervar illeſo; e naõ eſtou ſeguro, tendo junto de mim, quem me faça ſombra: e para nos livrarmos deſte çoçobro, dêmos-lhe carga, tiremos-lhe a ſubſtancia. E para iſſo eſtende as unhas, que chamaõ Politicas, armadas com guerra, hervadas com ira, e peçonha de inveja, que lhe miniſtrou a cobiça: e nada deixa em pé, que naõ eſcale, e meta a ſaco. Eſte Reyno he meu, e

eſta

eſta Provincia he o menos, de que ſe trata: Os Imperios mais dilatados, e opulentos, ſaõ pequeno prato para eſtas unhas; e o direito, com que os agarraõ, eſcreve o outro com poucas letras, ſem ſer Bartholo, na boca de huma bombarda; e vem a ſer: *Viva, quem vence.* E vence quem mais póde, e quem mais póde, tenha tudo por ſeu; porque tudo ſe lhe rende. E fica a Politica cantando a gala do triunfo, e ſua mãy Razaõ de Eſtado rindo-ſe de tudo, como grande Senhora, e ſeu pay Amor proprio logrando próes, e precalços; e ſeu avô o Diabo recolhendo ganancias, embolçando a todos na caldeira de Pero Botelho; porque fizeraõ do Ceo cebola, e deſte mundo Paraiſo de deleites, ſendo na verdade labyrinto de deſaſocegos, e inferno de miſerias, em que vem dar tudo, o que nelle ha, porque tudo he corruptivel.

Eſte he o ponto, em que a Politica errou o nórte totalmente, porque tratou ſó do temporal, ſem pôr a mira no eterno, aonde ſe vay por outra eſteira, que tem por roteiro dar o ſeu a ſeu dono, e a gloria a Deos, que nos creou para o buſcarmos, e ſervirmos com outra ley muito differente, da que enſina a Politica do mundo. E lá virá o dia do deſengano, em que ſe acharáõ com as mãos vazias, os que hoje as enchem da ſubſtancia alhea.

Teſtemunhas ſejaõ o famoſo Beliſario, terror de Vandalos, aſſolaçaõ de Perſas, eſtragador de milhoens, que dos mais altos córnos da Lua o poz ſua fortuna ſem olhos em huma eſtrada á ſombra de huma choupana, pedindo eſmola aos paſſageiros: *Date obolum Beliſario.* E o grande Tarmolaõ, cujo exercito enxugava rios, quando matava a ſede; taõ poderoſo, que trazia Reys ajoujados como caens debaixo da ſua meſa roendo oſſos; o qual á hora da morte mandou moſtrar a ſeus ſoldados a mortalha, com hum pregaõ, e deſengano, que de tanto, que adquirio, ſó aquelle lançol levava para o outro mundo.

****

CAPITULO LXI.

Dos que furtaõ com unhas confidentes.

QUe tenha a minha maõ confiança comigo, para me ſervir, e coçar, liſonja he, que bem ſe permitte; mas que a tenhaõ as minhas unhas, para me darem huma coça, que me eſfolem a pelle, naõ ſe ſofre. Pois tais ſaõ, os que os Reys applicaõ, como mãos proprias, a ſeu Real

ſervi-

ſerviço, e elles eſquecidos da confiança, que a Mageſtade Real faz delles, eſtendem as unhas, para applicarem a ſi, o que lhes mandaõ ter em reſerva para o bem cõmum, e de muitos particulares, que eſfolaõ. Ha neſte Reyno Theſoureiros, Depoſitarios, e Almoxarifes ſem conto; todos arrecadaõ em ſeus depoſitos, que chamaõ arcas, grandes copias de dinheiro, hum delRey, outro de orfaõs, e muito de outras muitas partes: e ſendo obrigados a tello a ponto para toda a hora, que lho pedirem, aproveitando-ſe da confiança, que ſe faz delles, metem o dito dinheiro em ſeus tratos de compras, e vendas, com que vem a ganhar no cabo do anno muitos mil cruzados. E ſe lho pedem no tempo, em que anda a pecunia nos boléos da fortuna, com riſcos de ſe hir o ruço a traz das canaſtras, fingem auſencias, e que tem a arca tres chaves, que dahi a quinze dias virá da feira das Virtudes Bento Quadrado, que levou huma, que ahi eſtá o dinheiro cheo de bolor na arca: e paſſaõ-ſe quinze mezes, e naõ ha dar-lhe alcance. E por fim de contas vem a reſidencia, e alcança os ſobreditos em muitos contos. E eſtes ſaõ os confidentes da noſſa Republica, que fazendo-ſe proprietarios do alheo, alienaõ o que naõ he ſeu, e daõ atravéz com os theſouros alheos.

Nas fronteiras ſuccedem caſos admiraveis neſta parte. Eſtá hum deſtes [pouco digno em hum, podendo dizer mais de cento, mas hum exemplo declara mil.] Eſtá hum deſtes a la mira eſpreitando, quando voltaõ as noſſas facçoens de Caſtella com grandes prezas de boys, cavalgaduras, porcos, carneiros, e outros gados: e como os ſoldados vem famintos de dinheiro, mais que de alimarias, que naõ pódem guardar, nem ſuſtentar; e o ſobredito ſe vê ſenhor dos depoſitos dos pagamentos, que foy atrazando, para naõ lhe faltar moeda neſta occaſiaõ, atraveſſa tudo, reſgatando-o por pouco mais de nada, ſem haver quem lhe vá á maõ, porque todos dependem delle, e o affagaõ, para o terem da ſua maõ: e dahi a quatro dias, e tambem logo ao pé da obra, vende a oito, e a dez mil reis a lavradores, e marchantes os boys, que comprou a quinze toſtoens quando muito, e o meſmo computo ſe faz no mais. E vem a ſer o mais rico homem do Reyno, ſem meter no trato vintem, que ganhaſſe, nem herdaſſe de ſeus avós. Melhor fora venderem-ſe os tais gados aos noſſos lavradores pelos preços dos ſoldados, para ſe refazerem de ſemelhantes prezas, que os inimigos nos levaraõ, e naõ ficarem exhauſtos de criaçoens, os que ſuſtentaõ a

Repu-

Republica, e cheos, os que a deſtroem com as unhas, que chamo confidentes. Cortem-ſe eſtas unhas; e ſe naõ houver puxavante, que as entre, porque a confidencia as faz impenetraveis; tirem-lhe o cabedal, e ponha-ſe, onde haja vergonha, e honra, que ſe pêje de comprar para vender.

Na Cidade de Lisboa conheci hum barbeiro, o qual enfadado do pouco, que lhe rendia a ſua arte, ſe deu a ſangrar bolças, e fazer a barba aos mais opulentos eſcritorios: e para o fazer a ſeu ſalvo, e com credito de ſua paſſoa, foy-ſe metendo de gorra com ſeus freguezes, dando-lhes alvitres, de que ſe fazia corretor. Ao principio começou com penhores, pedindo dinheiro empreſtado para tais, e tais empregos, que ſe lhe offereciaõ rendoſos, e que partiriaõ os ganhos dentro de breves dias: e com a pontualidade foy ganhando terra para accreſcentar as partidas: e com o lucro, que dava aos acrédores, os foy cevando, e metendo na baralha, e cobrando credito, até que os obrigou a invidarem o reſto. Já ſe naõ curavaõ de fianças, nem penhores, para com elle. E vendo aſſim o campo ſeguro, deu de repente em todos abonando hum lanço, que fingio ſe lhe abria de grandiſſimo intereſſe, e que convinha

meter

meter nelle todo o cabedal, para ficarem todos ricos. Nenhum reparou em largar quanto dinheiro tinha; e tal houve, que lhe entregou cinco mil cruzados, outros a dous, a tres, e a quatro, sem saberem huns dos outros. Deu com tudo em hum navio estrangeiro, que estava a pique, e deu á vela pela barra fora: e o mancebinho nunca mais appareceo, nem novas delle, nem rasto do dinheiro, por mais Paulinas, que se tiraraõ. E esta saõ as verdadeiras unhas confidentes. E naõ saõ menos damninhas as confiadas, de que já digo casos memoraveis.

****

CAPITULO LXII.

Dos que furtaõ com unhas confiadas.

PAra que naõ pareça este capitulo o mesmo, que o passado, contarey huma historia, que declara bem o muito que se distinguem. Succedeo em Lisboa, que fazendo huma Confraria em certa Igreja a festa do seu Orago muito solemne, ajuntou para isso muita prata de castiçaes, alampadas, peviteiros, e caçoulas, que pedio por empres-

empreſtimo à outras Igrejas, Moſteiros, e Irmandades: e como o theſouro era de muitos, tinhaõ direito todos para virem buſcar, e levar as ſuas peſſas. Entre os que vieraõ, acabada a teſta, foy hum ladraõ cadimo com dous maráos, que alugou na Ribeira por dous vintens cada hum, e duas canaſtras mais grandes, que pequenas: e entrando muito confiado, como ſe fora mordomo mór de toda a feſta, pôz a capa, e o chapéo ſobre hum caixaõ, aſſegurando primeiro a auſencia dos que lhe podiaõ pôr embargos: abaixou diante de Deos, e de todo o mundo, as melhores duas alampadas, e tirando dos altares os caſtiçaes, que baſtaraõ para encher as canaſtras, pôz tudo ás coſtas dos mariolas, e ſacodindo as mãos, tomou a capa, e guiou a dança; e eſcapou por ſua arte dando com a prata, onde nunca mais appareceo; ficando mil almas, que eſtavaõ na Igreja, perſuadidas, que aquelle homem era o legitimo dono, como manifeſtava a confiança, com que fez o ſalto, que naõ foy em vaõ. E iſto he, o que chamo unhas confiadas, ſem ſerem confidentes: e deſtas ha muitas a cada paſſo, e no ſerviço del-Rey naõ faltaõ; mas falta-me a mim coragem para moſtrar aqui, o que recolhem, como ſe fora ſeu, com tanta confiança, como ſe o cavaraõ, e o roçaraõ,

çaraõ, ou o herdaraõ dos ſenhores ſeus avós. E aſſim digo, que naõ me meto com averiguaçoens, de que a pezar da verdade poſſo ſahir deſmentido. Só aos affoutos fizera eu huma pergunta em ſegredo [chamolhe aſſim, por naõ eſpecificar cargos, de donde ſe poſſaõ colligir peſſoas, com quem naõ quero pleitos] perguntemos a eſtes, com que authoridade, ou para que fazem tornar a traz os pagamentos da milicia, que Sua Mageſtade deſpacha? Ou com que ordem os repartem ultra do que rezaõ as ordens verdadeiras? Nada reſpondem: metem-ſe no eſcuro das razoens de Eſtado, e he couza clara, que accreſcentaõ ſeu eſtado: e ainda mal que vemos accreſcentados, os que para bem houveraõ de ſer diminuidos. Eſtes ſaõ, os que com grande affouteza, e confiança, metem a ſaco a Republica, cujos ſacos vaſaõ para encher taleigos, que já medem aos alqueires: e iſſo he o menos, o mais he o volume immenſo de outras drogas, de que enchem ſobrados, que haõ miſter eſpeques para ſuſtentar o pezo, ſem temor da forca, que fora melhor fabricarſe deſſes pontoens. Aponto ſó o damno, naõ trato, de quem leva o proveito; porque a confiança, com que nelle apoyaõ ſuas unhas, as faz impunes. Mas deixando pontos in intelligiveis, paſſemos a outra couza.

Ahi

Ahi naõ póde haver mayor confiança, que a de hum Cabo, a quem daõ cem mil reis para hum pagamento de seus soldados; e em vez de o fazer logo, para lhes matar a fome, que os traz mórtos, vay-se á casa da tafularia, poem o dinheiro na taboa do jogo, como se fora seu, ou lhe viera de casa de seu avô torto; e sem nenhum direito, que para elle tenha, o lança a quatro mãos, e o perde com ambas, sem lhe ficat nellas, mais que o taleigo vazio, e o focinho cheo de paixaõ, com que satisfaz ás partes; de sorte que nenhum soldado ouza apparecer diante delle: e he estremada traça para naõ lhe puxarem pela divida. Mais confiados que estes saõ outros, que ha na casa da India, e nas Alfandegas, que naõ sey como se chamaõ seus officiaes, nem o quero saber, por naõ ser obrigado a nomealos por seu nome: estes tem por obrigaçaõ ver todos os fardos, e examinar todas as fazendas, que vem de fóra, para orçar ao justo os direitos, que se haõ de pagar a Sua Magestade; e elles por quatro patacas examinaõ as couzas taõ superficialmente, que deixaõ passar por estimaçaõ de anil o pacote, que vem cheo de basares; e contaõ por calcaveis o barril, que vem recheado de coraes, e alambres. Que fardos de télas finas, e brocados de tres altos cor-

raõ

raõ praça de bocachim, e calhamaço, naõ o crerá, senaõ quem o vio. Ballas de meyas de seda fazem figura de resmas de papel. E he facil deslumbrar os olhos de todos os Argos, a quem está encomendada a vigia disto, com hum par de pessas resplandecentes de vidros de Veneza, e crystaes de Genova. E para que naõ se diga, que naõ viraõ tudo, mandaõ abrir costaes, que já vem marcados, e preparados para o effeito: os quaes trazem na primeira superficie, o que val menos; mas o amego he do mais precioso. Já se vio caixaõ, e quartola, que trazia na boca chocalhos, e no fundo pessas de ouro, e prata. E se algum Ministro fiel requer, que se examine tudo, respondem, que naõ seja desconfiado: e com duas gracetas passaõ desgraças, que naõ conto. Declaro sobre tudo isto, que já esta moeda naõ corre, como em tempo de Castella; porque está seu Dono em casa, que a vigia, e faz a todos, que naõ sejaõ taõ confiados, como o Carvalho.

Naõ sey, se ponha aqui huma confiança admiravel, que naõ podia crer até que a vi. Bem he que saiba Sua Magestade tudo, para que o emende com seu Real zelo, e para isso digo. E he que todas as dividas, que ElRey nosso Senhor manda pagar, ou esmolas, que manda fazer por via da

fazen-

fazenda, achaõ todos os deſpachos correntes até o theſouro, onde topaõ com ordem ſecreta, que a todos diz, que ſatisfará como tiver dinheiro, e conſta por outras vias, que o tem aos montes para outros preſtimos; mas para iſto de dividas, e eſmolas, naõ ha tirarlhe hum real das unhas: e occaſionaõ com iſto a ſe cuidar, que a tal ordem baixou de cima: e he ponto, que nem hum Turco o preſumirá de Sua Mageſtade; mas he confiança de Miniſtros, que devem de preſumir, que o naõ virá a ſaber Sua Mageſtade, que deve ſentir muito lanços, que tem mais de aleivozia, que de zelo. Com as palavras vos dizem que ſim, e com as obras q̃ naõ. Doutrina he, que Chriſto reprehendeo muitas vezes ſeveramente aos Fariſeos: e aſſim ſe deve eſtranhar entre Chriſtãos. E eu naõ acabo de dar no alvo, a que tira eſta confiança, quando tira aos pobres, o que ſeu dono lhes manda dar. Dizerem que he zelo da fazenda Real, que naõ querem ſe eſperdice, ainda pecca mais de confiada eſta repoſta; que naõ deve o criado ter mais amor á fazenda, que ſeu Senhor; álem de que ſeria eſtolida confiança tomar ſobre ſi os encargos de tantas reſtituiçoens, de que o Senhor fica livre, ſó com mandar que ſe paguem. E em concluſaõ levem todos daqui eſta verdade, que naõ empobre-

ce

ce, o que se dá por esmola, nem faz falta, o que se paga por divida. Vejaõ lá naõ enriqueçaõ estas demoras a outrem: e este he o tópe, em que vem esbarrar todo o discurso, que se póde formar nesta materia: e nem isto he bem que se creya de gente honrada.

Neste capitulo entraõ de molde mulheres, que ha em Lisboa, as quaes vivem de despir meninos, assim como os acima dito de despir pobres: tanto que achaõ alguma criança na rua, sem que olhe para ella, fazem-lhe quatro affagos, como se foraõ suas amas, levaõ-na nos braços, recolhem-se na primeira loge, e a titulo de lhe darem o peito, ou pensarem, lhe despem toda a roupa; em taõ boa hora, que lhe deixem a camisa. Se acerta alguem de as ver, daõ tudo por bem feito, julgando-as por domesticas, como mostra a lhaneza, e confiança, com que lhe metem a papa na boca: e feita a preza, fazem-se na volta do çaragaço a buscar outra; e tiray lá carta de excómunhaõ, para vo la restituirem no dia do Juizo.

Huma mulher houve taõ confiada nesta Corte, que contentando-lhe huma cruz de ouro, e pedraria, que estava por ornato de huma festa no altar de certa Igreja, esperou que seus donos se ausentassem, e pósta no meyo da Igreja, porque

naõ

naõ podia chegar perto com o concurſo, levantou a voz dizendo: alcancem-me cá aquella cruz, e venha de maõ em maõ, por me fazerem mercê. Todos julgaraõ que ſeria ſua, pois com tanta confiança a demandava; e de maõ em maõ veyo, até chegar ás da harpîa, que deu ao pé com ella ſem ajuda de Simaõ Cyrineo, porque lhe cuſtou menos a achar que a Santa Helêna. Tambem ha muitos, que furtaõ confiados, em que Deos perdoa tudo; mas já Santo Agoſtinho os deſenganou a todos, que naõ ſe perdoa o peccado, ſem ſe reſtituir o mal levado. E neſte mundo, ou no outro haõ de pagar pela bolça, ou pela pelle.

****

CAPITULO LXIII.

Dos que furtaõ com unhas proveitoſas.

GRaças a Deos, que foy ſervido de nos deparar humas unhas boas entre tantas roins. Mas dirá alguem, que nenhumas ha, que naõ ſejaõ proveitoſas para ſeu dono, no que agarraõ. Naõ fallo deſſas, que aſſás damnoſas ſaõ até a ſeu ſenhor, pois muitas vezes daõ com elle na for-

ca. Trato das que ſaõ proveitoſas para ambas as partes ſem riſco de damnos: e explicalas-hey logo com hum exemplo. No Crato, Villa bem conhecida neſte Reyno pelo ſeu grande Priorado de Malta, houve hum cavallo naõ ha muitos annos, cujas unhas eraõ de tal qualidade, que todos os cravos, que nellas entravaõ, depois de ſahirem tórtos com a ferradura, ſerviaõ de anzóes a ſeu dono, com que peſcava infinito dinheiro, porque fazia delles aneis, que póſtos em qualquer dedo da maõ, eraõ remedio preſentiſſimo para gota arterica. Toda a virtude lhes vinha das unhas do ginete; e aſſim naõ ſerá couza nova acharem-ſe unhas proveitoſas para ambas as partes: tiravaõ de ſi dinheiro, os que levavaõ os cravos para remediarem a outrem, e remediavaõ-ſe todos.

Taes ſeraõ, os que no governo de hum Reyno, e no menêo de ſuas fabricas, e emprezas, tirarem de huma parte para remediarem outra, e ſerá o meſmo, que acodir a tudo. Desfalece a India com accidentes mortaes, peores, que de gota coral, e arterica, que mal ſerá acodirlhe o Braſil com alguma ſubſtancia, que a alente, ainda que ſeja por modo de empreſtimo: nem correrá niſſo o ditado, que naõ he bom deſcobrir hum Santo para cobrir outro, pois tudo reſpeita, e

ſerve

ſerve o meſmo corpo debaixo de huma Coroa. Padece o Braſil falta de mantimentos, naõ vejo razaõ, que tolha acodirem-lhe as Alfandegas do Reyno, e de outras Conquiſtas, ſupprindo-lhe os gaſtos, e ſoccorros, até que ſe melhore. O meſmo digo de Angóla, Mina de S. Jorge, Moçambique, e outras praças. Bom ſe pararia o corpo humano, ſe a maõ eſquerda naõ ajudaſſe a direita, e a direita a eſquerda, e hum pé ao outro. A Republica he corpo myſtico, e as ſuas Colonias, e Conquiſtas membros della; e aſſim ſe devem ajudar reſervando, e reparando ſuas fortunas, e conveniencias. Superſtiçaõ he, e naõ axioma politico de Eſtado, negarem-ſe auxilios, os que vivem juntos na meſma communidade: e aqui corre certiſſimo o Proverbio, que huma maõ lava a outra. Hum Rey empreſta ao outro, e tira de ſeu cabedal ſoccorros, com que ajuda o viſinho; quanto mais o deve fazer hum Rey a ſi meſmo, e a ſeus vaſſallos, que ſaõ partes integrantes da ſua Coroa. A contribuiçaõ das décimas neſte Reyno he muito grande, pois chega a milhaõ e meyo: he verdade, que as daõ os póvos para as fronteiras, e he o meſmo, que para ſe defenderem dos inimigos, que nos infeſtaõ por mais de cem leguas de terra, que correm do Algarve até Traz os mon-

tes. E o outro lado, que fica deſcuberto por outro tanto diſtricto de mar, parece que o naõ conſideraraõ, e que ha miſter muito mayores gaſtos de armadas, e muniçoens, que guarneçaõ as coſtas; e que as forças Reaes acodem a mil ſoccorros de álem-mar, de donde eſtaõ outros tantos Portuguezes, como ha no Reyno pouco menos, pedindo continuamente auxilios, e que naõ he bem lhos neguemos. Naõ vêm olhos cegos, o que ſe gaſta em Embaixadas, e conveniencias de pazes com outras Naçoens; que ainda que naõ nos ajudem, he bem que os componhamos, para que naõ nos deſcomponhaõ. Em que apertos nos veriamos, ſe França, e Catalunha, naõ divertiſſem o Caſtelhano no tempo, em que eſtavamos menos apercebidos? Eſtas correſpondencias naõ ſe alcançaõ ſem gaſtos; eſtes de nós haõ de ſahir, como do couro as correas: que mal he logo, que ſe tomem eſtas das décimas com unhas taõ proveitoſas, quando vemos, que os outros cabedaes naõ baſtaõ para ſeus menêos proprios.

Naõ poſſo deixar de picar aqui em hum eſcrupulo de alguns zelotes, que tem para ſi, que ſe faz theſouro, e que he já taõ grande, que ha miſter eſpeques: e a graça he, que grunhem ſobre iſſo. Prouvéra a Deos, que aſſim fora, e que

arrui-

arruinaſſem já com o pezo as caſas, que o recolhem, que devem ſer encantadas, pois as naõ vemos: mas para me conſolar quero crer, que aſſim he, e aſſim o fio da grandiſſima providencia de ElRey noſſo Senhor, que ſabe muito bem, que foy coſtume celebre dos mais acordados Reys terem erarios publicos para as guerras repentinas: e nós naõ eſtamos fóra de as termos mayores, que as que vemos: e para huma occaſiaõ de honra coſtumaõ os prudentes reſervar cabedal, que lhes tire o pé do lodo, ainda que tirem da boca dos filhos o dinheiro, que inteſouraõ. Tudo vem a ſer unhas proveitoſas.

Neſte paſſo ſe enviaõ a mim, os que tem penſoens de juros, e tenças na Alfandega, na Caſa da India, ou nas ſete Caſas, Almoxarifados, &c. e me fazem o meſmo argumento dizendo: ſe he bom, e licito tirar de huma parte para remediar outra, como ha de haver no mundo, que naõ ſe nos paguem da caſa da India as tenças, e os juros, aos que os temos na Alfandega, quando neſta faltaõ os rendimentos, para ſatisfazer a todos? Aos meſmos pergunto, quando tem duas herdades, huma dizima a Deos ſem nenhuma penſaõ, e outra carregada de fóros, ou juros; ſe eſta ficou eſtéril hum anno ſem os poder

pagar, porque os naõ ſatisfazem da outra, que deu muitos frutos? Reſpondem, que a outra he livre. Pois tambem a caſa da India no noſſo caſo eſtá livre dos encargos da Alfandega. Acudo a outra inſtancia, que Donas coſtumaõ pôr, e he: que do meſmo modo, que a herdade, que eſte anno naõ pagou fóros, nem juros, porque naõ deu frutos, fica deſobrigada a pagar os encargos do tal anno no anno ſeguinte, ainda que dê frutos em dobro; aſſim a Alfandega fica deſobrigada para ſempre do anno, que naõ teve rendimentos, ainda que em outro tenha grande copia delles. Mayor duvida póde fazer, quando ElRey toma todos os rendimentos deſte anno para acodir a alguma neceſſidade urgente [chamaõ a iſto tomar os quarteis] ſe ſerá obrigado a refazer eſta tomadîa no anno ſeguinte, quando a Alfandega eſtiver mais pingue, e elle mais deſafogado? Reſponde-ſe a iſto, que as unhas proveitoſas ſaõ muito privilegiadas, quando empregaõ no bem cõmum as prezas que fazem em bens proprios, ainda que obrigados a outras partes da meſma cõmunidade: e niſto ſe diſtingue o dominio alto dos Reys do dominio particular dos vaſſallos; que eſtes ſaõ obrigados a refazer, o que gaſtaraõ de partes em uſos proprios, e os Reys naõ, no caſo,

que

que o gaſtaõ em bem de todos: aſſim o enſinaõ os Doutores Theologos: e iſto baſta.

****

CAPITULO LXIV.

Dos que furtaõ com unhas de prata.

EM Sevilha, Cabeça de Andaluzia, e Promontorio maximo de todos os cõmercios de Heſpanha, entrou o diabo no corpo de hum Caſtelhano, e devia de ſer muito licenciado, ou pelo menos grande bacharel; porque com todos argumentava, e de tudo dava razaõ: e entre as couzas notaveis, que ſe deixou dizer, foy huma a mais admiravel de todas: que já elle teria poſto de ré a Fé de Chriſto, embrulhado o genero humano, e ſe teria feito ſenhor do mundo abſoluto, ſe Deos lhe naõ prohibira tres couzas: a primeira bulir na Sagrada Eſcritura: ſegunda falſificar cartorios: terceira dar dinheiro. Com a primeira dizia, que desfaria noſſa Santa Fé pervertendo, e mudando nas impreſſoens, e em todos ſeus volumes os ſentidos da Eſcritura Sagrada. Com a ſegunda, que confundiria os homens variando-lhes

as provas de ſuas demandas, e falſificando-lhes as ſentenças. Com a terceira, que levaria o mundo todo a traz de ſi, dando-lhe dinheiro, prata, e ouro, que elle ſabe muito bem aonde eſtá. E naõ ha duvida, que diſcurſou a propoſito, e que fallou verdade, com ſer pay da mentira; porque ſe Deos com ſua admiravel juſtiça o naõ aferrolhara de maneira, que nenhuma deſtas tres couzas póde executar, já teria concluîdo com o genero humano, e com o mundo univerſo, que Deos por ſua infinita miſericordia aſſim conſerva. E ſó a ultima couza de dar dinheiro, que lhe concedera, com ſer a menos nociva, ella ſó baſtara, para ſe fazer o demonio ſenhor do mundo: porque iſto que aqui chamamos unhas de prata, ſaõ as mais poderoſas garras, que ha para arraſtar, e levar tudo a traz de ſi. Naõ podendo Alexandre Magno render huma Cidade por inexpugnavel, e inacceſſivel, perguntou ſe poderia lá chegar, ou ſobir huma azemola carregada de dinheiro? E tanto que eſta bateo á porta, logo ſe lhe abrio, e deu entrada a todo o exercito de Alexandre, que com tais unhas empolgou nella.

Famoſo invento foy o do dinheiro, pois com elle ſe alcança tudo, e naõ ha couza, que ſe lhe naõ renda: do mais incorrupto Juiz alcan-

ça

ça ſentença : da mais ariſca dama tira favores , no mais invencivel gigante obra ruinas , do mais numeroſo exercito alcança vitoria , nos mais inexpugnaveis muros rompe brechas , arromba portas de diamantes melhor , que petardos ; arraza torres , quebra omenagens , tudo ſe lhe ſugeita , nada lhe reſiſte ! As fabulas antigas dizem , que Plutaõ inventou o dinheiro , e que foy tambem inventor da ſepultura , e Deos do inferno : nem podiaõ deixar de dar tais nomeadas , a quem ſe ſoube fazer ſenhor do dinheiro , que tudo rende , como a ſepultura , e morte ; que tudo violenta , como o inferno. Os Lidios foraõ os primeiros , que fizeraõ moeda de ouro : Jano foy o primeiro , que formou moedas de cobre ; e porque foy o inventor das coroas , pontes , e navios , lhe eſculpiraõ tudo iſto nas ſuas moedas ; porque o dinheiro dá paſſagem , como ponte , para as mayores coroas ; e navega vento em poupa aos mais dilatados Imperios. Hermodice , mulher de Midas Rey dos Phrigios , foy a primeira , que bateo moeda de prata : e eſtas ſaõ as unhas de prata , que propoem eſte capitulo , que do dinheiro fazem garras para pilharem mais dinheiro ; como o peſcador , que com hum caramujo , que lança no anzol , apanha grandes barbos. Peſcadores ha de anzol , e peſca-

dores

dores ha de redes: até os que peſcaõ com redes, uſaõ de iſca, e cevadouros, com que engodaõ o peixe: e os peſcadores, de que aqui tratamos, naõ tem melhor engodo, que o do dinheiro, ſe ſouberem uſar bem delle, peſcaráõ quanto quizerem, e enredaráõ o mundo todo.

Bem uſou do dinheiro hum mercador em Africa para peſcar cincoenta mil cruzados, que ſe lhe hiaõ pela agua abaixo. Arribou com tempeſtade a hum porto de Marrocos, tomaraõ-lhe os Mouros a náo por perdida em ley de contrabando, tratou de a recuperar por juſtiça; mas naõ achou quem lha fizeſſe, porque he droga, que naõ ſe dá bem naquelles paizes. Tinha ainda de ſeu quatro, ou cinco mil cruzados, que eſcapou em joyas, e boa moeda: fallou com o Rey, offereceo-lhe tres mil por huma leve mercê, que lhe pedio, e elle lhe concedeo facilmente: que déſſem hum paſſeyo ambos a cavallo pelas ruas, e praças da ſua Corte, fallando ſós amigavelmente. Feita a mercê, dado o paſſeyo, e pagos os tres mil cruzados, tudo foy o meſmo: mas muito differente o que ſe ſeguio; porque conceberaõ todos os Mouros opiniaõ, que aquelle homem era grande peſſoa, e muito privado, e valîdo do ſeu Rey: todos o viſitaraõ logo por tal; mandavaõ-

davaõ-lhe preſentes, e donativos de grande pórte, imaginando, que por aquella via abriaõ porta a ſuas pertençoens: e elles abriraõ-na para a reſtauraçaõ do mercador, que aſſim ſe hia refazendo; em tanto, que até os Juizes, que tinhaõ condemnado a náo, lha abſolveraõ: e aſſim peſcou com unhas de prata de tres mil cruzados, que ſoube dar, mais de cincoenta mil, que hiaõ perdidos. E por eſta arte peſcaõ muitos ladroens no dia de hoje, até o que naõ he ſeu, com grande deſtreza.

Aportou á Ilha da Madeira huma náo de carga, ſaltáraõ em terra os paſſageiros a fazer viniagas, e entre elles hum Clerigo, que eu vî [grande pirata devia de ſer pelo tear, que armou para fazer ſeu negocio melhor, que todos.] Viſitou o Biſpo no primeiro lugar, e a quantos pobres achou na páteo, fez eſmola de toſtaõ, e ás mulheres de manto a pataca: e em quanto fallou com o Biſpo, ſahiraõ eſtas campainhas pela Cidade, dando huma alvorada do Clerigo, que baſtava para o canonizarem em Roma: huns lhe chamavaõ o Clerigo Santo, outros o Abbade rico, outros o Peruleiro; em tanto, que creſceo a cobiça nos mercadores da terra, e ſe picaraõ a fazerem negocio com elle. Eſte ſervo de Deos, depois de dar obediencia, e beijar a maõ ao

Biſpo,

Biſpo, lhe pedio foſſe ſervido de lhe mandar dizer duas mil Miſſas, e que daria avantajada eſmola por ellas, para que Deos lhe déſſe bom ſucceſſo em hum emprego de mais de cem mil cruzados, com que navegava. A ſegunda viſita, que fez depois do Biſpo, foy aos prezos da cadêa, dando a cada hum ſeu toſtaõ de eſmola: e quando daqui foy dar volta á Cidade, já a achou diſpoſta para lhe darem ao fiado tudo, quanto ſua boca pedia: embarcou quanto quiz, e que logo mandava vir dous barris de patacas, para dar plenaria ſatisfaçaõ a tudo. Até aos Padres da Companhia mamou trinta cruzados, a titulo de empreſtimo, para levar a bordo os empregos, que fazia, e que havia de dar huma peſſa boa para a Sacriſtia. Armava o mendicante a dar á vela no dia, em que tinha promettido o pagamento das patacas: e ſem duvida ſahira com a preza da groſſa pilhagem, que tinha feita com dez, ou doze mil reis, que diſpendeo á cuſta alhea, ſe o Biſpo naõ preſentira a tramoya por indicios, que teve; e ſe naõ ſe picára o tempo em fórma, que obrigou á náo a dilatar a jornada. Naõ conto o que daqui por diante ſe ſeguio, porque o dito baſta, em fórma, de que entendamos, que ha unhas de prata, que com diſpendios pequenos avançaõ gran-

grandes lucros: o ponto eſtá na têmpera, e na diſpoſiçaõ dos meyos, para aſſegurar os lanços. E vem a ſer iſto hum jogo de ganha perde, perder para ganhar; como os que jogaõ com cartas, e dados falſos, que no principio ſe deixaõ perder lanços de menos invite para engodar o competidor, e enterreirar huma maõ, com que lhe varraõ todo o cabedal.

Vejo alguns mandar preſentes, e donativos, a quem lhes naõ pertence; e ſey, que ſaõ de condiçaõ, que nem a ſua mãy daraõ huma vez de vinho, quanto mais fraſqueiras, com que cantaráõ os Anjos, a quem nunca trataraõ! Daõ cargas de fruta, tabuleiros de doces, joyas de preço, ſacos de dinheiro: e fico atordoado examinando, de donde lhe vem a Pedro fallar gálego? Irmaõ, ſe tu nunca entraſte em barco, nem meteſte o pé em meyo alqueire com eſte homem, como te diſpendes com elle? Iſto tem myſterio: e buſcada a raïz, he ganancia grande, que ſolicita com diſpendios leves: adoça a paſſagem, para haver o que pertende, deſpachos de officios, cõmendas, Igrejas, titulos, &c. Para os quaes até a propria conciencia o acha inhabil: mas como dadivas quebraõ penedos, acha que por eſte caminho torcerá a juſtiça, e vem a ſer hum

genero

genero de latrocinio de má caſta; porque ás vezes cheira a ſimonia, e he hydropeſia da ambiçaõ. Acabo eſte capitulo com outras unhas de prata, muito mais cortezes que eſtas.

Na Corte de Madrid ſe achou hum tratante de Indias com grande quantidade de eſmeraldas lavradas, ſem lhes achar gaſto, nem ſahida, para ſe desfazer dellas. Poz duas eſcolhidas em hum par de arrecadas, e fez dellas preſente á Rainha Dona Margarida, que as eſtimou muito; porque tudo o dado de graça leva comſigo agrado, e graça natural: e como as Rainhas ſaõ o eſpelho de todas as Senhoras de ſeu Reyno, em eſtas vendo a eſtima, que a Mageſtade fazia das eſmeraldas, creſceo nellas a eſtimaçaõ, e logo o dezejo, que o mercador eſtava eſperando para as levantar de preço; e ſe tivera hum milhaõ dellas, todas as gaſtara talhando-lhes o valor, que em nenhum tempo viraõ. He irmaõ gêmeo deſte ſucceſſo outro ſemelhante, que outro mercador fabricou na meſma Corte, para dar expediente a vinte peſſas de panno fino, que naõ tinha gaſto por razaõ da côr: offereceo a ElRey hum veſtido delle muito bem guarnecido, e obrado ao coſtume, pedindo-lhe por mercê foſſe ſervido trazelo ſe quer oito dias: e naõ eraõ bem quatro andados,

dos, quando já o mercador naõ tinha na loge de todo o panno, nem hum só retalho, e se mil pessas tivera, tantas gastara. E estas saõ as verdadeiras unhas de prata, que com pouca perda della empolgaõ grandes ganancias, tirando por arte a substancia do vulgo ignorante, que se leva de vans apparencias.

****

CAPITULO LXV.

Dos que furtaõ com unhas de naõ sey como lhe chamaõ.

OS Rhetoricos daõ nomes ás couzas, tirando-lhos de suas propriedades, e derivaçoens: e assim o temos nós dado a todas as unhas desta *Arte*: e indo já no fim della, se me offerecem algumas tais, que naõ sey, que nome lhes ponha; porque se lhes ólho para os effeitos, acho-as necias; se para a derivaçaõ, acho-as sem principios, nem fim util. E chamar-lhes parucas, he descortezia; chamar-lhes sem principio, nem fim, he fazellas eternas, contra o que pertendemos, que he extinguillas. Ora emfim a Deos, e á ventura, chamo-

chamo-lhe tolas, e saya o que sahir. E passa assim na verdade, que bem consideradas, achará nellas até hum cego quatro tolices marcadas. Primeira, furtar só por fazer mal ao proximo sem utilidade propria. Segunda, furtar o que haõ de restituir. Terceira, furtar para outrem. Quarta, furtar o que lhes haõ de demandar, e fazer pagar, em que lhe pez. Quanto á primeira, furtar só por fazer mal ao proximo sem nenhuma utilidade para si, naõ ha duvida, que he tolice grande; como o que bota no mar, ou entrega aos piratas a fazenda alhea, ou poem em fogo a seára de seu visinho, só por se vingar de huma paixaõ, que teve contra elle: e se o tal he Christaõ, cresce nelle a tolice, pela obrigaçaõ, que sabe lhe accresce de refazer o damno, que deu: donde se segue, que a si fez todo o mal, e naõ ao proximo, pois he obrigado a lho recompensar por inteiro. E ha homens nesta parte taõ cegos, que por darem hum desgosto a seu inimigo, naõ reparaõ no que porisso sobre si tomaõ. Houve hum Rey antigamente neste mundo, que sabendo de dous vassallos seus, que eraõ grandes inimigos entre si, mandou chamar ao mais apaixonado, e disse-lhe: Quero-vos fazer huma mercê, e ha de ser a que vós me pedirdes com advertencia, que a hey de fa-

zer

zer dobrada a fulano, de quem ſey, ſois grande inimigo. Beijou a maõ ao Rey pelo favor, e pedio logo por mercê, que lhe mandaſſem arrancar hum olho; porque aſſim ſeria obrigado a arrancar dous ao outro, para que ficaſſe cego, ainda que elle ficaſſe torto. E bem cego eſtava, quando procurava damno alheo ſem proveito proprio.

Quanto á ſegunda: furtar o que haõ de reſtituir. Melhor diſſera: o que naõ haõ de reſtituir, porque raro he o ladraõ, que reſtitua; mas fallamos da obrigaçaõ, que lhes corre, ſe he que ſaõ Chriſtãos, e trataõ de ſe ſalvar. E bem devem de ſaber, o que dizem os Doutores, que naõ ſe perdoa o peccado, a quem podendo naõ reſtitue o mal levado. Todos dizem, quando ſe confeſſaõ, que haõ de reſtituir, como tiverem por onde. Pois noſſo irmaõ, ſe vós o haveis de reſtituir, para que o furtaſtes? Reſpondem, que ſabe melhor o furtado, que o comprado: e naõ poderáõ, que o amargor da reſtituiçaõ he mayor, que a doçura do furto; e poriſſo diſſemos, que he grande tolice furtar, o que ſe ha de reſtituir. Furtaraõ tres officiaes mancomunados nove mil cruzados á fazenda de Sua Mageſtade: repartiraõ-nos entre ſi, e navegaraõ com o cabedal, hum para a India, outro para Angóla, e para o Braſil outro;

e depois de chatinarem valentemente, tomou-os por lá a hora da morte. Tratou cada hum por ſua parte de ſe pôr bem com Deos pelos Sacramentos da Penitencia, que he o ultimo valhacouto dos peccadores; e chegando ao ſetimo Mandamento, picavaõ a conciencia de cada hum os tres mil cruzados, que lhe couberaõ, e declaravaõ, como tinhaõ de obrigaçaõ, que o furto ao todo fora de nove mil, repartidos igualmente por tres companheiros, e achavaõ-ſe todos com cabedaes, que tinhaõ adquirido, baſtantes para reſtituir tudo. Dizia o Confeſſor da India ao ſeu penitente, que era obrigado a reſtituir os nove mil cruzados por inteiro, viſto naõ lhe conſtar, ſe ſeus companheiros tinhaõ dado ſatisfaçaõ á ſua parte. O Confeſſor de Angóla, e do Braſil diziaõ o meſmo aos ſeus moribundos, que ſe achavaõ novos na nova obrigaçaõ, que ſe lhes impunha, e argumentavaõ: ſe eu naõ logrey mais que tres mil, como hey de reſtituir nove mil? Mas a reſpoſta eſtava á maõ, e clara; porque foſtes cauſa do damno por inteiro com a ajuda, que déſtes a voſſos companheiros, conſta-vos do furto, e naõ vos conſta da reſtituiçaõ; e aſſim ſois obrigado a vos deſcarregar do que he certo, e naõ vos póde valer a deſcarga, que he incerta. Eiſaqui outra

tolice

tolice mayor, furtar o que ſe ha de reſtituir dobrado, e treſdobrado, conforme o numero dos companheiros, que entraraõ ao eſcote. Alguns neſte ponto fazem-ſe mancos por naõ remar: dizem que naõ tem poſſes para reſtituir, e que naõ ſaõ obrigados, ſenaõ quando os favorecer fortuna mais pingue; que primeiro eſtá a obrigaçaõ de ſe ſuſtentarem a ſi, e a ſua caſa, para que naõ pereçaõ: e nós vemos, que poderáõ aguarentar mil ſuperfluidades, e eſtreitar os gaſtos, e pouparem para dar o ſeu a ſeu dono. Lá ſe avenhaõ: ſó lhes lembro, que haõ de viver mais no outro mundo, que neſte, e que tudo cá lhes ha de ficar, teſtemunhando ſer juſta ſua condemnaçaõ.

Quanto á terceira tolice: furtar para outrem, digo que he mayor, que a primeira, e ſegunda; porque naõ ha duvida, que he inſania muito grande empenhar-ſe hum homem, pelo que naõ ha de lograr. Os Reys devem pagar a quem os ſerve, e pagaõ-lhe com ordenados, e mercês; chega o tempo de cobrarem, paſſaõ-lhe os Reys portarias, e alvarás, com que ſe deſcarregaõ: vaõ com eſtes papeis os acrédores aos Veadores, e Theſoureiros, para que entreguem, o que nelles ſe contêm; e fechaõ-ſe á banda como ouriços cacheiros, em que naõ ha mais, que eſpinhos de repoſtas picantes,

tes, e bem devem ſaber, que a retençaõ do que ſe deve he verdadeiro furto: e tomara perguntarlhes; para quem furtaõ iſto, que naõ pagaõ? Naõ faltará, quem cuide, que para ſi; e ſe naõ for para ſi, ſerá para o Rey, que já ſe deſobrigou com mandar, que ſe pague; e aſſim vem a ſer ladroens, que furtaõ para outrem, e he o que chamamos grande tolice: e a graça he, que ſe ficaõ rindo com eſtas retençoens, como ſe foraõ chiſtes, e habilidades, em que nem a Caetano, nem Cova-Rubias tem por ſi: e eu ſey, q̃ as marcaõ os meſmos por muito grande ignorancia. Por mayor tive a de certos Cavalheiros em Santarem, que meteraõ na cabeça a hum mancebo vagamundo, que ſe fingiſſe filho de hum homem nobre, e rico, para o herdar. Foy o caſo, que eſte homem teve hum filho unico, que lhe fugio de nove annos, e havia mais de vinte, que naõ ſabia delle: appareceo neſte tempo naquella Villa hum pobretaõ, que repreſentava a meſma idade: amigos, ou inimigos do homem de bem, o enſayaraõ, como havia de dizer, que era ſeu filho, e lhe enſinaraõ hiſtorias, e circunſtancias, para ſe dar a conhecer, e que os allegaſſe por teſtemunhas: o pay ſuppoſto negava-o de filho fortemente, e dava por razaõ, que naõ ſe lhe alvoroçara o ſangue, quando

do o vio. O mancebo demandava-o diante do Juiz ordinariamente para alimentos em vida, em quanto o naõ herdava por morte: as hiſtorias, que contava, e teſtemunhas, que dava, conteſtaraõ de maneira, que deu o Juiz ſentença pelo mancebo, e condemnou o velho a lhe dar alimentos, declarando-o por ſeu filho. Caſo raro, e nunca viſto, nem imaginado! Que no meſmo dia appareceo em Santarem o filho verdadeiro, que todos conheceraõ logo, e o velho dizia: eſte ſim, que ſe me alvoroçou o ſangue, quando o vi. O outro deſappareceo logo, e eu perguntava aos embaidores, ſe advertiaõ, que era furto os alimentos, que faziaõ dar com ſeu teſtemunho, a quem os naõ merecia? E que negoceavaõ para outrem, e naõ para ſi o fruto da demanda, que iniquamente venciaõ? Naõ deviaõ de ignorallo, ainda que ſe moſtravaõ niſſo grandes ignorantes, e tolos.

Alguns cuidaõ, que tem diſculpa, quando furtaõ para darem remedio a ſeus filhos; mas crêaõ, que naõ eſcapaõ da meſma nota, porque ſeus filhos naõ os haõ de tirar do Inferno, quando lá forem, pelo que para elles mal, e ſujamente adquiriraõ. Em certo lugar deſte Reyno tinha hum alfayate tres filhas ſem dote para lhes dar eſ-

tado: acordou de as casar com tres obreiros, e para ajuntar remedio para todos, deu comsigo, e com elles no Algarve: fingindo-se Conde vomitado das ondas, que escapara com aquelles criados de hum naufragio; tinha presença, e labia, para persuadir tudo; que vinha de Indias, e perdêra mais de meyo milhaõ em barras de ouro, e pinhas de prata, que até as panélas da sua cosinha eraõ do mesmo, e que se via como Job posto de lodo. E com estas, e outras imposturas, persuadia ás Cameras, e Cabidos, Nobreza, e póvos, por onde passava, que o ajudassem contra sua fortuna: todos se compadeciaõ, e para os mover mais, mostrava em pergaminhos sua grande prosapia, e os famosos cargos, que servira. O menos que lhe davaõ, até nos lugares pequenos, e humildes, eraõ os dez, e os vinte cruzados, que nas Villas grandes, e Cidades ricas, passava sempre o donativo de vinte mil reis, e ás vezes de quarenta. E depois de correrem assim o Reyno quasi todo pela pósta, achou-se o senhor Conde de Siganos no fim da jornada com mais de tres mil cruzados grangeados por esta arte, com que armou tres dotes para as tres filhas, como se foraõ tres Condéssas: e elle ficou taõ alfayate como dantes, sem lograr de tantos furtos,

mais

mais que o pezar de os ver mal logrados nas unhas de ſeus genros, que ſe bem o ajudaraõ, mal lho agradeceraõ. E naõ diz mais a hiſtoria.

Quanto á quarta: furtar o que vos haõ de demandar, e fazer pagar, em que vos pez, he a mayor tolice de todas, como ſe vio no que ſuccedeo ao Carvalho na ſemana, em que componho eſte capitulo. Era guarda da Alfandega de Lisboa, e guardava as fazendas alheas muito bem, porque as punha em ſua caſa, como ſe foraõ ſuas: foy demandado poriſſo; e porque naõ deu boa razaõ de ſi ás partes, o puzeraõ por portas repartido: pertendeo levantar cabeça á cuſta alhea, e levantaraõ-lha dos hombros á ſua cuſta. Setecentos caſos pudéra contar para apoyo deſta tolice; livro-me com hum deſte particular, e de todo eſte capitulo. Em Angóla tinha ElRey noſſo Senhor naõ ha muitos annos hum Miniſtro [tomara-lhe muitos ſemelhantes] que empregava os direitos Reaes em eſcravos, que mandava ao Braſil com direcçaõ, que ſe vendeſſem, e fizeſſem do procedido caxas de açucar para o Reyno, e aſſim ſe augmentaſſe a fazenda de Sua Mageſtade tres vezes ao galarim; mas o Miniſtro, que reſpondia no Braſil, fazia ſeu negocio melhor que os alheos. Chegava huma partida de trinta, ou qua-

renta negros, achava ſerem mórtos dous na viagem, lançava nos livros doze defuntos, e tomava dez para ſi reſuſcitados: eraõ os que reſtavaõ mancebos, e bem diſpoſtos: mandava vir do ſeu engenho dez, ou doze, que tinha velhos, ou eſtropeados, punha-os no numero delRey, e tirava outros tantos para ſi moços, e de bom recibo: e vendida a partida aſſim como ſuccedia, fazia o emprego da reſulta nos açucares tanto a ſeu modo, que ſempre as perdas eraõ Reaes, e os ganhos proprios. Havia olheiros zeloſos, que viaõ iſto, mas andavaõ taõ intimidados, que nem boquejar ſe atreviaõ, até que o tempo deſcobridor de mayores ſegredos trazia tudo a luz; e para eſcurecer eſta, tinha o ſobredito na Corte outros officiaes, a quem reſpondia com os ganhos; e poriſſo o defendiaõ, e conſervavaõ, fazendo-ſe as barbas com ſabonetes de açucar, a pezar, que ficava tida por mentira, e talvez como tal caſtigada. Mas como a verdade traz comſigo a luz, por mais que a eclypſem, ſempre ſe manifeſta: e provada eſta, que ſerá bom que ſe faça ao tal Miniſtro? Deixo iſſo a ſeu dono, que tem de caſa a juſtiça, e lhe fará pagar pela fazenda, e corpo o novo, e o velho, para que naõ ſeja taõ tolo, que cuide poderá cobrir o Ceo com

huma

huma joeira; e que naõ saiba, o que já fica dito por boca de hum arganás no capitulo 24. que quem a galinha delRey come magra, gorda a paga.

****

CAPITULO LXVI.

Dos que furtaõ com unhas ridiculas.

FUrtar para rir he muito máo modo de zombar; porque ordinariamente se converte o riso em pranto, como aconteceo em Coimbra a huma corja de estudantes, por final que eraõ graves, e bem nascidos. Deraõ no galinheiro de Santa Cruz por galhofa, depois de cantarem os galos, e fizeraõ tal descante nas galinhas, perús, e ganços sem compasso, que meteraõ tudo a saco, sem deixarem mais, que dous, ou tres galos vestidos de luto, arrastando capuzes de baeta, como viuvos. Queixou-se o Procurador do Convento á justiça, tirou-se devaça; e como tinhaõ contado em banquetes, o que depennaraõ, foy facil apanhalos a todos; e chororaraõ as penas, que mereciaõ, e se lhes perdoaraõ por misericordia, respei-

reſpeitando ſua authoridade, e nobreza. Mais ardiloſos ſe portaraõ outros tais na meſma praça: ſouberaõ, que vinha do celebre Lorvaõ, por occaſiaõ de Natal, huma valente conſoada para o Biſpo: ſeis mulheres a traziaõ em outros tantos tabuleiros, fraca tropa, ainda que copioſa, para taõ alentados combatentes, que lhe cortaraõ o paſſo, antes de chegarem á Cidade; e aliviando-as da carga, as fizeraõ voltar de vaſio, enchendo-ſe de doces para a feſta, e carregando-ſe de amargozes para a Quareſma; ainda que ſahiraõ em paz deſta batalha, porque naõ deraõ com a lingua nos dentes, contentando-ſe, com darem a ſeu ſalvo com os dentes na conſoada. Chegou a ſemana Santa, mordeo-os a conciencia, como coſtuma; fizeraõ petiçaõ ao Biſpo, que os perdoaſſe, ſem ſe aſſinarem nella: poz-lhes por deſpacho: Appareçaõ os ſupplicantes, e perdoar-lhes-hemos. E foy o meſmo, que deixar-lhes a reſtituiçaõ ás coſtas a cada hum por inteiro, ſe todos juntos a naõ ſatisfizeraõ; e aſſim ganharaõ mayor pena, que o riſo, que lograraõ.

Em Villa Viçoſa conheci hum Fidalgo, ha mais de vinte annos, no ſerviço da Real Caſa de Bragança, o qual tomou por materia de riſo calçar todo o anno, ſem pagar nenhum pár de

obra

obra aos çapateiros, que vieraõ a dar-lhe na trilha, levantando-ſe ás mayores com palavra, que correo entre todos, que nenhum ſe fiaſſe delle, nem lhe déſſe calçado, ſem lho pagar primeiro. Vendo-ſe o Fidalgo poſto em cerco, e que ninguem lhe queria dar çapatos ſem o dinheiro na maõ, mandou ao moço, que pediſſe hum ſó çapato á prova; e que ſe lhe contentaſſe, mandaria buſcar o outro com o dinheiro de ambos. Iſſo ſim, diſſe o official, hum çapato levará voſſê, mas dous naõ os verá ſeu amo, ſem me pôr neſta banca o dinheiro. Como o Fidalgo teve hum nas unhas, mandou o pagem a outro çapateiro com o meſmo recado, e do meſmo modo ficou hum çapato delle, perſuadindo-ſe, que mandaria buſcar o outro com o dinheiro, ou lho reſtituiria, naõ lhe ſervindo. Vendo-ſe aſſim com dous, calçou-os, e foy-ſe ao Paço rir ſobre a hiſtoria; e os officiaes ficaraõ bramindo a nova zombaria, ſobre qne ſe fizeraõ boas Decimas, e Sonetos.

Tambem para bons deſpachos tem boa preza eſtas unhas; porque huma graceta, e dous chiſtes movem talvez hum Miniſtro, e tambem hum Rey enfadado, mais que diſcurſos ſérios. O ſério do governo vexa, e canſa a natureza, que aceita, e eſtima o deſafogo, que traz comſigo

alegria,

alegria, e riſo; e quem ſabe mover a eſte com boa têmpera, e em boa conjunçaõ, faz bom negocio: tal o fez huma Dona em Madrid com o Conde de Olivares, e com o Rey, para ſeus deſpachos, por conſelho de hum experimentado, que lhe notou a petiçaõ neſta forma em tres

QUARTETOS.

Soy Dona Aña Gavilanes,
La de los hojos hundidos,
Muger fuy de tres maridos,
Y todos tres Capitanes.
Murieron en la milicia,
Sirviendo a Su Mageſtad,
Quedé yo de poca edad,
Y de muy poca codicia.
Bebo tinto, y como aſsado,
Por achaques de dolencia,
Suplico a Vueſtra Excelencia
Me perdone eſte pecado.

Deu a mulher a petiçaõ ao Conde Duque, ſem ſaber o que levava nella: feſtejou-a elle como merecia; e levou-a logo a ElRey, que rio infinito. E mandou que a deſpachaſſe com mais do

que

que pedia. Cortes ha, em que médraõ mais bufoens com ſuas graças, que homens ſezudos com grandes ſerviços.

Acabo eſte capitulo, e todo o tratado, com hum gaſto notavel, que ſe faz em Lisboa, para mim digno de lagrimas, e para a prudencia do mundo muito ridiculo: e he, que ha neſta Corte huma caſa, que chamaõ Collegio dos Cathecumenos, o qual fundaraõ os Reys de Portugal, e o dotaraõ com ſua grande piedade de baſtante renda, para nelle ſe agazalharem, e ſuſtentarem todos os infieis, aſſim Mouros, como Judeos, ou Gentios, que vierem de qualquer parte do mundo pedirem o Santo Bautiſmo, até ſerem induſtriados nos Myſterios da Fé, e aprenderem todas as oraçoens da Santa Doutrina: e he certo, que paſſaõ annos, ſem haver neſte Collegio hum ſó Cathecumeno; o qual tem ſeu Reytor, e officiaes, como ſe houvera nelle hum grande menêo de ſugeitos. E he certiſſimo outroſim, que o Reytor tem ſeſſenta mil reis de renda, e que naõ paga caſas, ſem fazer mais, que dar-ſe a S. Pedro, quando lhe vem algum Cathecumeno, e chorar que naõ tem, que lhe dar a comer, nem cama, em que durma. O Eſcrivaõ deſta fabrica tem ſetenta mil reis de ordenado, e caſas de vinte e quatro

mil,

mil, ſem tomar a penna na maõ em todo o anno, mais que para paſſar as quitaçoens dos recibos do ſeu eſtipendio. E o Medico tem doze mil reis, ſem tomar o pulſo mais que ao dinheiro, quando o recebe: e o barbeiro tem quatro mil reis, ſem fazer mais que huma ſangria na bolça delRey, quando os arrecada. E eſtas ſaõ as verdadeiras unhas ridiculas: e a graça melhor de todas he, que o trabalho de todas eſtas maquinas, que conſiſte em cathequizar, e bautizar os Neophitos, fica todo ás coſtas dos Padres da Companhia de S. Roque, ſem terem poriſſo próes, nem precalços mais, que os do muito que merecem para com Deos, que lho pagará no outro mundo. Saõ porém muito dignas de lagrimas as unhas, que a eſtas ſe ſeguem; porque em havendo Cathecumenos, ſaõ tudo petiçoens a Sua Mageſtade, que lhes mande dar eſmolas para os ſuſtentar, e ſe naõ que perecem! Valha-me Jeſu Chriſto, naõ fora melhor andar o principal diante do acceſſorio! O principal aqui he a educaçaõ, e enſino dos Cathecumenos, e o acceſſorio ſaõ os Miniſtros, que os ſervem. Pois como ha de haver no mundo, que o carro vá diante dos boys! Que os ſervos tenhaõ tudo o neceſſario de ſobejo, e os ſervidos naõ tenhaõ hum baſaruco, ſe lho naõ derem de

eſmo-

eſmola! Sou de parecer, que *frangat nucleum, qui vult nucem.* Quem quizer comer, depenne; porque naõ ſe peſcaõ trutas a bragas enxutas. Quero dizer, que ſe extingaõ os tais officios, ſem ficar mais que hum adminiſtrador Eccleſiaſtico com quarenta mil reis, que he baſtante porçaõ, ajudada com ſua Miſſa livre, e caſas de graça, que tem no meſmo Collegio; e o mais, que paſſa de cento e cincoenta mil reis, que o logre ſeu legitimo dono, que ſaõ os Cathecumenos. E quando for neceſſario Medico, ou barbeiro, paguem-ſe da meſma porçaõ por aquella ſó vez, que vem a ſer nada, porque paſſaõ annos, ſem ſerem neceſſarios tais Miniſtros. Quanto mais, que bem pódem paſſar, ſem fazerem a barba tantas vezes. E eu a tenho feita baſtantemente, a quantos ladroens ha neſte Reyno; e ſe algum me eſcapou, perdoeme; porque naõ foy minha intençaõ deixallo ſem criſma: mas de ver, como ardem as barbas de ſeus viſinhos, poderá aprender para botar as ſuas de molho. Reſtava agora cortar as unhas a todos, e tenho para iſſo tres tiſouras excellentes de aço fino: a primeira ſe chama *Vigia*: a ſegunda *Milicia*: a terceira *Degredo.* Direy de cada huma duas palavras; e a todas as unhas tres deſenganos: e daremos fim a eſta obra.

****

CAPITULO LXVII.

Tiſoura primeira para cortar unhas, chama-ſe Vigia.

BAldado ſeria o trabalho, que tomey em deſcobrir tantos males da noſſa Republica, ſe os deixaſſe ſem remedio: e o melhor, que ha para achaque de unhas, naõ ha duvida que he huma boa tiſoura, que as corte: e porque ſaõ muitas, as que aqui ſe nos offerece, offereço tres tiſouras, que me parece baſtaráõ para as cortar todas. Digo pois que a primeira tiſoura ſe chama *Vigia*; porque he grande remedio para eſcapar de ladroens, vigiallos bem. Ladraõ vigiado he conhecido; e em ſe vendo deſcuberto, encolhe as unhas. Eſta vigia corre por conta dos Reys, que devem mandar ás ſuas Juſtiças, que naõ durmaõ: muito dormem as Juſtiças de Lisboa, e á ſua imitaçaõ as de todo o Reyno. Já naõ ha huma vara, que ronde de noite, nem quem cace hum milhafre; e poriſſo as unhas andaõ taõ ſoltas. E porque os Reys ſaõ, os a quem mais neſte mundo ſe furta, porque tem mais de ſeu, ou porque naõ ſe reſguardaõ poriſſo

tanto,

tanto como os que tem menos; ſejame licito dar aqui huma palavra a ElRey noſſo Senhor.

Senhor, eu offereci eſta obra a V. Mageſtade, para ver nella os cannos, por onde ſe desbarata ſua fazenda, e a de ſeus vaſſallos: façame V. Mageſtade mercê de a ver com ambos os olhos; porque ſe os naõ tiver ambos abertos, nem a capa lhe eſcapará nos hombros. Mais de mil olhos tinha Argos, ſegundo contaõ os Poetas; e nem iſſo baſtou, para Mercurio lhe naõ furtar huma peſſa, que trazia nelles, porque os fechou todos. Dous olhos tem V. Mageſtade como duas Eſtrellas; e ſe tivera dous mil, cada hum como o Sol, todos teriaõ bem que ver, e que vigiar em ſeu Imperio; taõ grande na extenſaõ, que ſe mede com a do mundo; e taõ alto, e ſoberano na grandeza, que ſe levanta até o Ceo. Das mãos dos Reys, diſſe Naſaõ, que ſaõ muito compridas; porque abarcaõ ſeus Reynos, quando bem os governaõ: mais compridas conſidero as de V. Mageſtade; porque chegaõ do Occidente, onde vive, ao Oriente, Nórte, e Sul, onde Reyna, e he temido. Tais lhe tomára a V. Mageſtade os olhos, e tais os tem, quando em todas as partes do mundo, que domîna, pôem bons olheiros: e para eſtes ſerem melhores, deſejavaõ muitos prudentes, que os illuſ-

traſſe V. Mageſtade com os titulos, e prerogativas, que fazem os homens mais illuſtres; e ficaria V. Mageſtade com iſſo mais illuſtrado, e o ſeu Imperio mais bem viſto, e tudo mais venerado, mais amado, e temido.

Eſte luſtre dos olhos, e olheiros de V. Mageſtade, naõ ſey ſe o diga, porque temo dizello ſem fruto; mas ſim direy, porque me aſſegura, que naõ ſerá debalde, por ſer muito facil, e de muito proveito, e nenhum cuſto. Ponha V. Mageſtade quatro Vice-Reys da ſua maõ nas quatro partes do mundo: grandeza he, a que naõ chegou Alexandre, nem Monarca algum do Univerſo; porque nenhum teve, nem tem nas quatro partes do Orbe tanto, como V. Mageſtade poſſue. Na Aſia Vice-Rey temos; e pudéramos ter nella tres: o de Goa, que governa a Perſia, Arabia, Ethiopia, prayas de Cambaya, e o Mogor, com a parte da India, que corre até Moçambique. Outro em Ceilaõ do Cabo de Comorim para dentro, que governe o Reyno de Jafanapataõ, ilha de Manar, coſta da Peſcaria, e Choromandel, com innumeraveis ilhas adjacentes, e Reynos circumviſinhos. Outro em Malaca, ou Macáo, para Bengala, Pegú, Arracaõ, Malucas; Japaõ, Chi-

na,

na, Cochinchina, &c. E todos para muitos outros Reynos, e Imperios, que naõ cabem neſte raſcunho, e ſerá mais facil velos no Mappa, que pintalos aqui. Na Africa podemos ter outro Vice-Rey em Angóla; na America, outro no Braſil, e outro em Europa no Reyno do Algarve. Para grandes officios buſcaõ-ſe grandes ſugeitos, e huma, e outra grandeza os obriga a darem boa conta de ſi, e do que ſe lhes entrega. Paſmaõ as Naçoens, quando vêm que o Monarca de Eſpanha tem quatro, ou cinco Vice-Reys; dous, ou tres na America, e outros tantos em Europa. Mas na Africa, e Aſia, naõ lhe he poſſivel; porque naõ tem neſtas duas partes dominio capaz de taõ grande governo. Só V. Mageſtade o tem em todas as quatro partes capaciſſimo, para ſer o mayor Monarca de todos: e poriſſo aſſombrará, que ſe leva muito deſtas nomeadas; e a cortezia, que ſe deve a eſtes titulos, mete veneraçaõ, terror, e obediencia até nos coraçoens mais rebeldes.

Sempre ouvi dizer, que o medo guarda a vinha; e os homens tanto tem de temidos, quanto de venerados. Venerados ſe fazem os homens, a quem V. Mageſtade entrega o cuidado de ſeus Imperios, com os titulos, e poderes, que lhes

 cõmu-

communica; e quando eſtes ſaõ mayores, entaõ ſaõ elles mais temidos: e ſendo temidos, e reſpeitados, guardaõ, e vigiaõ melhor a fazenda de V. Mageſtade. Eſtes ſaõ os olhos, com que V. Mageſtade vencerá aos Argos, e vencerá aos linces. Onde ha muitos, ſempre ha furtos; porque os ladroens ſaõ em toda a parte mais que muitos: e como as couzas por muitas lhes vem á maõ, as unhas naõ lhes perdoaõ; mas onde ha bons olheiros, naõ ſe furta tanto. Seja eſta a primeira tiſoura, que aguarentará muitos furtos, ainda que naõ diminua muito os ladroens; porque os que o ſaõ por natureza: *Naturam expellunt furcæ.* Mas para extinguir eſtes, ou moderallos de todo, he de grande importancia a ſegunda tiſoura, que ſe chama *Milicia*; de que já digo grandes preſtimos.

****

CAPITULO LXVIII.

Tiſoura ſegunda chamada Milicia.

O Bocalino nas ſuas Cortes do Parnaſo, ou Parabolas de Apollo, diz que ſe amotinaraõ as Republicas do mundo contra Jupiter, por naõ lhes

lhes dar instrumentos, com que pudessem alimpar facilmente a terra, e o mar de ladroens; e que levarão por seus procuradores esta queixa a Apollo, para que lha resolvesse, e remediasse. Achão-no dando audiencia geral no monte Pindo; recebe-os benigno, e propuzerão-lhe a sua embaixada desta maneira: Senhor como ha de haver no mundo, que estejão os horteloens de melhor condiçaõ, que nós, no governo das suas hortas, e quintas? Deulhes Deos instrumentos para as mondarem; deulhes a enxada para arrancar as hortigas, e abrolhos; deulhes a fouce para cortarem os sylvados, e todas as malêzas; e ás Republicas nenhum instrumento deu acõmodado, nem se quer hum ancinho, para as podermos mondar, e alimpar de tantos ladroens, que nos destroem, e de tantos males, que nos causaõ sem remedio! Indignouse Apollo chamando-lhes barbaros! Pois naõ viaõ a mayor providencia, que Deos tem das Republicas, que das hortas: porque se ás hortas deu a enxada, e a fouce, para as mondarem; ás Republicas deu o pifaro, o tambor, e a trombeta, para as alimparem. Tocay caixas, alistay todos esses, de que vos queixais, ponde-lhe hum pique ás costas, manday-os á guerra; lá amansaraõ, ou acabaraõ servindo a seu Rey, e patria, e ficará a

voſſa Republica livre deſſa praga. E vedes ahi a melhor fouce que ha, e a melhor enxada, para mondar, e cultivar as Republicas do mundo. Diſſe Apollo, e diſſe bem.

O meſmo digo aos Procuradores, e Governadores da noſſa Republica, que ſe queixaõ de haver nella tantos ladroens, que naõ os pódem extinguir: toquem caixa, toquem pifaro, e trombeta; aliſtem-nos todos para os exercitos das fronteiras, para as armadas das Conquiſtas; empreguem ſuas unhas, e garras em noſſos inimigos, e ficaráõ livres de ſuas invaſoens noſſas fazendas. Eſta he a melhor tiſoura, que ha, para cortar todas as unhas. Naõ ſey ſe notaõ os Criticos, o que tenho notado de dez, ou doze annos a eſta parte, que tantos ha, que andamos em guerra viva com noſſos inimigos; aſſim por mar, como por terra. Noto que antes diſto, naõ nos podiamos ver livres de ladroens por eſſas eſtradas de todo o Reyno, nem podiamos dar paſſo, ſem que nos ſalteaſſem pelas charnecas; naõ ſe fazia feira, em que naõ fizeſſem mil aſſaltos; nem havia juſtiça, que baſtaſſe, para nos livrar deſta praga, a qual ceſſou de todo com as guerras; e já naõ vemos no interior do Reyno ladroens em quadrilhas, como andavaõ dantes; e he, porque lhes démos, que fa-

zer

zer nas fronteiras, lá ſe cévaõ nas pilhagens do inimigo, com que nos deixaõ.

Nem me digaõ, que quem más manhas ha, tarde, ou nunca as perderá, e que ainda fazem das ſuas, e agora melhor; porque andaõ armados, e a titulo de ſervirem a ElRey, ſe fazem izentos, e indomaveis; porque a iſto ſe reſponde, que naõ haverá tal, ſe andarem bem diſciplinados. Saõ as regras da milicia muito ajuſtadas com o bem publico; e ſe os Cabos [que ſempre ſaõ homens eſcolhidos] as fizerem guardar, como tem de obrigaçaõ, tambem os ſoldados fazem a ſua, de andarem compóſtos, ou por medo, ou por primor. Naõ ſey, que tem o andarem os homens aliſtados, e com ſuperiores continuos ſobre ſuas acçoens, que lhes tomaõ cada hora conta dellas, para lhes darem o galardaõ bom, ou máo, ſegundo o merecem; que nenhum ſe atreve a lançar o pé álem da maõ, antes lhes ſerve aſſim o premio, como o caſtigo de continuos eſtimulos, para ſerem bons, e tratarem da honra, e augmentos louvaveis, que por armas ſe alcançaõ.

Eſta he a ſegunda tiſoura, que offereço, para cortar de todo as unhas aos ladroens, que nos inquietaõ. E ſe eſta ainda naõ baſtar para alimpar de todo a noſſa Republica, e Reyno, porque ha

nelle muitos incapazes da milicia, quaes saõ Siganos, e outros, que se parecem com elles nas obras, e se livraõ da guerra por varios principios, que se deixaõ conhecer, e naõ aponto; temos outra tisoura muito efficaz para os extinguir no Reyno, sem que escapem, assim haja quem a menêe. Esta se chama *Degredo*, do qual se contaõ, e escrevem grandes excellencias; e eu direy só, as que fazem para o nosso intento no capitulo que se segue: e neste naõ digo mais da *Milicia*; porque tudo, o que della se póde disputar, fica apontado nos capitulos 20. 21. e 22. das unhas militares.

****

CAPITULO LXIX.

Tisoura terceira chamada Degredo.

DUas couzas ha, que facilitaõ muito os ladroens a furtar; huma he, o que sobeja nelles, e a outra, o que falta em nós: e parece que havia de ser ás aveças; porque na verdade o que falta nelles, e sobeja em nós, he o que os move a serem ladroens, para proverem as suas faltas com os nossos sobejos. Com tudo isso naõ he assim, se

naõ

naõ que ſobeja nelles cobiça para nos roubarem, e falta em nós juſtiça para os emendarmos: bem eſtá, aſſim he; mas tomara ſaber, de donde vem ſobejar nelles a cobiça, e faltar em nós a juſtiça? Eu o direy, a quem eſtiver attento á hiſtoria, ou parabola, que ſe ſegue.

Duas Donas principaes, e ſenhoras muito conhecidas neſta Corte, vieraõ ás gadelhas ſobre pouco mais de nada, e fizeraõ huma briga muito arriſcada no terreiro do Paço; huma ſe chamava Dona Juſtiça, e a outra Dona Cobiça. A ſenhora Dona Cobiça, naõ ſey ſe por mais moça, ſe por menos ſofrida, deu huma punhada em hum olho á Juſtiça, taõ grande, que lho lançou fóra; e dando-a por morta, tratou de ſe pôr em cobro. Acolheo-ſe para o Paço, que lhe ficava perto; mas logo lhe diſſeraõ ſeus amigos [que lá naõ lhe faltaõ] que viſſe onde ſe metia, que naõ lhe havia de valer o couto; porque qualquer das Peſſoas Reaes, que a encontraſſe, a havia de mandar pôr na forca, aſſim por ſer homicida, e ladra, como por ſer Cobiça, que naõ ſe permitte no Paço. Deu comſigo no Corpo Santo, cuidando de achar guarida na companhia geral da Bolça; mas logo a aviſaraõ, que ſe arriſcava a fazerem eſtanque della para o Braſil; álem de que poderia cahir nas unhas

dos

dos Parlamentarios, ou Hollandezes, ſe para lá foſſe, que lhe dariaõ máo trato, como daõ a tudo. Deu comſigo na rua Nova, para ſe eſconder por eſſas loges dos mercadores, que todas ſaõ eſcuras, e ſem janellas, para naõ vermos o que nos vendem. Mas temendo que a vendeſſem por bayeta, deſſa que compraõ a ſeis vintens, para a encaixarem a ſeis toſtoens, paſſou de corrida para a rua dos Ourives; e naõ fez ahi muita detença, porque vio que mal ſe podia encobrir, onde tudo ſe poem á porta. Acolhamonos a ſagrado, diſſe ella por ultimo remedio; mas em nenhuma Igreja a quizeraõ recolher, por ſer vedado nos Sagrados Canones aos Eccleſiaſticos todo o trato de cobiça. Tratou de ſe homiziar em algum Moſteiro, mas todos lhes fecharaõ as portas; os Religioſos, porque naõ lhes inquietaſſe as communidades com ambiçoens; e as Freiras, porque naõ podia profeſſar entre ellas, por ſer cazada com hum mulato, que ſe chama Intereſſe. Por fim de contas ſe recolheo no Caſtello, onde atúrou pouco; porque naõ ſe dá lá meſa, nem cama aos hoſpedes; e fez poriſſo tais revoltas, que a degradaraõ para as fronteiras, onde naõ podendo aturar o paõ de muniçaõ, porque he muito mimoza, deu em ladra com tanto deſaforo, que roubava a olhos viſtos até os pagamentos

mentos dos ſoldados, e deſtruîa a fazenda del-Rey por mil modos, que naõ ſe pódem contar: e temendo, que a enforcaſſem os Generais poriſſo, porque he ponto, que ſe naõ deve perdoar, paſſou-ſe para Caſtella, caſtigando-ſe a ſi meſma com degredo voluntario: e porque fugio ſem paſſaporte, naõ ſe atreveo a voltar; e lá ſe fez natural com tanta audacia, e exceſſo, que em breve tempo aſſolou toda Eſpanha com tributos para engordar, porque hia muito magra deſte Reyno. Enxergaraõ-ſe em Caſtella os damnos da Cobiça, naõ ſó nos vaſſallos deſtruîdos com as fazendas quintadas, e fintas, que lhes poz até no fumo, que ſe vay por eſſes ares; mas tambem na cabeça do Rey tirandolhe della Coroas, e quebrandolhe Sceptros á ſua viſta. Para ſe repararem de taõ grandes damnos, deraõ com a cauſa delles no mundo Novo, onde fez tal eſtrago, que ſó na Ilha de Cuba, que tem quinhentas legoas de comprido, e duzentas de largo, matou mais de doze milhões de Indios, para ſe encher de ouro. O que fez no Perú, no Mexico, e Flórida, naõ he para ſe referir: dos braços das mãys tirava as crianças, e feitas em quartos as dava a caens, com que andava á caça. Queimava vivos os Cacizes mais opulentos, esfolava Reys, degolava Emperadores,

para

para mais a ſeu ſalvo devorar ſerras de prata, e montes de ouro, que mandava a Eſpanha, para fazer guerra a toda Europa, Africa, e Aſia. Revolto aſſim o mundo todo, e poſto em riſcos de ſe perder por eſta fera, tratou-ſe do remedio; e reſolveo-ſe com maduro conſelho, que ſó a juſtiça direita lho podia dar; mas eſta eſtava torta com hum olho menos, que lhe tirou a Cobiça. Puzeraõ-lhe hum olho de prata, para a fazerem direita; e dahi lhe veyo trazer ſempre a prata nos olhos, e o olho na prata, com que ficou mais torta: ſó no Ceo ſe achava neſte tempo juſtiça direita: tem-ſe pedido a Deos por muitas vias, que a mande á terra, e eſpera-ſe que venha cedo, e há diſſo já grandes pernuncios: e como ella vier, e degradar a Cobiça para o inferno, ficará tudo quieto.

Naõ ſey ſe me tenho declarado? Quero dizer, que a Cobiça he mãy de todos os ladroens, e que a juſtiça ſe lhe acanha, quando naõ he direita. Haja, quem caſtigue tudo com o ultimo degredo, e ficaremos livres de taõ más peſtes. E eſta ſerá a melhor tiſoura, que cortará de todo as unhas a tantas harpîas, como por todas as partes nos cercaõ. Dirá alguem, que a melhor tiſoura de todas he a forca. Naõ a tenho por tal; porque aqui tratamos de

emen-

emendar, e naõ de extinguir o mundo; álem de que naõ haverá forcas, que baſtem para taõ grande pindura. Por mais capaz de tanta gente tenho o degredo, comaõ-ſe lá embora huns aos outros, iſſo meſmo lhe ſervirá de caſtigo, e ficaremos livres delles, até que ſe melhorem, que he o que ſe pertende; e os que ſe melhorarem, tornem a nos ajudar com ſeu exemplo. As razoens, que me movem para naõ admittir, que ſe dem facilmente caſtigos de morte, ficaõ apontados no cap. 49. das unhas apreſſadas, do meyo por diante §. *Em Roma havia.*

****

CAPITULO LXX.

Deſengano geral a todas as unhas.

MAis unhas ha; mas as que temos viſto neſte tratado, baſtaõ para as conhecermos todas, e para entendermos, quaõ perniciozas, e deſarreſoadas ſaõ. *Ab unguibus leo*, diz o proverbio, pelas unhas ſe conhece o leaõ, e pelas meſmas ſe conhece o ladraõ. Conhecidos aſſim bem todos os ladroens, ſuas unhas, e artes, boas tres tiſou-

ras

ras vos dey, para lhas cortardes todas. E ſe eſſas naõ baſtarem por poucas para tantas unhas, ou naõ vos contentarem por aſperas, porque nem toda aſpereza ſerve para medicamento, tenho tres deſenganos efficaciſſimos para as emendar ſuavemente, fazendo lhes entender, e abraçar a verdade, que he o melhor modo, que ha de correiçaõ. Aſſim he: e he impoſſivel naõ repudiar a vontade, o que o entendimento lhe moſtra nocivo. Peço a todos, os que virem eſte tratado, que leaõ com attençaõ eſtes tres pontos.

DESENGANO PRIMEIRO.

A Cobiça de riquezas he como o fogo, que nunca diz, *baſta.* Quanto mais paſto damos ao fogo, tanto mais ſe acende, e mais fome moſtra de mais paſto, accreſcentando-a com aquillo, que a pudéra fartar, e extinguir. Tal he a cobiça, e fome, que os homens tem de riquezas: *Creſcit amor nummi, quantum ipſa pecunia creſcit.* Diſſe lá o outro, que creſce a cobiça ao compaſſo das riquezas, augmentando a fome dellas com a poſſe, que ſó a poderá ſatisfazer. E he o primeiro deſengano, que damos a todas as unhas; que ſe furtaõ para fartar ſua cobiça, e fome, que tem

de

de riquezas, deſenganem-ſe, que trabalhaõ debalde; porque mayor a haõ de ter, quando mais ſe encherem, e mayores montes ajuntarem; porque he hydropeſia, que quanto mais bebe, tanto mayor ſede tem.

Eſquadrinhando eu a cauſa deſte appetite inſaciavel, acho que naõ procede de fome, mas que naſce de faſtio, cauſado do enjoo, que a todas as couzas do mundo he natural cauſallo, pela corrupçaõ, que tem de caſa. E dahi vem, que enfaſtiados do que poſſuîmos, ſuſpiramos por mais, cuidando, que no que de novo vier, acharemos alguma ſatisfaçaõ: e naõ he aſſim, quando lá vou; porque tudo he do meſmo lote, e jaez, e em nada ha a ſatisfaçaõ, que buſcamos: e poriſſo digo, que ſe deſenganem todas as unhas, que cançaõ, e trabalhaõ debalde, andando á caça do que nunca lhes ha de ſatisfazer a ſede, que as pica. Ora dêmos-lhe, que naõ ſeja aſſim, o que aſſim he, que naõ achaſtes faſtio em nada; mas que lograſtes muita doçura em tudo, quanto voſſas unhas adquiriaõ, e que a voſſo bello prazer com muito agrado foſtes gôſtando de tudo, e ſaboreando-vos em cada couza: day-me licença, para diſcorrermos por todas, e vereis mais claro ainda o deſengano.

DE-

DESENGANO SEGUNDO.

VEnhaõ aqui todos os ladroens do mundo, tenha cada hum tantas mãos como o Briareu Centimano, e em cada maõ outras tantas unhas: naõ fique unha, que aqui naõ venha a eſte exame: peſquem, caçem, empolguem, e pilhem tudo quanto quizerem, ouro, prata, perolas, joyas de pedraria mais precioſa, officios, beneficios, cõmendas, mórgados, titulos, honras, grandezas até naõ mais, e vamos por ordem diſcutindo tudo. Naſceſtes neſte mundo nú [que aſſim naſcem todos] abriſtes os olhos, e viſtes, que com as riquezas medraõ os poderoſos; deſejaſtes logo ſer hum delles, e trataſtes de ajuntar as riquezas, com que os poderoſos inchaõ. Eſperay: naõ furteis para as haverdes, eu vo-las dou todas; porque ſó tratamos aqui por hora fazer a experiencia, que vou diſcurſando, para cairdes no deſengano, que trato de vos intimar: e ſe as tendes já, porque as adquiriſtes ſervindo, chatinando, e roubando, que tudo vem a ſer o meſmo: Dizeime agora, ſe vos falta mais alguma couza, depois de vos verdes com grande cabedal, que he o que pertendeis? Pertendo, reſponde muito ſezudo, huma gineta de Capitaõ mór, para ter que mandar,

dar, e ser temido, e respeitado de todos, e merecer servindo a Sua Magestade, que me faça mayores mercês. Se o naõ haveis mais, que por huma gineta, dou-vos hum bastaõ; e dou-vos, que servistes já com gineta, e bastaõ, até vos enfadardes, e praza a Deos naõ vos enfadeis mais cedo do que convêm. Ao depois desta Capitanîa, e Generalato, tomára saber, o que se vos segue para appetecer? Segue-se huma Cõmenda famosa, para ter renda, que gastar, e com que viver na Corte, livre dos perigos da guerra, e das baixas da chatinaria. Se o naõ haveis por mais, dou-vos duas Cõmendas, e que sejaõ embora as mais grossas do Méstrado de Christo; e faço-vos Fidalgo nos livros delRey, para que com honra, e proveito fiqueis mais satisfeito. Ao depois de tanta cõmenda, e fidalguia, tomára saber, que he o que resta a v. m. Hum titulo de Conde para mayor credito meu, e lustre de minha geraçaõ. Titulo de Conde? Com pouco se contenta v. m. senhor Cõmendador; eu lho dou logo de Marquez: e diga-me por vida sua, senhor Marquez, diga-me Vossa Senhoria, ou Vossa Excellencia [que já se naõ contentaõ com Senhoria] ao depois deste titulo, que he o que se lhe segue? Segue-se passar huma velhice muito descançada, e

luſtroſa. Embora, ſeja aſſim, ainda que lho pudéra negar; porque neſte mundo naõ ha velhice deſcançada, nem luſtroſa: *Senectus ipſa eſt morbus.* A meſma velhice em ſi he doença cheya de mil deſalinhos. Eſſa velhice ha de ter o fim: e ao depois della tomára ſaber, que he o que ſe ſegue a Voſſa Excellencia, meu ſenhor Marquez? Seguirſeme ha huma morte muito bem aſſombrada; porque farey hum teſtamento cheyo de mandas para meus parentes, e que me façaõ humas Exequias, em que ſe gaſtem duzentos mil reis, e dous trintarios de Miſſas pela minha alma: *Et requieſcat in pace*; que repreſentey meu dito. Bem eſtá; mas ainda naõ tem dito tudo Voſſa Excellencia. Demaneira meu ſenhor, que deixa quinhentos cruzados para Exequias, e trinta toſtoens para Miſſas! Pois eu tomara-lhe antes os quinhentos em Miſſas, e os trinta em Exequias. E as mandas, que deixa a ſeus parentes, quem lhe diſſe, que naõ ſeriaõ demandas? E a morte bem aſſombrada, que ſe promette, quem lhe paſſou carta de ſeguro para ella? Naõ ſabe que os velhos, quaſi todos, morrem tontos, e que toda a morte no mundo ſempre foy muito fea, e mal aſſombrada? Mas dou-lhe que a teve aſſim como a pinta, muito formoſa, contra o que nos moſtraõ ſeus retratos;

e dou-

e dou-lhe, que lhe fizeraõ ſeus parentes as Exequias, ainda mais mageſtoſas. Ao depois de tudo iſſo, que he o que ſe lhe ſegue? Que he o que reſta? Naõ me reſponde? Encolhe os hombros? Diz que naõ ſabe? Pois eſte ponto, e eſte ao depois, tomára eu, que o trouxera eſtudado deſde o primeiro deſpacho da gineta, e deſde o primeiro dia, em que entrou nú neſte mundo, para prova, de que aſſim havia de ſahir delle, ſem levar nada de quanto ajuntou na vida: e ſe o naõ ſabe, porque nunca cuidou niſſo, eu lho direy, eſteja-me attento.

Ao depois da morte, e das Exequias, ſegue-ſe hir para baixo, ou para cima; voar para o Ceo, ou decer para o Inferno. Quem ſervio o mundo, e ſe carregou do alheo, eſſe pezo meſmo o leva para o profundo: Quem fugio do mundo, e deſprezou tudo iſſo, fica ligeiro para voar ao Ceo. E eſte he o ponto mais eſſencial, e a maxima do noſſo ſer, q̃ devemos trazer ſempre diante dos olhos, para deſengano, de que tudo diſpara em nada: e deſſe nada reſulta hum muito, que ſaõ eternas penas, as quaes cambiadas com o goſto, que lograſtes, ou compraſtes, neceſſariamente vos haveis de achar enganado, em muito mais da ametade do juſto preço. E para que naõ

duvideis disto, ouvi a S. Paulo: *Raptores Regnum Dei non possidebunt.* Que a ladroens naõ se deve gloria, senaõ penas. Mas direis, o que já disse hum Grande de Castella em Madrid: *Esto del Infierno parece-me patranha; y lo del Limbo ninheria; que lo del Purgatorio nò ay duda, que es invencion de Clerigos, y Frayles, para sacar diñeros por Missas.* Naõ sey, como naõ disse tambem, que naõ havia gloria, nem Ceo! Mas temeo, que lho mostrassem com o dedo até os cegos: e naõ diria mais hum orate, nem Machavelo, nem Mafoma. E já que vos pondes em termos taõ alcantilados, que vem a ser, que naõ ha mais que este mundo, estendey os olhos por todo elle, e achareis que tudo he corruptivel. Consideray, os que mayores bens, e glorias lograraõ, Salamoens, Alexandres, Cressos, Midas, Cesares, Pompêos; nem delles, nem de suas riquezas, e mandos, achareis rasto, mais que alguns rascunhos de memorias confusas, que foraõ, que acabáraõ, que disseraõ seu dito no theatro deste mundo. E se sois taõ Atheo, que nada disto vos move para crer, que ha outro mundo melhor, e que se naõ deve fazer caso deste, confesso que este desengano para Christãos o dava, que o devem crer; mas para Atheos será o desengano ultimo, que se segue.

DESEN-

SUpponho que naõ fallo com animais brutos, mas com homens racionais, que ſe entendem; mas que ſejaõ Atheos, que naõ crêm, que ha Deos, nem outra vida. Tratando ſó deſta: dou-vos, que vos fez voſſa fortuna, aſſim como vós quizeſtes, nobre, ſaõ, valente, gentilhomem; e que adquiriſtes por voſſas artes, e induſtria tudo, quanto o mundo ama, e eſtima, e em que poem ſua gloria. Tudo vem a ſer riquezas, honra, e goſtos; e nada mais ha neſte mundo, nem elle tem mais que lhe poſſais roubar. Senhor eſtais de tudo: Dizey-me agora, quaes ſaõ as voſſas riquezas? Saõ theſouros de ouro, prata, joyas, peſſas, enxovais, propriedades, rendas, &c. Se dais, ou goſtais iſto, como mundano, ſois pródigo: ſe o guardais como eſcaſſo, ſois avarento; e ambas as couzas ſaõ vicio. E ſe tendes entendimento, como ſuppomos, ſois obrigado a crer, que em vicios naõ póde haver gloria, nem deſcanſo; aſſim o alcançaraõ, e eſcreveraõ até os mayores idolatras do mundo. Pelo meyo da prodigalidade, e avareza, corre a liberalidade, que diſpende, e guarda com a moderaçaõ devida, e poriſſo he virtude; e porque o he, naõ atina

com ella, quem ſerve o mundo, que traz apregoada guerra com as virtudes. E vedes aqui, como nas riquezas naõ póde haver para vós a bemaventurança, que vós fingis.

Quaes ſaõ as voſſas honras? Saõ titulos, que vos fazem reſpeitado; apparatos de criados, e veſtidos, que vos fazem venerado; ſaõ officios, que vos daõ poder para ſopear, e ficar ſuperior a todos: e ſe bem conſiderardes tudo, nada diſſo tendes de vós; tudo vos vem dos outros, que volo pódem tirar com vos negar huma cortezia. Bem fraca he a honra, que depende de huma barretada; de pouca eſtima deve ſer o titulo, que ſe perde com hum delicto; os apparatos, que ſe desfazem com huma auſencia; e as ſuperioridades, que ſe malograõ com huma deſobediencia dos ſubditos: e tudo, o que chamais honra, vem a ſer hum vidro, que com a liviandade de huma mulher ſe quebra, e com o deſconcerto de qualquer de voſſa familia ſe tolda, como o eſpelho com hum bafo. E ſe bem apertardes a honra buſcando-a em vós meſmo, naõ a haveis de achar, porque toda he de quem a dá, e ſe vola negar, ficais ſem ella: e até a que chamais de ſangue, naõ conſiſte no voſſo, ſenaõ em voſſos antepaſſados, e em ſeus brazoens, que vem a ſer pergaminhos

velhos

velhos roîdos de ratos, folhagens, e fingimentos mal averiguados. E vedes ahi como naõ póde haver bemaventurança em honras; porque a bemaventurança verdadeira deve ſer eſtavel, e as honras ſaõ mais mudaveis, que as grinpas.

Os deleites neſta vida nos cinco ſentidos ſe cifraõ todos: e os da viſta com ſer dos ſentidos o mais nobre, ſaõ de qualidade, que a noite os rouba; e niſſo que vemos de dia, ainda que nos alegre, vemos, que ha mais defeitos para aborrecer, que perfeiçoens para eſtimar; e até nas meſmas perfeiçoens vemos, que naõ ſaõ de dura, que ſe murchaõ como roſas, que ſe extinguem como luzes, e que fogem como auroras: e vem a ſer tudo hum cryſtal de furta cores, que a hum virar de olhos deſapparece tudo. Os goſtos do ouvido ſaõ muſicas, e liſonjas: liſonjas, que mentem, e enganaõ; muſicas, que ſe compoem de vozes; as vozes do ar, o ar ſugeito aos ventos, porque tudo neſta vida vem a diſparar em vento. Os do cheiro naſcem de fumos, e vapores, que em ſi meſmos ſe exhalaõ, e extenûaõ, até ſe conſumirem: que couza mais corruptivel, que o fumo; que couza menos duravel, que o vapor ténue? Os do goſto ſaõ doçuras, e ſabores de manjares, e licores: ſe os tomais com demazia, mataõ-vos;

ſe

ſe vos abſtendes delles, já os naõ lograis, e ſe os uſais com moderaçaõ, continuados enfaſtiaõ, dilatados cauſaõ fome, e deixados ſaõ como ſe naõ foſſem, para deſengano, que por todas as vias naõ ſe acha goſto nos meſmos goſtos deſta vida. Os do tacto, que conſiſtem na brandura, no carêo, e afago, com que a ſenſualidade liſongêa a natureza, quem os logra confeſſa, que ſaõ momentaneos; e ainda que ſucceſſivos, de tal maneira ſe alternaõ, que ſaõ mais as dores, que as ſuavidades, que de ſeu trato, quando he immoderado, reſultaõ. E em concluſaõ todos os deleites dos ſentidos rendem vaſſalagem ao ſomno, que os ſepulta: O ſomno imagem da morte he ſenhor de todos os goſtos, para os ter cativos, e ſepultados: e quem a tal ſenhor ſe ſugeita, bem certo he, que nada tem de bemaventurança, nem de dita.

Iſto he, o que paſſa neſta Babylonia do mundo, onde tudo ſaõ confuſoens, e labyrintos. Deſtas ſaco ao mundo, para viverdes nelle abaſtado, e ſatisfeito, e em nada achaſtes a ſatisfaçaõ plenaria, que buſcaveis: ſeguiſtes ſuas leys, que vos enſináraõ a pertender, buſcar, e eſtimar, o que elle eſtima; e achaſtes em tudo vaidades ſem firmeza, amargózes ſem doçura, inferno ſem bema-

ventu-

venturança. Que reſta logo? Cuidarmos, que toda a gloria he como eſta, e que naõ ha outra, ſerá engano, que até ao lume natural repugna; porque a grandeza, conſtancia, e formoſura do Ceo nos teſtemunha, e aſſegura, que ha outra couza melhor, que iſto que cá vemos, e que ha bemaventurança ſolida, e verdadeira. A eſta naõ he poſſivel, que ſe vá pelo caminho, que ſegue o mundo, pois vemos, que nos leva ao contrario. Outra ley, e regra ha de haver neceſſariamente, que nos guie com verdade, e leve ao deſcanço firme, e que nos ponha na gloria, que naõ padece eclypſes. Eſta he a Ley Divina, que ſe reduz a dous preceitos, que ſaõ, amar a Deos ſobre todas as couzas, e ao proximo, como a ti meſmo. Quem ama a Deos, naõ trata no mundo, porque lhe he oppoſto; quem ama ao proximo, naõ o offende: dar a cada hum o que he ſeu, he hum ponto, em que tudo ſe cifra; a Deos a gloria, e ao proximo o que lhe pertence. E quem chegar a eſta felicidade, logrará a mayor bemaventurança, ainda neſta vida, e livrarſe-ha dos infernos deſte mundo; que infernos vem a ſer todas ſuas couzas nas penas, moleſtias, e tribulaçoens, que cauſaõ, até quando ſe gozaõ; e poriſſo com muita propriedade, e razaõ lhes chamou Chriſto eſpinhos. Quem quizer viver ſem eſtes, viva ſem o

alheo,

alheo, trate ſó do que lhe pertence, e converterſelhe-ha eſta vida em gloria, e achará no mundo o Paraiſo: e bem ſe prova; porque ſe o naõ ha, em quem ſegue as leys do mundo, havello-ha neceſſariamente, em quem ſeguir a ley contraria, que hé a de Chriſto, a qual ſe reſolve naquella ſentença ſua: *Reddite ergo, quæ ſunt Cæſaris Cæſari, & quæ ſunt Dei Deo.* Que demos a cada hum o que he ſeu; a Deos a honra, e ao proximo o que lhe convêm. Donde ſe ſegue, que quem naõ tomar o alheo ſerá bemaventurado.

CONCLUSAM FINAL,
e remate do deſengano verdadeiro.

TEve hum Religioſo ſanto huma viſaõ, em que lhe appareceo huma matrona muito formoſa com huma tocha aceza em huma maõ, e huma quarta de agua na outra. Perguntou-lhe o ſervo de Deos, quem era? Reſpondeo: Sou a Ley de Chriſto. E que tem que ver com a Ley de Chriſto eſſes dous elementos fogo, e agua, que trazeis nas maõs? Com eſte fogo trato de abrazar o Ceo até o desfazer; e com eſta agua quero apagar o Inferno até o aniquilar: e depois de naõ haver Ceo, que eſpere, nem Inferno, que tema, ainda hey de guardar a Ley de Chriſto; porque ſó

com

com a guardar acho, que terey gloria, e ficarey livre de penas. Aſſim paſſa, que até neſte mundo tem gloria, e deſcanſo, e ſe livra de penas, e afflicoens, quem guarda a Ley de Chriſto, que dá o ſeu a ſeu dono; e quem o nega, quem o defrauda, quem o rouba, naõ achará o que buſca, ſe he que buſca deſcanſo; mas achará affliçaõ de eſpirito, canſaço de corpo, tormento para a alma, e vivirá em inferno.

Que fazes homem á viſta de verdades taõ claras? Abre os olhos, vê em que te occupas, trata do eterno, e celeſtial, deixa o temporal, e terreno; porque te affirmo, o que he certo, que hum milhaõ de arrobas de glorias temporais naõ faz meya onça de bemaventurança eterna: eſta cuſta muito pouco a haver, porque ſe alcança vivendo no deſcanço da Ley de Chriſto; e aquellas cuſtaõ muito a achar, porque ſe buſcaõ com o ſuor, e trabalhos, que comſigo trazem as leys do mundo. Deixa de ſer ladraõ, e terás o que has miſter; porque terás a Deos, que para ſi te creou, e naõ para ſervires o mundo falſo, e enganador, que naõ tem que te dar mais, que dores disfarçadas com apparencias de mimos; ſuas glorias ſaõ relampagos, que ſe por huma parte luzem, por outra diſparaõ rayos. Suas luzes ſaõ de candêa, que com hum aſſopro ſe apagaõ. Seus affagos ſaõ

rapo-

rapozas de Sanſaõ aſtutas, que no cabo levaõ fogo, que abraza. Sua formoſura he a dos pomos de Pentapoli, por fóra dourados, e por dentro corrupçaõ, e fumo, em que poem ſeu termo todas as couzas do mundo, que naõ tem outro fim.

E eu ponho aqui remate a eſte tratado, que intituley *Arte de furtar*; porque deſcobre todas as traças dos ladroens, para vos acautelar dellas: aqui vos ponho patente eſte eſpelho, que chamo de enganos, para que nelle vejais os voſſos, e vos emendeis, conhecendo ſua deformidade: Eſte he o theatro das verdades; ſe as conhecerdes, e ſeguirdes, repreſentareis melhor figura no deſte mundo. Moſtrador he de horas minguadas, para que fugindo-as, acheis huma boa, em que vos ſalveis. Tambem he gaſúa geral, que ſe bem ſe occupou até aqui em abrir, melhor ſaberá fechar: chave he que fecha, e abre; ſe uſardes bem della, fechareis para naõ perder, e abrireis para ganhar. Verdadeiramente he chave meſtra, que vos enſinará a verdadeira arte, com que ſe abrem os theſouros do Ceo, os quais lograreis, quando menos uſurpardes os da terra. Em quanto eſtudais eſta *Arte*, vos fico compondo outra mais liberal, que ſe intitula: *Arte de adquirir gloria verdadeira.*

F I M.